

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ALÉM DA ENXADA, A UTOPIA:
A COLONIZAÇÃO ITALIANA NO OESTE CATARINENSE

Karine Simoni

Florianópolis, março de 2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ALÉM DA ENXADA, A UTOPIA:

A COLONIZAÇÃO ITALIANA NO OESTE CATARINENSE

Karine Simoni

Dissertação orientada pelo Professor
Dr. Valmir Francisco Muraro e
apresentada à Banca Examinadora
como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em História.

Florianópolis, março de 2003

AGRADECIMENTOS

Ao professor Valmir Francisco Muraro, pelo interesse, empenho e amizade com que orientou esse estudo;

Aos professores do Curso e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, em especial ao professor Paulo Pinheiro Machado, e à professora Roselys Izabel Correa dos Santos, da Universidade do Vale do Itajaí, pela leitura atenta e sugestões preciosas que enriqueceram este estudo;

Aos *nonos* e *nonas* que me receberam com muito carinho, atenção e disposição para dividirem as suas experiências que fundamentaram essa pesquisa;

A meus pais, Luiz e Diva, por terem me acompanhado mesmo à distância. Ao meu irmão Rafael, por ter estado sempre por perto e tornado menos penosa a saudade de casa. Aos demais familiares, o meu muito obrigada;

Ao Marcio, pela alegria do cotidiano e certeza do amor irrestrito que sempre esteve ao meu lado e compreendeu as minhas ausências;

Aos amigos que me apoiaram e acreditaram em mim, em especial à Kelleen, Marivone e José. Ao Moacir, Iraci, Daiane, Simone e Lucinéa, seja qual for o motivo pelo qual passaram a fazer parte da minha vida. Às *meninas* Vânia, Fabíola e Kamila, pelo companheirismo e amizade de todo o dia;

À Casa da Cultura e ao Museu Municipal de Xavantina e a todas as pessoas que compartilharam seus conhecimentos e que cederam fotografias e objetos pessoais para a pesquisa;

À CNPQ, pelo apoio financeiro durante os dois anos de estudo.

Gosto de descobrir o verdor num velho e sinais de velhice num adolescente. Aquele que compreender isso envelhecerá talvez em seu corpo, jamais em seu espírito.

(Cícero, 44 anos a.C.)

RESUMO

Essa dissertação investiga as motivações que fizeram com que os italianos e seus descendentes que se estabeleceram no Rio Grande do Sul a partir de 1875 optassem por migrar para o Oeste de Santa Catarina nas primeiras décadas do século XX. Através da teoria e metodologia da História Oral, busca perceber também como esses migrantes concebem a sua experiência, tendo como base elementos trazidos dos locais de origem. As imagens do passado são representadas ora como um palco de inúmeras dificuldades e privações, ora como um cenário no qual o mundo e as pessoas eram mais unidas e solidárias. No confronto entre o passado e o presente as imagens se entrelaçam e se sobrepõem, demonstrando práticas, estratégias, discursos e relações feitas e desfeitas no cotidiano de homens, mulheres e crianças que ajudaram a construir a história do Oeste catarinense.

Palavras - chave: Colonização italiana - Memória - Oeste catarinense

ABSTRACT

This dissertation investigates the motivations that caused many Italians and their descendants to settle in the state of Rio Grande do Sul as of 1875 and to decide on migrating to the West of Santa Catarina early in the twentieth century. Through the theory and methodology of Oral History, the study also seeks to perceive the way these migrants conceive their experience; based on elements they brought from their native land. The images of the past are represented now as a setting of innumerable difficulties and deprivations, now as a scenario in which the world and its people were more united and mutually sympathetic. In the confrontation between the past and the present, the images interlace and overlap, revealing practices, strategies, discourses and relations built and/or broken in the day-to-day life of men, women and children who helped to build the history the West of Santa Catarina.

Key word: Italian Colonization - Memory - West of Santa Catarina

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	09
CAPÍTULO I	
OESTE CATARINENSE: A BÚSSOLA DO SONHO.....	23
Sobre utopias e mundos possíveis.....	26
Brasil: o horizonte da esperança.....	31
De terra em terra, refazendo utopias.....	39
CAPÍTULO II	
O CAMINHO DA ROÇA.....	75
Hora de trabalhar, hora de brincar: imagens da infância.....	76
A família vai à roça.....	800
Mãos habilidosas tecendo lembranças.....	109
Mãos que traziam à vida: mulheres parteiras.....	116
Uma fatia de polenta: o prazer de repartir.....	119
E os homens vão à cidade.....	134
CAPÍTULO III	
EM BUSCA DE UM(A) ESPOSO(A) IDEAL.....	144
Depois do primeiro sapato: da infância à vida adulta.....	167
O ócio permitido.....	174
Toque da gaita, dança no salão.....	185
CAPÍTULO IV	
TEMPO DE LEMBRAR.....	191
Memória e sofrimento.....	192
Idealização e memória.....	196
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	208
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	214
Fontes.....	219
Entrevistas.....	219

APRESENTAÇÃO

*Considerate la vostra semenza
fatti non foste a viver come bruti
ma per seguir virtute e conoscenza*
Dante Alighieri – Divina Commedia, I, XXVI

Certa vez, o grande poeta e escritor argentino Jorge Luis Borges disse que “a história é feita com os sonhos que os mortos sonharam”. Esta pesquisa trata não só dos sonhos dos mortos, mas principalmente dos sonhos dos vivos, isto é, de pessoas que nas primeiras décadas do século XX migraram do Rio Grande do Sul, especificamente da Região Colonial Italiana¹, para o Oeste catarinense.

O amor pela região na qual nasci e a simpatia pelos seus habitantes mais antigos foram os principais motivos que me impulsionaram a aprofundar o estudo da cultura dos referidos migrantes². A convivência com pessoas anciãs, a observação de casas e fotografias antigas e a participação em festas comunitárias que vivenciei quando criança deixaram fortes impressões e encontraram ressonância nas palavras de Peter Burke, que nos convida a ir até os *guardiões da memória*, “visitá-los em suas casas, participar de suas festas, trabalhos e divertimentos³”, já que “na fumaça que paira sobre suas cabeças, ainda ecoam os antigos ritos, ainda se ouvem as velhas canções⁴”, das quais somos herdeiros. Essa pesquisa almejou observar com cautela essa herança, que inclui, além de belas histórias e admiráveis idéias, silêncios e interpretações dúbias.

¹ Trata-se das chamadas *Colônias Velhas*, ou regiões nas quais se estabeleceram os primeiros imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, a partir de 1875. Entre as colônias destacam-se Antônio Prado, Campo dos Bugres, (atual Caxias do Sul) Dona Isabel (atual Bento Gonçalves), e Conde d’Eu (atual Garibaldi).

² Um primeiro estudo pode ser conferido em SIMONI, Karine. **Sonhar, viver, recordar: memórias dos nonos de Xavantina**. Florianópolis: Insular, 2002.

³ BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500 – 1800**. 2ª ed. [Trad. Denise Bottmann]. São Paulo: Cia das Letras, 1999. p. 37.

⁴ Idem, ibidem.

Consciente que o não aproveitamento do legado deixado pelos cidadãos mais antigos poderia deixar lacunas na história do Oeste de Santa Catarina, uma vez que “quando morrem as vozes dos nossos avós, sua época nos aparece como um caminho apagado na distância. Perdemos os guias que o percorreram e saberiam conduzir-nos em suas bifurcações e atalhos⁵”, procurei seguir pelas paisagens por eles apontadas. Conversando com essas pessoas, esperamos saber quem foram e quem são, mas acima de tudo, queremos saber quem somos, pois como questionou Walter Benjamim, “não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos das vozes que emudeceram?⁶”.

A minha opção foi trilhar o caminho que parte do particular para o geral. Privilegiei como objeto de estudo o município de Xavantina, localizado no Oeste de Santa Catarina⁷. Seus habitantes são, em sua grande maioria, descendentes de imigrantes italianos provindos do Rio Grande do Sul a partir da segunda década do século XX⁸. A presente investigação tem como objetivo principal desvendar aspectos como as aspirações, conflitos, alegrias e

⁵ BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 7ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1999. p. 342.

⁶ BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 224.

⁷ Limitada ao Norte pelo Paraná, ao Sul pelo Rio Grande do Sul, a Leste pelo Rio do Peixe e a Oeste pela Argentina, a região possui em torno de trinta mil quilômetros quadrados, vivendo ali cerca de um milhão de pessoas. Estima-se que aproximadamente metade da população seja de ascendência italiana. Quase uma centena de municípios compõe a região, divididos em cinco microrregiões, sendo que Xavantina faz parte da Microrregião AMAUC (Associação dos Municípios do Alto Uruguai Catarinense). Na economia destacam-se os municípios de Chapecó, Joaçaba, Concórdia, Xanxerê, São Miguel do Oeste e Seara. A principal fonte de renda baseia-se na produção agropecuária de pequenas propriedades, voltadas ao cultivo de grãos e à criação de aves e suínos. Abriga a maior concentração de frigoríficos do país, fundados por descendentes de italianos a partir dos anos 40 do séc. XX, cujas sedes ou fábricas encontram-se nos núcleos citados.

⁸ Os migrantes que deixaram suas terras e seguiram em direção à Santa Catarina enfrentavam dificuldades que impossibilitavam a sua permanência nas Colônias Velhas. As famílias numerosas, a redução do espaço agrário quando da partilha das terras por ocasião da herança, o esgotamento do solo e o sonho de um pedaço de terra foram os principais fatores que impulsionaram a busca por novas áreas, entre elas o Oeste catarinense. A ocupação de origem européia dessa região foi realizada por companhias colonizadoras privadas, que requeriam ao Governo grandes extensões de terra, primeiramente para a extração de madeira e depois para a venda dos terrenos aos imigrantes italianos, alemães e poloneses e seus descendentes do Rio Grande do Sul. Ver: GIRON, Loraine, CORSETTI, Berenice. *As Companhias de Colonização – a reprodução do sistema colonial*. In: DE BONI, Luís A. (org.) **A Presença italiana no Brasil – vol. II**. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. p. 483 – 502.

preocupações presentes no cotidiano dos homens e mulheres que participaram dessa experiência migratória, de forma a perceber como o passado é apresentado por essas pessoas, considerando a memória não enquanto depositária dos fatos tais como eles aconteceram, mas sim como uma construção do presente.



Localização geográfica do município de Xavantina, junto à Associação dos Municípios do Alto Uruguai Catarinense – AMAUC. Fonte: www.sc.gov.br

O Oeste catarinense foi ocupado primeiramente pelos *Kaingang*, grupo indígena da família Jê que, com a expansão de outras levas humanas, perderam as áreas das quais provinha seu sustento; foram perseguidos, escravizados e mortos, ou pereceram devido à epidemias como gripe, sarampo e varíola. Até meados do século XIX, restringiram-se drasticamente⁹. A população que sucedeu e se miscigenou com a indígena foi a dos chamados *caboclos*, cuja origem está atribuída à fundação dos locais de pouso e vilas

⁹ SANTOS, Sílvio C. *Nova história de Santa Catarina*. 3ª ed. Florianópolis: Terceiro Milênio: 1995. p. 106.

formadas junto ao caminho de tropas que ligava Palmas e a região missioneira¹⁰. A principal atividade econômica dos caboclos era a agricultura de subsistência, o corte de erva-mate e o tropeirismo. Um terceiro grupo a se estabelecer na região foi o de ascendência européia, principalmente alemães, italianos e poloneses, vindos do Rio Grande do Sul a partir das primeiras décadas do século XX.

Ao iniciar a pesquisa, constatei que um dos problemas da historiografia sobre o Oeste de Santa Catarina é a dificuldade de acesso aos estudos realizados, pois grande parte da produção acadêmica não está publicada. Por outro lado, as pesquisas acessíveis apresentam lacunas principalmente em relação aos eventos que não tiveram como palco os locais de maior concentração populacional como Chapecó e Cruzeiro, hoje Joaçaba. Ao mesmo tempo, muitos estudos enfatizam quase que exclusivamente o desenvolvimento econômico, social e político dos núcleos urbanos citados, desconsiderando o cotidiano, medos e aspirações das pessoas comuns que habitaram ou habitam a região. Não é minha intenção negar a importância dessas análises, apenas gostaria de apresentar lugares e indivíduos pouco considerados pelos pesquisadores¹¹, acreditando que “os fenômenos previamente considerados como bastante descritos e compreendidos assumem significados novos quando se altera a escala de observação¹²”. Mesmo reconhecendo que as grandes

¹⁰ O gado deixado pelos jesuítas quando da destruição das reduções jesuítico-guaranis (1750) do Rio Grande do Sul abastecia o sudeste principalmente no período da mineração. Os animais eram transportados pelo planalto, nos caminhos de Lages. Em 1820, a região, que antes pertencia à Província de São Paulo, passou a fazer parte de Santa Catarina e os tropeiros foram obrigados a pagar impostos pela travessia das tropas. Uma das alternativas foi buscar outros trajetos para o transporte e a criação do gado, tendo início então a ocupação dos campos de Guarapuava (1836), Palmas (1839), Erê e Irani, na direção Oeste de Lages. In: RENK, Arlene. **A luta da erva: um ofício étnico no Oeste catarinense**. Chapecó: Grifos, 1997. p. 32 - 49.

¹¹ A exemplo de RENK, Arlene, Op. cit.; RADIM, José Carlos. **Ítalo-brasileiros em Joaçaba**. Florianópolis: UFSC, 1995. Dissertação (Mestrado em História); NODARI, Eunice S. **A renegociação da etnicidade no Oeste de Santa Catarina (1917–1954)**. Porto Alegre: PUCRS, 1999. Tese (Doutorado em História); WERLE, André C. **O Reino jesuítico-germânico nas margens do Rio Uruguai: aspectos da formação da Colônia Porto Novo (Itapiranga)**. Florianópolis: UFSC, 2001. Dissertação (Mestrado em História); entre outros.

¹² LEVI, Giovanni. *Sobre a micro-história*. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 1992. p. 141.

personalidades da colonização de ascendência européia – pioneiros, diretores, homens de negócios, políticos de expressão – precisam ser tratadas pelo historiador, um belo espetáculo se faz também com a participação de atores pouco conhecidos. Insinuar o contrário seria eticamente reprovável, uma vez que a condição social, econômica, étnica, de gênero e credo ou posição política jamais poderiam significar critérios de exclusão em História. Trata-se então de tentar perceber quais os critérios da inclusão. Há de se concordar que a condição humana é talvez a mais forte, senão a única motivação para se estudar as vivências do Homem, porque afinal “as vidas humanas têm necessidade e merecem ser contadas¹³”. É por isso que, na deficiência de documentos escritos que permitam a compreensão da experiência de homens e mulheres migrantes no Oeste catarinense, foi dada prioridade às fontes orais, tomadas como pistas que podem revelar além do que parecem sugerir sobre a cultura das comunidades de ascendência italiana.

Desde os *Annales* formalizaram-se os estudos sobre os excluídos da História. De Marc Bloch e Lucien Febvre, passando por Fernand Braudel e chegando a Jacques Le Goff e Carlo Ginsburg, entre muitos outros, a História não é mais puramente factual, tampouco apenas narrativa e descomprometida. Do contrário, velhos paradigmas foram derrubados e a historiografia se renovou, buscou novos campos, abordagens e problemáticas até então pouco explorados pelos historiadores; o cotidiano ganhou ênfase e indivíduos comuns passaram a ser personagens ativos na construção do passado.

Para sustentar a abordagem da investigação, foram consideradas algumas conjecturas teórico-metodológicas da História Cultural. Essa tendência se dispõe a compreender a cultura a partir de uma perspectiva abrangente que engloba, além das

¹³ RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** (Tomo I). [Trad. Constança Marcondes Cesar]. Campinas: Papirus, 1994. p. 116.

manifestações artísticas, os costumes, valores, ritos, formas de sentir e pensar de uma determinada sociedade. O termo *cultura* foi utilizado a partir da análise de Peter Burke, que a entende como “um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados¹⁴”.

A tentativa de compreender o passado a partir das formas sociais e conceituais próprias de um tempo e espaço, ou seja, das *representações*, foi utilizada para identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler¹⁵. Essas percepções do real não são neutras, ou seja, as representações são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjam. Assim, uma palavra, imagem ou discurso adquirem valor ao serem percebidos pelo historiador como portadores de sentidos que significam além do que parecem sugerir, permitindo assim uma análise mais complexa dos fenômenos históricos.

Carlo Ginzburg desenvolveu o pressuposto teórico definido como *método indiciário*, o qual constitui-se na tentativa de decifrar uma realidade a partir de indícios e sinais. Essa maneira de interpretar os acontecimentos é centrada sobre vestígios, que mesmo marginais podem ser reveladores. Por outro lado, os documentos não devem ser ponderados como guardiões da verdade, mas sim como pistas de uma realidade que poderia ter existido. Para alcançá-la o mais próximo possível, a postura do pesquisador diante desses resquícios deve ser de suspeita e enigma, semelhante à de um jurista, médico ou detetive, que busca, através de informações aparentemente desprezíveis, reconstruir uma determinada realidade. A função do historiador é construir uma versão do passado, a partir

¹⁴ BURKE, Peter. Op. cit. p. 25.

¹⁵ CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p.17.

do conhecimento do campo da pesquisa, da elaboração do problema, ou seja, teoria e método, e do cruzamento das informações coletadas¹⁶.

Seguindo o pensamento de Carlo Ginzburg, foi considerada também a definição de *Micro-História*, ou seja, o estudo dos fatos a partir da observação microscópica de um objeto individual ou particular. Essa prática tem por objetivo desvendar as rupturas e as regularidades de uma determinada época, ponderando principalmente as especificidades locais em que se firmam as experiências humanas, pois o estudo de casos limitados pode revelar situações não alcançadas numa abordagem mais ampla¹⁷. Dessa forma, os fenômenos previamente tomados como bem escritos e compreendidos podem obter significados completamente novos. Mas, ao defender o particular, a Micro-História também procura considerar as relações deste com o macro, pois é a partir da relação entre as partes e o todo que um contexto pode ser reconstruído, relevando a complexidade histórica como ponto fundamental. De acordo com Giovanni Levi,

A Micro-História não tenta sacrificar o conhecimento dos elementos individuais a uma generalização mais ampla, e de fato acentua as vidas e os acontecimentos individuais. Mas, ao mesmo tempo, tenta não rejeitar todas as formas de abstração, pois fatos insignificantes e casos individuais podem servir para revelar um fenômeno mais geral¹⁸.

Renovar as perspectivas de estudo do passado implica em buscar novas fontes, e privilegiar a História Oral, ou relatos de vida, foi de fundamental importância para o estudo do comportamento dos migrantes e seus descendentes enquanto sujeitos ativos e atores sociais da História. Além do mais, a dificuldade de encontrá-los nos documentos escritos

¹⁶ GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

¹⁷ GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. p. 183.

¹⁸ LEVI, Giovanni. Op. cit. p. 158.

justificou a necessidade de analisar as narrativas de vida¹⁹. Nesse sentido, a História Oral se mostrou excepcionalmente rica, pois possibilitou o encontro com o passado não apenas através dos discursos de autoridades e homens da lei e de negócios, mas igualmente das pessoas comuns e anônimas, nem por isso menos importantes.

Ao falar-se em História Oral, faz-se necessário uma análise que permita perceber a relação entre História e memória. Segundo Jacques Le Goff, “tal como o passado não é a História, mas o seu objeto, também a memória não é a História, mas um de seus objetos²⁰”. Desta forma, não basta apenas tentar recuperar os acontecimentos através da oralidade. Faz-se necessário considerar a memória enquanto construção e a partir disso, tentar perceber como o afloramento das lembranças pode contribuir para a compreensão das experiências vividas. Vejamos então algumas questões acerca da relação entre memória e História.

Dentre tantas definições, nessa dissertação a memória foi entendida como “a presença do passado [...]. É uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional²¹”. Como sugeriu Maurice Halbwachs, a memória é um fenômeno ligado à vida social, ou seja, é coletiva, pois o ato de lembrar realizado por uma pessoa “depende do seu relacionamento

¹⁹ No total foram realizadas 25 entrevistas, sendo 13 homens e 11 mulheres, entre o período de jul/1999 a mai/2002. Os (as) entrevistados (as) assinaram um termo de doação, autorizando-me a utilizar o conteúdo das entrevistas. Optei transcrevê-las buscando respeitar a linguagem do (a) entrevistado (a), porém atualizando a ortografia das palavras com o objetivo de facilitar a leitura. As conversas em dialeto italiano foram por mim traduzidas e a linguagem original foi colocada em nota. Cópia desse material pode ser encontrada no Museu Municipal de Xavantina e no Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Santa Catarina. Sobre teoria e metodologia da História Oral veja-se FERREIRA, Marieta de M., AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998 e MEIHY, José C. S. Bom (org.). **(Re) introduzindo a História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, USP, 1996.

²⁰ LE GOFF, Jacques. *História*. In: **História e Memória**. [tradução: Irene Ferreira]. 2ª ed. São Paulo: UNICAMP, p. 49.

²¹ ROUSSO, Henry. *A memória não é mais o que era*. In: FERREIRA, Marieta de M., AMADO, Janaína (org.). Op. cit. p. 94.

com a família, com a classe social, com a igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e de referências peculiares a esse²²”. Afirma-se assim o papel da coletividade sobre a memória individual, pois é a memória coletiva que efetua a ligação do indivíduo com seu grupo de origem. Já Alessandro Portelli prefere evitar o termo *memória coletiva* e afirma que devemos ter cuidado ao situar lembranças fora do domínio pessoal, pois cada indivíduo reúne fragmentos diferentes de um mesmo acontecimento. Vejamos:

Se toda memória fosse coletiva, bastaria uma testemunha para uma cultura inteira; sabemos que não é assim. Cada indivíduo, particularmente nos tempos e sociedades modernas, extrai memórias de uma variedade de grupos e as organiza de forma idiossincrática. Como todas as atividades humanas, a memória é social e pode ser compartilhada (razão pela qual cada indivíduo tem algo a contribuir para a história “social”); mas ela só se materializa nas reminiscências e nos discursos individuais²³.

De acordo com o autor acima, as experiências são constantemente lembradas e (re) trabalhadas na interação com outro indivíduo, mas, por outro lado, as lembranças em si ocorrem em âmbito pessoal. Considerando tais análises, procurei preservar a individualidade dos entrevistados, uma vez que suas narrativas, embora semelhantes em muitos aspectos, se caracterizaram pelas diferentes maneiras de dar significado às experiências vividas. Alistair Thompson atribui a essas tentativas a “necessidade de compor um passado com o qual possamos conviver²⁴”. Também acrescenta que:

O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas

²² HALBWACHS, Maurice. Apud BOSI, Eclea. Op. cit. p. 54.

²³ PORTELLI, Alessandro. *O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum*. In: FERREIRA, Marieta de M., AMADO, Janaína (org.). Op. cit. p. 127.

²⁴ THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e memória*. In: FERREIRA, Marieta de M., AMADO, Janaína (org.). Op. cit. p. 57.

*identidades e aspirações atuais. Assim, podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido*²⁵.

No sentido proposto, o ser humano compõe várias representações do passado, de modo a torná-lo aceitável para dar um sentido satisfatório à vida. Assim, aquilo que escolhemos para recordar e relatar, bem como o significado atribuído a essas lembranças, se transformam com o passar do tempo. Com efeito, é fundamental considerar a memória “não como uma espécie de simples depósito acumulador de experiências que ficam ali guardadas até que sejam resgatadas ou ‘lembradas’ [...] em estado puro²⁶”, mas como um instrumento dinâmico que tem a função de manter o passado do indivíduo da maneira mais adaptada a ele, alterando o que não é agradável e rejeitando o que não tem relevância.

Em função da utilização das fontes orais, tem-se a noção de algumas limitações impostas à pesquisa. As objeções dos historiadores tradicionais à validade e imprudência dos depoimentos orais têm certo peso, ao alegarem que estes estão comprometidos pela não confiabilidade dos relatos, adulterada por emoções que subtraem, acrescentam e criam novas versões para os fatos, distorcendo a verdade. Ora, como qualquer fonte, alguns documentos podem ser mais confiáveis que outros. Além disso, a mentira e o silêncio podem ser reveladores, ou seja, “é preciso reconhecer que a subjetividade, as distorções dos depoimentos e a falta de veracidade a eles imputadas podem ser encaradas de uma nova maneira, não como desqualificação, mas como uma fonte adicional para a pesquisa²⁷”. Assim, o não-dito, a repetição e a hesitação fazem parte do discurso e do relato, e certamente não são menos graves que as omissões e os silêncios da História oficial.

²⁵ THOMSON, Alistair. Op. cit. p. 57.

²⁶ GALLIAN, Dante Marcello C. *A memória do exílio: reflexões sobre interpretação de documentos orais*. In: MEIHY, José C.S. Bom (org.). Op. cit. p. 143.

²⁷ FERREIRA, Marieta de M. *História Oral e tempo presente*. In: MEIHY, José C. S. Bom (org). Op. cit.p.16.

A heterogeneidade das falas apontou os caminhos a serem seguidos. O maior desafio talvez se consistiu em afrontar a variedade de temáticas apontadas pelos entrevistados, a diversidade de tipos sociais, os diferentes papéis, meios de vida e respostas às questões que surgiram no decorrer da confecção e interpretação dos documentos orais. É importante destacar também que não foram os fatos em si que procurei ressaltar nas entrevistas, mas sim, as experiências de vida dos entrevistados e tantas outras daqueles que não estão mais entre eles, mas das quais são guardiões.

É a partir dos pressupostos teórico-metodológicos acima apresentados que o objeto de pesquisa foi analisado. Ao contrário do conhecimento obtido por métodos desprovidos de sentimentos, o presente estudo tentou explicar a migração de italianos e ou seus descendentes do Rio Grande do Sul para o Oeste de Santa Catarina a partir das primeiras décadas do século XX tendo em vista alguns aspectos do cotidiano dessas pessoas. Analisando seus anseios e emoções, almejou-se perceber como o passado é apresentado pelos entrevistados, ou seja, qual a imagem que fazem de si próprios, como pensam a própria trajetória e de que forma analisam as experiências vividas.

Para contextualizar as entrevistas, foram utilizadas fontes bibliográficas sobre o tema da imigração e colonização italiana no Rio Grande do Sul e no Oeste de Santa Catarina, bem como fotografias, relatórios das companhias de colonização, objetos da época e registros de terras.

A pesquisa foi dividida em quatro capítulos. No primeiro, *Oeste catarinense: a bússola do sonho*, foram apresentadas as motivações que fizeram com que os italianos e seus descendentes que se estabeleceram no Rio Grande do Sul a partir de 1875 optassem por migrar para o Oeste de Santa Catarina nas primeiras décadas do século XX. As necessidades econômicas que os impediram de permanecerem no solo gaúcho não explicam

por si só o fenômeno migratório, pois foi preciso que os fatores de atração, como a propaganda desenvolvida pelo Governo catarinense, companhias colonizadoras e pelos próprios familiares e amigos, também oferecessem perspectivas de um futuro promissor. Dessa forma, foi averiguado como o desejo de *fazer a América*, existente entre os italianos que vieram para o Brasil, se manteve na memória dos seus descendentes que migraram para Santa Catarina. Para melhor compreensão dos termos *utopia*, *paese della cuccagna* e *far la Mérica*, necessários para explicar o fenômeno migratório, foram utilizados autores como Hilário Franco Junior, Jerzi Szacki, Roselys dos Santos e Sérgio Buarque de Holanda, dentre outros. A análise de Alfredo Bosi sobre *cultura e colonização* foi igualmente importante para compreender o apego à terra e a sucessiva busca por melhores lugares entre os italianos e seus descendentes. Por fim, foram identificadas as impressões e atividades iniciais dos migrantes na nova terra, nem sempre condizentes com as expectativas que faziam da região.

O segundo capítulo, *O caminho da roça*, tratou de perceber como os entrevistados concebem a sua experiência, tendo como base elementos trazidos dos locais de origem, considerando principalmente as atividades desenvolvidas na propriedade rural. Dentre estas, o trabalho constante e não mecanizado foi lembrado como árduo e penoso, remetendo a um passado repleto de dificuldades e privações. Ao mesmo tempo, o labor é apresentado como positivo quando serve para diferenciar a sua cultura perante os grupos que não partilham da mesma visão de mundo, como os caboclos. A formação de um bom trabalhador tinha início ainda na infância, um tempo vivido entre brincadeiras e estudo, mas também tomado por várias responsabilidades na roça. Da mesma forma, a maneira como eram divididos os trabalhos, que exigiam o empenho de toda a família, recebeu atenção especial, assim como eram desempenhados os papéis de homens e mulheres.

No terceiro capítulo, *Em busca de um(a) esposo(a) ideal*, foi identificada a importância do casamento entre os migrantes, de forma a perceber a grande preocupação em encontrar um(a) companheiro(a) que preenchesse os requisitos estabelecidos pelos pais, para que a continuidade da família e da propriedade pudesse ser mantida. O domingo era a principal ocasião para se encontrar um(a) possível cônjuge, pois esse dia era reservado ao descanso e à participação na comunidade, cuja principal referência era a capela. A riqueza das festas de núpcias foi analisada a partir da ótica de Mikhail Bakhtin, considerando que essas ocasiões especiais eram marcadas pela pompa, alegria e grande quantidade de alimentos, que as diferenciavam do comer e beber cotidianos. Na sequência foram abordados os rituais de iniciação à vida adulta, ou seja, a Primeira Comunhão e a Crisma, que significavam a passagem da infância para um mundo de maiores responsabilidades. A partir de então, poderiam pensar em participar dos bailes e festas, identificados como importantes momentos de lazer, juntamente com os encontros familiares e entre amigos.

Finalmente, o quarto e último capítulo, *Tempo de lembrar*, procurou identificar como os migrantes percebem a sua trajetória. As dificuldades que afirmaram ter vivido não foram poucas, mas destacaram também o passado como um tempo melhor, no qual havia mais solidariedade e respeito. Nesse sentido, foi necessário procurar perceber a memória não como um espelho dos acontecimentos tais como foram, mas sim como uma construção motivada pelo presente.

Essa pesquisa foi uma tentativa de escrever uma *biografia social coletiva* das pessoas que vivenciaram o fenômeno migratório em questão, dar-lhes cara, nomes, vida. Criar, enfim, um espaço para que pudessem falar de si. Longe de fornecer um parecer único sobre a História dos migrantes, pretendeu contribuir para a historiografia do Oeste catarinense sem apresentar conclusões sedimentadas, pois “a História do tempo presente,

mais do que qualquer outra, é por natureza uma história inacabada: uma história em constante movimento, refletindo as comoções que se desenrolam diante de nós e sendo portanto objeto de uma renovação sem fim²⁸”. Embora possa parecer modesta nas suas proporções, as experiências narradas, em conjunto com muitas outras, apresentam-se muito significativas para a compreensão do grande mosaico cultural que forma e caracteriza o Estado de Santa Catarina.

²⁸ BEDÁRIDA, François. *Tempo presente e presente da história*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaina (org.). Op. cit. p. 229.

CAPÍTULO I

OESTE CATARINENSE: A BÚSSOLA DO SONHO

“Vim morar aqui porque lá terra não tinha, o pai não tinha dinheiro pra dar terra pra todos os filhos. A família era grande, nós tava em doze¹”.

Sonhar, planejar, mudar: assim o Homem procura a sua realização, e ele não tem cessado de buscá-la em lugares imaginados, acreditando estar ali a felicidade. Das mais diferentes maneiras e registrada das mais variadas formas, a experiência histórica nos mostra que o deslocar constante faz parte da nossa vivência, de tal forma que as migrações são uma condição natural das sociedades humanas. Mas por quê esse contínuo andar atravessando mares intermináveis, vencendo os mais assustadores desertos, superando até as mais altas montanhas? Certamente os fatores econômicos influenciam significativamente, mas o sonho de uma terra sem privações talvez seja o fator que mais tem impulsionado o êxodo de populações de todos os tempos e em todos os lugares.

As sociedades humanas são produto das aflições e fantasias dos indivíduos que as compõem. Em situações particulares, o sonho de uma terra de fartura persiste e é constantemente recriado. O objetivo deste capítulo é analisar como se manifestou, entre os italianos e seus descendentes que migraram do Rio Grande do Sul para o Oeste catarinense a partir do início do século XX, o desejo de encontrar uma terra que possibilitasse melhores condições de vida. Algumas considerações a respeito desse fenômeno podem ser conferidas no meu livro dedicado ao assunto², mas reconheço que a experiência dos migrantes e seus descendentes ainda não foi completamente explorada.

¹ COVATTI, Santin. Entrevista concedida a Karine Simoni. 18/10/2001. p. 01.

² SIMONI, Karine. Op. cit. Ver principalmente o Cap. I.

Tomo como ponto de partida uma simpatia pessoal com o imaginário dos imigrantes italianos em relação ao *far la Mèrica*, ou *fazer a América*, que se perpetuou na memória dos descendentes que migraram para Santa Catarina. Para facilitar a compreensão do termo, inicio com a apresentação do personagem fictício Nanetto Pipetta.

Na literatura da imigração italiana do Rio Grande do Sul o personagem Nanetto, criado pelo frei Aquiles Bernardi em 1924³, é o maior e mais conhecido representante dessa experiência italiana. Lendo vários romances vênetsos que idealizavam a América, o autor propôs-se a escrever uma *contra-história*, com a finalidade de mostrar o *verdadeiro* além-mar. Nanetto simboliza o imigrante fascinado pela *Mèrica*, sinônimo de Brasil, que sofre um profundo desapontamento ao encontrar um mundo bem diferente do imaginado. Em busca da tão sonhada fortuna, o jovem acaba desaparecendo nas águas do Rio das Antas.

No desenrolar da narrativa, o autor descreve as peripécias de um personagem ingênuo, que viera para o Brasil iludido com a idéia de encontrar fortuna fácil. Nanetto é apresentado como a vítima, primeiramente da própria Itália que não lhe oferecera boas condições de vida, depois da propaganda que não previra a viagem num navio superlotado, e finalmente por ter chegado a um mundo totalmente diferente e sem recursos adequados para a sobrevivência. Grande parte da historiografia que trata da imigração e colonização italiana no Brasil também incorporou essa tendência de apresentar o imigrante como um ser enganado e inocente. Poucos são os autores que o vêem como alguém que recebia informações a respeito do além-mar e, portanto, consciente das dificuldades que enfrentaria e responsável pelos riscos que teria que assumir caso optasse por migrar⁴.

³ BERNARDI, Aquiles. **Nanetto Pipetta. Nassuo in Italia e vegnudo in Mèrica per catare la cuccagna**. 9ª ed. Porto Alegre, Caxias do Sul: EST, CR, UCS, 1990.

⁴ Veja-se como exemplo MACHADO, Paulo Pinheiro. **A política de colonização do Império**. Porto Alegre: UFRGS, 1999. (Coleção Síntese rio-grandense), especialmente o capítulo 4.

Tamanha importância teve o livro de Frei Aquiles Bernardi que, mesmo criticado por intelectuais da época, sobretudo eclesiásticos, foi reeditado várias vezes, alcançando em 1990 a nona edição. Diante dessa constatação, faz-se necessário apontar algumas questões. Quais seriam os fatores que influenciaram a leitura de Nanetto Pipetta? Por que ele continua vivo na memória dos imigrantes e de seus descendentes?

Em muitas famílias serviu como fonte de alfabetização, ou seja, inúmeras pessoas cresceram ouvindo as histórias e aprenderam a ler e a escrever a partir do livro⁵. Num meio desprovido de outras fontes para o estudo, Nanetto foi sem dúvida um herói, alcançando tamanha importância porque o imigrante acabava por se identificar nas aventuras do personagem, que lutou, trabalhou e praticou a religião, portanto era um exemplo a ser seguido⁶. As expectativas de encontrar um mundo perfeito e as decepções do imigrante que esperava *far la Mèrica* são assim explicadas por Rovílio Costa através de Nanetto Pipetta:

O Nanetto de Aquiles foi arruinado quando o fizeram sair da Itália para encontrar a cocanha, e ao invés encontrou a América, a qual não tinha nenhum paraíso escondido em parte alguma, mas tinha bananeiras que ele acreditava serem plantas de salames, tinha pinhões que caíam dos pinheiros, e tinha sobretudo mata e terra e, com a enxada, ele entendeu que se quisesse a América, teria que fazê-la⁷.

Assim, através das aventuras de Nanetto, os imigrantes preocuparam-se em transmitir a seus descendentes sua cultura e modo de viver, mas principalmente encontraram no livro uma forma de perpetuar a esperança de encontrar no Brasil o bem

⁵ GARDELIN, Mário. **Imigração italiana no Rio Grande do Sul: fontes literárias**. Porto Alegre, Caxias do Sul: EST, UCS, 1988. p. 8 - 9.

⁶ ORLANDI, Adriana. **Nanetto Pipetta: representação histórica, memória coletiva e identidade nas Comunidades Coloniais Italianas do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRS, 2000. (Dissertação – Mestrado em História). p. 113.

⁷ “El Nanetto de Aquiles el ze stá fregà co i ga fati vegner via de l’Itàlia per catar la cucagna, e invense el ga catà la Mèrica, dove no ghe gera nessuna cucagna sconta in nissuna parte, ma ghe gera e bananere che lu credea che le fusse piante de salami, ghe zera i pignui che caschea dei pini, e ghe gera soratuto bosco e terra e, co la sapa, el ga capio che, se’l volea la Mèrica, el garia de fàrsela” In: COSTA, Rovílio. *Apresentação*. In: PARENTI, Pedro. **El retorno de Nanetto Pipetta**. Porto Alegre, EST, 2000. p. 05.

estar e a estabilidade financeira que não fora possível viver na Itália. Mesmo nas situações mais difíceis, o personagem sonhava e não perdia a esperança de comprar um pedaço de terra e constituir uma família.

Os sonhos e a trajetória de Nanetto se repetem na memória dos italianos e de seus descendentes: “lá eles falavam em Brasil, era que nem nós dizer ‘vamos a Santa Catarina’. Parecia que era melhor, quando é no fim é tudo igual, tem que experimentar. Então nós viemos a Santa Catarina, ‘vamos ver’, a gente dizia. Tinha aquela esperança de melhorar, terra nova, puro mato, diziam: ‘vamos pra lá’. Então viemos⁸”.

Antes de discutir com maior profundidade as influências do *far la Mèrica* entre os italianos e seus descendentes que migraram para o Oeste de Santa Catarina, é necessário apresentar alguns conceitos referentes a esse imaginário.

Sobre utopias e mundos possíveis

Quando Thomas More viu publicado pela primeira vez em 1516 o seu “Livreto deveras precioso e não menos útil do que agradável sobre o melhor dos regimes de estado e a ilha da Utopia até hoje desconhecida”, não imaginava que a sua descrição influenciaria o mundo ocidental e ganharia complexos significados. No seu texto, a denominação *utopia* (do grego: *u*= não, *topia*= lugar) indicava o *não lugar, país que não se encontra em local algum*, encontrado pelo viajante português Rafael Hythlodæus e descrito como um local caracterizado pela prosperidade, igualdade e fartura. A narração da paisagem e do modo de vida dos habitantes da *Utopia* indica que o autor, além de uma crítica perspicaz à Inglaterra do seu tempo, destacou também o sonho de uma ordem social melhor e mais justa.

⁸ COVATTI, Santin. Entrevista citada, p. 05.

Após o sucesso do livro de More, o tempo se encarregou de modificar a palavra *utopia*. Do simples nome de uma ilha, passou a ser usada para explicar também fenômenos anteriores à sua existência, como por exemplo, “A República” de Platão e a “Cidade do Sol” de Campanella, o que evidencia a grandeza e a importância do pensamento de More. Na presente pesquisa o termo *utopia* não será delimitado em seu sentido original, nem tampouco será enfatizado apenas a “incessante viagem da humanidade em direção ao país que não existe, a busca da ilha feliz, concebida nas maneiras as mais diversas e registradas em formas literárias as mais variadas⁹”. Trata-se, antes de tudo, de rastrear os sonhos e as experiências dos imigrantes italianos e seus descendentes que migraram para o Oeste catarinense no período citado, buscando compreender o referido conceito não enquanto a busca por lugares impossíveis, mas como um impulso responsável por ações concretas, destacando também como os migrantes construíram a sua utopia.

Para melhor compreender o conceito de utopia e a sua relação com a migração e colonização ítalo-brasileira no Oeste de Santa Catarina, o *paese della cuccagna*, ou país da cocanha, é um elemento não menos importante. Trata-se de uma lenda de origem medieval¹⁰ que perpassou séculos e embalou os sonhos dos imigrantes italianos que vieram para o Brasil no final do séc. XIX e início do séc. XX. Há indícios de que o termo seja proveniente ou do latim *coquere* (cozinhar), através da derivação *cocanha* ou *coucagno* (petisco doce), ou do neerlandês *cockaenge*, pequeno pastel doce que era feito em algumas festas anuais¹¹.

⁹ SZACKI, Jerzi. **As utopias ou a felicidade imaginada**. [Trad. Rubem César Fernandes]. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972. p. 03.

¹⁰ A primeira referência documentada sobre o termo data de 1142, mas a maior difusão da lenda ocorreu nos séc. XVI – XVII, quando ela conheceu 12 variantes na França, 22 na Alemanha, 33 na Itália e 40 em Flandres. In: JÚNIOR, Hilário Franco. **As utopias medievais**. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 46.

¹¹ Idem, *ibidem*.

Se a etimologia do termo *cocanha* ainda é discutível, a sua origem também apresenta dúvidas. As civilizações da Antigüidade descrevem a *Idade do Ouro*, que continha, além da paz, saúde, imortalidade e abundância de alimentos. Na literatura latina, o poeta Ovídio falava da existência de um lugar similar ao paraíso cristão, no qual vivia-se em completa harmonia, pois “nem o medo e o castigo eram conhecidos, não se liam no bronze ameaçadoras leis, [...] as cidades não se cercavam de fossos, não se conhecia [...] nem capacetes, nem espadas¹²”. O alimento era farto, “a terra intacta ainda, não ferida pela relha do arado, produzia espontaneamente todas as novidades, e contentes com o alimento obtido sem trabalho, os homens colhiam os frutos¹³”. Nos tempos bíblicos Deus selou uma aliança com Moisés, prometendo a ele uma “terra onde emana o leite e o mel¹⁴”.

As sociedades indígenas da América, especialmente os Guarani, acreditavam numa *Terra Sem Males*. Se num momento pré-colonial esse local referia-se à fartura e bem-estar eterno no sentido econômico, depois do contato com o conquistador ibérico passou a significar também a possibilidade de retorno ao modo de vida dos antepassados¹⁵.

Carlo Ginsburg contou a trajetória de Menocchio, um moleiro que viveu no séc. XVI, na região do Friuli, Itália¹⁶. Perseguido pela Inquisição porque muitas das suas idéias divergiam da ortodoxia cristã, o moleiro também acreditava num *mundo novo*, de abundância e fartura, que se contrapunha à miséria vivida pelos seus conterrâneos. Esse mundo seria alcançado apenas por meios humanos, e compreendia, segundo um poema anônimo surgido em Modena, Itália, por volta de meados do séc. XVI,

¹² OVÍDIO. *Metamorfoses - liv.I, v. 1 a 411*. In: **Poetas e pensadores latinos: idéias da Antigüidade**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. p. 13.

¹³ Idem, *ibidem*.

¹⁴ Êxodo, cap. 33 - 3.

¹⁵ MELIÀ, Bartomeu. *El “modo de ser” Guarani en la primera documentacion jesuitica (1594 – 1639)*. In: **El guaraní conquistado e reducido – ensaios de etnohistoria**. 2ª ed. Asunción: Litocolor, 1998. p. 108.

¹⁶ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. [Trad. Maria Betânia Amoroso]. 2ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

*Uma montanha de queijo ralado,
se vê sozinha no meio da planura,
e um caldeirão puseram-lhe no cimo...
Um rio de leite nasce de uma grota
e corre pelo meio do país,
seus taludes são feitos de ricota¹⁷*

Os elementos acima citados estão presentes nas inúmeras variações do país da cocanha e não são os únicos na formação deste. Além da grande quantidade de alimentos, esse lugar imaginado não conhecia instituição social; negava a família, pois o importante era a liberdade sexual, e o trabalho era desnecessário, pois tudo era coletivo e não havia necessidade de qualquer esforço humano, sendo que tudo poderia ser obtido com facilidade, conforme o Édem bíblico. Com efeito, a *cocanha* se aproxima do paraíso na medida que propõe o bem-estar completo de quem porventura conseguisse alcançá-la.

Sérgio Buarque de Holanda, no clássico “Visão do paraíso”, rastreou no Mundo Antigo e Medieval os vestígios da idéia do Paraíso Terreal. Nesse brilhante estudo, discutiu as alterações nos sentidos e significados do mito edênico quando do achamento e colonização do Brasil e da América. Segundo o autor, foi depois desse acontecimento que o mito do Paraíso Terreal solidificou-se no imaginário do Homem Moderno¹⁸. Assim, as descrições presentes na literatura colonial indicam o *Novo Mundo* como o Paraíso Terreal tão sonhado pelos povos dos mais diferentes lugares e épocas. As representações desse lugar, que deixou de ser imaginado para ganhar um espaço físico, projetaram-se na própria formação do *ser brasileiro*. Uma das maiores contribuições de Sérgio Buarque de Holanda nesse texto foi mostrar que o Éden constituiu-se num mito dinâmico, pois esse tema “representou em diferentes épocas um modo de interpretar-se a História, um efeito da

¹⁷ GINZBURG, Carlo. Op. cit. p. 165-166.

¹⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso: os motivos edênicos do descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Brasiliense: Publifolha, 2000. p. X (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

História e um fator da História. Se o descobrimento do Novo Mundo foi o sucesso que mais claramente serviu para despojá-lo de do conteúdo puramente religioso, a verdade é que, secularizando-se, continuaria esse mito a marcar com força a vida americana¹⁹”.

Os exemplos citados não são únicos e poderiam facilmente se multiplicar. É possível concluir que em cada sociedade os limites entre o imaginário e o real revelam-se variáveis, pois uma utopia opõe-se a situações consideradas pouco aceitáveis na sociedade que a cria e “manifesta-se como um elemento sócio-cultural-psicológico que responde às deficiências de cada período, estando por isso presente em toda a história²⁰”. Entretanto, seja no âmbito coletivo, seja no pessoal, permanece nas mais diferentes culturas uma natureza universal do termo. Evelyne Patlagean define essa essência como sendo:

A curiosidade dos horizontes demasiado distantes do espaço e do tempo, terras desconhecíveis, origens dos homens e das nações; a angústia inspirada pelas incógnitas inquietantes do futuro e do presente, a consciência do corpo vivido, a atenção dada aos movimentos involuntários da alma, aos sonhos, por exemplo; a interrogação sobre a morte; os harmônicos do desejo e de sua repressão; a imposição social, geradora de encenações de evasão ou de recusa, tanto pela narrativa utópica ouvida ou lida pela imagem, quanto pelo jogo, pelas artes da festa e do espetáculo²¹.

No contexto da imigração italiana para o Brasil, quais seriam as representações da América, ou Brasil? Como os resquícios das imagens do além-mar como o país da cocanha se mantiveram entre os descendentes dos imigrantes, em especial os que migraram do Rio Grande do Sul para o Oeste catarinense a partir da segunda década do século XX?

¹⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Op. cit. p. XV.

²⁰ JR., Hilário Franco. **Cocanha: a história de um país imaginário**. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 19.

²¹ PATLAGEAN, Evelyne. *A história do imaginário*. In: LE GOFF, Jacques. **A história nova**. [Trad. Eduardo Brandão]. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 291.

Brasil: o horizonte da esperança

Com relação à imagem da *cocanha* presente no período da Grande Imigração Italiana para o Brasil, compreendida entre 1875 e 1914, Roselys Izabel Correa dos Santos afirma que “com tantas narrativas que não poupavam detalhes sobre a América e o Brasil, foi fácil ao imaginário popular europeu conceber no arquétipo do mundo novo, de suas maravilhas e riquezas e relacioná-las aos espaços geográficos citados²²”. Com efeito, a fantasia de uma Terra na qual, como descreveu Pero Vaz de Caminha, *se plantando, tudo dá*, localizada no além-mar, reporta a outros contextos históricos, como às Grandes Navegações ibéricas do final do Séc. XV, que levaram à exploração e ocupação do chamado Novo Mundo. Conforme já citado, um dos motivos que sustentou essa empresa foi a busca pelo paraíso edênico.

A idéia do Brasil como o *país da cocanha* já estava arraigada no imaginário dos camponeses de várias regiões da Europa quando dela se (re) utilizaram os propagandistas que incentivaram a emigração para a América. Especialmente na Itália, foram esses agentes que abriram para os camponeses pobres do Norte a esperança de serem proprietários autônomos do seu próprio chão, o que permitiria alcançar a tão sonhada oportunidade de uma vivência tranqüila, livre dos entraves que ameaçavam o bem estar e a harmonia cotidiana. Nos sonhos dos italianos, representados por Nanetto Pipetta, a América:

Deve ser como a mesa de jantar onde não falta nada!... mas não como a nossa, porque nela não tem quase nada e invés lá deve ter tudo. A América, digo, deve ser cheia das graças do Senhor, um lugar onde se come apenas rosquinhas torcidas, e o meu trabalho será o de endireitá-las, como disse o nono, e todas as que se romperem serão para mim e para ele. Eu digo que ela é uma grande cidade, que leva os pobrezinhos de automóvel à procura de fortuna!... Ela deve ser uma grande feira onde

²² SANTOS, Rosely Isabel Correa dos. **A terra prometida – imigração italiana: mito e realidade**. 2ª ed. Itajaí: Univali, 1999. p. 143.

quem compra barato paga pouco, e quem não compra nada vai embora com o dinheiro, dizia o meu padrinho. Que bonita coisa a América.... A América, dizia o avô, para as crianças é como uma grande praça cheia de doces e basta plantar uma moeda para que nasça uma planta bonita e todos podem subir e pegar dinheiro até encher os bolsos. Nessa praça se joga, se corre, se salta, e quando se tem sede, se toma água doce, e licor de anis, e vinho bom, e cerveja e refrigerante, e depois o que mais? Biter e mel, e refresco e bebidas quentes, e depois outras coisas boas²³.

Assim como Nanetto, nos momentos de crise muitos italianos criaram a sua própria América e poucos resistiram ao sonho de encontrá-la. As ofertas de terras nas quais poderiam plantar seu próprio alimento com autonomia serviu como isca para os mais indecisos. Nas palavras de Helena Isabel Muller:

Abandonar, quebrar, apagar de nossa história um presente que nos é desagradável se coloca como ponto de partida para um impulso migrante. Emigrar representa o abandono, a ruptura em seu sentido mais literal: tudo aquilo que até o momento fez parte de nossa história em termos culturais e afetivos fará parte de nossa memória, permanecendo mais ou menos vivos, mas sempre distante e inacessível, pelo menos em um momento inicial. O presente se transforma em passado com rapidez e inexorabilidade radicais²⁴.

Segundo a autora, o presente indesejável é insuficiente para explicar o desejo de mudança, e nos momentos de crise os atrativos positivos tendem a aparecer com maior intensidade e força, ou seja, é necessário que existam atrativos positivos no outro extremo; um horizonte no qual se configure um futuro promissor suficiente para atenuar a dor da

²³ “La gá da essere come el nostro tinelo andove no ghe manca gnente!... ma nó póprio come el nostro, parché in tel nostro a no ghe ze ngente squasi e lá invense a ghe gá da essere de tutto. La Mèrica, mi digo, che la gá da essere un brolo pien de grássie del Signore, el gá da essere un paese andove se magna solo bussolá, e el me mestiero sirá de drissar bussolá come gá dito el nono, e tutto quei che se rompe i ze par mi e elo. Mi digo che la ze na gran sitá, che mena i poaretti in l’automobile in serca de la fortuna!... La gá da essere na gran fiera ndove chi crompa barato paga poco, e chi no crompa gnente va via coi sô soldi, me dizeve me sántolo. Che bela roba la Mèrica.... La Mèrica, dezeva il nono, par i putei la ze come na gran piassa piena de dolsi e basta impiantare on soldo parché ghin nassa na pianta bella e tutti pole rampagarse suso e torse tanti soldi fin da impienare le scarsele. In te sta piassa se zuga, se corre, se salta, se oza; e quando se gá sê, se beve ácoa dolse, e mistrá, e vin bon, e bira e gazona e pó cossa ancora?... e biter e miele, e rifieschi e riscaldi, e pó ancora robe bone!...” In: BERNARDI, Aquiles. Op. cit. p. 16 – 17.

²⁴ MULLER, Helena Isabel. **Utopia: mundo velho sem porteira!** In: DE BONI, Luís A. (org.). **A presença Italiana no Brasil - vol. III.** Porto Alegre; EST, Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996. p. 133.

perda. Essa pulsão positiva surge com a possibilidade de se construir uma nova história. No caso da imigração italiana para o Brasil, como se apresentaram os fatores que contribuíram para a saída em massa de camponeses da Itália?

O Norte da Itália compreendia, no período da Grande Imigração, as regiões do Vêneto, Lombardia e Trentino, que embora pertencente à Áustria, era etnicamente italiano. Essas regiões forneceram o número mais representativo de imigrantes para o Brasil. Predominantemente camponeses, os imigrantes consistiam-se em pequenos proprietários²⁵ que trabalhavam em família utilizando-se de instrumentos e técnicas rústicas e manuais, como conta o senhor Primo Bergamin sobre a sua terra natal:

Lá na Itália se trabalhava na roça. Se cortava todo o trigo perto do chão, depois se fazia montes, compridos. Cortava todo o milho até o chão, levava pra casa, tirava a casca e depois botava em cima, aqui dizem 'sobrado', lá dizia 'granalo', faziam casas de dois, três andares. E descascava todo o milho em espigas. As palhas e os pés de milho davam de comer pros animais. Os cabelos do milho, aquele então faziam cama pras vacas na estrebaria, porque não tinha poteiros, faziam toda a camada com a palha do milho. O vinhal plantava uma tira comprida e não era como os nossos aqui. Lá faziam em parte, pegava e colocava dois ferros, três, e as vinhas produziam assim, pra não gastar terra. Porque se aqui se consegue pouco, lá também, todo mundo pobre²⁶.

Um dos principais motivos apontados pelos historiadores para explicar o êxodo de milhares de camponeses em direção ao Brasil encontra-se ligado à Unificação Italiana (1870), que infundiu no campo as relações capitalistas de produção. O regime instalado após 1870 compreendia um significativo aumento de impostos, a serem cobrados dos

²⁵ As dimensões da pequena propriedade não eram as mesmas entre a Itália e o Brasil. Se neste último cerca de 25.000m² caracterizavam uma pequena propriedade, na Itália essa normalmente não atingia 3.000m².

²⁶ “Lá in Itália se ndava a laorar in tea roça. E lá in Itália se taiava il formento, taiava via tutto drio terra il formento. E dopo i fea tutti paiari, tutto longo.el milio, lo taiava via tutto in terra, drio terra, portava casa, lo scatosava e dopo lo metea in cima. Quá i dize sobrado, lá il dizea il granalo, in cima. Parché i fea case di due, trá andare. E scatosava, tutto milio scatosava in panoche. E le paie, lora, come le gamberle de milio, e le paie, scatossele e ghe dea manhar i béstie. El capelli del milio, quel lá lora i fea letto de vaque in tea strevaria, parché i géra mia potrerri. E i gue fea tutta a camada co a paia de milio. El vinha, piantava una strica lunga e géra mia vinha in cima quá i noantri. Lá fea parte. Ciapava e metea due ferri, tré, e tutte il vinhe i praduza par no gastá terra. Parché quá i ciapa poco, lá anca, allora tutti povereti”. In: BERGAMIN, Primo. Entrevista concedida a Karine Simoni. 09/01/2000. p. 01.

pequenos proprietários rurais do Norte da Península. Sem condições de efetuar os pagamentos, os camponeses acabavam asfixiados pela carga tributária do recém-criado Estado Italiano. O crescimento da população, agravado pelo esgotamento do solo e a perda das já minguadas propriedades, engrossava ainda mais o número de desempregados nas vilas e cidades. Outro fator que impulsionou a crise foi a existência de uma indústria rudimentar e artesanal, que sofria a competitividade das indústrias alemães e francesas, especialmente na produção de seda, vinho, vidro e papel. O aumento demográfico, seguido da falta de territórios férteis, das altas taxas de impostos e das carestias foram motivos que se juntaram ao desejo de melhorar a condição de vida e conseguir a emancipação financeira²⁷. Nas palavras da senhora Alma Covatti, contando por que sua mãe migrou, “a maioria todos vinham de lá, porque lá não dava pra viver. Não era a vida boa lá também. Então a sua falecida mãe veio pra cá, ela tinha que vir junto²⁸”.

No Brasil, quando o regime escravista entrou em colapso com as restrições ao tráfico negreiro, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, o Império encontrou no imigrante europeu a forma mais imediata para substituir o braço escravizado. Dessa forma, segundo Paulo Pinheiro Machado, “o acesso à propriedade da terra em algumas regiões do País foi o principal fator de atração usado pelas autoridades brasileiras²⁹”. As elites políticas e intelectuais almejavam “uma emigração preferencial de lavradores brancos europeus que pudessem implantar no país uma nova forma de produção agrícola baseada na pequena propriedade³⁰”.

²⁷ FINESSI, Fulvio (a cura). **Co'la valisa in man: unità didattica di storia dell'emigrazione**. Trento: Giunta della Provincia Autonoma di Trento, 1998. p. 63 - 72. Ver também: GROSSELLI, Renzo. **Vincere o morire: contadini trentini(veneti e lombardi) nelle foreste brasiliane**. Florianópolis: UFSC, 1987.

²⁸ COVATTI, Alma. Entrevista concedida a Karine Simoni. 18/10/2001. p. 05.

²⁹ MACHADO, Paulo Pinheiro. Op. cit. p. 78.

³⁰ SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: UnB, 1990. p.22.

A necessidade de trabalhadores para o latifúndio cafeeiro paulista e de povoamento do extremo Sul do Brasil faziam do camponês italiano um alvo privilegiado. Além da necessidade de força de trabalho, o Governo brasileiro pretendia fazer da imigração um instrumento de “civilização”, isto é, de homogeneização e embranquecimento da nação³¹. A idéia de *civilizar* continha um forte sentimento de superioridade do modo de vida europeu em relação ao continente latino-americano, sendo essa idéia a grande propulsora do ingresso de estrangeiros no Brasil. Além disso, as teorias racistas criadas nos Estados Unidos e na Europa a partir da segunda metade do século XIX defendiam a superação das “raças inferiores” – negros, asiáticos, indígenas – através da substituição pelas “raças superiores” – europeus do norte e norte-americanos. Adotadas no Brasil por intelectuais como Sílvio Romero, Oliveira Viana e Jorge Lacerda, a mesma ideologia que relacionava o negro, o caboclo e o indígena à indolência e à preguiça, via o italiano sobretudo do Norte da Itália, como o imigrante por excelência: branco, latino-europeu, católico e trabalhador. Esperava-se que o ingresso desses europeus branqueasse progressivamente a população brasileira e com isso trouxesse a tão sonhada *civilidade*.

O Contrato Caetano Pinto (1874), firmado entre o Império brasileiro e o empresário Joaquim Caetano Pinto Jr., previa o ingresso de 100.000 imigrantes europeus no prazo de dez anos. Era visível a preocupação em importar europeus, sobretudo do Norte, que apresentassem boas qualidades, tais como “agricultores, sadios, laboriosos e moralizados, nunca menores de 2 anos, nem maiores de 45, salvo se forem chefes de família³²”.

³¹ SEYFERTH, Giralda. *Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil*. In: ZARUR, George de Cerqueira leite. **Região e nação na América latina**. Brasília: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. p. 81.

³² SANTOS, Rosely Isabel Correa dos. Op. cit. p. 145.

As imagens sobre o “Brasil cocanha” difundidas pelos propagandistas imigratórios imprimiam nas esperanças dos camponeses pobres a possibilidade da fuga da miséria e da fome. Para o sucesso do contrato, “logo entrou em ação uma rede de agenciadores que se espalharam por todas as comunidades, fazendo a propaganda da terra das maravilhas chegar aos mais ignotos lugares³³”. Em toda a Europa, principalmente nas regiões rurais, entre elas a Itália do Norte, esses agentes utilizaram fervorosamente o mito da *cocagna*, a fim de convencer os camponeses das vantagens de emigrar para o Brasil, afirmando que “lá de leite e mel correm torrentes. Produzir salames os pinheiros vereis³⁴”. O Brasil e a América passaram a representar o lugar de investimento das esperanças e dos sonhos camponeses, cujo imaginário identificava a existência do *país da cocanha* no além-mar. De lugar de fantasia, a *cocanha* passou para a condição de utopia realizável. Mas, a idéia de um além-mar repleto de riquezas e possibilidades teria sobrevivido à travessia do Oceano? E antes disso, haveria alguma forma de resistência à busca desenfreada por esse lugar?

Rosely Izabel Correa dos Santos registrou que as publicações que criticaram a política imigratória e a situação dos imigrados no Brasil existiram em número bastante significativo, e almejavam tanto repreender o Governo enquanto responsável pelas péssimas condições em que se encontravam os camponeses italianos, como forçar medidas que visassem uma melhor organização da emigração em massa³⁵. Nesse sentido, vários jornais e panfletos circulavam mostrando imagens negativas do Brasil e da América, como a falta de infraestrutura, os mosquitos, bichos-de-pé e uma infinidade de outras pragas, além do ataque de indígenas e da presença de animais selvagens que provocavam pavor e sentimento de abandono nos imigrantes. Muitos agentes foram acusados de enganarem e

³³ SANTOS, Rosely Isabel Correa dos. Op. cit. p. 147.

³⁴ Idem, p. 33. Extraído do jornal **La Voce Cattolica**, 23/01/1877 (Anônimo).

³⁵ Idem, p. 190.

fornecerem falsas impressões do além-mar. Entretanto, se pensarmos o início da Grande Imigração, essa afirmação pode até fazer sentido, mas nos anos que se sucederam inúmeras cartas eram enviadas pelos que estavam na América aos parentes da Itália. Nesses relatos os precursores informavam que haviam conquistado a liberdade e o alimento, mas também alertavam para a existência de inúmeras dificuldades e privações. Dessa forma, pode-se afirmar que os candidatos a imigrar não desconheciam totalmente o que iriam encontrar no Novo Mundo e estavam dispostos a correr esse risco.

A viagem rumo à *terra prometida* tinha início com a saída dos imigrantes dos seus povoados em direção ao porto de Gênova. Os agentes que ofereciam viagens gratuitas apresentavam navios em condições pouco satisfatórias para a travessia. O senhor Primo Bergamin lembra que na viagem para o Brasil passou por uma “borrasca da maré, naquele vento brabo vêm ondas mais altas que a casa! Lá dentro uns vomitam, cagam, fazem de tudo. Então eles me amarraram. Feliciano entrou dentro do colchão. E meu outro irmão Arcângelo, que tinha onze anos, estava seguro. Mas todo mundo que pedia socorro!³⁶”. Superlotados, eram um terreno fértil para doenças que sepultavam na imensidão azul dezenas de pessoas e esperanças, como exemplifica a senhora Alma Covatti:

A minha mãe veio da Itália ela tinha seis anos, ela veio de navio, naquele tempo não tinha motor. Ela ficou quarenta dias, ele vinha conforme o vento. Ia, voltava, virava, e se enxergava só céu e embaixo água; não se enxergava nada, imagina, quarenta dias. E faleceu um homem, fazer o quê? Não jogaram dentro da água? Sempre ela dizia, até me dá frio, eu era pequena, mas eu me lembro. Jogou no mar, enrolou num lençol, rolou, e tinha os bichos que vinham. Mas também em poucos minutos, o navio não corria muito, ela viu que comiam este homem. Peixes, ou um bicho com a cabeça grande, ela falava sempre³⁷.

³⁶ “Arrivà in tea maré borrasca, quel vento lé brabo, gue vi onde pì alte che a casa quá, vien per monti! Lora lá rento i gomitea, i caguea, i ghe fã tutte. Lora quei altri me gá ligá, Feliciano lé ndá rento il buso del paion. E quel altro fradel Arcangelo, che gavea undeze anni, era seguro. Ma tutti que ciamava ricorso!”. In: BERGAMIN, Primo. Entrevista citada, p. 03.

³⁷ COVATTI, Alma. Entrevista citada, p. 05.

Após aproximadamente um mês de viagem, o imigrante chegava à tão esperada América. Ao desembarcar no Rio de Janeiro ou em São Paulo, desorganização era a palavra de ordem. Faltavam intérpretes para prestar informações sobre a disponibilidade de terras nas colônias de Santa Catarina, Paraná, Espírito Santo e Rio Grande do Sul, ou para indicar a disponibilidade de trabalho assalariado nas fazendas de café em São Paulo. As poucas bagagens eram extraviadas e dificilmente recuperadas. Em meio a essa confusão, um antigo depósito de mercadorias servia como hospedaria e ficou conhecido como Hospedaria dos Imigrantes³⁸. Muitas famílias acabavam se perdendo, selando para sempre o seu destino. É o que ocorreu na família da senhora Norma Santinon:

Quando meu avô saiu da Itália e veio pro Brasil, tinha doze anos e saiu com um irmão de dezoito. Eles vinham de navio de vento, e quando viram a mata do Brasil, diziam: ‘Olha, daqui a duas, três horas já estamos no Brasil’. Vinha um vendaval, voltavam. Ficaram quarenta e cinco dias, morreu criança em cima do navio, jogavam na água. Até que conseguiram chegar, só que não tinham dinheiro pra vir pra frente, não tinham nada, só o facão, daí começaram a trabalhar. Pra vim mais pra frente, o irmão dele trabalhou, cortar, fazer estrada, ganhou dinheiro, foi. E o nono não tinha dinheiro, tocou trabalhar mais naquele lugar pra depois vir. Se perderam, nunca mais tiveram notícias os dois irmãos³⁹.

A falta de estrutura para receber os italianos e a demora no processo de assentamento das famílias dos que vinham para o Sul tornou ainda mais penosa a sua sobrevivência. O contrato assinado pelos imigrantes antes da saída na Itália previa a assistência completa desde a partida do porto de Gênova até a instalação definitiva, mas a realidade mostrou-se bem diferente, desmoronando em muitos o sonho do *Brasil cocanha*.

³⁸ Conforme artigo intitulado **Emigrante com os emigrantes (Da emigranti cogli emigranti)**, publicado no jornal *Correio Riograndense* em 19/07/2000. (Caxias do Sul, p. 23 a 27). Trata-se do relato do jornalista Adolfo Rossi, que em 1902 ou 1903 disfarçou-se de emigrante e juntou-se a um grupo de cerca de 600 italianos recém-chegados no porto de Santos – SP. A fim de averiguar as condições e tratamento dispensados aos compatriotas italianos, ele acompanhou o grupo a São Paulo na Hospedaria dos Imigrantes, até serem destinados às fazendas de café. Nesse período, registrou as impressões e as primeiras desilusões dos italianos na América. O relato, em língua italiana, foi publicado na **II secolo XX** – Rivista Popolare Illustrata, de fevereiro de 1907 (anno VI, nº 2, p. 90 a 102).

³⁹ SANTINON, Norma. Entrevista concedida a Karine Simoni. 06/02/2001. p. 05.

De terra em terra, refazendo utopias

Faz-se necessário distinguir dois tipos de imigrantes italianos que se instalaram no Brasil. No Sul foram direcionados a se estabelecerem enquanto responsáveis pelo trabalho na própria terra, assumindo assim um caráter povoador. Após a colonização alemã no Rio Grande do Sul, cujo início remonta a 1824⁴⁰, o Governo Imperial esforçou-se em promover outras experiências de povoamento para ocupar definitivamente o território da referida província, facilitando a entrada de imigrantes principalmente italianos. Evitar o endividamento dos imigrantes e designar à sua família uma área conforme os seus recursos e força de trabalho foram algumas das preocupações do Império⁴¹.

As áreas a serem ocupadas do Sul eram as florestais, repudiadas pelos grandes latifúndios pecuaristas. Já os que se dirigiram para o Sudeste substituíram o braço escravo nas grandes fazendas de café. Nestas o isolamento foi atenuado pelo contato quase imediato com os brasileiros, mas nos estados sulinos, em função do isolamento geográfico, a aglutinação de pessoas de mesma origem ocasionou a formação de comunidades com características diferenciadas em relação a outros grupos e à própria sociedade nacional⁴². Entre os italianos e seus descendentes, os elementos culturais como o dialeto vênето, a origem comum, a culinária típica, os valores religiosos, a valorização do trabalho e da terra, entre outros, funcionaram como diferenciadores e conferiram singularidade ao grupo⁴³.

⁴⁰ Para incentivar o povoamento de origem alemã na região de São Leopoldo, o Governo concedeu até 77 hectares de terras, 1824 e 1830. Em 1851, a província substituiu a doação de terras pela compra e os lotes foram reduzidos para 48 hectares. In: MACHADO, Paulo Pinheiro. Op. cit. p. 20 e 25. Veja-se também: DE BONI, Luís A. *O sucesso apesar do caos: os presidentes da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul a respeito da colonização (1869 – 1889)*. In: DE BONI, Luís A. (org.) Op. cit. p. 91 – 125.

⁴¹ MACHADO, Paulo Pinheiro. Op. cit. p. 83. Segundo o autor, os lotes eram classificados como de primeira, segunda e terceira classes, com 60, 30 e 15 hectares respectivamente.

⁴² SEYFERTH, Giralda. Op. cit. p. 87.

⁴³ Ver: RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. *A construção da identidade na cultura da imigração italiana no Rio Grande do Sul*. In: **Imigração e fundações**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. p. 51 –57.

Das manifestações culturais acima citadas, enfatizou-se nesta pesquisa a valorização do trabalho e da terra. A pouca disponibilidade de um chão para plantar na pátria-mãe, agravada pela junção de pais, filhos, avós, tios, sobrinhos e primos num mesmo lote, que normalmente não passava de 3.000m², fez com que o italiano que veio para o Brasil se apegasse à terra, que “jamais significou um mero investimento financeiro, ela representava mais do que um local para trabalhar e viver; era o sinal de redenção econômica, de liberdade e de ascensão social⁴⁴”. Nesse sentido, não se tratou apenas de focar os aspectos econômicos e políticos da época que teriam gerado a necessidade de criar a pequena propriedade rural, mas sim a maior preocupação foi buscar o significado que esta tinha para o agricultor. A idéia de posse não se completava em si mesma, era fundamental aliá-la ao trabalho, pois para o imigrante, apenas quem produzia tinha direito à terra. Assim, ele sonhava com a propriedade e acreditava na importância de cultivá-la, pois a falta de terra era sinônimo de pouca vontade de trabalhar, motivo vergonhoso para toda a família.

Entre 1875 e 1920, os imigrantes provenientes da recém-unificada Itália que chegavam às colônias de Conde D’Eu, Dona Isabel e Campo dos Bugres, entre outras, eram predominantemente compostos por famílias católicas. Os idosos e solteiros não acompanhados de suas famílias raramente partiam sozinhos, e os que assim faziam esperavam aqui constituí-la. Além disso, dificilmente o imigrante tinha condições de assumir a compra de áreas extensas, e para manter a pequena propriedade era necessário o esforço de várias pessoas. Por isso, trabalhavam “sempre na roça. Somos em doze, sete

⁴⁴ DE BONI, Luís A, COSTA, Rovílio. **Far la Mérica**. Porto Alegre: RIOCELL, 1991. p. 116.

irmãos e cinco manas. De vivo tem quatro manos e três irmãs⁴⁵”. Na maioria das famílias, “trabalhava na lavoura, se plantava trigo, fumo, criava um pouco de suíno⁴⁶”.

A importância das famílias numerosas provinha da idéia de que “o filho representava um dom de Deus que sempre devia ser acolhido como algo sagrado⁴⁷”, e portanto o seu nascimento não poderia ser impedido. Na sociedade ocidental, para o papa “qualquer medida anticoncepcional – mesmo entre esposos – era tida como pecado mortal, sendo punida com maior rigor do que a sedução de uma virgem, o estupro, o incesto ou mesmo o sacrilégio. A finalidade do ato sexual era a reprodução e não o prazer⁴⁸”.

Como Sara, mulher do patriarca Abraão, fora abençoada por Deus na velhice quando finalmente Ele lhe dera um herdeiro⁴⁹, bendita e premiada era a mãe de muitos filhos. Por isso, “a família era grande, dez irmãos. Mais, dezesseis irmãos, com vivo e morto⁵⁰”. Em muitas casas o número de filhos só não era maior porque o asseio pessoal nem sempre era suficiente para impedir doenças e, além disso, a falta de médicos comprometia a sobrevivência. Constatou-se que dificilmente uma família numerosa não sofreu a perda de um ou mais filhos, dor essa que seria atenuada com o nascimento de outro bebê. Em certos núcleos a tristeza era tanta que geralmente este levava o nome do falecido, numa tentativa de vencer a morte e perpetuar a sua lembrança. De acordo com o senhor Evaristo Colpo, a sua família era composta por “quatro filhos homens e três moças. E dois faleceram, um com cinco anos, deu grupo, morreu afogado. Era o mais velho, por sinal

⁴⁵ SIMONI, Olímpio. Entrevista concedida a Karine Simoni. 24/06/2001. p. 01.

⁴⁶ DAL BOSCO, Ângelo. Entrevista concedida a Karine Simoni. 17/10/2001. p. 01.

⁴⁷ COSTA, Rovílio. *A família italiana da área agrícola do Rio Grande do Sul*. In: DE BONI, Luis A. (org.) Op. cit. p. 254.

⁴⁸ VINCENT, Gerard. *Uma história do segredo?* In: ARIÈS, Phillippe, DUBY, Georges. (orgs.) **História da vida privada – da Primeira Guerra aos nossos dias**. [trad. Denise Bottman]. São Paulo: Cia das Letras, 1992. p. 249.

⁴⁹ Gênesis, 21, 1 – 8.

⁵⁰ SORDI, Aurélio. Entrevista concedida a Karine Simoni. 13/02/2001. p. 01.

tinha o meu nome. Depois morreu o Luiz, e depois ainda outro, não lembro o nome, era bem novinho. Então nós era em sete, e três, dez. Essa era a família do meu pai⁵¹”.

Ao mesmo tempo em que a continuidade da família era mantida pelo nascimento dos filhos, assegurar a terra a estes era essencial para manter a cultura dos ancestrais. Analisando mais profundamente a relação entre propriedade e trabalho entre os italianos, Silvino Santin afirma:

O trabalho, para o imigrante italiano, não representava apenas uma ação produtiva, nem mesmo um valor econômico exclusivamente, ou uma condição da pessoa, mas, e acima de tudo, uma dimensão antropológica e cultural. Ser trabalhador não só implicava a idéia de quem trabalha, mas especialmente o modo de trabalhar. Ser trabalhador significava trabalhar com extrema dedicação, grande empenho e total convicção⁵².

Por muito tempo a idéia de que só o trabalho legitima a posse foi utilizada para justificar a colonização européia, especialmente a alemã e italiana. Os discursos realizados pelas entidades políticas e intelectuais do séc. XIX e XX apresentaram os imigrantes europeus como ideais para o desenvolvimento do Brasil, destacando características como a força, disciplina e sobretudo amor ao trabalho. Ainda hoje, nas famílias de ascendência italiana e alemã, bem como nas cidades e Estados que receberam uma influência significativa desses grupos e se tornaram pólos de referência econômica, é comum explicar o progresso e o desenvolvimento devido *ao esforço e à dedicação dos pioneiros*. Assim, o trabalho e a sua representação ocupam um espaço privilegiado entre os italianos e seus descendentes, como marca étnica de ascensão. Dessa forma, o trabalho é usado não apenas como uma fonte de riquezas ou uma condição essencial para a sobrevivência humana, mas

⁵¹ COLPO, Evaristo. Entrevista concedida a Karine Simoni. 17/10/2001. p. 01.

⁵² SANTIN, Silvino. *Dimensão social do trabalho e da propriedade do imigrante italiano na ex-colônia de Silveira Martins*. DE BONI, Luís A. (org.). **A presença Italiana no Brasil - Vol. II**. Porto Alegre: EST, Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. p. 457.

sim, como um elemento simbólico criado para justificar discursos e ações em detrimento de outras culturas, principalmente as de ascendência africana.

Os imigrantes italianos que vieram para o Brasil tinham consciência que era do solo que brotava o alimento e o sustento de toda a família, e já na Grécia Antiga a terra era “o segundo guarda-comidas⁵³”. Segundo a mitologia grega, Prosérpina foi raptada por Plutão, que a levou para o fundo da terra para fazê-la rainha. Ceres, sua mãe, buscou a interseção de Jove, mas não pôde ter a filha de volta. Fez-se então um acordo, no qual a jovem iria passar parte do tempo com Ceres e o restante com Plutão⁵⁴. Numa linguagem alegórica, Prosérpina simboliza a semente, que se enterrada, fica escondida no solo, ou seja, é levada pelo deus do mundo subterrâneo. Depois reaparece, isto é, é restituída à sua mãe.

O exemplo de Prosérpina demonstra que, “nas sociedades rurais, o trabalho é uma operação dupla que tem um aspecto técnico e um aspecto mágico e ritual⁵⁵”. No caso dos italianos e seus descendentes, percebe-se uma estreita relação entre a economia e a religião *campagnola*, isto é, derivada da campanha, do meio rural. A senhora Oliva Bicigo lembra que “quando o tempo fazia seca, se ia com procissão lá no rio, levava a cruz de Jesus. Lá rezava, dentro de uns dia chovia. Tu visse a fé que tinha uma vez. Não era fazer muita seca, porque a gente era com muita fé e daí qualquer coisa ia rezar. Tudo mundo junto, era criança, era nono, era nona, era tudo igual⁵⁶”. Da mesma forma, a senhora Maria Fiorese também lembra que “tocavam o sino de manhã, ao meio-dia e à noitinha. Então quando se ouvia o sino, todos tiravam o chapéu e rezavam uma Ave-Maria. Podia estar na roça, em casa, ao escutar a Ave Maria, fazia o sinal da cruz e rezava, a nona me ensinou fazer

⁵³ Referência com a qual Laertes, pai de Ulisses, se referiu à sua propriedade rural. In: HOMERO. **A Odisséia** (em forma de narrativa). 16ª ed. [Trad. Fernando de Araújo Gomes]. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. p. 46.

⁵⁴ BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**. [Trad. David Jardim Júnior]. 26ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 67 – 73.

⁵⁵ GODELIER, Maurice. **Antropologia: ciência das sociedades primitivas?** Lisboa: Ed. 70, 1971. p. 170.

⁵⁶ BICIGO, Oliva. Entrevista concedida a Karine Simoni. 14.05.2002. p. 06.

assim⁵⁷”. Na sua família e comunidade era preciso seguir com muita fé esse ritual, que juntamente com o princípio bíblico de *ganhar o pão com o suor do rosto*, ajudava a obter a proteção divina e o sucesso na plantação. Cultivar a terra implicava em promover um culto, ou seja, revesti-la de sacralidade.

Na tentativa de delimitar o processo de colonização do Brasil, Alfredo Bosi utilizou o mundo das palavras – *colo, cultus, cultura* – para explicar a relação entre terra, ocupação e trabalho. Segundo o autor, *colo* é o presente e “significou, na língua de Roma, *eu moro, eu ocupo a terra* e, por extensão, *eu trabalho, eu cultivo o campo*⁵⁸”. De *colo* deriva *colonia*, “espaço que se está ocupando, terra ou povo que se pode sujeitar e trabalhar⁵⁹”. Conseqüentemente, *colonus* é aquele que “cultiva uma propriedade rural [...]; o habitante de colônia⁶⁰”. Como a grande maioria dos migrantes “no Rio Grande era agricultor também, morava pertinho de Guaporé, meu pai trabalhava na roça. Eu era pequeno, tinha seis anos. E viemos aqui, fomos na roça de novo, cortar mato e fazer roça, criar porco, plantar trigo e milho⁶¹”, as experiências se assemelham e os entrevistados se vêem como moradores da colônia, ou seja, colonos.

Cultus, por sua vez, é o “cultivar através dos séculos, mas principalmente a qualidade resultante desse trabalho e já incorporada à terra que se lavrou⁶²”, ou seja, é o passado do solo cultivado, a memória do trabalho acumulado. O trato da terra passa à memória dos mortos como “forma primeira de religião como lembrança, chamamento ou

⁵⁷ “A campana suonea tré volte al dí. A matina, mesdí e de note. Lora quando suonea a campana, tutti se cavea il capel e rezea uma Ave Maria. Te iéra a roça, te iéri a casa, quando que te sentia que sonea a Ave Maria, se fea o sinal da cruz, se rezava, a nona me gá insenhá cossita” In: FIORESE, Maria. Entrevista concedida a Karine Simoni. 28.01.2000. p. 13.

⁵⁸ BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2000. p. 11.

⁵⁹ Idem, ibidem.

⁶⁰ Idem, ibidem.

⁶¹ PELIZZA, Euclides. Entrevista concedida a Karine Simoni. 25/01/2001. p. 01.

⁶² BOSI, Alfredo. Op. cit. p. 13.

esconjuro dos que já partiram⁶³”, adquirindo assim um caráter de sacralidade. Ainda nas sociedades pré-históricas, a terra era associada à maternidade e representada como uma mulher de cujo ventre brota a vida. Dessa forma, o ser humano estaria ligado ao solo de duas maneiras: a primeira por este abrigar a semente que o alimentaria em vida, e a segunda porque o acolheria quando morto. Assim, enquanto *colo* é cultivo, *cultus* é a memória do cultivado e dos mortos. Vejamos:

A colonização é um projeto totalizante cujas forças motrizes poderão sempre buscar-se no nível do colo, ocupar um novo chão, explorar os seus bens, submeter os seus naturais. Mas os agentes desse processo não são apenas suportes físicos de operações econômicas; são crentes que trouxeram nas arcas da memória e da linguagem aqueles mortos que não devem morrer. Mortos bifrontes, é bem verdade: servem de aguilhão ou de escudo nas lutas ferozes do cotidiano, mas podem intervir no teatro dos crimes com vozes doridas de censura e remorso⁶⁴.

É o membro mais antigo da família que tem a função de manter os valores e a memória desta. Servindo como conselheiro em vida, é também referência após a morte.

Por fim, *culturus* é “o que se vai trabalhar, o que se quer cultivar⁶⁵”, ou seja, um projeto situado num tempo que está por vir; “consciência grupal operosa e operante que desentranha da vida presente os planos para o futuro⁶⁶”.

Seguindo o pensamento de Alfredo Bosi, pode-se inferir que ocupar, morar e trabalhar a terra foi talvez o maior objetivo dos imigrantes italianos no Brasil. Da mesma forma, o culto à terra e o respeito à memória dos mortos parece ter deixado profundas influências na vida dos descendentes desses italianos, de maneira que “com dezessete anos viemos pra cá à procura de terra mais boa pra fazer roça, pra poder se colocar. Lá se

⁶³ BOSI, Alfredo. Op. cit. p. 13.

⁶⁴ Idem, p. 15.

⁶⁵ Idem, p. 16.

⁶⁶ Idem, ibidem.

trabalhava na roça também, a família era grande, dez irmãos⁶⁷”. “Tinha duas colônia e meia, três, de terra. E todo mundo na roça, fazia hoje pra comer amanhã⁶⁸”, o que certamente não era suficiente para garantir o futuro. Para facilitar a venda aos imigrantes italianos, o Governo da Província do Rio Grande do Sul havia dividido as terras em pequenos lotes, que poderiam ser pagos em longo prazo. Porém, a dificuldade maior surgiu no momento de assegurar a todos os herdeiros a condição de pequeno proprietário.



A migração para o Oeste de Santa Catarina foi uma das saídas encontradas para a falta de terras entre as famílias numerosas do Rio Grande do Sul. (Família Dal Ponte – acervo Ari Simoni)

A sucessiva procura por novos lugares, nos quais o título de propriedade seria possível, indica a importância da posse da terra, ligada ao trabalho, à honra e ao sucesso. Daí também a preocupação em assegurar esse capital aos filhos, mantendo assim a memória dos antepassados.

⁶⁷ TREVISAN, João. Entrevista concedida a Karine Simoni. 09/02/2001. p. 01.

⁶⁸ SANTINON, Abraminho. Entrevista concedida a Karine Simoni. 06/02/2001. p. 02.

Com efeito, as lembranças dos entrevistados acusam uma tentativa de perpetuar a propriedade da terra. A *família grande* indica que não havia lugar para todos no mesmo espaço, por isso era preciso buscar outras soluções, “ia na roça e fazia taipa nos poteiros, pros colonos⁶⁹”. A saída de um filho poderia ser sentida até como um alívio, pois além do trabalho não ser mecanizado, a família grande impedia que a produção excedesse as necessidades básicas. O senhor Armindo Fasolo conta que “viemos pra Santa Catarina porque o falecido pai achava que as terras eram mais produtivas. Lá no Rio Grande o pai trabalhava com moinho e agricultura⁷⁰”. Da mesma forma, a senhora Amélia Fasolo relata por quê migrou logo após o seu casamento:

Eu casei, fui com eles, eles vieram aqui pra ter um futuro melhor, porque lá era família grande, não podia viver todo mundo naquela terra que eles tinham, era pouca terra. Fazem cinquenta e três anos em fevereiro [...]. Nós viemos aqui pra ver o lugar, conhecer como é que tava. Eu recém tinha casado, depois eu voltei, daí o nono subiu pra fazer a casa. Fizeram tudo à mão, desde o mato, tabuinha⁷¹.

Conforme o relato acima, para que uma família pudesse se estabelecer com sucesso no Oeste catarinense, o mais indicado seria conhecer a terra antes de se mudar definitivamente. Assim, o colono poderia escolher os instrumentos agrícolas e as sementes mais indicadas para o seu lote, além de preparar com antecedência a moradia e oferecer mais segurança à família.

Nas famílias que não tinham condições de presentear o filho recém-casado com uma colônia de terra, a solução era a permanência deste junto aos pais. “Lá nós trabalhava na roça, na colônia, trabalhei na roça até que casei. Depois de casada [...] não tinha mais gente que fazia comida, então fiquei quatro anos junto do falecido sogro. E depois viemos pra

⁶⁹ SORDI, Aurélio. Entrevista citada, p. 01.

⁷⁰ FASOLO, Armindo. Entrevista concedida a Karine Simoni. 31/01/2001. p. 01.

⁷¹ FASOLO, Amélia. Entrevista concedida a Karine Simoni. 30/01/2001. p. 01 - 02.

Santa Catarina⁷²”. Na família da senhora Norma Santinon, “quando casamos, completamos vinte e cinco na família, eu e a Assunta, casamos junto. Vinte e cinco na mesma casa⁷³”, como confirma e detalha o seu esposo Abraminho:

A família era grande, meu Deus do céu! O meu pai e o meu tio ficou sempre junto, casou e ficou sempre junto. O meu pai tinha nove filhos, o meu tio tinha oito, se criemos junto, o mais velho, nosso irmão, casou e nós tava junto, o tio casou os filhos e nós tava junto, se dividimos quando que casamos nós, que era quase os últimos. Nós se entendia, nunca brigamos entre nós irmãos, e nem entre primos⁷⁴.

Além do crescimento demográfico agravado com a nova família que se formava a cada união matrimonial, “a terra lá era bem mais fraca, uma terra com bastante pedra. Menos morro, mas mais pedra⁷⁵”, o que contribuía para reduzir as áreas disponíveis para a agricultura. O senhor Abraminho afirma ter trabalhado “sempre na roça, nas pirambeiras, [...] pedras o que tinha lá! A única coisa que nós fazia era na roça, porque outro meio não tinha⁷⁶”. Arriscar-se em outra atividade parece não ter sido a intenção dos colonos, que preferiram migrar para outras regiões, entre elas o Oeste de Santa Catarina e do Paraná, almejando a propriedade da terra. Atentemos para o relato do senhor Raul Caon:

Eu vim ainda criança, com quatro anos. Nem sabia por quê se mudaram, mas o falecido pai sempre dizia que ele pra cá porque queria deixar da escola, de dar aula, pra trabalhar na lavoura, como ele fez. Com mais dois anos podia ter se aposentado como professor e ele não quis. Podia ter transferido pra cá, dois anos de carência e ainda podia continuar, mas não aceitou. Da aula ele não quis mais saber, foi até convidado⁷⁷.

Nas falas de muitos entrevistados, o sonho de uma vida melhor não era compreendido fora do âmbito agrário. Dessa forma, a grande preocupação dos migrantes

⁷² COVATTI, Alma. Entrevista citada, p. 01.

⁷³ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 02.

⁷⁴ SANTINON, Abraminho. Entrevista citada, p. 01.

⁷⁵ CAON, Raul. Entrevista concedida a Karine Simoni. 05.02.2001. p. 01.

⁷⁶ SANTINON, Abraminho. Entrevista citada, p. 01.

⁷⁷ CAON, Raul. Entrevista citada, p. 01.

parece ter sido a de dar continuidade às práticas do antigo lugar enquanto espaço de produção, resumido assim pelo senhor Evaristo Colpo:

Lá no Rio Grande nós trabalhava na roça, também criava porco, galinha, se plantava fumo, plantava trigo, esses negócios da roça. Plantava mandioca, batata, feijão, trabalho da agricultura, vinho também, e naquela época a gente não comprava quase nada, comprava o sal, querosene e a roupa pra se vestir, o resto a gente produzia quase tudo. Todo mundo trabalhava⁷⁸.

O relato acima deixa transparecer uma esfera familiar unida, pois *todo mundo trabalhava* e a produção, quase independente, garantia a sobrevivência. A memória oferece várias possibilidades de compreensão e interpretação dos fatos e, com base no depoimento acima, pode-se afirmar que a falta de terras e a má qualidade do solo não foram os únicos e nem os mais importantes elementos que impulsionaram a migração. Além de possíveis problemas quando da divisão da herança, para muitos o sonho de ter o próprio chão para plantar era mais importante que permanecer na propriedade dos pais, mesmo se ali as formas de produção fossem economicamente viáveis. Apesar de bem estabelecido na casa do pai, o senhor Evaristo Colpo continua contando que preferiu migrar em busca do seu próprio pedaço de terra, talvez já pensando em garantir o futuro dos filhos que ainda estavam por nascer:

Vim pra Santa Catarina porque casei com Amália Balestro, professora. Ela veio pra pegar a escola de Linha das Palmeiras. Vai fazer cinqüenta anos que eu cheguei aqui, o dia oito de março. Ficamos cinco anos na sede, porque eu não tinha terra, não tinha casa, não tinha nada, nós casamos e viemos, com uma mão na frente e outra atrás. Começamos desde comprar a enxada pra carpir, foice, e fomos indo. Consegui comprar essa terra de lá cinco, seis anos. Depois comprei mais, só que vendi, os filhos quiseram estudar, conforme que ia estudar eu vendi. Só segurei uma colônia, tô ainda morando, nesse mesmo lugar⁷⁹.

⁷⁸ COLPO, Evaristo. Entrevista citada, p. 01.

⁷⁹ Idem, ibidem.

De acordo com o depoimento acima, a terra não era apenas um valor de uso, mas também de troca, pois oferecia garantia financeira para possíveis necessidades futuras, como o estudo dos filhos e o caso de alguma doença, como conta a senhora Rosa Ravadelli, que migrou porque “lá onde nós tava, nós tava bem, mas quando que aconteceu a doença do meu falecido marido, nós vendemos tudo o que nós tinha pra pagar o médico⁸⁰”.

O colono não era apenas especialista no trato da terra, mas também tinha outras habilidades, como o comércio. No período em questão, esse era um grande impulso para se obter a ascensão social. Apesar de em Santa Catarina a paisagem ser predominantemente composta por matas e roças, os colonos iriam precisar escoar seus produtos, o que tornava os investimentos comerciais nas pequenas vilas uma possibilidade de renda. Vejamos:

Aquele tempo o falecido nono Simoni deu uma terra cada um. Mas depois nós começamos a trabalhar na roça e eu comecei a ficar doente, tinha úlcera, não podia trabalhar na roça. Viemos aqui em Nova Erechim pra trabalhar no comércio. Eu tinha um caminhão, uma alfaiataria, hotel, tudo o que faltava, porque não tinha nada, nós entramos aqui era só mato. E nós tinha colocado hotel, loja, alfaiataria, venda de máquina de costura, bicicleta, miudezas de bodega⁸¹.

Tomada a decisão de migrar, dava-se início a procura por um local para estabelecer a família e as instalações rurais, como a estrebaria, o paiol, o chiqueiro e o galinheiro. Assim, muitos colonos deixavam a mulher e os filhos para migrarem “quatro, cinco mês antes, já tinha acertado com o dono da terra. Compremos, tinha semeado o trigo⁸²”. Da mesma forma, o senhor João Trevisan veio “um ano antes da mudança porque vim fazer roça. Já tinha a terra comprada, vim pra trabalhar⁸³”, de forma que após o primeiro plantio, voltavam para o Rio Grande do Sul para buscar a família. Isso demonstra uma grande

⁸⁰ RAVADELLI, Rosa. Entrevista concedida a Karine Simoni. 21/07/1999. p. 01.

⁸¹ SIMONI, Olímpio. Entrevista citada, p. 03.

⁸² SANTINON, Abraminho. Entrevista citada, p. 03.

⁸³ TREVISAN, João. Entrevista citada, p. 01.

preocupação não apenas com a terra, mas com a sobrevivência das pessoas mais próximas. Por outro lado, nem todos tiveram a sorte de chegar e encontrar a terra mostrando os primeiros brotos. Emocionada, a senhora Aurélia Zanandréa conta que “era puro mato [...]. Nossa mudança cabia num burro, duas cestas. O José com dois meses e nós no meio do mato, começamos tudo de novo. A casa era atrás de um toco, ficamos quase um ano sem cozinha⁸⁴”. Vejamos também o relato do senhor Euclides Pelizza:

Aqui era puro mato, Xavantina tinha meia dúzia de casas, umas bodega. Nós fomos morar fora, um quilômetro no interior, nos morros. Daqui até lá era a pé, no meio do mato. Não tinha estrada, tinha um trilho por baixo das taquaras, e a gente tinha que carregar tudo nas costas até lá. Viemos de Guaporé de ônibus, levamos sete dias pra vim até Seara. De Seara pra cá viemos de carroça, e daqui até lá fomos a pé, carregamos a mudança nas costas, num trilho, por baixo das taquaras, no meio do mato⁸⁵.

Nota-se que a família do senhor Euclides viajou de ônibus grande parte do trajeto, ao contrário dos migrantes que num período anterior atravessaram o Rio Grande do Sul de carroça. Tais lembranças podem ser facilmente encontradas na memória de outros migrantes. A senhora Santa Sordi recorda que “a viagem fizemos comprida e torta. Dois, três sacos pela estrada⁸⁶”, sendo que “não tinha estradas bonitas, eram feias, chovia e era tudo estrada de chão, nenhuma com asfalto. Cinquenta e nove anos que eu estou aqui. Era cinco anos, nem, que eu era casado, e tinha um filho de quatro anos⁸⁷”. Em alguns trechos era preciso “fazer a estrada com o picão para poder passar. E os animais iam pra frente passo por passo, com a carroça. Então tinha que cortar as taquaras e ir pra frente assim, com a carreta de mulas⁸⁸”. Atentemos também para a experiência da senhora Amélia Fasolo:

⁸⁴ ZANANDRÉA, Aurélia. Entrevista concedida a Karine Simoni. 29/07/2000. p. 01.

⁸⁵ PELIZZA, Euclides. Entrevista citada, p. 01.

⁸⁶ SORDI, Santa. Entrevista concedida a Karine Simoni. 13/02/2002. p. 03.

⁸⁷ SORDI, Aurélio. Entrevista citada, p. 02.

⁸⁸ “Toquea passar col pico, cossita. E le béstie ndea passo par passo, co a carreta. Alora toquea tair le taquare e vánti cossita, co la carreta de mule”. In: ZANANDREA, Gentile. Entrevista concedida a Karine Simoni. 07/01/2000. p. 02.

Demoramos dois dias, porque saímos de lá até Sananduva, daí começou a chuva, tocou ficar até no outro dia. Choveu, fizemos comida dentro de um galpão, tava terminando, ainda bem que apareceu o sol, então viemos. E nós embaixo da lona, em cima da mudança. Quando chegamos aqui tava descendo o sol, às cinco horas da tarde. Mas descer aquele morro ali, quanto medo. E nós dizia: ‘olha lá embaixo, é Xavantina’, Anita Garibaldi aquela vez. Meu Deus, quanto medo pra descer aquele morro. A estrada estreita, o caminhão grande⁸⁹.



No início de 1940, Anita Garibaldi era uma vila em formação, ainda isolada em meio à mata. (Acervo: Museu Municipal de Xavantina)

Após chegarem à pequena vila de Anita Garibaldi⁹⁰, muitas famílias ainda tinham que seguir viagem até a sua colônia. O senhor Santin Covatti veio com a família “de ônibus até Seara; de Seara carregamos no caminhão e depois na carroça. Era triste, [...] viemos em quatro: eu, ela e dois filhos, o mais velho de três anos⁹¹”. A carroça acabava sendo o único meio de transporte porque “o ônibus não vinha até aqui, não se conhecia nem carro. Onde

⁸⁹ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 02.

⁹⁰ Foi o primeiro nome de Xavantina. Segundo os entrevistados, foi necessário trocar o nome *Anita Garibaldi* porque essa denominação já existia em outro município de Santa Catarina. A escolha por *Xavantina* foi dada por um comerciante local que possuía terras em Nova Xavantina, no Estado de Mato Grosso.

⁹¹ COVATTI, Santin. Entrevista citada, p. 01 – 02.

morava nós ninguém tinha, levava os porcos com a carroça. Depois conheci um pouco aqui em Santa Catarina, senão não se sabia nada, pensa!⁹²”. As dificuldades eram muitas, mas:

Resolvemos vim pra Santa Catarina pra um futuro melhor. Casamos dia 11 de agosto e dia 7 de setembro chegamos aqui. De Antônio Prado demoramos três dias, dormimos fora duas noites. Estrada estreita, chuva, chuva de pedra, não quero nem lembrar. Quando chegamos em Getúlio Vargas, tivemos que parar. Comida não tinha mais, dinheiro pra ir comer nós não tinha. E voltar, ir aonde?[...] Viemos só a nossa família, em sete, oito com a falecida nona. E quando chegamos aqui, nem a casa, uma casinha de seis por seis, e o morador ainda dentro. Compramos dele, aqui onde nós estamos, descarregamos a mudança lá no tio Tóni Fasolo, ficamos oito dias lá. E eu e o nono viemos aqui, levamos o colchão de palha, viemos aqui e se colocamos, me deram o paiol e eu e o nono ficamos aqui e o resto lá. Vinha a comida de lá do tio Tóni pra nós viver⁹³.

A boa qualidade do solo – diferente dos terrenos acidentados e pedregosos da Serra Gaúcha – e a fartura de água que se afirmava existir em Santa Catarina impulsionavam a procura de terras nessa região “por todos conhecida devido à sua fertilidade e clima ameno⁹⁴”, na qual “as condições são excelentes; cada lote alcança um curso d’água⁹⁵”. Da mesma forma, a paisagem era “levemente desdobrada, coberta com mata densa e vigorosa, atravessada por inúmeros rios regatos⁹⁶”, chamando a atenção por ser ainda pouco modificada pela mão humana. As notícias desse lugar corriam pela Serra Gaúcha e as próprias famílias se encarregavam de fazer a propaganda. A senhora Alma Covatti conta que o seu cunhado “comprou um pedaço de terra, então viemos morar aqui⁹⁷”. Vejamos também o relato do senhor Honorato Boff:

⁹² COVATTI, Alma. Entrevista citada, p. 02.

⁹³ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 02.

⁹⁴ **Relatório da Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons e Cia.** Sede administrativa da Colônia Concórdia, município de Cruzeiro. Trad. Reinoldo Walter Voss. Original em alemão: Tipografia Gundlach. 1933. p. 03. A referida sociedade era responsável pela negociação das terras no município de Concórdia, que na época abrangia também o território no qual hoje se encontra o município de Xavantina.

⁹⁵ Idem, p. 06.

⁹⁶ Idem, p. 03.

⁹⁷ COVATTI, Alma. Entrevista citada, p. 05.

Meu pai decidiu vim pra Santa Catarina porque lá a terra era muito magra, sem mato. E depois os vizinhos de lá veio em bastante pra Santa Catarina, era puro mato, puxava também. 'Nós vamo também'. 'Ma não, querido, eu não vou'. 'Vamo, vamo, lá tem viado pra matar, bichinho de mato que é uma beleza'. 'Então vamos'⁹⁸.

Terra para plantar, matas para extrair madeira, principalmente “angico, cabriúva, cedro, canela preta, curticeira, canjerana e tarumã⁹⁹”, grande quantidade de animais, enfim, a imagem de uma natureza idílica e bucólica¹⁰⁰ se destaca na memória dos migrantes, como o local que esperavam encontrar. O encanto ainda parece existir, logo maculado pela lembrança da frustração ao afirmarem ter encontrado na nova terra muitas dificuldades.

O fenômeno migratório da ocupação das terras que compreendem a atual região Oeste fez parte do projeto que defendia a colonização da referida área. Nas primeiras décadas do século XX, a região possuía apenas tênues ligações com o restante do Estado. Para ocupar a área, interessado em assegurar a posse do território, promover o seu desenvolvimento e integração após a questão do Contestado¹⁰¹, o Governo optou pela escolha de contingentes de origem européia. Os indivíduos aptos para promover a exploração das terras foram favorecidos com as concessões.

⁹⁸ BOFF, Honorato. Entrevista concedida a Karine Simoni em 27/01/2001. p. 01.

⁹⁹ **Relatório da Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons e Cia.** Op. cit. p. 06.

¹⁰⁰ O termo foi usado por Virgílio para definir os poemas que compunham sua obra, escrita provavelmente entre 41 a 39 a.C. Após ter sofrido a expropriação da sua propriedade, o poeta contrapôs a pureza da natureza à perversidade e cobiça dos Homens. Os campos adquirem um aspecto místico-religioso e a natureza se revela de modo afetivo e maternal, que determinou o termo *bucolismo*. Ver: VIRGÍLIO. **Bucólicas**. [Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos]. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: UnB, 1982.

¹⁰¹ Contestado foi o nome dado à região disputada por Paraná e Santa Catarina situada entre os rios Negro, Iguaçu, Uruguai e a fronteira da Argentina. Nessa região desencadeou-se entre 1912 e 1916 o movimento conhecido como *Guerra do Contestado*, que opôs o Governo Federal e dos Estados de Paraná e Santa Catarina, e milhares de camponeses que haviam sido expulsos da área na qual estava sendo construída a estrada de ferro São Paulo - Rio Grande. Reunidos em torno de líderes a quem aclamavam santos, os camponeses fundaram vários redutos, ou *ciudades santas*, e combateram pelo direito à terra. Os problemas internos e o constante ataque das tropas oficiais aos redutos culminaram com o fim do movimento, que matou milhares de pessoas. Como exemplo conferir: VALENTINI, Delmir J. **Da Cidade Santa à Corte Celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado**. Florianópolis: Insular, 1998.

O movimento de caráter colonizador do Oeste se estruturou por intermédio de empresas colonizadoras particulares que recebiam autorização oficial para administrar as terras¹⁰². O sucesso da colonização dependia da boa propaganda para a venda dos lotes e a conseqüente obtenção de lucro; daí porque as colonizadoras não pouparam esforços para chamar a atenção dos colonos do Rio Grande do Sul, conforme manchete difundida pela Impresa Colonizzatrice Nardi, Rizzo, Simon & Cia:

*Colônia Rio Branco/ Município de Cruzeiro - Estado de Santa Catarina: Vende-se 1900 colônias de 250.000m², situadas no vale do Rio Uruguai, divisa com as terras já colonizadas pela Empresa Luce, Rosa. Florestas virgens, terras excelentes e sem intrusos. A Colônia Rio Branco é unida por duas estradas à estação de Barro e Paiol Grande. Já foi construída nesta colônia uma bela estrada que atravessa toda a zona passando pela sede de Nova Milano [atual Seara] e Anita Garibaldi [atual Xavantina]*¹⁰³.

A inexistência ou as péssimas condições das estradas, a ausência de escolas, hospitais e centros comerciais, eram *detalhes* desconsiderados pelos vendedores das terras. Pelo contrário, na colônia Concórdia afirmava-se que “uma extensa rede de estradas traspassa a colônia e a liga com a importante ferrovia São Paulo – Rio Grande, a qual representa a espinha dorsal agrícola do Sul do Brasil¹⁰⁴”, ocasionando grande movimentação e fazendo com que “alegres fisionomias encontram-se e o contentamento reflete-se em todas as localidades¹⁰⁵”. Ora, as entrevistas com as pessoas que vivenciaram o

¹⁰² As principais empresas colonizadoras da região foram a Cia. Territorial Brasil, em Palmitos, São Carlos e Ilha Redonda; Luce, Rosa e Cia. Ltda. (autora do primeiro projeto de colonização do território do Contestado) em Itá, Concórdia e Videira; Empresa Colonizadora Bertaso, em Chapecó; Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons e Cia Ltda., em Concórdia, e a Sociedade Territorial Sul Brasileira Hoher & Cia., em Joaçaba. In: SILVA, José W. **O Oeste catarinense: memórias de um pioneiro**. Florianópolis: Ed. do autor, 1987. p. 307.

¹⁰³ “Colonia Rio Branco/ Município di Cruzeiro – Stato di Santa Catarina: Vendousi 1900 colonie di 250.000 mq., sita nella valle del Rio Uruguay, confinanti com le terre già colonizzate dell’Impresa Luce, Rosa. Foreste vergini, terre eccellenti e senza intrusi. La Colonia Rio Branco é unita da due strade alle stazioni di Barro e Paiol Grande. È già pure stata costruita in detta colonia una bella stada che attraversa tutta la zona passando per le sedi di Nova Milano e Annita Garibaldi”. [Trad. Minha]. In: GIRON, Loraine, CORSETTI, Berenice. Op. cit, p. 497. Essa manchete foi extraída *do Almanacco Illustrato Del Giornale D’Italia*, de 1929.

¹⁰⁴ **Relatório da Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons e Cia.** Op. cit. p. 03.

¹⁰⁵ Idem, ibidem.

período em questão não condizem com tais imagens. Conforme Eunice Nodari, “a opção dos migrantes poderia ter sido por outra área, Estado ou ainda outro trabalho no Estado de origem, e que pesou sobremaneira na sua escolha, a propaganda feita pelas companhias colonizadoras, nas suas mais variadas formas, sobre as vantagens do Oeste de Santa Catarina¹⁰⁶”. É certo que a propaganda das companhias foi importante, mas grande parte do sucesso da colonização deu-se devido à comunicação entre os próprios colonos que migravam e depois procuravam influenciar seus parentes e amigos a fazerem o mesmo.

De acordo com os propagandistas, “paz e ordem dominam e o espírito do progresso anima a todos que vivem seu trabalho porque sabem que seu esforço e suor lhes trará fruto centuplicado¹⁰⁷”. As colonizadoras garantiam também a salubridade do clima, pois:

Diferente das regiões do Norte do Paraná e São Paulo, assim como o litoral de Santa Catarina, a malária aqui é totalmente desconhecida. Pelo contrário, nos últimos anos, diversos colonos do litoral de Santa Catarina localizaram-se aqui, os quais vieram de lá devido à incidência de malária e desde então se sentem fortes e sadios, sem que tivessem que se queixar sobre acessos da moléstia¹⁰⁸.

Atraídos pela propaganda, a partir de 1920, os colonos começaram a chegar na região *livre de intrusos*. Mas, a senhora Aurélia Zanandréa afirma que “tinha os jagunços. O falecido encontrou vários sacos de milho debulhados nos cestões, cobertos. Quando entramos na terra, eles se mandaram pro mato. Na sua terra recolhemos cestões de milho debulhados, panelas¹⁰⁹”. Da mesma forma, o senhor Ângelo Dal Bosco conta que “caboclo tinha bastante. De italiano tinha, algum polonês; tinha umas vinte e quatro famílias que

¹⁰⁶ NODARI, Eunice S. Op. cit. p. 68.

¹⁰⁷ **Relatório da Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons e Cia.** Op. cit. p. 03.

¹⁰⁸ Idem, p. 10.

¹⁰⁹ “Téra i jagunçi. Il falecido gá catá tanti saqui de milho debuiá nei cestoni, tutti coérti, cossita. Quando gavemo restá dentro, se gá tutti manda. Tutti que ndea tel mato. Lá sô terra guemo cata sù sto milho, i cestuni de milho descascados, panelas”. In: ZANANDRÉA, Aurélia. Entrevista citada, p. 02.

moravam ali, o resto era tudo caboclo, morava ali nos ranchos. Um tava bem, o José Riqueta, o resto tava tudo mal pegado¹¹⁰”.

Não possuindo o título de propriedade das terras, os caboclos, que provavelmente começaram a ingressar no referido território no séc. XIX, foram sendo expulsos pelas companhias de colonização e pelos próprios colonos de ascendência européia. Sem ter para onde ir, muitos acabavam trabalhando como peões nas terras que antes lhes pertenciam e acabavam por ficar *tudo mal pegado*, como conta a senhora Rosa Ravadelli: “tinha uns caboclinho que trabalhava, então a gente dava feijão pra eles fazer uma roça de mato. [...] Trabalhavam de peão, por dia. A gente não tinha dinheiro pra pagar, então dava um pouquinho de feijão, alguma coisa¹¹¹”. Segundo a entrevistada, “tinha os negrinho, mas era negro bom. Tinha as mulher deles, eram brasileira, mas boa gente¹¹²”. Apesar de serem *brasileiros*, ou seja, não serem *de origem*¹¹³, são lembrados como *boa gente* porque se submetiam às atividades da roça. A concepção da mulher italiana – caprichosa, trabalhadeira – opunha-se à da mulher brasileira – ociosa, desleixada. A qualidade do trabalho efetuado tornava-se um critério fundamental para definir a importância de quem o realizava. Nesse sentido, o valor do *brasileiro* era determinado na medida em que este aceitava e cumpria os preceitos da cultura de ascendência italiana.

Quando questionados sobre a presença de caboclos, os entrevistados facilmente os relacionam como inferiores, caracterizando-os principalmente pela pobreza, ocasionada

¹¹⁰ DAL BOSCO, Ângelo. Entrevista citada, p. 03.

¹¹¹ RAVADELLI, Rosa. Entrevista citada, p. 03.

¹¹² Idem, p. 03.

¹¹³ Arlene Renck usou o termo *de origem* para designar os colonos de descendência européia que se estabeleceram no Oeste de Santa Catarina. Segundo a autora, a designação foi feita pelos próprios migrantes como maneira de se diferenciarem dos *brasileiros* ou *de cor*, ou seja, os grupos de ascendência indígena ou cabocla que já existiam nesse território. Ver : RENK, Arlene. Op. cit. p. 10.

pela falta de vontade de trabalhar, e pelo comportamento arredoio, imoral e violento.

Vejamos o episódio narrado pelo senhor Olímpio Simoni, ocorrido por volta de 1945:

Lá onde fomos morar tinha jagunço, foram terminados lá naquele cantinho. Não sei de onde vieram, só sei que tinha aqueles jagunços. Quem descobriu a fuma foi o tal de José Riqueta, eles tavam escondidos, era gente foragida. Saíam do mato quando era pra fazer assalto, então saíam em turma e chegavam num povoadinho, naquele tempo era povoadinho pequeno, não pediam licença pra ninguém, entravam e mandavam os donos se encostar nos cantos e eles ajuntavam o que queriam. Eram gente braba! Tutti negri! E o José Riqueta descobriu onde eles tavam, porque mais ou menos o pessoal sabia que eles tavam lá, mas ninguém queria se botar, porque quem é que vai se botar no meio de uma turma daquelas? Então o José Riqueta, o Fioravante Massolini disse que dava uma colônia de terra se ele descobria. E ele, um dia que saiu os jagunços do mato, foi lá e começou conversar com eles e disse que gostava também de ser jagunço, e ir onde eles moravam. Daí ele foi, aceitaram ele como o chefe, levaram ele lá no mato. Ficou um tempinho lá, então quando faltava coisa, munição, ou outra coisa, ele saía no comércio pra pegar. Ele saía do mato, vinha fora e controlava com a autoridade, onde que tava, que era acampado. E um dia deixaram eles se desarmar, ficaram sem munição. Daí ele saiu do mato pra comprar munição, invés veio pra fora e entrou o exército. Entraram e terminaram com a negrada, mataram tudo, nem quiseram conversa, sabiam que eram bandidos. E escapou duas moças, porque elas não tavam em casa na hora. Não era só homens, tinha famílias. Quando elas voltaram, tavam massacrados, mas nem voltaram porque souberam antes de chegar em casa que tinha acontecido aquilo, foram não se sabe pra onde. E depois a gente ia lá onde que eles tavam e achava muitas coisas que tinham roubado. Por isso que chamavam de jagunço, não trabalhavam, só roubavam. Por isso que os velhos falavam que, se te mandavam fazer um serviço que tu não ia, 'parece um jagunço!'¹¹⁴.

O relato acima demonstra que nas comunidades de ascendência italiana do Brasil, a aptidão para o trabalho, a honestidade e o forte espírito religioso, entre outros, são elementos afirmados como típicos dessa cultura, que por sua vez não comporta modos de vida diferente. A própria ação da companhia colonizadora, através do seu encarregado Fioravante Massolini, que chegou a oferecer terra para quem descobrisse o paradeiro dos *jagunços*, preocupou-se em *limpar a área* para a chegada dos migrantes do Rio Grande do

¹¹⁴ SIMONI, Olímpio. Op. cit. p. 05 – 06.

Sul. Em todo o Oeste, o caboclo foi expulso de seus redutos e obrigado a se retirar para outros confins ou, como contou o senhor Olímpio, cruelmente eliminados. Infelizmente *terminaram com a negrada, mataram tudo*, o que impede o conhecimento da outra versão dos acontecimentos, já que os documentos disponíveis para estudar a participação dessa população na história do Oeste catarinense são praticamente inexistentes. Apenas os relatos de vida possibilitariam uma melhor compreensão das experiências de vida e do processo de exclusão do caboclo quando da chegada dos euro-descendentes¹¹⁵.

A historiografia da época também contribuiu para a difundir um futuro promissor para o Oeste catarinense, caso os governantes promovessem a chegada de grupos humanos que se empenhassem em “transformar o vazio, o deserto num Éden, numa nova Canaã, exigindo a cooperação da inteligência e do braço do homem disposto a trabalhar¹¹⁶”. Mais um exemplo que se desprezava os habitantes indígenas e caboclos da área.

As imagens da região Oeste como um local não povoado e rico em recursos naturais foram enfatizadas por ocasião da visita do Governador do Estado, Victor Konder, em 1929. A viagem, amplamente documentada, teve a denominação de *bandeira*, e não pretendeu *desbravar o sertão* para a conquista de terras, mas sim integrar as populações brasileiras, dentre as quais o grande número de caboclos e *kaingang*, que estavam em completo abandono. Na região de fronteira, as crianças brasileiras freqüentavam escolas argentinas, nas quais aprendiam a honrar não o Brasil, mas o país que lhes oferecia escola¹¹⁷.

¹¹⁵ Como exemplo ver RENK, Arlene. Op. cit.

¹¹⁶ BOITEUX, José Antônio. **Oeste Catharinense: de Florianópolis a Dionísio Cerqueira**. Florianópolis: Alberto Entres, 1931. p. 7 – 8.

¹¹⁷ NODARI, Eunice S. *Contatos formais e informais entre argentinos e habitantes do Oeste de Santa Catarina (1895 – 1954)*. In: **Anais do III Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999 (cd-room). p. 88 – 89.

A empresa colonizadora Rio Branco era responsável pela divisão e venda das terras em Anita Garibaldi e localidades próximas¹¹⁸. Segundo os entrevistados, “fizeram prestação boa. Nós compramos do Fioravante Massolini, me fizeram dois anos de prazo, foi longe. Não tinha juro, nem sabia o quê que era, nem fizeram papel¹¹⁹”. “Então veja como era a luta daquela época! Nós trabalhava de sol a sol pra poder fazer alguma coisa. E eu consegui, em quatro, cinco anos, comprar essa colônia de terra aqui¹²⁰”. Estas eram divididas em loteamentos que mediam cerca de 250.000m². Os interessados, em sua maioria pequenos agricultores, adquiriam a terra em prestações, já que muitos não dispunham de dinheiro para quitar a dívida à vista. Como pagamento aceitava-se gado e produtos cultivados, no valor de 1:500,000 réis¹²¹, ou ainda o corte de árvores e a abertura de estradas. De acordo com a empresa Mosele, Eberle, Ahrons e Cia,

Entre outras concessões, entregamos construções de estradas e pontes e outros trabalhos na nossa colônia, de preferência para esses; e só se esses não quiserem contratar tais serviços, os entregaremos a outras pessoas. Muitos colonos já puderam, dessa maneira, abater suas prestações com as terras compradas. Nossa administração também está constantemente empenhada em auxiliar os imigrantes em aconselhamento e práticas¹²².

No dizer de um migrante,

Não tinha máquina, a estrada era conservada tudo a braço. Quando Xavantina passou a município, nós fizemos os chamados “dias de estrada”: conforme quanta terra tu tinha, tinha tantos dias pra trabalhar na estrada, como um imposto. Chegamos a abrir as valetas, fazer a limpeza da estrada tudo à mão. Pegava a cariola (carrinho-de-mão), onde tinha os buraco, cavocar cascalhos no barranco e levar lá. Isso depois que era município, então faça a conta antes, máquina não tinha¹²³.

¹¹⁸ O responsável pela Companhia, Fioravante Massolini, recebeu-me em 06/01/2000, na cidade de Concórdia, SC. Em virtude da sua enfermidade, preferiu não registrar a conversa em áudio. É lembrado pelos entrevistados como uma pessoa honesta e leal, vindo a falecer pouco tempo depois, aos 91 anos de idade.

¹¹⁹ BOFF, Honorato. Entrevista citada, p. 04.

¹²⁰ COLPO, Evaristo. Entrevista citada, p. 05.

¹²¹ Dados recolhidos no Cartório de Registros de Imóveis Primeiro Ofício, da cidade de Concórdia/SC. Levantamento feito nos livros de número 214 a 244, nos anos de 1935 a 1938.

¹²² **Relatório da Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons e Cia.** Op. cit. p.12 – 13.

¹²³ CAON, Raul. Entrevista citada, p. 09.

Conforme os entrevistados, trabalhar para o Governo também era uma forma de receber dinheiro. Outra solução era negociar o pagamento com o representante da companhia, conforme relata o senhor Ângelo Dal Bosco:

Eu a terra comprei do Fioravante Massolini. [...] Dei a entrada, depois mais uma parte lá no Massolini, em Concórdia. Quando vim morar pra cá completei o resto. Faltava uma prestação, vendi os porcos pra terminar de pagar. Eu vendi lá cinco alqueires de terra e comprei dez aqui, puro mato. Desmanchei uma casa que eu tinha lá e trouxe. Numa viagem vim com a madeira da casa, depois com a mudança. Fui morar com o meu cunhado, ficamos seis meses lá, duas famílias grande, piizadas, então não dava certo, vim morar num lugar bom, até que abri a estrada pra construir a casa. E tive que puxar a madeira com a carroça; a madeira mais comprida eu carregava em cima, mais alta, nas curvas ela passava por cima do barranco, senão enroscava. Se não dava pra passar a carroça porque ficava mais comprido, eu não conseguia fazer as curvas¹²⁴.

Assim como o colono procurava planejar a sua vinda, pagar a dívida também era uma grande preocupação, por isso evitava-se adquirir novos débitos, embora “a gente tinha crédito no banco. Não arriscamos porque nós era pobre, tinha medo de não conseguir pagar os juros. Então, a gente fazia só o que podia¹²⁵”. Esse *só o que podia* significava muito e os limites humanos eram vencidos a cada novo dia de trabalho. A senhora Maria Fiorese continua analisando a sua experiência:

A minha vida foi sofrida. Mas eu tinha aquela que sempre fui uma mulher de coragem, não me desanimo por pouco. Eu acho que a nossa salvação era aquela, porque eu passei alguma! Aquilo que fizeram esses braços aqui, o que eu passei! Tinha que ir na roça, ajudar cortar árvores, rachar toras pra fazer a estrebaria para as vacas, fazer as tabuinhas pra cobrir a casa, tudo a mão! Eu enfrentava a roça, arar fui poucas vezes, mas roçar, cortar mato, mais de uma vez!¹²⁶

¹²⁴ DAL BOSCO, Ângelo. Entrevista citada, p. 03.

¹²⁵ “Tel banco se gavea crédito, ma noantri se guemo mai ristchá fato parqué se iéra pobre, se guea paúra non esser mia boni a vencer de pagar il juro. Lora, te fei quei que te fei, solo”. In: FIORESE, Maria. Entrevista citada, p. 19.

¹²⁶ “Foi sofrida. Sol que mi gavea quela que mi son sempre stata una dona de coraio que por poco non me desanimo. Eu acho que a nossa salvação a iéra quela. Parché i gui nó passá! Quei que i gá fato quei braci quá, quei que mi go passá fora! Parque toquea ndar tea roça, iutargue taiar dô piante, spacar le tore par far la strevaria pai vaque, far le scándole par coiderse la casa, tutto a ma! Mi infrentea tea roça, ará son ndata poque volte, ma roçar, taiá dô mato, pi de uma volta!”. In: Idem, p. 04.

Os mais indecisos a migrar acabavam convencidos com a vinda de uma ou mais famílias conhecidas. Outros ainda emprestavam dinheiro para que os seus conterrâneos também mudassem, como na família Santinon: “compremos a terra aqui por sorte do meu cunhado, porque senão, que dinheiro?¹²⁷”. O senhor Aurélio Sordi também conta que “viemos aqui pra Santa Catarina porque a terra era boa, todos compravam pra cá, todas as famílias grandes vinham pra cá. Aqui quase é só de Guaporé e Serafina que moram, todos compravam e vinham pra cá com as famílias. Não tinha mais terra lá, oito, dez cada família¹²⁸”. Promover a vinda de pessoas de mesma origem étnica para ocupar a região foi uma das estratégias das companhias de colonização para garantir o sucesso da empresa.

Apesar de muitos colonos se preocuparem em conhecer e preparar o local antes de migrar definitivamente com a família, não raras vezes muitos partiam com vagas referências sobre o lugar para o qual se dirigiam. Isso indica que o sonho de ter uma propriedade era maior que o medo de arriscar. Vejamos o relato do senhor Evaristo Colpo:

As estradas, quando viemos de mudança, ele fazia as curvas pra descer lá de Xavantina, a carroceria raspava no barranco. Era estreitinha! Às vezes, o motorista se descuidou um pouquinho, rapava o barranco da estrada. [...] Nós não sabia onde nós vinha, tinha só o lugar indicado, mas nós não sabia. Distrito de Anita Garibaldi, e Linha das Palmeiras¹²⁹.

Vencidas as dificuldades da viagem, o colono deparava-se com um local bastante diferente daquilo que imaginava, como conta o senhor Ângelo Dal Bosco:

Vim pra cá casado, tinha trinta e dois anos. Lá no Rio Grande a vida era sofrida também, mas nem tanto porque já tinha escola, o primário. Aqui o comércio ficava longe dez quilômetros, lá também, só que tinha estrada, caminhão. Só que lá também, pra vim o caminhão tinha que ser estrada enxuta, senão não vinha, naquele tempo não tinha cascalho, nada, as estradas se arrumava a picareta, se fazia hora chover, atolava¹³⁰.

¹²⁷ SANTINON, Abraminho. Entrevista citada, p. 03.

¹²⁸ SORDI, Aurélio. Entrevista citada, p. 01.

¹²⁹ COLPO, Evaristo. Entrevista citada, p. 02 – 03.

¹³⁰ DAL BOSCO, Ângelo. Entrevista citada, p. 04.

A abundância de matas nativas, a boa qualidade do solo e a fartura de águas, acentuadas pelas empresas colonizadoras, fascinavam o migrante. O senhor Euclides Pelizza conta que a água “era boa, porque era puro mato. Podia tomar no meio do mato, era água limpa, fresca, boa. Hoje desmataram, e depois tem estradas, granjas, não dá mais pra beber água de sanga. Quando eu casei nós ia tomar banho aqui em baixo, era um cristal aquela água há quarenta ano atrás¹³¹”. Entretanto, ao apresentar apenas aspectos positivos das colônias, a propaganda escondia a falta de infra-estrutura como estradas, escolas, comércio e hospitais. Dessa forma, a utopia acabava se tornando um pesadelo que muitos não conseguiam suportar.

Naquele tempo a terra era meio fraca, então procurei uma terra mais forte, viemos pra cá. Aqui pra trabalhar na lavoura era melhor, só que o comércio era difícil, porque não tinha estrada, não tinha escola nos primeiros tempos. [...] Então pensei, ‘vou vender e volto lá pro Rio Grande’. Aqui era difícil, eu tinha pouca saúde pra trabalhar na lavoura. Médico, o mais perto era em Xanxerê, Seara.[...]Quando cheguei do Rio Grande, a vida foi meia sofrida. Não tinha estrada, então fiquei esperando pra ver se mandavam o trator da prefeitura pra abrir a estrada, não veio. E depois de um ano que estava ali, a madeira apodrecendo pra construir a casa na beira da estrada, não tinha estrada, abri a picareta¹³².

Os migrantes que podiam acabavam voltando para o Rio Grande do Sul, como é o caso do relato acima. Porém, muitos sentiam “vontade de voltar lá pro Rio Grande, mas voltar com quem? Não tinha com quem voltar¹³³”.

Apesar de as empresas colonizadoras afirmarem estarem empenhadas em “amparar, de todos os meios, seus compradores (distribuição de plantas de qualidade, providenciar animais de raça, etc.). É nosso princípio dar a mão a todos os nossos imigrantes, especialmente àqueles que, devido qualquer circunstância, se acham numa situação

¹³¹ PELIZZA, Euclides. Entrevista citada, p. 08.

¹³² DAL BOSCO, Ângelo. Entrevista citada, p. 01.

¹³³ RAVADELLI, Rosa. Entrevista citada, p. 09.

difícil¹³⁴”, as más condições impossibilitavam o comércio e o escoamento dos produtos cultivados, bem como o rápido socorro em caso de acidente ou doença, o que agravava mais a situação dos colonos. Vejamos:

Quando cheguei Linha das Palmeiras era tudo barraquinhas de madeira que hoje não tem mais nem paiol igual, porque quem faz um paiol faz quase uma casa. Era assim, a gente dependia de tudo a pé, só tinha um, dois caminhão em Xavantina, e dois, três carros pequenos. Um farmacêutico, que era um tal de Moraes, depois ele saiu. Pra ir pra Seara, quando tinha reunião em Concórdia, as professoras tinha que ir a cavalo. Saía às três da madrugada, tinha que chegar em Seara, deixava os cavalos lá. O dia pra receber tinha que ir lá em Seara, à cavalo [...]. E quando acontecia aqui alguma doença, não tinha carro pequeno pra trazer o doente. Só tinha o caminhão, e se não tinha chovido, porque senão caía fora da estrada, não tinha cascalho. Então era a base de cavalo, e quem não tinha nem estrada de carroça, se o doente não caminhava, em quatro, tinha aquela duas varas com as tábuas, botava o doente em cima. Quatro pessoas carregando o doente. E era aquela luta, a pé e tal, não tinha como¹³⁵.

Segundo a senhora Norma Santinon, “quando viemos aqui era puro mato. Tinha um parreral, lá embaixo um pedaço de roça, senão só mato, não tinha nada¹³⁶”. O senhor Aurélio também conta que “engordava algum porco e plantava trigo, feijão. Tinha umas famílias ali, cortava só um pedacinho cada um, senão puro mato¹³⁷”. Da mesma forma, o senhor Honorato Boff lembra que “aqui era puro mato e algum vizinho longe. Começamos fazer roça, cortar mato, derrubar todas as árvores a machado, às vezes serrote, e lascar a madeira pra fazer uma casinha, um paiolzinho, cerca. Nos primeiros anos plantava milho ou feijão. Gado e porco tinha, mas não muita coisa, uma vaca¹³⁸”. O entrevistado inclui também a sua família nessa tarefa. Contando apenas com o uso das próprias mãos para conduzir o arado e manejar a enxada, a pá, a foice, o serrote, o machado, o colono sabia

¹³⁴ **Relatório da Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons e Cia.** Op. cit, p. 12.

¹³⁵ COLPO, Evaristo. Entrevista citada, p. 02 - 03.

¹³⁶ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 09.

¹³⁷ SORDI, Aurélio. Entrevista citada, p. 02.

¹³⁸ BOFF, Honorato. Entrevista citada, p. 01.

que sem o empenho de todos não seria possível atingir resultados positivos no aproveitamento do solo. Por outro lado, a produção em maior quantidade era impedida pela ausência de um bom maquinário agrícola que pudesse facilitar o dia a dia na roça.

Além da falta de infraestrutura adequada, a boa colheita por vezes também era comprometida pelas enchentes, períodos de seca, excesso de calor ou de frio, ou ainda pelas invasões de formigas, lagartas e gafanhotos. Estes são lembrados pelos entrevistados como uma praga constante e imbatível, como conta a senhora Ortenila Trevisan:

No primeiro ano que eu vim vieram os gafanhotos e comeram todo o trigo, não deu pão, passamos um ano sem. O falecido pai morava em Alto Irani até derrubar o mato pra nós ir morar em Reduto. E no segundo ano que fomos morar em Reduto deu gafanhoto de novo, terminou com tudo de novo. Passamos quase três anos sem pão, não tinha farinha, pra ir comprar um pacote tinha que ir em Erechim. Se a gente tinha o trigo então moía no moinho de pedra. Quem colhia, comia, quem não colhia, não tinha. Não era um gafanhoto verde, era outro tipo, grande, chegavam a esconder o sol quando vinham. Se eles abaixavam, terminavam com tudo, não tinha o que fazer. De noite, de repente aparecia aquela nuvem, tampava a lua. Lá em Reduto o meu pai fez umas valas, iam tocando, quando enchia a vala de gafanhoto, cobriam de terra e socavam. No segundo ano que nós fomos em Reduto desovaram e nasceram, então foi seis meses de gafanhoto. E uma noite fomos fazer serão, tinha aquele farol de quatro paredes de vidro, eles vinham batendo. E o falecido pai disse: ‘eu acho que com o fogo vamos matar os gafanhotos’. Começou a fazer fogo de noite. Fez um fogo de uma montueira de rama, acho que tinha uns três sacos de gafanhoto, ele queimava as asas e o corpo ficava. Eles trabalharam pra eliminar aquilo, mas aí nasceram os pequeninhos, são mais danados ainda. A gente comia mais polenta, ou mandioca, coisas da roça, mas passamos três anos sem pão. Eles saíam de longe e vinham que nem temporal, às vezes passavam por cima, mas onde sentavam, ficavam três dias, devoravam tudo, depois levantava e ia. Onde desovava era o azar. Eu acho que nem vai conhecer isso mais por causa dos venenos¹³⁹.

O seu esposo João também conta que “onde nós morava em quarenta e oito vieram os gafanhotos de noite, tapavam até a lua e baixaram num vizinho que tinha uma colônia de terra, bastante coqueiros. Raparam tudo! De noite ele foi pra casa da roça, não tinha nada,

¹³⁹ TREVISAN, Ortenila. Entrevista concedida a Karine Simoni. 09/02/2002. p. 3 – 4.

de manhã ele foi, tava tudo rapado. Não tinha nada pra fazer, não tinha veneno¹⁴⁰”. Assim, os meios para eliminá-los eram escassos e, com uma boa dose de humor, o senhor Primo Bergamin relembra uma curiosa tentativa:

No tempo dos gafanhotos, o Pierino Simoni plantou meio saco de trigo, terra ruim de carpir, o trigo já alto. Os gafanhotos arrasaram! Ficou só o cabinho. Tinha o Olívio Segueto, vai com a gaita a cavalo, no meio do trigo, espantar os gafanhotos. ‘Estraga mais você que os gafanhotos, tu não precisa entrar ali pra andar de cavalo. Quando eles cansarem de comer, eles vêm pra fora!’ O trigo todo quebrado, e ele com a gaita inheque, inheque, inheque... em saltos, e ia! ‘Olha, Segueto, deixa lá!’ E acredita que ainda fizemos sabe quanto? Onze sacos de trigo. Ele perfilou e veio, com a chuva e com o sol¹⁴¹.

O trabalho e a dedicação à terra eram fundamentais, pois ela era a mãe da qual nascia o alimento. Para o colono, escolher as melhores sementes, observar a época de plantio e colheita, adubar e manter a limpeza do solo se constituíam em rituais essenciais para bons resultados na colheita. Do *cultus* ao solo dependia o sustento da família.

Tudo tinha início com a derrubada da mata. “Pra fazer a roça, cortava o mato, mas não vendia a madeira, queimava. Cortava que nem em agosto, setembro, depois amontoava e botava fogo pra queimar, pra limpar, senão não crescia¹⁴²”. Essa prática foi muito utilizada e era o principal meio de preparar o solo para receber a semente, o que contribuiu para reduzir de maneira drástica a vegetação nativa da região. Hoje, a mata está praticamente destruída, mas “naquele tempo tinha mato. Não muito, porque de cinquenta e seis anos já tinham desmatado muito. Mas ainda deu tempo de derrubar mato alguma vez. Eu cheguei a derrubar, mas pouco, só pra fazer a roça. Nós derrubava o mato, queimava,

¹⁴⁰ TREVISAN, João. Entrevista citada, p. 04.

¹⁴¹ “Quei tempo dei gafanhoti, i gá piantá medo saco de formento, terra brutte de sapar, formento alto. I gafanhoti... rasá! Só la soqueta que géra. Olívio Segueto vá via co a gaita a caval par formento, pará via i cavaleti. ‘Te strague de pí ti que i cavaleti, tu non sta a ndar rento par ndar a caval. Quando zê stufe de manhar, i vá fora!’ Formento tutto spacá, e lú co a gaita inheque, inheque... salti, ma ndea! ‘Ma vara, Segueto, assa lá!’ E ti credi mia que guemo fato ancora quanti? Undeze saco de formento, el gá perfia e venhesto sú entre a piová e il sol. E gá otanta de específico!’”. In: BERGAMIN, Primo. Op. cit. p. 07.

¹⁴² SORDI, Aurélio. Entrevista citada, p. 05.

plantava milho, depois no segundo passava a trigo¹⁴³”. Sobre a experiência como agricultor no Oeste catarinense, o senhor Honorato Boff conta que “começamos fazendo a roça, cortar mato. E depois derrubar todas as árvores a machado, serrote às vezes, e lascar a madeira pra fazer uma casinha, um paiolzinho, cerca, tudo assim. Nos primeiros anos plantava milho, ou feijão. Gado e porco tinha, mas não era muita coisa, pouco, uma vaca¹⁴⁴”.

A derrubada de *todas as árvores* sem dúvida comprometeu o desenvolvimento ecológico e deixou seqüelas irreparáveis no meio ambiente da região. Acostumados com grandes extensões de terras sem mata no Rio Grande do Sul, o colono que migrou para o Oeste catarinense talvez não imaginava que a depredação irracional da mata poderia trazer conseqüências drásticas para a região, como a morte dos rios e o esgotamento do solo.

O centro da pequena vila de Anita Garibaldi, cujas características podem ser encontradas em muitas outras, contava com “meia dúzia de casinhas, a rua principal ali, a igrejinha velha, não aquela antiga de madeira, uma mais antiga. Depois fizeram outra de baixo daquela, de madeira, e no fim saiu a de material, que está ali¹⁴⁵”. Além da igreja, “tinha dois comerciantes, o Possan e o Carlin; tinha o sapateiro que era o Natal Somensi. Acho que tinha uma bodega, ou duas¹⁴⁶”. Nas zonas rurais, “nunca tinha vizinhos naquela época. A distância do primeiro vizinho era de um quilômetro. E sempre foi assim. Estrada foi feita a muque, picão¹⁴⁷”.

¹⁴³ COVATTI, Santin. Entrevista citada, p. 02.

¹⁴⁴ BOFF, Honorato. Entrevista citada, p. 01.

¹⁴⁵ CAON, Raul. Entrevista citada, p. 02.

¹⁴⁶ FASOLO, Armindo. Entrevista citada, p. 02.

¹⁴⁷ TREVISAN, Ortenila. Entrevista citada, p. 02.



Com simplicidade e empenho de todos, a pequena comunidade de Anita Garibaldi preparava as bases para a construção da segunda capela. (Acervo: Museu Municipal de Xavantina)

Numa terra desconhecida, o barulho dos animais da mata, muitas vezes estranhos principalmente para as crianças, era assustador. “Tinha dois jacu, de noite eu tinha medo¹⁴⁸”. A senhora Ortenila Trevisan lembra que ouvia uma tigre “berrar perto. Nós ia na roça e ela berrava não muito longe, achava os rastro e tudo. Ela durou pouco tempo, diziam que era de passagem, mas dava medo, depois desapareceu. Porco de mato tinha mesmo, eles eram acampados naquele perau branco lá no mato, ali pra baixo de Reduto¹⁴⁹”.

Vejamos também a experiência da senhora Oliva Bicigo:

Tinha tigre e leão. E o pai ia fazer a casa lá em cima onde nós morava, e nós era criança, queria ir junto, sabe como que é criança. O pai tinha feito um rancho alto e botou uns barrotes em cima de umas folhas de taquara pra dormir, de noite se subia lá pra dormir, e a tigre que berrava, e o leão também lá em roda. E nós lá alto, eu me lembro. E o medo? Aquele ronco que tinha. O pai era acostumado no mato, e nós que era criança tinha medo. Mas se quer ficar lá, agüenta. Depois sumiu acho. E o pai fazia a polenta de noite e botava a panela de polenta fora, o leão ia lá e limpava, comia tudo, as cascas de polenta. De manhã tava limpa¹⁵⁰.

¹⁴⁸ SORDI, Santa. Entrevista citada, p. 03.

¹⁴⁹ TREVISAN, Entrevista citada, p. 03.

¹⁵⁰ BICIGO, Oliva. Entrevista citada, p. 04.

Para se proteger do possível ataque dos animais na moradia provisória, a família da senhora Gentile Zanandréa “não tinha cachorros, e os bichos vinham rondar a casa de noite. Então tinha que fazer fogo pra espantar a tigre. Não era sempre que ela berrava, mas se fazia fogo e ela tinha medo e escapava¹⁵¹”. Os porcos selvagens também costumavam trazer alguns transtornos para as famílias, como mostra o relato a seguir:

Eu vi porco de mato [...] quando eles vinham, rangia os dente na beira do mato, tinha o milho fresco, vinham em bando de vinte, trinta porco. A gente tinha que pular em cima das madeiras, meio alto porque nós nunca tivemos espingarda. Uma vez assustou minha tia, meu tio tava plantando milho e ela ficou em casa sozinha, uma casinha de madeira, foi feito uma com tábua rachada, não de serra, e o porrãozinho embaixo aberto. Tinha o mato pertinho da casa, e o milho querendo amadurecer. Veio uma tropa de porco de mato e foram debaixo da casa. Ela dentro da casa e eles embaixo, tinha o porão aberto. Ela ficou fechada até que o tio chegou em casa. Eles ficaram lá um pouco, depois foram embora. E uma vez vieram embaixo da nossa casa também, eles mataram o cachorro de noite. O porco de mato é brabo¹⁵².

O certo receio para com os animais da mata se dava não só porque nem todos os colonos dispunham de armas de fogo para se defender dos mesmos. Da mesma forma, a habitação não oferecia a segurança necessária, pois “era uma casa de tábua rachada, fresta de quatro dedos. Depois fizemos uma casa melhor¹⁵³”. Além do possível ataque de animais, a proteção da família e da casa era constantemente ameaçada pelas intempéries, como conta o senhora Raul Caon, lembrando da moradia do seu pai:

Era uma casa alta, com aquele sobrado, e não tinha a cozinha de cima. O sobrado sem forro, coberto primeiro a tabuinha, depois a tabuinha estragou, aí fomos botar telhas. E o medo, quando dava um vento, e se tira as telhas? Não tinha forro, não tinha nada, só a divisão dos quartos. As janelas, de madeira, e não tinha trinco nada, então tinha que pôr uma travessa pra ela não abrir. Quando dava um temporal, todo mundo pra baixo! Tinha dois quartos, e depois era uma metade, uma sala aberta¹⁵⁴.

¹⁵¹ ZANANDRÉA, Gentile. Entrevista citada, p. 09.

¹⁵² PELIZZA, Euclides. Entrevista citada, p. 09.

¹⁵³ COVATTI, Santin. Entrevista citada, p. 05.

¹⁵⁴ CAON, Raul. Entrevista citada, p. 02.

Num meio desprovido das comodidades da vida moderna, tudo estava para ser feito. A providência imediata a ser tomada foi a construção da moradia, local de encontro e refúgio para a família. “Tinha bastante mato, a casa fizeram tudo, desde a tábuia, tabuinha cortada, serrada, plainada, tudo à mão¹⁵⁵”. A abertura de estradas também foi outra grande preocupação, de forma que “se reunia a família, a vizinhança, boi, arado, fazia. Demorava, depende também a ladeira da terra pra fazer a estrada¹⁵⁶”. O acesso era arranjado “tudo a picareta, estradas feias. Não tinha máquina nenhuma, então os homens se reuniam numa comunidade e iam todos juntos abrir uma valeta, arrumar a passagem, fazer os bueiros para que não passasse a água no meio da estrada¹⁵⁷”. O senhor Ângelo Dal Bosco também divide a sua experiência conosco:

A primeira estrada que abri trabalhei acho que uns sessenta dias, fora o que os vizinhos me ajudaram [...] Abri a estrada, construí a casa na minha terra, dali a um ano fui morar lá. No ano seguinte, passou a município Xavantina, e nós ficamos no município de Seara. No primeiro ano deram um conselho, sair daqui pra ir a Xavantina, mas no segundo ano tinha que trabalhar lá, no meu município. Tinha que conservar a estrada, porque o comércio era aqui em Palmeiras, Xavantina, vinha sempre todo mundo fazer compras, e me tocou abrir outra, [...] Quando cheguei aqui tinha mato, as estradas não tinham cascalho. Era aquela judiaria, pra vim a cavalo, às vezes quase não dava pra vim. Se pegava de noite pra vim pra casa tinha que botar a mão na frente pra não enroscar em alguma taquara. Se chovia era brabo. Eu fiquei morando sete anos na minha terra, e veio dois jipes e uma picape na minha casa. Aquela picape pra sair tocou pegar e puxar ela, porque não tinha como. Vieram carregar os porcos, não tinha estrada¹⁵⁸.

Muito diferente era o que afirmavam as companhias de colonização, para as quais “todas as estradas na nossa região são consideradas autovias e são mantidas por zeladores

¹⁵⁵ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 02.

¹⁵⁶ TREVISAN, João. Entrevista citada, p. 02.

¹⁵⁷ “Tutto a picareta, strade brute, brute. No gavea maquina nessuna, lora tutti quanti uomani se reunia te una comunidade e ndea tutti insieme vérdere uma valeta, arrumar sú il passagio, far i bueri, que passasse mia l’áqua in medo a strada”. In: FIORESE, Maria. Entrevista citada, p. 03.

¹⁵⁸ DAL BOSCO, Ângelo. Entrevista citada, p. 01 - 02.

pagos pela Empresa¹⁵⁹”. Interessadas em vender as colônias, a visão passada pelas colonizadoras acabava se distanciando em muito da experiência dos migrantes. Segundo o senhor Olímpio Simoni,

Nós trabalhava na colônia, quando não tinha serviço, porque naqueles anos lá era pouco morador aqui. Quando entramos aqui, eram seis morador. Não tinha ninguém, nada, era só mato, começamos derrubando o mato. Pra ir a Chapecó naquele tempo precisava três dias de viagem, tudo na estrada de chão. Então nós tinha que sair daqui de Nova Erechim, ir a Pio X, Pinhalzinho, Saudade, São Carlos, Águas de Chapecó pra sair em Chapecó. E pra ir a Joaçaba, que eu puxava trigo pra Joaçaba de caminhão, naquele tempo precisava oito, nove dias de viagem, pra ir e voltar. Não é nem de acreditar, só aquele que sofreu. Estrada não tinha cascalhada, eu tinha um cabo de aço de 50 metros, quando atolava o caminhão, pegava aquele cabo de aço e passava no meio dos pneus atrás e enganchava no pneu atrás, botava num toco lá na frente. O caminhão patinava assim e arrancava, ia enrolando o pneu naquele cabo de aço e ia saindo. Se chovia, não era estrada, era picada. Sofremos os primeiros anos que compramos aqui¹⁶⁰.

Juntamente com a abertura de estradas, o cuidado com as roças era a principal atividade dos colonos. “Lá onde o pai comprou as terras, tinha só uma casinha de quatro por seis, o resto mato, potreirinho, e uma quarta de terra, só. Depois a família chegou e fizemos roça¹⁶¹”. Nesse espaço, “derrubava o mato, queimava, plantava milho. Milho, depois no segundo passava a trigo¹⁶²”.

Luís De Boni e Rovílio Costa, analisando a forma de trabalho nas colônias italianas do Rio Grande do Sul afirmam que, utilizando instrumentos manuais como o machado, o serrote e a foice, “o corte da mata, a roçada foi uma forma comum de preparação do cultivo da terra. Para um imigrante desprovido de maquinários e de instrumentos adequados, o

¹⁵⁹ **Relatório da Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons e Cia.** Op. cit. p. 09.

¹⁶⁰ SIMONI, Olímpio. Entrevista citada, p. 03.

¹⁶¹ TREVISAN, João. Entrevista citada, p. 01.

¹⁶² COVATTI, Santin. Entrevista citada, p. 02.

fogo era a solução para a primeira limpeza do terreno a ser cultivado¹⁶³”. Sendo assim, a derrubada das árvores era o primeiro passo para fazer a roça. Quando os galhos, troncos e folhas secavam, o fogo era ateado e após uma esperada chuva, podia-se plantar entre as cinzas, procedimento ainda hoje existente na região. Nas excelentes terras, “se plantava de tudo, porque era roça de mato, então tudo vinha bonito. Mas tinha que esperar, cada ano fazer um pouquinho a mais de roça. Era tudo mato, não era como agora, quer plantar um pedaço aqui, outro lá. Tinha que esperar, plantar um pouco por ano. Feijão, milho, nascia bonito que só vendo, não como hoje¹⁶⁴”. Talvez os entrevistados não tenham percebido que o fato de hoje as terras serem menos produtivas deve-se em grande parte ao mau uso da mesma, principalmente pelas queimadas constantes que destruíram gradativamente os nutrientes do solo.

Durante o processo de instalação da propriedade, a memória dos entrevistados acusa dificuldades que pareciam se multiplicar. Lembrando do início de sua vida em Santa Catarina, a senhora Ortenila Trevisan conta que:

Quando o meu pai veio, [...] botou moinho pra favorecer, ser mais perto. Ali nós passemos de tudo, tinha aquele riozinho, fez aquela rocinha pra lá do rio, serrou as tábuas a muque, fez a casa de tábuas enfiada, o coberto e tudo. E fomos morar dentro daquele barraco, pra depois serrar a madeira pra construir a casa. E daí começou chuva, aquele rio quando dá bastante chuva é violento, e o pai disse ‘eu vou cortar um angico pra passar’, porque nós tinha a mudança pra cá do rio. Nós tava lá só com feijão, sem sal. Quê passar rio, aonde! O rio passava um metro pra cima, uma correnteza. E chovia pra baixo daquele barranco, o falecido pai foi fora com a pá pra ver se trancava. Daí molhou colchão, toda aquela mudança que tava lá. O colchão era em cima de tábuas, não era nas camas. Três dias ficamos lá presos, comendo sem sal, se queria comer. E o sol não saía no meio daquele mato. Ainda que a falecida mãe ela pensava assim:

¹⁶³ DE BONI, Luís, COSTA, Rovílio. Op. cit. p. 130.

¹⁶⁴ “Se impiantava de tutto, porque era roça de mato, lora venhea tutto bel. Ma toquea aspetar, cada ano far sempre um toqueto de roça de pí. Era tutto mato, non gue géra come adesso, vul piantar um toco quá, nantero lá, non tinha. Era sol mato, toquea esperar, piantar um poço al ano. Fazui, mílio, venhea bel que só pra ver, no come adesso”. In: ZANANDRÉA, Gentile. Entrevista citada, p. 03.

*'ali pra frente dever ser cidade'. Puro mato! Mofou tudo, e foi indo, crescendo sempre daquele jeito. E levar a mudança nas costas, porque não tinha estrada, uns três quilômetros até lá embaixo, onde morava o pai. Mas precisa coragem também pra se botar fazer essas coisas!*¹⁶⁵.

O relato acima, como tantos outros, deixa transparecer um ambiente a ser construído e aperfeiçoado dia após dia. Assim como o personagem Nanetto Pipetta não encontrou aqui a América que ouvira na Itália, mas percebeu que era possível fazê-la com dedicação e esforço, muitas das frustrações dos migrantes no Oeste catarinense foram substituídas pela esperança de atingir os objetivos no novo local com muito trabalho e afeição.

O presente capítulo procurou mostrar que o desejo de encontrar uma terra que permitisse a melhoria da qualidade de vida, presente entre os imigrantes italianos que vieram para o Brasil a partir de 1875, manifestou-se também entre os seus descendentes que migraram do Rio Grande do Sul para o Oeste catarinense a partir da segunda década do século XX. Passando por dificuldades no solo gaúcho e influenciados pela propaganda que apontava o Oeste de Santa Catarina como uma região promissora, os colonos italianos partiram com a intenção de encontrar um espaço no qual pudessem acomodar a família e garantir o futuro dos filhos. As notícias que recebiam dos amigos e parentes que já haviam migrado estavam longe de mostrar apenas boas imagens do Oeste catarinense, como terra farta, matas, terrenos férteis e água abundante. Pelo contrário, teriam que enfrentar muitas dificuldades, a começar pela viagem, mas resolveram assumir os riscos e se empenharem com perseverança e apoio de toda a família. Certamente não foi o objetivo desse capítulo, tampouco dessa pesquisa, vangloriar o *herói desbravador e portador do progresso*, mas sim averiguar, nas entrelinhas da memória dos entrevistados, os problemas, os sonhos e as alegrias que permeavam o seu imaginário com relação ao Oeste catarinense.

¹⁶⁵ TREVISAN, Ortenila. Entrevista citada, p. 11.

Ao chegarem no local de destino, uma nova etapa teria início, com novas frustrações, mas também alegrias. O cotidiano de trabalho na propriedade rural, com suas múltiplas facetas, será o assunto do próximo capítulo, que buscou destacar não a imagem do *pioneiro forte e invencível*, mas sim a vida e a cultura dos personagens anônimos que ajudaram a fazer a história do Oeste de Santa Catarina.

CAPÍTULO II

O CAMINHO DA ROÇA

“Aqui tinha mais terra. Lá só tinha uma colônia, e era pouca. E afinal naqueles montes da Z’Anta era só morro, e aqui era tudo plano. Diziam: ‘vamos pra Santa Catarina, lá se encontra salames pendurados por tudo’. Não os encontramos; ao invés, quem os fez fomos nós, com o tempo¹”.

No centro de Xavantina, na entrada da praça Rio Branco que dá acesso à Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, existe o monumento de um homem carregando uma enxada. Construído pela administração municipal em 1988, os dizeres *“Monumento em homenagem ao agricultor – o trabalho perseverante do agricultor xavantinense engrandece nossa terra”* indicam o objetivo da sua existência. Devido ao acesso e visibilidade fáceis, a estátua tem a função de ser vista por quem passa pelo local e, na sua linguagem muda, parece estar ali para indicar à população a principal fonte de economia, além de lembrar a todos a origem do município. Numa observação mais detalhada os olhos podem captar até um movimento; um passo silencioso em direção ao caminho da roça, que foi pelo escultor congelado e hoje se constitui um símbolo do município, criado para se fazer uma leitura do mesmo.

Tomando outro exemplo, o brasão, visualiza-se o desenho de uma enxada representando um elemento abstrato: o trabalho. Circundando a enxada estão dois suínos rodeados por dois pés de milho. Muitas pessoas se identificam com estes símbolos e eles são citados com frequência, principalmente nos discursos políticos, nos quais o modelo de economia e “a persistência de seu povo e de seus governantes fizeram de Xavantina um

¹ “Quá i gá ciapá tanta terra de pì. E lá géra sol uma colonia, e era poca. E de romai in tel monte da Z’Anta que ghe dize, era sol rivá sú, e quá era tutto piano, dizea: ‘nedmo a Santa Catarina, que parea que si catea i salame picai via’. Non gavemo catá, invece i gá fati lúri i tempo”. In: ZANANDRÉA, Gentile. Entrevista citada, p. 05.

pólo econômico que hoje se constitui no *maior produtor de suínos per capita do Brasil*². Adjetivos como trabalho, hospitalidade e honestidade são facilmente relacionados aos italianos e seus descendentes, que representam a maioria na formação do município, como se estas características fossem naturais ou hereditárias. É muito comum os munícipes se dizerem de origem italiana e automaticamente acrescentarem *tutti buona gente*.

Conforme já explicado, não é a representação do migrante enquanto um *desbravador impetuoso e civilizador* que se pretende analisar aqui. Apoiada nas lembranças dos homens e mulheres entrevistadas, o objetivo deste capítulo é apresentar os colonos que migraram do Rio Grande do Sul para Santa Catarina sob a ótica do trabalho, de modo a buscar em aspectos do dia-a-dia da roça indícios do modo de vida e a cultura dos mesmos.

No primeiro capítulo afirmamos que a falta de terra constituía-se num sinônimo de preguiça e a da pouca aptidão para o trabalho. Ser um vagabundo – do latim *vagus* (errante, incerto, livre) e *mundi*, (mundo) – era um motivo de vergonha para a família, pois implicava em não estar preso à terra, ou seja, não possui-la. Por isso também a preocupação em ensinar aos filhos, ainda na infância, a gostar do trabalho e a valorizar a economia.

Hora de trabalhar, hora de brincar: imagens da infância

Segundo as pessoas entrevistadas, no dia-a-dia da roça – entenda-se aqui toda a propriedade rural ou colônia – era preciso superar várias dificuldades, como temperaturas altas ou muito frias, o trabalho manual, a falta de escoamento para comercializarem os produtos, entre outras. Ao recordarem essas experiências também as refizeram, pois o presente é construído por meio dos trabalhos da memória. De acordo com Ecléa Bosi,

² ESPECIAL – *Xavantina 35 anos de desenvolvimento*. In: **O Jornal**. Edição 1148. Concórdia, 29/01/1999. p. 09.

“lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho³”. Sendo assim, motivada pelas reflexões de Maurice Halbwachs, a autora explica que o passado em si não sobrevive e as lembranças são construídas pelos materiais que estão à nossa disposição no presente, uma vez que, “se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar⁴”.

Com efeito, os gestos das pessoas entrevistadas não demonstraram indiferença ao lembrarem o sofrimento vivido e recordado (portanto feito) no presente. Durante as gravações, as atitudes várias vezes denunciaram dor, saudade, tristeza. Ao relatarem as atividades que realizaram, enfatizaram que dia após dia, na chuva ou no sol, inverno ou verão, não só na idade adulta como também na infância, o sentido da existência era trabalhar pelo sustento da família e para se tornarem *peessoas de bem*. A dor provocada pelo excesso de atividades ou pelas condições climáticas não raras vezes fazia do trabalho um grande sofrimento, como relata a senhora Amélia Fasolo, lembrando da sua infância:

Nós montava no cavalo pra lavrar e semear trigo. Tinha que lavrar com os cavalos, e tocava sempre pra mim montar. Que raiva, porque eles entravam nos buracos dos tatus, eu caía, mas tinha que levantar e seguir. E quando era inverno, semear o trigo tudo com os cavalos também, frio, tinha que ir. Tinha menos roupa, não se tinha calçado. Eu deixei de ir na aula, então o falecido pai disse ‘mas por quê?’. Imagina, com o gelo alto, que vinha o gelo alto lá, e pé no chão. Eu disse ‘é muito frio andar naquele gelo’. Então ele me comprou um par de tamanco. Daí no tamanco botou os ferros que nem fosse o cavalo, porque tinha descida pra ir, senão era liso, caía. E num ano eu disse ‘olha, vocês podem fazer o que querem’ – eu tinha me machucado um dedo do pé no meio dos dois cavalos – ‘mas nem por dinheiro esse ano não vou montar nos cavalos pra arar’. Daí foi em Antônio Prado, lá no comércio dos Gorlin, pegaram um negrinho trinta dias pra lavrar a terra. Dali de trinta dias foi levar ele de volta, era um peão, um gurizinho. Mas eu que contente!⁵

³ BOSI, Eclea. Op. cit. p. 55.

⁴ Idem, p. 54.

⁵ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 07.

No relato acima, os tempos se entrelaçam: *eu caía, era inverno, eu tinha me machucado*, são exemplos de verbos que indicam ações ou estados do passado. Por outro lado, *o falecido pai disse, eu disse, podem fazer o que querem, esse ano não vou montar nos cavalos pra arar* são expressões usadas no tempo presente, isto é, indicam que a memória transporta até a infância essas pessoas cuja aparência denuncia a idade. Esse período é revivido e recriado ao ser recordado, por isso o tempo presente e o passado muitas vezes se confundem e interagem.

As palavras da senhora Amélia Fasolo trazem consigo várias imagens, e talvez a mais marcante da infância seja a do trabalho constante e cansativo ao lado dos adultos. Tudo tinha início na mais tenra idade, quando aos pequeninos eram designadas as primeiras responsabilidades domésticas, como colher frutas no pomar, buscar verduras e legumes na horta, cuidar dos irmãos menores, preparar os gravetos e a lenha para o fogo, varrer o chão e lavar a louça. Antes disso, praticamente cresciam em meio às roças, levados pelos pais ou responsáveis que não dispunham de alguém para cuidá-los. Assim, ao irem para a roça era comum deixarem “as crianças na caixinha*, sempre os levava atrás, porque tinha medo dos bichos⁶”. Esse cuidado demonstra a grande preocupação dos pais para com os filhos, principalmente quando bebês. É também o caso da senhora Rosa Ravadelli, que levava consigo o seu filho durante as lidas diárias e “botava ele sentado no chão com um guarda-chuva, ou embaixo duma árvore. Ia pra casa sozinha, o falecido trabalhava na estrada. Eu

* Essa não era uma caixa qualquer. Pelo contrário, para fazê-la era escolhida uma madeira de boa qualidade, sem rachaduras ou falhas. Bem pintada e mantida sempre limpa, se possível forrada com uma espécie de colchão de palha de milho seca, era enfeitada com pequenos cordões que serviam para o entretenimento dos bebês, que ali permaneciam até a idade aproximada de um ano. A caixa de madeira era usada principalmente na roça, para evitar a visita indesejada de algum animal, ou quando a mãe não dispunha de muito tempo para dedicar-se ao filho. Assim, enquanto trabalhava, a criança estava sobre sob seus olhares, dentro da caixinha.

⁶ “Quando que se ndea tea roça, i tozatéi in casseta, sempre portarli in drio, dentro, sempre de drio, parqué paúra dele béstie”. In: ZANANDRÉA, Gentile. Entrevista citada, p. 03.

levava uma cesta do pasto pras vacas de um lado e ele no outro. Botava ele em cima dum toco, era pequenininho, ele ficava quieto. Todos os dias fazia isso⁷”, como a senhora Maria Fiorese, que “levava junto aqueles que mamavam, dentro do cestão na roça, o dia todo. Eu tinha dezesseis filhos, sete, oito grandes, não brigavam, não me incomodavam. Os outros brincavam na terra, numa sombra; eu carpia o dia todo⁸”. Pode-se deduzir que, enquanto *pequenininho*, ou seja, bebê, a criança permanecia deitada e não causava grandes preocupações para a mãe, que tinha apenas o cuidado de protegê-lo do sol e dos animais peçonhentos como cobras, escorpiões, aranhas, formigas e mosquitos. Podemos imaginar entretanto que dificilmente a mesma criança teria a atitude de *ficar quieto* quando o avanço da idade permitisse a sua locomoção.

O espaço ocupado pela criança poderia não exceder os limites da casa, do pátio ou da roça, mas certamente se apresentava repleto de possibilidades. Descobrimo-se a si própria e ao mundo que a rodeava, a criança se entretia no local de trabalho dos pais. Apesar de simples, os brinquedos que a roça oferecia, como pequenas pedras, espigas de milho, a própria terra, entre muitos outros que apenas a criatividade permitia, serviam para a sua diversão enquanto os pais trabalhavam.

O senhor Primo Bergamin lembra que na roça seus filhos costumavam ficar “debaixo de uma sombra, derrubava as capoeiras, lá eles cresciam como os porquinhos. Comiam terra, comiam tudo, ficavam escuros como a terra, ainda mais meio molhado. Mas eram bonitos, lustros, um capricho! Depois pegava, leva pra casa, lava, dá comida, bota lá,

⁷ RAVADELLI, Rosa. Entrevista citada, p. 04.

⁸ “Mi me le portea in drio quei que mamavam, rento tel cestão tea roça. Insieme tutto el dí. Gue navea sédeza fiol, sete, oto grande, non brigavam, no me incomodea. E i altri brincavam tea terra, soto uma ombria. E mi sapea tutto el dí”. In: FIORESE, Maria. Entrevista citada, p. 05.

pronto, terminou⁹”, para no dia seguinte cumprir a mesma rotina. Sem dúvida, as crianças não dispunham de brinquedos caros, mas “os meninos se faziam um carrinho de serrote e as meninas com um sabugo de milho, botava um paninho, fazia a cabeça, os olhos e brincava assim. Não tinha brinquedo, nada de comprar. Tudo assim¹⁰”.

Conforme os entrevistados, no ambiente rural as crianças entravam em contato com o mundo do trabalho desde cedo, acompanhando os adultos nas tarefas diárias. “Os mais pequenos ajudavam os mais grandes [...] Tinha que ajudar em casa e na roça também¹¹”, afirma a senhora Oliva Bicigo. Uma das obrigações dos pequenos era “achar pasto, porque o serviço tinha que fazer. Pra brincar era pouco tempo¹²”. Muitas vezes essas atividades impediam as brincadeiras; os sonhos e as vontades pessoais também eram sacrificados em nome da sobrevivência da família, como relata a senhora Amélia Fasolo: “na minha família somos em dez irmãos, dois filhos homens e oito irmãs. Nós ia trabalhar na roça. Eu senti tanto porque queria ter estudado, mas nem o jardim eu fiz. Morreu o meu irmão, tinha que ficar pra ir na roça, ajudar os pais na roça¹³”. A senhora Oliva continua contando que:

Eu fui só cinco meses, depois não fui mais. Eu ia com uma pedra com uma moldura de madeira, e uma canetinha de pedra também que nem um lápis. E a gente escrevia lá, só que de noite tinha que apagar, no outro dia não sabia mais nada. [...] Não me deixaram mais ir, tinha um monte que tinha que ir daí não me deixou mais, fui só o começo, mas não aprendi nada aquele tempo. Depois as piizadas começaram a ir na aula, vinham pra casa de noite, eles sentavam na mesa fazer o tema, e eu lá, e assim aprendi a ler e a escrever. Escrevo qualquer coisa, só de olhar os filhos. Aquele tempo, se eles me deixavam ir, teria aprendido alguma coisa¹⁴.

⁹ “I piantava lá drio una sombria, derrubava i capoeri, lá vara, i venhea come i porqueti. Lá i manhava terra, manhava tutto, negri color terra, ainda mais meio moio. Ma iéra béi, lustrì, que parea un capricho! Ma dopo i ciapava, porta casa, lava, manha, meti lá, pronto, bel finio”. In: BERGAMIN, Primo. Entrevista citada, p. 08.

¹⁰ BICIGO, Oliva. Entrevista citada, p. 03.

¹¹ Idem, p. 02.

¹² FASOLO, Arrmindo. Entrevista citada, p. 02.

¹³ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 01.

¹⁴ BICIGO, Oliva. Entrevista citada, p. 08.

As palavras acima confirmam a idéia que, nas famílias dos imigrantes italianos que vieram para o Brasil no final do século XIX, o estudo não era tão importante quanto o trabalho, principalmente com relação às mulheres, porque “as moças não precisavam estudar, quando elas sabiam fazer comida e costurar, tava bom. Era o que se pensava da mulher naquela época¹⁵”. Assim,

Se alguma tivesse vontade e quisesse estudar, aqui no interior só se pensava assim, as moças não precisam estudar, porque elas casam. Quando sabem costurar e fazer comida chega. Cuidar da casa, cuidar dos filhos, pronto, ou professora. [...] O rapaz era mais fácil, aqueles que tinham condições. [...] Era caro e era difícil o estudo. A moça também não tinha, se ela pensasse e tivesse vontade de estudar, ao menos aqui no interior, na cidade claro que teve aquelas que se destacaram, mas não precisava estudar, podia costurar, cozinhar, que era isso que precisava¹⁶.

Para as jovens, o estudo superior era um sonho, ou uma realidade muito distante. Elas não precisavam do diploma, para alguém que iria se casar e morar na colônia, o importante era se preparar para desempenhar o papel de mulher do lar: cuidar da casa, ajudar o marido e educar os filhos. Para tanto, não era preciso saber francês, geografia ou matemática, bastava entender de cozinha, higiene e crianças.

Luís De Boni e Rovílio Costa afirmam que, nas colônias italianas, freqüentar a escola era necessário na medida que suprisse as exigências do trabalho. Nesse conceito de educação, o mais importante era aprender a ler, escrever e dominar as quatro operações matemáticas para melhor administrar os negócios. Como estes geralmente estavam a cargo dos homens, o índice de analfabetas ou semialfabetizadas era superior ao percentual masculino¹⁷. Como outras mulheres, a esposa do senhor Ângelo Dal Bosco:

¹⁵ CAON, Raul. Entrevista citada, p. 12.

¹⁶ Idem, p. 07.

¹⁷ DE BONI, Luís A., COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. 3ª ed. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1984. p. 146.

Mal sabia assinar o nome. Ela podia ter ido na aula, porque onde ela se criou tinha escola, mas o pai dela, esses anos os velhos eram diferentes, não deixava estudar. Era melhor que ficasse trabalhando, trabalhavam na lavoura e tinha mais uma turminha de piaçada, e ela não conseguiu estudar. Ela assinava o nome por prática, mas não que ela soubesse¹⁸.

De fato, não se admitia que o estudo impedisse o trabalho, sobretudo no tempo do plantio e da colheita, uma vez que a principal fonte de mão-de-obra para a agricultura provinha da própria família. Além disso, o estudo não se apresentava como uma maneira imediata de gerar renda. Por questões de sobrevivência, era preciso dedicar-se ao trabalho e em meio à mata não havia grandes estímulos culturais. Entretanto, afirmar o desinteresse pelo escolarização por parte dos imigrantes italianos é negar a possibilidade de outros fatores, não menos importantes, para que os estudos não fossem concluídos. As entrevistas fornecem outras possibilidades de compreensão. Segundo o senhor Aurélio Sordi, no Rio Grande do Sul “fui na escola um mês, pouco. Nem tinha, era distante. Depois a gente era muito grande, não aceitavam mais. Não tinha nem professores, tinha que ir a cavalo. E depois tinha que trabalhar¹⁹”, enquanto a sua mulher, a senhora Santa, afirma que “nunca vi a escola eu²⁰”. Já o senhor Raul, alfabetizado em Santa Catarina, conta que:

Comecei ir na aula com sete anos. [...] O que nós passava também era pé no chão, descalço. O primeiro dia que usei uma sandaliazinha foi o dia que fiz a Primeira Eucaristia. Era todo mundo de pé no chão. Eu ia na aula, quando ia de manhã, na segunda série, nove, dez anos, pé no chão. Então levava um pano pra quando passar o rio, se enxugar os pés pra não ficar tão gelado. Às vezes de meio-dia eu saía da sala de aula com os pés duro de frio. Ir na roça, pé no chão²¹.

¹⁸ DAL BOSCO, Ângelo. Entrevista citada, p. 07.

¹⁹ “Son ndato a scuola um mese. Pouco, non gavea nhanca, era distante. Dopo noantri era massa grandi, no aceitava. Era nhanca professori, toquea nadar a caval, era tutto distante. E dopo toquea laorar” In: SORDI, Aurélio. Entrevista citada, p. 04.

²⁰ “Mai visto a scola mi”. In: SORDI, Santa. Entrevista citada, p. 04.

²¹ CAON, Raul. Entrevista citada, p. 12.

Uma das grandes dificuldades apontadas pelos entrevistados era a falta de professores. A ausência de um sistema escolar organizado que suprisse as necessidades dos colonos os obrigaram a tomar outras iniciativas, conforme o relato do senhor Ângelo Dal Bosco:

Eu fui até a segunda série, aqueles anos era uma professora que veio em procura pra lecionar. Lá não tinha, só na cidade, longe dez quilômetros de onde morava o meu pai. Então um que outro ia, e os mais velhos iam aprender com uma mulher que era agricultora. Os pais pagavam ela pra ensinar um pouco. Depois ela não quis mais, tinha a família pra cuidar. Depois veio aquela moça à procura de um lugar pra lecionar; os pais se reuniram e contrataram ela, lecionou um tempinho, mas sabia quase menos que os alunos. Não deu certo, foi embora. Depois de algum tempo conseguiram através da prefeitura contratar uma professora que tinha lá a quinta, sexta série, ensinava bem. Os dois irmãos mais novos que eu foram com ela, diziam que era uma professora boa, mas se fosse hoje não serviria. Aprenderam um pouco e eu fui estudando junto em casa. Onde eu não conhecia uma letra eles me ensinavam²².

Na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul a alfabetização dos colonos também era feita em locais isolados, por um indivíduo mais instruído ou que tivesse alguma experiência escolar na Itália. Lembrando da sua vida no Rio Grande do Sul, a senhora Maria Fiorese conta alguns detalhes sobre a experiência escolar que teve:

Ia na escola com a cesta, duas, três laranjas dentro pra merenda, e uma tabuinha com a pena. E então ali tu escreve, o meu professor foi o Dante Caon, e a primeira professora foi a Frida Nazoe, aquela me bateu porque eu não sabia responder o 'efe'. E pé no chão, só com um casaquinho, e não se tinha frio, quanto mais roupa pior. Era uma escolinha velha, não com os bancos como agora, eram bancos compridos, e então em cima botava o caderno, os livros, assim²³.

Vejamos também o que o senhor Evaristo Colpo tem a nos dizer:

²² DAL BOSCO, Ângelo. Entrevista citada, p. 07.

²³ “Se ndea tea scuola co a sporta, due, tre laranse dentro par merenda, e na tabeleta côn lá pena, gue dizea. E lora lá te scrivi, me professor lé sta Dante Caon, e a prima professora é stata lá dona Frida Nazoe, quela me gá dato. Me gá dato parché non saveia rispondere il efe. E pie par terra, côn casaquetin, e non se gávea fredo, quanto mais roupa pior. E iéra una scuoleta vécia, ma no co i banqui come adesso, iéraa banqui tutti longui, e lora in cima se metea il caderno, i libri, lá cossita”. In: FIORESE, Maria. Entrevista citada, p. 15.

Não é que faltava escola, faltava professor. Eu terminei o primário aqui em Santa Catarina, com quarenta anos de idade. A Amália começou a lecionar à noite, pro MOBREAL, e depois veio o supletivo. Em vez de ficar em bar, ia junto, aí terminei o primário. Eu tinha dado a saída dois anos lá no Rio Grande, nós saía com o frio, com um chinelinho de couro, uma roupinha que naquela época dizia de brim, tremendo de frio, e medo de apanhar da professora. Tinha que tremia, e nós já era grandinho; eu obedecia, a gente se comportava. [...] E isso foi a luta lá no Rio Grande. E tudo morro acima pra chegar na escola²⁴.

Se em algumas famílias a educação institucionalizada não parecia importante, percebe-se que muitos colonos ansiavam por uma escola, principalmente para os filhos homens, como uma saída contra a não valorização do seu trabalho. Vejamos o que nos tem a dizer o senhor Ângelo Dal Bosco:

Quando fizeram a escola onde eu morava, em Linha Santa Terezinha, ensinou um ano um professor e depois ele saiu, ganhava pouco ordenado e então ficou a escola parada. E depois os pais dos alunos arrumaram uma professora que tinha a quarta série, ensinava pouco. No fim não deu certo, ficou a escola fechada, era do Estado, o prefeito de Seara dizia que não tinha professor e então, fazer o que? Ia estudar os alunos como? Então pensei, 'vou vender a terra e volto lá pro Rio Grande'²⁵.

Na família acima citada, a preocupação com a instrução dos filhos era tamanha que a ausência da escola pública foi um dos motivos que fizeram o senhor Ângelo voltar para o Rio Grande do Sul, para anos depois retornar à Santa Catarina e adquirir um lote numa área mais próxima ao acesso à escola, comércio e hospital. Preocupados com o futuro, muitos agricultores apostavam no estudo dos filhos como forma destes alcançarem a estabilidade econômica, não medindo esforços para conseguir tal intento. Segundo a senhora Rosa Ravadelli, “lá em Passo das Antas ficamos dez, doze anos. Depois não tinha ninguém mais

²⁴ COLPO, Evaristo. Entrevista citada, p. 06 - 07.

²⁵ DAL BOSCO, Ângelo. Entrevista citada, p. 01.

que trabalhava na roça. O Osmar cresceu, foi estudar, então nós viemos morar aqui em Xavantina, compramos o clube. Ele veio estudar aqui porque lá não tinha²⁶”.

Em muitas famílias, muitas vezes os planos da família eram deixados de lado para que os filhos pudessem instruir-se. A senhora Maria Fiorese lembra o esforço e as dificuldades que passou para proporcionar aos filhos o estudo que não teve:

Tinha que debulhar o milho a mão, se quisesse vender uns poucos sacos. No ano seguinte que chegamos de lá, deu uma grande seca, mal fizemos para comer. Naqueles anos tinha só trinta porcos pra engordar e deu a peste suína. Tinha plantado milho, abóbora; quando tavam quase prontos para vender, nós queria comprar a terra do nono Poletto, deu a peste, morreram todos. O padre Barison, que era de Antônio Prado e tinha vindo a Seara, foi rezar missa nas capelas e ganhou uma porquinha de presente de um morador. Mas ela vinha com os porquinhos, e o padre parou aqui porque o seu pai e a minha sogra se conheciam do Rio Grande. E ele perguntou se queríamos ficar com ela, nós falamos que sim, os nossos tinham morrido. Nós tinha salvo dois porcos do ano anterior, tinha quarenta pra engordar e poder comprar aquela terra. Quando tavam quase grandes, bateu a peste, morreram esses também. Ficamos só com esses sete alqueires, depois os filhos cresceram, começaram a estudar, não conseguimos mais comprar²⁷.

O custo dos estudos não era barato, e por isso estudar “não era pra qualquer um. Só pra aqueles que mais se destacavam²⁸”. Era comum os pais, principalmente os de localidades mais distantes, confiarem seus filhos a uma família que habitasse mais próximo da escola. É o caso da senhora Ortenila Trevisan:

²⁶ RAVADELLI, Rosa. Entrevista citada, p. 04.

²⁷ “Il milio tocava desgranarlo a man, se ti volea vender um poco de saque de milio. L’ano drio que semo venhesti sù gá dato una seca granda, guemo fato mal e mal par manhar. Dopo, quel ano lá se gavea um bel poco de porqui pa ingordar, se gue navea trenta. E gá dato la peste suína. Par quá se guea piantá milio, pure suque, quando que i géra quasi pronti de vendere, noantri volea comprar a terra que gavea Poletto, é batesto a peste suína, morti tutti. Dopo guéra i padre Barison, que iéra de Antônio Prado e era venhesto a Seara. Lé ndato pai capele rezar messa, e i gá ciapá una porqueta de presente de um morador. La venhea coi porqueti, sta porqueta. El se gá fermá quá, parque sô pare del padre Barison e me sogra se conossea de Rio Grande. Gá passá quá e gá domandá se volemo ciaparla. Guemo dito de si. La gavemo ciapada, guemo salvá due porqui del ano in drio. Gue navemo quaranta pra ingordá, pa poder comprar quea terra lí. Gá batesto quando que iéra quasi gordi, batesta a peste suína, morti anca quei. Lora semo restai com quei sete alquere quá sù, dopo i tozi venhesti grandi, i gá tacá a studíá, um par quá, um par lá, guemo pí vencesto de comprar”. In: FIORESE, Maria. Entrevista citada, p. 05.

²⁸ CAON, Raul. Entrevista citada, p. 12.

Eu tava morando em Palmeira, porque em Reduto não tinha escola, então nós irmãos, um ano na escola em Palmeiras. Eu parava lá pra ir na aula, fui na aula de primeiro de abril até dia oito de dezembro, foi o meu estudo na vida. Estudar naquela época era assim: a gente passava o livro, não era que nem hoje, não era chamado de série. Se passava três livros num ano, teria passado três anos. Era o primeiro, segundo, terceiro, quarto e o quinto e o manuscrito. Quem via todos esses livros tava formado²⁹.

Observando os relatos acima, pode-se concluir que o primeiro estágio de alfabetização dos migrantes no Oeste de Santa Catarina teve como características a ausência de profissionais habilitados e o fato de estes serem pagos pelos próprios moradores. Esse modelo de ensino não foi escolhido e nem permaneceu porque houve interesse dos colonos em mantê-lo, mas sim a falta de um sistema escolar público obrigou-os a conduzir a educação dos seus filhos dessa maneira. À medida que as escolas foram sendo implantadas, primeiramente nas sedes para depois se estenderem até as localidades rurais, o professor particular foi substituído pelos profissionais pagos pelo Governo Estadual ou Municipal. O ensino privado foi aceito não como uma situação definitiva, mas como uma maneira de pressionar as autoridades para que assumissem as responsabilidades, principalmente referentes ao pagamento dos professores, como conta o senhor Euclides:

Nós pertencia a Concórdia, os pais dos alunos pagavam o professor pra ele ensinar. Depois começou o município pagar uma parte, mas os pais tinham que ajudar porque o município pagava pouco. Depois passou município Seara, começou vim a escola estadual, construíram o primeiro colégio aqui, depois em outros lugares, então o Estado pagava os professores. Mas no começo os pais tinham que pagar os professores pra mandar os filhos na escola. Eu por exemplo fiz até o quarto livro, o quarto ano seria agora. Depois tinha que ir pra fora, mas não era fácil, não tinha dinheiro. Tinha que ir a Passo Fundo, ou Curitiba. Ninguém tinha condição de estudar fora assim, porque não havia dinheiro naquela época, não era fácil. Isso a cinqüenta, cinqüenta e cinco anos atrás. No começo se queria ter um professor, tinha que ajudar a pagar, porque senão os filhos ficavam ali na colônia, se criavam daquele jeito³⁰.

²⁹ TREVISAN, Ortenila. Entrevista citada, p. 07.

³⁰ PELIZZA, Euclides. Entrevista citada, p. 02 - 03.

Segundo os livros do professor Pedro Garmus, falecido em 02/02/1964, cujo acervo foi encontrado no Museu Municipal de Xavantina, os conteúdos estudados eram basicamente o ensino da leitura, escrita e operações matemáticas, que por sua vez eram divididas nas disciplinas de Aritmética, Matemática, Português, História e Estudos Sociais, bem como Educação Moral e Cívica e Ensino Religioso. O professor Garmus é lembrado pelos entrevistados como uma pessoa sábia, enérgica e autoritária, que muitas vezes não hesitava em utilizar a força para educar seus alunos. Durante a campanha de nacionalização criada pelo governo de Getúlio Vargas, os castigos também eram dados àqueles que se comunicassem em italiano. Vejamos a experiência do senhor Raul Caon:

Eu fiquei uma ou duas vezes no recreio porque uma época era proibido falar italiano, quem falasse tinha uma pedrinha de rio. Você falasse italiano? 'Pega aqui'. E quem ficava com ela na hora do recreio, ficava fechado dentro da sala de aula. Aquele dia eu fiquei. Quem inventou essa da pedrinha foi o professor, e funcionava. No Rio Grande era proibido falar italiano, não sei se foi o primeiro mandato do Getúlio. Era uma situação difícil, porque os que vinham da Itália, que conviviam só com italianos, falavam só italiano, e lá era proibido. Aqui tinha muita gente que só falava italiano, as crianças também. E pra tentar forçar mais, conhecer o português. Mas em casa era tudo em italiano, vinha alguém, falava italiano; entre nós, era tudo italiano. E a pedrinha funcionava, porque todo mundo se cuidava, mas se você tem o hábito, acaba caindo³¹.

Iniciada em 1937 e aprofundada durante a Segunda Guerra Mundial, a campanha de nacionalização foi marcada pela proibição da língua e dos costumes estrangeiros, especialmente dos alemães e italianos, bem como pelos discursos nacionalistas que procuravam incentivar o amor à pátria através da comemoração de datas nacionais, como a Semana da Pátria e a Proclamação da República³². O objetivo era despertar o sentimento de orgulho por ser brasileiro, e os políticos e intelectuais da época passaram a inferir sobre os

³¹ CAON, Raul. Entrevista citada, p. 5 – 6.

³² Ver como exemplo dos discursos da política enquanto legitimadora de atitudes e de controle social no Estado Novo LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. 2ª ed. São Paulo: Papyrus, 1986.

perigos de hábitos estrangeiros macularem a sociedade nacional. As atenções do Governo concentraram-se principalmente nos Estados do Sul, devido à significativa presença de contingentes de ascendência européia. As escolas e igrejas receberam cuidado especial, principalmente por serem sedes de encontros sociais e de divulgação dos costumes da antiga pátria, como a língua, cujo uso foi expressamente proibido, sendo motivo inclusive de punições e prisões³³. É possível também que muitas pessoas tenham migrado para fugir da campanha de nacionalização do Rio Grande do Sul, muito mais intensa que nas regiões mais rurais do Oeste catarinense. Seriam necessários novos estudos para averiguar em que medida as repressões do Estado Novo contribuíram para acentuar o fenômeno migratório.

Freqüentando ou não a escola, os principais mestres da escola da vida continuavam a serem os pais e avós, cujos valores incluíam disciplina, trabalho e respeito principalmente à autoridade paterna. Dessa forma, “o que eles falavam pra nós era tudo sim naqueles anos. Era como se fosse a verdade, era inocente. O que eles falavam era porque tinha falado³⁴”. Tinham assim a missão de “ensinar a educação, a escola e a religião, como nós se comportamos. Não sair por ali fazendo malandrangens, se tem alguma coisa, cuidar, não desperdiçar. Quando quiserem comprar alguma coisa, é preciso abrir os olhos, ver como é. Comprar se tem dinheiro, a fiado não dá, que então dá pra dormir sossegado³⁵”.

Sem ousar discutir ou contestar os pais, as crianças aprendiam a trabalhar e mesmo com lágrimas escondidas, era preciso aceitar o sacrifício das diversões infantis quando não era possível conciliá-las com os afazeres diários. Desobedecer a essas normas era uma

³³ Sobre as conseqüências da campanha de nacionalização no Oeste de Santa Catarina, veja-se NODARI, Eunice Sueli. Op. cit. p. 221 – 293.

³⁴ BICIGO, Oliva. Entrevista citada, p. 02.

³⁵ “Insenharli la educação, la scula e religião, come que noantri ndemo comportá, come lúri gá de far. No que i vá in volta fare malandri. Dopo se i gá roba, tenhesti da conta, non strassarla. Quando i vol comprar qualcosa, bisonha que iverdi i ochi, come que a zê. Dopo, se gue zê soldi, comprá a fiado dá mia, que lora dopo i dormi sossegadi”. In: BERGAMIN, Primo. Entrevista citada, p. 15.

ousadia que custava caro e “se o velho vinha a saber, surrava! E deixava sem almoço, sem janta, eles castigavam a piaçada naquele tempo. E como que a piaçada crescia bem! Crescia no caminho certo. Invés hoje não tem mais quem vai no caminho certo³⁶”. Agressões físicas não eram comuns, porque bastava um gesto, um olhar. “Se era não, era não. Se diziam sim, era porque tinha que ser. Não era que nem hoje que se dá um tapa e depois dá dó, vai atrás, daí acostuma. Muito diferente hoje³⁷”. O *não* e o *sim* são descritos pela entrevistada como o *certo* e o *errado*. Eram essas palavras que ensinavam a distinguir o vício da virtude, o bem do mal. Para manter a ordem e a obediência entre os numerosos filhos e guiá-los no caminho certo,

A falecida mãe dava só uma encarada. Quando muito ela te pegava por um braço e te dava uma chacoalhada. Era um sistema mais europeu, um sistema impositor. Tinha gente lá e eles diziam pra ir brincar, não se ficava muito com pessoas de idade, criança era separada. Nós brincava, mas também tinha a obrigação de trabalhar: meio-dia na aula e meio-dia na enxada, não tinha moleza. Só que naquela época não tinha tanta coisa que nem hoje. Porque hoje, ou é o esporte, ou é o estudo, ou é isso ou aquilo, você tá ocupado. Mas naquela época não tinha o que fazer³⁸.

A alegria e a criatividade das crianças não raras vezes se distanciavam dos conselhos dos mais velhos, embora “não era criança que nem agora, a gente obedecia mais, não tinha que dizer ‘olha lá fora o bicho’³⁹”. Algumas vezes as histórias de aparições eram criadas pelos pais para servirem de controle e exemplo aos filhos, de forma que muitas crianças cresciam assustadas e reprimidas, acreditando “na história de algum bicho, bruxa ou capeta. Não vai, não bestema, porque o capeta te pega com a força. Me assustavam muitas vezes⁴⁰”. Essas ameaças não eram muito aconselháveis para bem educar os

³⁶ SIMONI, Olímpio. Entrevista citada, p. 01.

³⁷ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 05.

³⁸ CAON, Raul. Entrevista citada, p.10.

³⁹ COVATTI, Alma. Entrevista citada, p. 08.

⁴⁰ FIORESE, Maria. Entrevista citada, p. 17.

pequenos, e mais eficiente era dizer: “não vai fora que tu apanha. Senão cresce com medo. A nossa piaçada nós não assustava, não se deve, antes dar um tapa⁴¹”.

Os relatos acima servem para ilustrar que a educação transmitida pelos pais e herdada dos avós era caracterizada pela obediência e pelo medo. Bastava um simples olhar de reprovação para fazer uma criança mudar de atitude. Apesar de muitas vezes não entenderem o motivo da repreensão, o temor pelo castigo que certamente viria após uma desobediência era grande e imobilizava os pequenos. Mas por vezes o impulso maroto e ingênuo venciam o medo; então valia a pena arriscar, até mesmo na hora de acertar as contas pela travessura, quando se apostava numa *verdade que esqueceu de acontecer* para se livrar do castigo. O senhor Primo Bergamin lembra e nos apresenta uma cômica história vivida na sua infância:

Fui na escola por três meses. Mas ir pela estrada, tinha sete quilômetros. Ir pelo atalho tinha o Dourado (rio), fazia três voltas, precisava atravessá-lo três vezes. Daí o pai disse, ‘vão a cavalo’. Só que tinha uma égua meio fogueta, ele disse ‘não facilitar, porque depois, vão a pé’. Bem, fomos em três irmãos, eu na garupa, Feliciano na frente, com o chapéu na boca, dentes apertados, pelego debaixo do braço. A égua, em três saltos, atravessa o Dourado e foi. ‘E agora, como faço pra trotar?’ Bom, chegamos em cima da ponte, no Joan Dal Bom. Mas na ponte tinha um buraco, de cinco, seis metros, e fundo. Não é que nos encontramos com uma carroça carregada de uva? A égua bateu de peito na canga dos bois, desceu carroça e tudo! Quando desviamos, ah, ele não nos viu mais. Mas o pai ia no rosário, contaram pra ele. ‘O que vocês fizeram? Joan Dal Bom me contou... e se tivessem caído? Não iam se matar? Vão a pé, senão, casa! Olha, Feliciano, Arcangelo, que sabem ler e escrever, ensinam a eles, em porque a pé é muito longe, a cavalo se matam pela estrada. Os mais velhos, ensinar aos mais novos’. Assim foram oito, quinze dias. Depois, baralho! Ao invés de ensinar a ler e escrever, ensinavam a jogar carta! Mas estamos a jogar aqui, o pai que dorme lá. ‘Estão aprendendo a ler e escrever ou a jogar cartas?’ É que um roubava e os outros descobriam! ‘Dormir, senão levanto daqui!’ E dito e feito.

⁴¹ COVATTI, Santin. Entrevista citada, p. 08.

*Levantava e vinha, mas nunca bateu, dava um beliscão, que te esquentava, te dava uma entortada!*⁴².

As brincadeiras eram deixadas para as horas livres, que em algumas famílias nunca chegavam: “eu ia junto com o pai na roça, carpir, plantar milho com os bois. Com nove, dez anos, eu lavrava. Plantar milho com a máquina, ou roçar capoeira, ou carpir direto, ou cortar trigo⁴³”, conta o senhor Euclides Pelizza. Quando possível, “um brinquedo que nós tinha era ir no potreiro jogar bocha. Nós arrumava uma muda de bocha de pedra e quando cansava ia então jogar luta, no gramado⁴⁴”. Ou, como lembra o senhor Primo Bergamin,

*Em mais de vinte meninos, ia pro mato. Plantas mais altas que se encontrava, tinha uma descida, cortava o cipó e depois se jogava, balançar-se. Em baixo tinha umas plantas, bastante cipós, meu irmão era igual a um macaco. Partia daqui e ali e jampete com a planta. Se jogava lá como um lagarto em cima dos cipós. Eu disse, ‘ele se mata. Depois fazer o que? Vamos cortar!’ Canelas grossas, mas altas! Ele em cima da planta e nós com o machado embaixo. Mas você acredita que antes da planta cair por terra ele já estava de pé? Acompanhava a planta e antes que ela chegasse no chão era já de pé. Ele andava de pé em cima da planta. Mas o que ele fez, era pior que o capeta!*⁴⁵.

⁴² “Ndato a scuola tré mesi. Ma ndá par strada, gue iéra sete quilômetro. Ndar par ataio lora i guéra il Dorado. Tré volte fea, tocava attraversarlo tré volte. Lora i pupá gá deto, ‘ndê a caval’. Ma géra una égua meia fogueta, ma i gá deto, ‘non facilitá, parque dopo, nde a pie’. Son ndae, in tré fradéi, e mi drio a garupa. Feliciano vanti, col capel tea boca, pertá tutti i denti, el pelegreto piantá soto un braço. La égua, tré salti salta via il Dorado. Ma dopo la ndava. ‘E agora fao come trotar?’ Arrivemo in cima a ponte del Joan Dal Bom. Ma a ponte gavea um buso, cinque, sei métri, ma fondo. Non si incontremo co una carreta carga de ua? La égua la gá batesto col peto tea canga del boi, pá! In drio carreta e tutto! Quando gavemo desviá, ah, el me gá pí visto! Ma il pai ndava el rosário, gue gá contá. Gá dito, ‘ma gueto fato que ti, váltri, lá? Joan dal Bom me gá dito. E se caí dô de lá? Poi mia coparvi tutti? Ndê a pie, seno, casa! Vara, ti, Feliciano, ti Arcangelo, que savê legere e scrivere, insenhargue a lúri. Stá casa, parque ndar a piede é massa distante, ndá a caval si vá copar ntea strada. Varda, váltri i pí véci, insenhae ai pí giovani’. E ndá vânti oto, quinze dí. Dopo baralho! Invece de insenhar lege e scrivere, insenha a giucar le carte! Ma semo a giocar carta quá, pai drio a dormire lá. Gá dito, ‘sito drio a imparare legerle e scrivere o giucare carte?’ Ti vedí que magari um robea e quel altre... urco dione! ‘Dormire, senó venho sú’. Porco dioze, e dito e feito. Venhea sú, ma i gá mai dato um ciafom, ma lú ciapea il parafuso, te scaldava, te dea una tortadela!’”. In: BERGAMIN, Primo. Entrevista citada, p. 16.

⁴³ PELIZZA, Euclides. Entrevista citada, p. 11.

⁴⁴ BOFF, Honorato. Entrevista citada, p. 05.

⁴⁵ “Se gavea pí de vinti tozi e via tel mato. Piante pí alte que se catava, lá gue iéra una riva cossita, taiava dô il cipó, dopo se molava, brescolarse. Gue iéra de soto poco de piante co una cipoera, me fradel iéra companho um mico. Partia de quá e jampete coa pianta. Se molava lá come um lagarto in cima dei cipó. Mi gó dito, ‘i se copa’. Dopo quel que femo? Taiemo! Canelete grosse, cossita, ma alta! Lú in cima a pianta e noantri co a manara soto. Ma te credi mia que vânti a pianta ndar in terra, lú quá iéra belque in pie? Acompanhava a pianta e lú, quando que a pianta vanti que ndea in terra, era belque in pie, em cima. La ndava dô dietro in piede. Ma quei que i gá fato pedo del Bertolo!’”. In: BERGAMIN, Primo. Entrevista citada, p. 12.

Se os meninos tinham mais liberdade para andar pelas matas, as meninas eram aconselhadas a arranjar alguma diversão nos arredores da casa, como lembra a senhora Rosa Boff:

Olha, nem é coisa de dizer! Nós pegava as galinhas, quando começavam a chocar, e dois, três sabugos. Amarrava o sabugo no pescoço só pra dar risada. Ela não vai mais na frente, só atrás, de ré! Ou então pegava o cavalo que tinha lá em casa e ia rodear. Meio-dia o falecido pai ia pra cesta e nós pegava o cavalo, arrodar em roda da casa, ver quem corria mais. Por isso que eu era acostumada, sempre de pequeninha, a tomar a mula, o cavalo, nós não tinha medo. Tinha um irmão, ele pegava a mula, braba ainda, e montava. Tinha um rio, quando que ela chegava perto, jumpete, pulava daqui e lá. Mas quantas vezes! Eu gostaria de ir de cavalo ainda! [...] Ah, se viesse ainda aquele tempo!⁴⁶

Em outras famílias, os meninos brincavam “com carrinho de madeira, tinha as trilhas pra correr. Um caminhãozinho dava pra sentar um e descia lá em baixo, carregava lá em cima, ia de volta. Quantas esfoladas no joelho!⁴⁷”. Pode-se deduzir que dificilmente uma criança teria capacidade para fazer um brinquedo como esse sem a ajuda de um adulto, que poderia ser um irmão, o pai ou mesmo um avô. Subentende-se assim que esses se dispunham a confeccionar os brinquedos porque permitiam um determinado tempo livre para os pequenos, ou seja, apesar de exigirem das crianças responsabilidade e trabalho, compreendiam a importância do lazer e consentiam a elas momentos de diversão. Por outro lado, se a senhora Rosa Boff demonstra que *gostaria de ir de cavalo ainda* e aspira por *aquele tempo!*, nota-se que o trabalho não era a única forma de ocupar o tempo. O espaço para o ócio existia e as brincadeiras são lembradas como um momento muito especial.

⁴⁶ BOFF, Rosa. Entrevista concedida a Karine Simoni em 27/01/2001. p. 05 - 06.

⁴⁷ CAON, Raul. Entrevista citada, p. 04.

Além das brincadeiras, um destaque na infância dos entrevistados é o Natal, lembrado como uma data mágica, porque “as crianças ganhavam doce⁴⁸”. Receber esse presente, mesmo que muito simples, exigia preparação, conforme o relato a seguir:

Natal sempre dava uma bala. Mas aquele tempo lá, quando tu ganhava uma bala, ficava faceiro porque o pai e a mãe deu o presente. Na noite de Natal, botava o pasto, o Papai Noel vinha com o burrinho. Enquanto o burrinho comia o pasto, o Papai Noel botava o presente no pratinho. Depois, antes de clarear o dia, eles iam lá com o martelo, faziam no chão aonde tinha pisado o burrinho. E a piizada acreditava, mas hoje faz uma coisa assim pra ver se a piizada acredita. Hoje sempre tá ganhando⁴⁹.

A felicidade para o senhor Olímpio Simoni não estava só em ganhar a bala, mas também em preparar o pasto para o burrinho que trazia o Papai Noel e o tão sonhado presente, o que revela uma familiaridade com um mundo de fantasia que hoje não existe mais, pois *sempre tá ganhando*. Por isso, para o entrevistado o Natal deixou de ser um dia especial, diferente. Vejamos também a experiência do casal João e Ortenila Trevisan:

Eu conheci o Natal quando tinha doze anos. A falecida mãe foi na missa no domingo antes, tinha uma bodega que vendia presente de Natal e acho que foi o tempo que era proibido falar em italiano. Ela levou pra casa quatro rosa: era eu, o Alexandre, o Artêmio e a falecida Angelina. Então a falecida mãe tinha no quarto uma mesinha comprida, encostada, e botou o espelho e os presente atrás. A falecida Angelina foi achar! Era mexerica e comeu uma rosa daquelas, era doce⁵⁰.

Eu sempre tive Natal, só que uma vez as crianças acreditavam. Eu acho sempre que era melhor nessa parte. Suiu uma época que era melhor ser pela verdade, do que pela tradição, porque era uma mentira. Só que parecia que existia a tal de verdade uma época. Hoje já perdeu, come chocolate todo dia. Na época esperava o Papai Noel de verdade, hoje não. Eu sabia desde pequena, só que eu nunca me declarei, sempre acompanhei a turma assim como não sabe nada. Mas era uma felicidade, era uma festa com a criançada, e hoje perdeu a graça⁵¹.

⁴⁸ TREVISAN, Ortenila. Entrevista citada, p. 09.

⁴⁹ SIMONI, Olímpio. Entrevista citada, p. 02.

⁵⁰ TREVISAN, João. Entrevista citada, p. 09.

⁵¹ TREVISAN, Ortenila. Entrevista citada, p. 09.

As festas religiosas como Natal e Páscoa, que exigiam a preparação de toda a família, são mais lembradas que os aniversários, por exemplo. No dia de Natal “a gente fazia um presépio de qualquer jeito, porque tinha a igreja bem pequena. A gente se dava presente, coisinhas simples, porque caro não dava pra comprar⁵²”. No âmbito familiar, era costume fazer “um pouco de grostoli* ou bolachas, a gente ganhava no Natal e no primeiro do ano. Não se comprava roupas, nada, a turma era grande⁵³”. Mas em outras famílias, “a falecida nona se fazia bolacha pra Natal. Ela pendurava no quarto e comia sozinha, ninguém comia, só ela, nós não comia nada pra Natal. Não se dava presente pras piazada, mas nada, não tinha. Depois de tantos anos se ganhava algum chinelo, alguma roupinha que se fazia. Meu Deus, que alegria!⁵⁴”.

Para poder viver a alegria de ganhar *uma bala*, um *pouco de grostoli ou bolachas* ou ainda *algum chinelo, alguma roupinha*, era preciso ser obediente durante o correr do ano, manifestando respeito sobretudo com os mais velhos e boa disposição para o trabalho. Por isso, mesmo quando *não tinha o que fazer* longe da roça, como nas ocasiões de chuva e outras intempéries, o tempo devia ser ocupado com tarefas mais simples, que incluíam fabricação e reparo dos instrumentos de trabalho e de peças do vestuário.

A senhora Rosa Ravadelli lembra que “ficava em redor do fogo. Quando casei fazia trança**, remendos, costura. Quando era solteira, a nona mandava fiar. Eu fazia isso no

⁵² RAVADELLI, Rosa. Entrevista concedida a Karine Simoni. 04.01.2000. p. 04.

* Espécie de pão doce frito.

⁵³ “Poque grustuli o bolachinhe. Se ciapava Natal e primo d’ano, ma no i comprava roba, niente, co uma turma companha”. In: BERGAMIN, Primo. Entrevista citada, p. 16.

⁵⁴ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 05.

** Para fazer a referida trança eram utilizados a palha seca do trigo. Existiam vários tipos de trança, mais a mais comum era feita com a junção de várias palhas, cuja espessura e formato é semelhante a um canudo. Dispostas e trançadas entre si, o resultado final é uma verdadeira obra de arte. Após a confecção de vários metros, estas eram utilizadas para a fabricação de chapéus e bolsas.

tempo de chuva e também de meio-dia. Aproveitava o tempo, não era que nem agora que se perde bastante, aquele tempo trabalhava mais⁵⁵”. A senhora Maria Fiorese ficava “em redor do fogão, comer batata, abóbora. O pai fazia vassouras* e eu costurava, senão ajustava, fazia trança, chapéus, tudo, porque não se comprava nada naquele tempo lá⁵⁶”.

No Norte da Itália era costume várias famílias de uma mesma aldeia se juntarem numa única casa ou estábulos, a fim de economizarem as escassas reservas de lenha para enfrentarem o frio do rigoroso inverno⁵⁷, como conta a senhora Ortenila Trevisan:

A minha avó veio da Itália, ela contava que eles faziam a linha de seda. Eles tinham os cavaliero, o bichinho da seda, chamavam assim. Ela dizia que no inverno eles botavam na cama, no pé das pessoas pra não morrer. E os dias de frio, tinha as estrebarias feita com a sala assim no meio e os animais do lado com a cabeça. Então eles sentavam no meio daquilo lá pra eles se aquecerem. Não existia mais lenha, então se aqueciam com o fôlego [respiração] dos animais. E eles trabalhavam, fazer os fios de seda⁵⁸.

Lembrando de sua terra natal, o senhor Primo Bergamin também conta que:

No inverno de três meses, ninguém ia na roça, tinha neve. Como fazer? Queimar lenha, não tinha. Comprar álcool, tinha pouco dinheiro. Então, pra se esquentar, todo mundo ia pra estrebaria. As mulheres faziam crochê, calças. Os homens faziam tamancos, chinelos, todos trabalhavam, um pouco uma coisa, um pouco outra. Todos se preparavam, sabiam quando vinha o inverno. Porque a neve era alta um metro, um metro e meio. Ir pra onde?⁵⁹

⁵⁵ RAVADELLI, Rosa. Entrevista citada, p. 06.

* As vassouras eram confeccionadas a partir da palha seca do pé de milho-pipoca. Primeiramente eram agrupados vários feixes de palha, que por sua vez eram presos numa das extremidades de um cabo de madeira. Amarrados com firmeza e cortados em linha reta, estava pronta uma boa vassoura, muito útil não só para a limpeza da casa, mas também do pátio, chiqueiros, paióis, galinheiros e estábulos.

⁵⁶ “Torrno al fogão, manhar patate, suque, se fea. Il pai i fea suque, scoe, e mi cozia, seno justava, fea dressa, fea capei, tutto, parché non se comprea nhente, quel tempo lá”. In: FIORESE, Maria. Entrevista citada, p. 14.

⁵⁷ Sobre o tema, ver *Racconti del filò – la magia delle leggende e delle favole inventate per le sere d’inverno*. In: **Canti e raconti – espressioni popolari del Trentino**. Provincia Autonoma do Trento. Assessorato all’Emigrazione. Collana di monografie La Pátria d’ Origine, 6. Trento: Panorama, 1992. p. 32 - 70.

⁵⁸ TREVISAN, Ortenila. Entrevista citada, p.10.

⁵⁹ “In inverno gue géra tré mesi, nessun ndava tea roça, era la neve. E lora, come que si fea? Lá, lenha brusar, no gue iéra. E comprar álcool, e uma cosa e altra gue géra poqui soldi. Lora, par scaldarse, ndea tutte nte strebaria. Lora i femene i fea crochê, calce. Le uomini i fea tamanqui, chinele, tutti que i laorava, um poço una cosa, um poço altra. Tutti si preparavano, saveo quando venhea l’inverno. Parque la neve era alta um metro, um metro e mezzo. Ndove ndar?”. In: BERGAMIN, Primo. Entrevista citada, p. 02.

Os habitantes das regiões montanhosas da Itália, principalmente do Norte, trabalhavam na terra, mas desenvolviam também atividades artesanais, uma vez que “durante o inverno, praticamente não havia o que fazer nos campos. Tornar-se carpinteiro, cesteiro, ferreiro, construir objetos artesanais, não significava apenas preencher o tempo, mas desenvolver uma atividade econômica complementar que levava o camponês a produzir objetos para vendê-los na planície⁶⁰”. Essas atividades eram desenvolvidas principalmente pelos adolescentes, velhos e mulheres, uma vez que, ao atingirem uma certa idade, os jovens e homens adultos partiam para outras regiões em busca de trabalho para ajudar na sobrevivência da família⁶¹.

Assim como na Itália, as regiões influenciadas pela cultura italiana, principalmente no Sul do Brasil, mantiveram o costume de desenvolver atividades consideradas de menor importância quando o trabalho fora de casa não era possível. As mulheres realizavam tarefas manuais, como costurar, remendar ou fazer tranças de palha de trigo para chapéus e cestas, enquanto os homens poderiam debulhar espigas de milho, fazer ou consertar instrumentos agrícolas, entre outras. Pregiar botões, fazer tricô, crochê e macramê para o enxoval das filhas era também uma forma de *passa-tempo* feminino, até porque “não tinha roupa feita, tinha que comprar o tecido e fazer. A maioria cada família se costurava⁶²”.

Para Edward Thompson, após a era industrial houve uma grande mudança na concepção de tempo e trabalho, de maneira que qualquer atividade não produtiva seria considerada perda de tempo⁶³. As pessoas habituadas com o trabalho consideram este

⁶⁰ RIBEIRO, Cleodes M. P.J. *A construção da identidade na cultura da imigração italiana no Rio Grande do Sul*. In: **Imigrações e Fundações**. Porto Alegre: Artes e ofícios, 2000. p. 55.

⁶¹ SANTOS, Roselys Izabel. Op. cit. p. 92.

⁶² TREVISAN, Ortenila. Entrevista citada, p. 10.

⁶³ THOMPSON, E. P. **Tradición, revuelta y conciencia de clase. Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial**. Barcelona: Crítica, 1984. p. 245.

passar o tempo uma postura anti-econômica, mesmo involuntária como nos relatos acima.

Diante da impossibilidade das atividades costumeiras, trabalhar nas *horas vagas* seria a alternativa mais correta, como confirma a senhora Amélia Fasolo:

Quando chovia que não se podia ir na roça, nós ia no paiol descascar milho. Fazia a palha em pacotinhos pra vender pra aqueles que faziam cigarro. Tudo em pacotinhos não sei se de doze ou vinte e quatro cada pacotinho amarrado. Vendia não sei se cinco centavos, ou quinze centavos por quantos pacotinhos. Eu sei que pra cem pacotinhos, eu acho que se ganhava um real e meio, que nem agora. Nós se ganhava dinheiro naquilo. Ou desfiar palha pra botar nos colchão, fazia isso ali, porque não tinha o rádio, não tinha televisão, não tinha nada, nem luz⁶⁴.

Tomando como referência os relatos acima, pode-se afirmar que, quando crianças, os entrevistados percebiam-se parte da unidade familiar e co-responsáveis pelo sustento desta, com pouco tempo para as brincadeiras ou ainda sem um espaço diferenciado dos adultos. Para melhor compreender o tipo de infância, é interessante considerar algumas questões a respeito da historicidade da mesma. Ao estudar a infância no período medieval, Philippe Ariès afirmou que essa sociedade:

Via mal a criança, e pior ainda o adolescente. A duração da infância era reduzida a um período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em um homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude⁶⁵.

O historiador francês observou que na Idade Média os primeiros anos de vida da criança eram caracterizados por uma certa indiferença da parte dos adultos. O sentimento de infância, tal como conhecemos hoje, surgiu no séc. XVI, quando a criança começou a despertar a atenção dos adultos. A confecção de retratos, o surgimento de um vestuário

⁶⁴ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 05.

⁶⁵ ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. [Trad. Dora Flaksman]. 2ª ed. Rio de Janeiro, LTC, 1981. p. 10.

específico para a idade, a regulamentação de jogos e brincadeiras e a preocupação com a educação foram algumas diferenças de comportamento apontadas pelo autor. No lugar do anonimato, a doçura, a fragilidade e a pureza sustentaram o projeto burguês e influenciaram de forma significativa a concepção de infância das sociedades ocidentais.

Na memória das pessoas entrevistadas para esta pesquisa, as imagens da infância apresentam uma certa ambigüidade. De um lado, não se identificam totalmente com o modelo burguês porque, embora nas suas lembranças se apresentam como crianças devido à pouca idade, o tempo social da infância com suas diversões e brincadeiras é limitado, pois precisavam trabalhar. A desobediência não era aceita e a punição era motivo de temor, mas ao mesmo tempo na relação familiar a afetividade poderia ser vista em pequenos gestos, como por exemplo o fato de os menores dormirem com os pais, o tempo que estes dispensavam na fabricação de brinquedos e o medo que tinham de deixar as crianças sem a companhia de um adulto, entre outras. Afinal, os *bambini* eram a própria concretização do novo núcleo familiar que se formava com o casamento; frutos de uma sociedade inserida no princípio cristão do “crescei e multiplicai-vos e enchei a terra”⁶⁶.

Nascendo, crescendo e vivendo numa cultura que escolhera certos valores para se auto-afirmar, as crianças seriam as herdeiras que iriam cultivar a terra, portanto guardiãs da memória. Para os pais e avós, os grandes mestres a serem seguidos, o importante era encaminhá-los para uma boa ocupação, de forma a prepará-los para a manutenção da continuidade da família com seus valores e princípios. Isso significava boa disposição para o trabalho; nada de ser um *pelandron*, ou preguiçoso, pecado capital tão condenado pela Igreja Católica. Ainda Dante Alighieri (1265-1321), em sua *Divina Commedia*, havia

⁶⁶ Gênesis, 1, 28.

criado no Inferno um local especialmente para os preguiçosos. Segundo o poeta florentino, o eterno castigo para estes seria a imersão e conseqüente afogamento em pântanos de águas escuras, banhados por chuvas de material cinzento, sendo que a presença dos condenados poderia ser notada apenas através de borbulhas⁶⁷. A preguiça causava tristeza, de tal forma que o semblante dos condenados também era triste⁶⁸.

Respeitando a distância temporal e geográfica da obra de Dante, não podemos descartar a influência que a *Divina Commedia* teve no pensamento Ocidental, sobretudo a sua contribuição para a corporificação do inferno. Com ela também se afirmam os pecados e seus castigos, dentre os quais o ócio, tão condenado nas lembranças das pessoas entrevistadas para esta pesquisa. A senhora Ortenila Trevisan lembra que:

Aqui a gente malhava o trigo em fevereiro, as vezes ia até março. Se colhia o trigo e se fazia pilha na roça. [...] Daí recolhia, fazia uma pilha dentro da casa mesmo, empilhava o trigo. Lá no Rio Grande, os primeiros anos eu era pequeninha, eles batiam com o porrete, em quatro no pano. Eu me recordo dos falecidos meus tios que tavam batendo. A gente nunca esquece porque a tia Ernesta me disse, eu tava sentada perto, eu devia ter uns quatro anos: 'e tu me foge daqui. Não gosto de ver gente que não trabalha na minha frente'. Eu não esqueci mais daquilo⁶⁹.

Percebe-se nesse relato que a infância era breve, constituindo-se antes de tudo como um tempo de aprendizagem para o trabalho. As narrativas desvendam uma riqueza de detalhes que mostram como as crianças eram construídas a partir do próprio significado de trabalho e de família. A *gente que não trabalha na minha frente* ainda era muito jovem para entender o por quê da repreensão, mas como *não esqueci mais daquilo* certamente cresceria imbuída desses valores.

⁶⁷ ALIGHIERI, Dante. *Divina Commedia*. Verso 100, canto VII (Inferno). Milano: Cartiera di Anjala, 1997. p. 73 – 74.

⁶⁸ Idem, p. 74.

⁶⁹ TREVISAN, Ortenila. Entrevista citada, p. 8-9.

A família vai à roça

Na memória dos entrevistados, o trabalho está inserido num ambiente que envolve várias pessoas, ou seja, no seio familiar. Para garantir a sobrevivência, os afazeres na propriedade rural eram feitos e são descritos com o uso da terceira pessoa do plural: *nós*. Ao relatar o início da sua vida no Oeste catarinense, a senhora Norma Santinon também se inclui como responsável pelo trabalho que realizou com sua família:

Nós não tinha nada, nós não tinha criação! Nós não tinha porco, não tinha galinha, nada! A primeira galinha que ganhei foi da nona Barazetti. Ela me levou uma choca com pintinhos, começamos criar e esperar a safra nossa. E depois além de tudo, os três primeiros anos deu seca, não fizemos milho nem pra polenta. E daí nós ia a peão [...] pra se comprar comida. Nós fazia roça aqui, mas deu três anos de seca e depois logo que nós viemos nós não sabia qual pedacinho que era terra boa. Agora conhecemos toda a nossa terra, apesar que roça não fizemos mais. Tu plantava, mas o que dava vendia quase tudo de graça, ganhava pouco ou nada. Depois que os filhos vieram grande daí que começamos⁷⁰.

Na família da entrevistada, assim como na de muitos outros migrantes, anos foram necessários para que a estabilidade econômica fosse alcançada. O início, sempre apontado como um período de muitas privações, era igualmente marcado pela solidariedade e pela esperança, simbolizada no relato acima pela *primeira galinha*. Esse presente foi oferecido por uma migrante que provavelmente também passara por dificuldades semelhantes ao chegar em Santa Catarina. A *nona Barazetti levou uma choca com pintinhos* por acreditar na importância que essa ave tinha, mesmo que aparentemente muito simples. No Norte da Itália, a galinha era o símbolo do começo, pois se reproduz com facilidade e produz ovos em quantidade, sinal de riqueza e prosperidade. Atravessando o oceano, essa tradição perpetuou-se e nas comunidades de origem italiana do Rio Grande do Sul era comum o casal receber uma galinha no dia do casamento. A ave tinha um significado muito

⁷⁰ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 09.

profundo, na medida que transmitia a segurança de terem o alimento garantido. O presente recebido pela senhora Norma comunicava o desejo de sucesso e continuidade, tanto que a família da mesma começou a *criar e esperar a safra* própria.

O senhor Santin Covatti também relata o cotidiano dele e de sua esposa: “nos primeiros tempos ela vinha junto comigo de manhã na roça, e ia pra casa junto. De meio-dia ela fazia a comida e eu tratava a criação, e depois até noite, sempre junto⁷¹”. Das atividades em conjunto dependia a sobrevivência e o futuro sobretudo dos filhos.

Conforme as entrevistas, falar da vida após a chegada no Oeste catarinense significa falar em trabalho coletivo, colaboração. Com efeito, colaboração – do latim *cum* (junto) e *laborare* (trabalhar) –, na sua origem morfológica significa *trabalhar junto com os outros*⁷². De sol a sol, ou melhor, de estrela a estrela, todos trabalhavam: “nós tava em dois irmão, duas irmã, e o pai e a mãe. Se começava a trabalhar de manhã cedo e ia até a noite⁷³”. Os entrevistados não estão sozinhos em suas memórias, pois se identificam à medida que constroem relações e assim possibilitam a visibilidade de outros personagens. É o caso dos senhores João e Ortenila Trevisan, que começavam a trabalhar “bem cedo. Trabalhava o dia inteiro, sem descanso. A família inteira, levantava cedo, tomava café, tratava os animais, depois ia na roça e ficava na roça. Levava o almoço pro meio-dia, depois vinha na boca da noite, pra tratar os animais e depois jantava e ia descansar⁷⁴”. As atividades eram desenvolvidas em conjunto, não demonstrando grandes diferenças na realização das tarefas, o que não acontecia nos recintos sociais e religiosos, nos quais a divisão sexual era bem definida. Vejamos:

⁷¹ COVATTI, Santin. Entrevista citada, p. 03.

⁷² CORTELAZZO, Manlio, ZOLLI, Paolo. **Dizionario etimologico della lingua italiana**. Vol. I: A – C. Bologna: Zanichelli, 1979. p. 251-252.

⁷³ BOFF, Honorato. Entrevista citada, p. 03.

⁷⁴ TREVISAN, João. Entrevista citada, p. 02.

Nos primeiros tempos puxava milho no cargueiro. Quando apodreceu um pouco as madeiras e fomos abrindo a estrada, puxava com a carroça de bois. Carregava mais de cem quilos no cargueiro, era reforçado. Nos primeiros tempos não era um animal manso, então tinha que alugar um animal do vizinho. Depois tinha a mula grande, aquela puxava, reforçada e mansa. Ela ia na lavoura, eu tinha o piá pequeno, eu e a mulher ia trabalhar longe na roça e levava o piá a cavalo na mula, depois enchia os cestos de pasto e mandava pra casa. As meninas em casa encostavam na beira e tirava o pasto do cesto. Depois o guri voltava e fazia mais uma viagem. E a mula se acostumou, [...] era reforçada, dava pra carregar⁷⁵.

Como se percebe no relato acima, no trabalho as diferenças eram quase inexistentes. Percorrendo o cenário rural, é visível que os personagens - eles e elas - permaneciam fora de casa até o anoitecer. A lavoura, estrebarias, dirigir, abrir estradas, negociar e gerenciar o dinheiro eram tidas como tarefas masculinas, enquanto à mulher cabia manter a ordem da casa e preocupar-se com a educação dos filhos; o preparo das refeições, a ordenha das vacas e o cuidado com os demais animais domésticos. Além disso, ajudava na lavoura. Muitos autores consideram que a palavra do homem era a que mais contava nas decisões, porém, a utilização da História Oral pode apontar outras possibilidades de interpretação, nas quais vários poderes e influências femininas se apresentam não apenas em assuntos relacionados à casa e aos filhos, mas também nos negócios e outras decisões importantes.

Analisando as lembranças dos entrevistados com um pouco de sensibilidade, é possível perceber que os seus valores não estão guardados na memória como algo natural. Uma das bases da Nova História é a idéia de que a “o estado, os grupos sociais e até mesmo o sexo ou a sociedade em si são considerados como culturalmente construídos⁷⁶”, ou seja, a convivência familiar e comunitária também ajudou a definir os papéis sociais de homens e mulheres aqui estudadas. Essa questão será discutida no decorrer das páginas que seguem.

⁷⁵ DAL BOSCO, Ângelo. Entrevista citada, p. 04 - 05.

⁷⁶ BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas**. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 1992. p. 11.

Geralmente as mulheres voltavam para casa antes dos homens, para acender o fogo e preparar a refeição, que costumava ser reforçada, capaz de refazer as energias perdidas durante o dia. A necessidade econômica orientava o tempo de trabalho não pelo relógio, mas sim pela quantidade de tarefas a serem executadas. Dessa forma, a jornada começava antes do sol nascer, e mesmo se a dedicação com a produção agrícola fosse a atividade por excelência, as mulheres desta pesquisa se auto-intitularam *ajudantes* dos seus pais e ou maridos. Vejamos o primeiro exemplo:

Nós levantava sempre ali pras seis, seis e meia, às vezes cinco horas. Fazia um pouco de serviço dentro de casa, quando que eu tinha as vacas de leite tirava o leite, e ia na roça. Eu sempre acompanhei meu marido na roça. Ia na roça sempre, ia pra casa de meio dia, então eu fazia a comida e meu marido atrás da criação. Depois de meio dia eu ia lavar a roupa, depois eu ia acompanhar ele ainda na roça. Nós era pobre, não se tinha nada⁷⁷.

Como outras mulheres, a senhora Rosa Ravadelli concebia a sua função como aquela ligada aos afazeres domésticos – arrumar a casa, cuidar da roupa, tirar o leite das vacas, cozinhar, ou seja, se identificou principalmente como dona-de-casa, mãe e cozinheira, em detrimento da profissão de agricultora. Ir na roça era uma função masculina, visto que da lavoura provinha o maior sustento da família. Diante da necessidade de mão-de-obra, a entrevistada também participava do trabalho na lavoura, porém na condição de *acompanhante*, ou seja, ajudante de seu marido. Este, por sua vez, poderia fazer o mesmo no âmbito doméstico, no qual os papéis se invertiam e cabia a ele o papel de ajudante: “a gente socava o arroz com o pilão. Nós ia na roça, vinha pra casa junto, então eu ia na cozinha, acendia o fogo. Ele ajudava, socava o arroz pra fazer a sopa⁷⁸”. Assim, o *nascer mulher* significava ser mãe e doméstica, de tal forma que assim se vêem.

⁷⁷ RAVADELLI, Rosa. Entrevista citada, p. 02.

⁷⁸ RAVADELLI, Rosa. Entrevista concedida a Karine Simoni em 21/07/1999. p. 06.

Constata-se portanto que os papéis foram construídos nas relações de trabalho de âmbito familiar. A denominação de *ajudantes* revela uma certa ambigüidade, pois ao relatarem sobre as atividades na colônia, nota-se que a divisão de tarefas entre homens e mulheres não existia de forma tão rigorosa. Pelo contrário,

As mulheres tinham que fazer também os serviços pesados, tudo, parelho. A falecida mãe era arrumar roupa, lavar roupa todos os domingos; fazer trança, fazer chapéu. Tinha que acompanhar na roça e vinha pra casa às onze horas fazer comida, tinha que fazer. Ele chegava da roça, ia tratar os porcos, aqueles porquinhos que tinha, comia e deitava, mas a mulher tinha que arrumar a casa, lavar a louça⁷⁹.

Nota-se que a esposa, além de cumprir o seu papel de mãe e doméstica, acompanhava o marido na roça. Enquanto esse descansava, a mulher *tinha que fazer* as suas atividades por excelência, o que demonstra que acabava por trabalhar tanto ou mais que o homem. Atentemos também para o relato da senhora Rosa Ravadelli:

Eu passei de tudo. Cortei mato, plantei milho na roça nova, lavrei terra, até ferrei cavalo. O falecido tinha comprado uma ferraria pequena, depois ele comprou a trilhadeira e foi malhar o trigo por ali. E a ferraria tava fechada, veio um homem que o cavalo dele não ia mais, os pés não tinha jeito. Ele disse: ‘Onde é que tá o dono?’ Eu disse: ‘Não tá em casa, saiu com a trilhadeira’. ‘Olha, eu tenho o cavalo e não posso sair. Tenho que botar os ferros pra ele’. Eu pensei, tinha pena do homem, não sabia o que fazer. ‘Espera, vou abrir a ferraria, tu me ajuda, vamos enferrar o teu cavalo’. Eu sabia, porque sempre ajudava o falecido, não tinha peão, eu sabia como ele fazia. Então pegamos o cavalo, levei o cepo, botei o cavalo em cima, cortei as unhas dele. Eu tinha as coisas mesmo pra cortar as unhas. Peguei a raspa, lixava bem o casco do cavalo, metia o ferro, não servia, ia lá na ferraria dei uma boa apertada com o martelo, abriu, pegava as seis brocas e enferrava o cavalo. E conseguimos, ele me ajudou e tudo. Chegou um e disse: ‘Se eu sou o Hilário, com um filho só e deixar a mulher sofrendo desse jeito!’ Mas eu disse: ‘Se tu quer ganhar o pão, tem que fazer um pouco de tudo. Eu botei o ferro no cavalo do homem, pelo menos ele sai agora, pode seguir o caminho dele, senão ele não podia sair’. E eu outro cavalo pra dar pra ele não tinha!⁸⁰

⁷⁹ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 08.

⁸⁰ RAVADELLI, Rosa. Entrevista citada, p. 05.

Se por um lado tais palavras indicam a divisão das tarefas, pois quem cuidava da ferraria era o marido de Rosa e não ela, por outro deixam transparecer também que, embora ela ajudasse o marido e trabalhasse talvez na mesma proporção, a ele eram atribuídas as atividades que davam o sustento à família. Os homens eram os responsáveis por ocupações que as mulheres, por serem portadoras de uma certa fragilidade feminina, seriam incapazes de realizar. Provérbios como “Na brava sposa? Bisogna che la piasa, che la tasa e che la staga sempre a casa⁸¹”, ou seja, *Uma boa esposa? É preciso que seja atraente, que não seja faladeira e que fique sempre em casa* evidenciam a condição de inferioridade atribuída à mulher. Entretanto, tomar essa mentalidade como verdade seria uma atitude precipitada, pois mesmo de forma silenciosa, a mulher sabia exercer sua influência.

O trabalho doméstico construía a esposa ideal, ou seja, a companheira que teria como preocupação principal o cuidado com os filhos, a casa, a comida e as roupas. Tais responsabilidades eram transmitidas pela mãe, que atribuía às filhas a missão de continuar o seu papel. Edward Thompson observou que:

No que diz respeito aos mistérios da criação dos filhos, a jovem mãe cumpre seu aprendizado junto às matronas da comunidade. O mesmo acontece com os ofícios que não tem um aprendizado formal. Com a transmissão dessas técnicas particulares, dá-se igualmente a transmissão de experiências sociais ou da sabedoria comum da coletividade⁸².

No meio rural, no qual as mudanças não ocorriam de forma acelerada, a *sabedoria comum da coletividade* da qual nos fala Thompson era o motor que determinava o andamento da comunidade familiar. Na medida que foi sendo instituída a representação da mulher como responsável pelo cuidado com os filhos e encarregada das atividades

⁸¹ BERTOLUZZA, Aldo. **Dizionario dell'antico dialetto trentino**. Trento: SIE, 1996.

⁸² THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**. [trad. Rosaura Eichemberg]. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 18.

domésticas como lavar e cozinhar, essa idéia foi também profundamente interiorizada, delimitando assim os papéis masculinos e femininos⁸³. Através dos preceitos de obediência aos homens, primeiramente aos pais e avós, depois aos maridos, as mulheres se auto-representam como ajudantes dos mesmos, embora realizem as mesmas funções.

Cleci Eulália Favaro estudou as mulheres a partir dos trabalhos domésticos na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, local de origem das entrevistadas para esta pesquisa. Na Itália, a *mamma* exercia plena autoridade principalmente quando o marido se ausentava temporariamente para trabalhar, sendo que no Brasil ela continuou a exercer essa influência, mesmo que de forma camuflada. No âmbito da casa, era ela que delegava as tarefas para suas filhas, que por sua vez tinham a compromisso de exercer e manter essa cultura. Os ensinamentos direcionados para que as mulheres aprendessem o que é ser uma *dona de casa legítima* incluíam as mais variadas atividades, como o cozinhar bem, catar e cortar lenha para o fogo, costurar e consertar o vestuário da família, alimentar as galinhas, vacas e porcos, lavar roupas, manter a horta sempre viçosa, entre outras⁸⁴. Mais importante que a beleza física era ter uma esposa trabalhadeira para bem dirigir o lar e auxiliar no desenvolvimento da propriedade. *Paciência* para fazer e refazer as mesmas tarefas todo o dia, *capricho* para fazê-las bem feitas, *obediência* para não se revoltar e *resignação* para aceitar a própria condição eram fundamentais para uma boa esposa e mãe. Sendo esta a grande responsável pelo trabalho doméstico, resta saber se as tarefas do lar eram consideradas menos importantes que as atividades realizadas pelos homens na roça. Questionado sobre a divisão dos trabalhos na colônia, um dos entrevistados afirmou que

⁸³ MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995. p. 203.

⁸⁴ FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências - Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul – 1875 – 1950**. Porto Alegre, 1994. Tese de Doutorado. PUC. p. 240 – 254.

todos iam à roça, com exceção de uma das suas irmãs, que ficava para cuidar da casa e lavar a roupa. Mas segundo ele,

Lavar a roupa era uma brincadeira. Sabe como que se lavava a roupa? Uma vez por semana. A segunda-feira era o dia de lavar a roupa, então saía na segunda de tarde, ia lá no rio. Era uma esfregadeira feita de tábuas, tinha um degrauzinho pra se ajoelhar ali do lado. A gente só se sujava segunda, quando muito terça de manhã, depois não se sujava mais, porque não tinha mais o que sujar⁸⁵.

Como a irmã do entrevistado estava presente, pode interferir e afirmar que “o sabão era de casa, não tinha rinho, não tinha amaciante, não tinha quiboa, não tinha esfregão. E a gente esquentava nas pedras. Olha que nós abusava, também, ficar de joelho dentro da água! Duas, três horas dentro da água, e agora se queixamos⁸⁶”.

Nas falas das entrevistadas não foi percebido explicitamente qualquer indício de desqualificação das atividades por elas realizadas, mesmo que o trabalho se apresentasse como um fator que diferenciava os sexos. Dessa forma, pode-se deduzir que as mulheres interiorizaram que os homens eram os principais responsáveis pelo bom andamento da propriedade, visto que as obrigações dos mesmos se encontravam no limites da roça e era dela que provinha o sustento da família. Salvo algumas exceções, eram os homens os donos legais da terra e, dispondo da posse da mesma, determinavam quais as atividades a serem desenvolvidas por ambos os sexos⁸⁷. Mesmo que a memória acuse que as mulheres realizavam tarefas iguais às dos homens, o título de *ajudante* prevalece quando se auto-denominam.

⁸⁵ CAON, Raul. Entrevista citada, p. 03.

⁸⁶ Participação da senhora Diva Caon, irmã do entrevistado. In: CAON, Raul. *Idem*, ibidem.

⁸⁷ GIRON, Loraine Slomp. *Produção e reprodução: a mulher e o trabalho na região colonial italiana do Rio Grande do Sul*. In: DE BONI, Luís A. (org.). *Op. cit.* p. 289.

De acordo com Cleci Eulália Favaro, o uso do termo masculino/ feminino “não diferencia as tarefas desenvolvidas na roça daquelas no interior da casa: tratar os animais, lavar os pratos, cozinhar, tecer e fiar, cuidar da horta ou acompanhar os demais membros da família nos trabalhos da “colônia” tem peso equivalente⁸⁸”. Seguindo o exemplo de suas mães, as mulheres seriam também as propagadoras e cumpridoras destes, isto é, houve uma construção cultural dos papéis femininos. Uma vez que os homens não estavam familiarizados com as atividades domésticas, pode-se concluir que o espaço de trabalho masculino, por excelência, era a roça. Por outro lado, se o trabalho doméstico necessitava de prática, subentende-se que as atividades da casa não eram específicas das mulheres, mas o aprendizado imposto pela mãe acabava por naturalizar as funções femininas. É exatamente a relação das mulheres com as atividades do lar, não realizadas pelos homens, que fez com que elas se identificassem não como agricultoras, mas como domésticas.

Conforme já apresentado, era na infância que as funções masculinas e femininas eram assimiladas e o aprendizado posto em prática antes mesmo de alcançarem a maturidade. É importante perceber também que a figura da mulher-ajudante não diminuiu a sua importância na propriedade e na família, embora por muito a historiografia da imigração italiana do Sul do Brasil tenha insistido em ressaltar a coragem dos pioneiros, e não a das suas mulheres; o espírito empreendedor dos homens, e não o de suas esposas; o esforço e a produtividade dos colonos, e não o das suas companheiras. A mulher, em geral, não aparece como protagonista da história, o que demonstra que a submissão e dependência sofrida por elas continuam em grande parte a ser aceitas pela sociedade.

⁸⁸ FAVARO, Cleci Eulália. Op. cit. p. 299.

Mãos habilidosas tecendo lembranças

Nos relatos das entrevistadas para essa pesquisa, a atividade de costurar foi citada constantemente, o que indica a sua importância na história das mulheres que migraram do Rio Grande do Sul para Santa Catarina no período em questão. Juntamente com o cuidado da casa, a educação dos filhos, a preparação do alimento e o cultivo das roças, cabia a elas a confecção das vestes para a família. Por isso, afirmar a agricultura como a principal fonte econômica dessas famílias é negar o valor de outras atividades não menos importantes, por vezes tão necessárias quanto o cultivo na terra. Conforme a senhora Alma Covatti,

A roupa era barata, ele me levava sacadas de roupa, então quando eu tinha tempo costurava. Eu tinha criança pequena, tinha que cuidar daquelas. Eu tinha tudo limpo, porque a falecida mãe sempre dizia: ‘não vai ficar a casa suja’, e a roupa de cama também, eu limpava tudo. E quando me sobrava aquele pedaço, eu costurava, senão ia na roça, porque se ficava só na máquina ficava tonta. Pra me distrair um pouco, ia na roça, ao redor da casa plantava o quê que precisava, até de noite⁸⁹.

Se as mulheres se vêem como ajudantes, é nas entrelinhas de suas memórias que o trabalho feminino ganha visibilidade no dia-a-dia da colônia. No relato acima, a memória da senhora Alma Covatti acusa um cotidiano sem descanso que seguia a seguinte ordem: em primeiro lugar, o cuidado com os filhos, o que ressalta a importância que os mesmos tinham na unidade familiar; em seguida, a limpeza da casa e da roupa, características fundamentais para uma boa esposa. Por fim, quando *tinha tempo*, costurava. Entretanto, se o marido *levava sacadas* de tecidos para serem moldados pelas suas ágeis e criativas mãos, subentende-se que o trabalho exercido como costureira era tão importante quanto as atividades desempenhadas na roça. Apesar de afirmar que ia na roça para se *distrair um pouco*, na propriedade de sua família, “vaca, porco, carroça, se tinha de tudo. Tinha aqueles

⁸⁹ COVATTI, Alma. Entrevista citada, p. 04 – 05.

também de ir atrás. Eu ficava na cozinha, me aprontava, fazia a massa, me aprontava feijão, a carne salgada de noite. Quando eu vinha de volta, lá pras dez e meia, aprontava. Lavar roupa, fazer o pão, tudo de meio dia. Nem quero me lembrar⁹⁰”.

Todo o corre-corre não impedia que a entrevistada, assim como tantas outras, realizasse sua função de costureira, pois em todo o município, “não tinha roupa de se comprar feita, tinha que comprar o tecido e fazer. A maioria, cada família se costurava, era pouca costureira⁹¹”. O senhor Raul Caon acrescenta que:

As roupas daquela época eram todas compradas em peça. Pra calça era riscado, pra camisa xadrez. Comprava uma peça e todo mundo usava aquela. Era umas peças de metro, vamos dizer, trinta, quarenta metros, tudo enrolado numa madeira. Quando ia comprar, pegava vinte metros. Precisava uma roupa, puxava um pedaço. Geralmente era dois de roupa, uma semana um, uma semana outra, e uma domingueira. O tecido pra de domingo era melhor, durava mais. E pra domingo, era uma roupa só que se tinha. As famílias eram grandes, mas não era muita despesa que nem hoje porque eram feitas em casa. Roupa de domingo era alguém mais preparado que fazia. E calçados, na minha época, o primeiro calçado que usei eu tinha quatorze anos. Era o sapateiro que fazia, geralmente ia lá, fazia a medida, saía um chinelo. A roupa era feita de alfaiate, as moças, quando pensavam em namorar, não, ‘primeiro é preciso aprender a fazer comida e costurar, e depois namorar’⁹².

Rara era a variedade dos tecidos, e por falta de meios de renovação, ia sendo remendada sucessivamente. Por isso era comum:

Uma roupa para dia de festa e duas para os dias de semana. Muitas vezes botava aquela de domingo para poder lavar aquela de dia de serviço, não como agora! Sem nada nos pés, pra ir na escola só com um casaquinho de pelúcia, mal dava para o inverno. Dormir, muitas vezes não tinha cobertor, lavava o tendon, um pano grande onde se batia o trigo. Botava o tendon no inverno para não sentir frio⁹³.

⁹⁰ COVATTI, Alma. Entrevista citada, p. 03.

⁹¹ TREVISAN, Ortenila. Entrevista citada, p. 03.

⁹² CAON, Raul. Entrevista citada, p. 11.

⁹³ “Una roba par festa e due par laoro. Tante volte te metea quela de domenega per lavar quela de serviço, no come adesso! Niente tei pie, poareti, un casaquetin de pelúcia dea scuola, mal e mal pal’ inverno. Dormir, tante volte nhanca coerte se gavea, se lavea il tendon, quel que se batea formento. Se metea sú il tendon quando que iéra inverno par no spatire il fredo”. In: FIORESE, Maria. Entrevista citada, p. 06.

A família era numerosa e para vestir a todos se gastava muito. Sobre isso o senhor Abraminho Santinon analisa que “veja só como mudou o tempo: a época que eu era solteiro tinha uma camisa só pra festa. Cinco, seis anos, era baile, festa, missa, sempre aquela⁹⁴”.

De acordo com a sua esposa, a senhora Norma Santinon,

Lavava uma vez a cada três anos, por isso que durava. Nós namoramos oito anos, e o nono sempre com a mesma camisa. Aconteceu que morreu o pai dele. E naquela época usava luto, tingiu a camisa branca. E ele trocou a camisa, veio com a preta depois. Então teve que casar com a camisa preta. Dois anos de camisa preta, ele fez luto do pai dele por dois anos. Eu me estimei toda quando ele veio com a camisa preta, depois percebi que ele tingiu a camisa de negro⁹⁵.

As roupas especiais eram sinal de que o dia não era comum. Tornaremos a esse assunto no terceiro capítulo. Segundo os relatos, geralmente as costuras eram feitas à noite, sob a luz de velas ou de lampião, ou ainda, como instrumento de iluminação, usava-se “uma garrafa de petróleo que durava uns três mês, porque não tinha muito querosene, trancou naquele tempo, era em meio a guerra. E eu botava banha⁹⁶”. A gordura animal foi bastante utilizada, principalmente nas épocas de crise, como na Segunda Guerra Mundial. Assim, “a gente botava um paninho que sobrava fora, botava a banha e acendia o paninho, deixava fora só um pouco do prato. [...] E quando que tava curto a gente puxava o paninho, ia até que terminava. Sobrava banha, às vezes, daí botava outro paninho. Aquela fumaça!⁹⁷”

Além da queima de banha, o lampião mantido a querosene ou petróleo foi muito utilizado. O aparelho consistia-se num quadrilátero com laterais de vidro, tendo em seu interior um estopim com o combustível que alimentava o *ciareto* - a chama.

⁹⁴ SANTINON, Abraminho. Entrevista citada, p. 10.

⁹⁵ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 10.

⁹⁶ SORDI, Aurélio. Entrevista citada, p. 02

⁹⁷ BICIGO, Oliva. Entrevista citada, p. 07.

Com banha ou querosene, a luz resultante era fraca e deixava pretas as paredes da casa, porque “dava uma fumaceira que tá louco! Preteava, de manhã cedo tava com as vistas ardidas⁹⁸” e “o nariz que parecia o de um camelo!⁹⁹”. As famílias ainda menos afortunadas usavam “uma velinha. Eu costurava com aquela, bordava, fazia macramé. Muitas vezes ela caía da mesinha. Não se tinha mesa, se tinha uma tábua colocada pra poder comer¹⁰⁰”. Enquanto costuravam, “Mãe Santa, se cantava! Chegava a uma da madrugada e nem percebia, principalmente eu. Eu gostava que ele cantasse, senão eu ficava sozinha na cozinha. Eu costurava e eles cantavam. Tinha horas que ele me chamava pra ir cantar, eu gostava de cantar em italiano, ainda hoje gostaria de cantar¹⁰¹”. Todo esse esforço em costurar até altas horas da noite acabava por prejudicar a saúde. Relembrando o início de sua vida no Oeste catarinense, a senhora Alma Covatti conta que:

Só nós dois pra começar a fazer roça, levava as crianças na roça também. Depois as moças veio grande, então eu ficava em casa fazendo o serviço, costurava. Costurei vinte e cinco anos pra fora, de noite porque de dia não tinha tempo, tinha que fazer o serviço. Meu Deus, que sofrimento! Aquilo dava uma ajuda pra ganhar algum cruzeiro pra viver. Costurava de noite com uma vela de querosene. Tinha uma coisa furada como se fosse uma bomba de tomar chimarrão, então botava dentro daquele um pedaço de roupa, usava como se fosse uma vela. Se fosse contar agora pra um que não sabe nada, não acredita. Quanto sofri, meu Deus do céu! Até de madrugada ficava na cozinha pra costurar. De noite primeiro fazer o serviço, depois pegava na máquina. Eles todos dormiam, me lembrava de dizer: ‘Olha, eles dormindo, e eu aqui sofrendo pra poder ganhar um cruzeiro’ - pra dar pros filhos que saíam pra comprar roupa. Sorte que era tudo barato, mas bem, tinha que cobrar barato também. Depois fui até que não enxergava mais, ficava tonta, então eu deixei. E depois era uma máquina tocada à mão, outra não tinha, eu não tenho mais força nesse braço. Vinte e cinco anos costurava e depois terminava de costurar então tinha que fazer o serviço. Das vezes, pra me distrair um pouquinho, ia na roça, em redor da casa¹⁰².

⁹⁸ COVATTI, Santin. Entrevista citada, p. 03.

⁹⁹ “Te leve sú a matina, te gabei il naso que parea um camel!”. In: FIORESE, Maria. Entrevista citada, p. 13.

¹⁰⁰ RAVADELLI, Rosa. Entrevista concedida a Karine Simoni - 04/01/2000. p. 03.

¹⁰¹ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 14.

¹⁰² COVATTI, Alma. Entrevista citada, p. 02- 03.

Além das peças do vestuário, era preciso também costurar os lençóis e fabricar os acolchoados, geralmente com penas de aves ou de lã de ovelha; os colchões, feitos de tecido e forrados com palha seca de milho, e os travesseiros, também feitos de penas. As máquinas de costura utilizadas para a realização desses trabalhos faziam parte do enxoval das moças e muitas vezes eram uma herança deixada por familiares mais antigos e presenteadas por ocasião do casamento.



Moças prendadas mostrando seus dotes: o ofício de costureira era fundamental para construir a imagem de uma boa esposa e dona-de-casa. (Irmãs da família Dal Ponte. Acervo: Ari Simoni)

Algumas máquinas de costura encontradas no Museu Municipal de Xavantina datam do séc. XIX, o que indica que provavelmente foram trazidas da Itália e passadas de mãe para filha sucessivamente. Da mesma forma, a quantidade de exemplares ali existentes chama a atenção por serem, juntamente com o ferro de passar roupa movido à brasa, também utilizado no ofício de costureira, uma peça bem representada, mais até do que os instrumentos de trabalho considerados masculinos, como foices, enxadas, arados e pás. Possivelmente isso ocorre devido à facilidade de armazenamento e a boa conservação dos instrumentos, o que não acontece com o maquinário agrícola. Por outro lado, o número de máquinas de costura indica também que eram raras as famílias que não possuíam um exemplar, assim como as mulheres que não soubessem exercer o ofício de costureira.

Geralmente eram as próprias mães que ensinavam às filhas as técnicas da costura, assim como também outros trabalhos manuais como bordado, tricô e crochê. A senhora Norma Santinon afirma que, por ter passado problemas de saúde na infância, não ia para a roça, mas “sempre trabalhei de costureira, desde criança. A única coisa que eu soube fazer é costureira. Ninguém me ensinou, nunca vi ninguém cortar uma peça, ninguém com a tesoura na mão. O meu serviço comecei fazendo vestido pras bonecas, e daí fui aprendendo cada vez mais e com doze anos comecei a costurar pra fora, e com máquina tocada à mão¹⁰³”.

Se no Rio Grande do Sul a *única coisa* que a entrevistada afirmava saber fazer era costurar, em Santa Catarina foi necessário adaptar-se à nova realidade. A economia, baseada na agricultura de subsistência, não era mecanizada. Para plantar as espécies agrícolas – milho, feijão, arroz, batata, entre tantas outras – o colono contava apenas com as próprias mãos e as dos familiares para guiar o arado, manobrar a foice, o machado, a pá,

¹⁰³ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 01.

a enxada. Embora as difíceis condições de trabalho na lavoura exigiam tempo e empenho, não significava que essa fosse a principal fonte de renda da família, ao menos num primeiro momento, como continua contando a senhora Norma Santinon:

Sabe como compramos os móveis? Meu marido tá aqui, ele que não leve a mal: com a costura. Se eu e o nono brigasse e ele me mandasse embora, sabe com quê ele se pegaria dentro de casa? Fogão à lenha, forno elétrico e um freezer, e o resto que tem dentro de casa foi com a costura. O que eles ganhava com o porco, investiu no chiqueiro. O carro seria dele, mas dentro de casa, nem uma colher, uma faca, um prato, uma bacia, um balde, nem um lençol, nada, nada. Foi tudo com costura. Quando viemos morar aqui, eu de dia ia na roça, não aqui, fazia a roça em dois três dias porque terra aqui a gente não sabia onde que dava. Nós ia no Pedro Stoco pra ganhar um dinheiro pra comprar o queijo, a farinha, as coisas. E de noite costurava, chegava a uma, duas da madrugada, costurava com o ciareto de óleo diesel, porque não tinha luz¹⁰⁴.

Novamente, a ambigüidade se faz presente na memória das mulheres. Sem a terra, ou melhor, sem conhecer o terreno para aproveitar a melhor parte e assim poder fazer a roça, Norma seguia com seu marido à procura de trabalho na propriedade de outros colonos. Assim, a sobrevivência se tornava mais difícil, daí a importância que teve como costureira. Mesmo assim, a casa, os filhos, a comida, a horta, as criações e os pequenos locais cultivados também faziam parte da extensa lista de tarefas do seu cotidiano. Refletindo sobre a sua experiência, ela acredita que:

É bem por isso que agora eu acho que tudo o que gastamos de um tempo pra cá é do que a gente sofreu, o que a gente fez. Eu não dormia três horas por noite, anos e anos [...] Então costurava pra ganhar um dinheirinho pra comprar comida, e de dia nós em volta se ganhar dia de serviço pra se comprar o queijo, pegar abóbora, que nem se sabia fritar, só em molho, e polenta e abóbora¹⁰⁵.

¹⁰⁴ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 03.

¹⁰⁵ Idem, p. 03.

Mãos que traziam à vida: mulheres parteiras

O nascimento de um filho era um momento muito esperado, e cabia às mulheres o papel de trazer as crianças ao mundo. Na ausência de exames que identificassem o sexo e a saúde do bebê, a grande expectativa era que este nascesse sadio. Em geral os pais ansiavam por filhos homens, o que significava auxílio na lavoura, enquanto as mães preferiam meninas, para a assistência nas atividades domésticas e com os outros irmãos. A gravidez não impedia a realização das tarefas mais árduas, conforme a senhora Amélia Fasolo:

Quando eu tava no fim da gravidez da Clari me deixavam em casa até meio-dia, daí eu subia com a comida. Se chegasse atrasada, o Firmino que brabo! ‘O quê tinha feito em casa até meio-dia, que chegou atrasada na roça?’ Olha, fui na roça até no sábado, e no domingo ganhei a Clari. E hoje, quando tá grávida, já tá no médico. Cuida, acompanha, vê a saúde da criança e tudo, mas naquele tempo não era assim. Hi, mudou¹⁰⁶!

Conforme o relato acima, a grávida costumava trabalhar “até o último dia. Trabalhar e vim pra casa, e não no médico. [...] Tinha que agüentar assim, não como hoje, sente uma dor, corre pro hospital¹⁰⁷”. As dificuldades existiam, mas para muitas mulheres, como a senhora Santa Sordi, “não nasceu nenhum no hospital, ganhei todos em casa. Aqueles anos lá, tudo na sorte¹⁰⁸”, como na família do senhor João Trevisan. Ele é pai de onze filhos e conta que a sua esposa não foi no hospital, com exceção “do último, porque deu hemorragia pra ela. Tudo em casa, era as mulheres mesmo as parteiras. A falecida nona minha, não sei quantos partos que ela fez. Podia chamar de dia, de noite, temporal, se chamava ela ia¹⁰⁹”. Da mesma forma, sua esposa Ortenila lembra que:

¹⁰⁶ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 04.

¹⁰⁷ “Ndea laorar fin l’último dí. Laorar e venher casa, e no ndar in dotor. Ghera la nona Fasolo, la iéra brava. Una dona quá sú a Pinhal que zê morta, la vécia Pradela. Toquea agüentar cossita. No adesso senti un dolor, tutti nel dotor”. In: ZANANDRÉA, Gentile. Entrevista citada, p. 06.

¹⁰⁸ “I gá nascesto nhanca un tel ospedal, tutti casa i gó ganhá. Quei ani lá, tudo na sorte”. In: SORDI, Santa. Entrevista citada, p. 07.

¹⁰⁹ TREVISAN, João. Entrevista citada, p. 08.

Nós fazia a quarentena, a vizinhança vinha ajudar. Quarenta dias em casa, a gente tinha que se cuidar senão morria. Hoje corre no médico, tem socorro, mas naquela época não tinha nada disso. No meu tempo não chegou, mas se precisasse fazer cesariana em casa, se fazia. Era arriscado, morria bastante mulher. Cortava sem anestesia, era cruel¹¹⁰.

Não raras vezes, o trabalho excessivo provocava aborto até mesmo nas grávidas *acostumadas* com os serviços. A senhora Maria Fiorese, assim como tantas outras, sofreu dois, devido à “muito serviço. Depois, naquele tempo não era de se cuidar como agora, tinha que fazer¹¹¹”. O parto não era considerado como caso a ser assistido pelo médico, também porque este era raro e custava dinheiro. Além disso, a reprodução humana era considerada um tabu e o ideal era ter o filho em casa, geralmente na cama do casal, com apenas a presença da parteira, e às vezes de alguma amiga. Acumulando a experiência durante anos, as mulheres especialistas nesse trabalho eram indispensáveis. Vejamos:

Ganhar os filhos, quem ia no médico? Eu ganhei quatro, a diferença de dez, doze anos. O médico dizia que eu nunca mais ia poder ter filhos, problema de útero. Naquela época não tinha comprimido, o que Deus mandava era. Quase morri, era o tempo do doutor Júlio e a tia Cezira a parteira. Quando ela viu, começou ter medo, disse: ‘gente, vão buscar o médico’. Quando ele chegou, botou o pé em cima, a Idemara nhéééé. Nunca consultei nas quatro gravidez, nunca tomei um remédio. Agora dizem: ‘não toma isso porque tu tá grávida’. Quanto veneno bebemos que não precisava? Não perdi nenhum! A minha madrinha não morreu pra nascer o nenê? A do Bergamin, não morreu pra ter nenê? A do Bortoli, morreu. A nona Fasolo, gosto dela, o que ela fez aqui! Eu comecei a dor de noite, estourou a água lá por meia-noite. Deu temporal, eu disse: ‘vou agüentar até de manhã cedo’. De manhã fui pegar a nona Fasolo, quando ela me consultou disse: ‘Tu tem a bolsa de água’. ‘Não nona, estourou’. ‘Não, não estourou’. Ela pegou um fósforo e botou o fósforo pra estourar, sem luva, sem nada, disse que ia furar, fura o que? Ela entrou pra furar a bolsa e a água não saiu, saiu de noite. E a minha Ivani nasceu, Deus olhou e disse: ‘Não quero que morra nem a menina, nem a mãe’¹¹².

¹¹⁰ TREVISAN, Ortenila. Entrevista citada, p. 08.

¹¹¹ “Massa laoro. Dopo, quel tempo lá, cara de Dio, non era de se cuidar que nem agora. Toquea far”. In: FIORESE, Maria. Entrevista citada, p. 14.

¹¹² SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 16.

Como se percebe no relato acima, os recursos médicos eram buscados apenas nos casos extremos. Depois do parto, as mulheres procuravam ficar “na cama, quatro, cinco, oito dias. Quarenta dias não trabalhava, só servicinhos dentro de casa. E as mulheres vinham lavar a roupa, fazer o pão, a limpeza. Era mais união naquele tempo que agora¹¹³”.

As mulheres também presenteavam a mais nova mamãe com galinhas, ovos, hortaliças, verduras, numa maneira de mostrar solidariedade e alegria. Os trabalhos pesados eram evitados, assim como a umidade e o vento. Geralmente os bebês dormiam com os pais, o que demonstra a preocupação destes em oferecer ao recém-nascido carinho e proteção. As crianças eram enfaixadas com tiras de pano que impediam os seus movimentos, pois acreditava-se que essa precaução poderia evitar algum defeito físico¹¹⁴.

As orientações e práticas relacionadas ao parto foram transmitidas de mãe para filha, até que a medicalização das técnicas de saúde provocou a extinção das parteiras, interrompendo esse ciclo. A parteira também assumia a função de orientar a futura mamãe durante a gravidez sobre os cuidados que esta deveria tomar para o *bambin* nascer sadio.

Havia um certo cuidado em batizar o bebê o mais breve possível, para impedir que maus espíritos tomassem conta da criança ou que, no caso de alguma desgraça, ela morresse sem receber os óleos santos. Os padrinhos tinham a missão de auxiliar na educação cristã do afilhado, sobretudo no caso de perda dos pais. Os que dispunham de condições financeiras costumavam dar presentes principalmente no Natal, Páscoa, dia das crianças e aniversário. Era costume também escolher os avós paternos e depois maternos para serem padrinhos do primeiro e segundo filho.

¹¹³ RAVADELLI, Rosa. Entrevista citada, p. 10.

¹¹⁴ DE BONI, Luís A., COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Op. cit. p. 160.

Uma fatia de polenta: o prazer de repartir

Na memória dos homens e mulheres entrevistadas, a cozinha significava mais que o lugar para armazenar e preparar os alimentos. Compreender um determinado aspecto da cultura dos migrantes implica também em situá-lo num “contexto físico ou cenário social, público ou privado, dentro e fora de casa, pois esses espaços físicos ajudam a estruturar o evento¹¹⁵”. Nesse sentido, entende-se que a cozinha era antes de tudo o principal local de reuniões familiares e de amigos, vizinhos e parentes.

Segundo os migrantes, o fogo ficava aceso o dia inteiro numa espécie de “chapa comprida num caixão de madeira, embaixo tinha terra. Era todo mundo assim, não era só nós¹¹⁶”. Por isso, conforme o senhor Abraminho Santinon, “a casa do falecido nono que veio da Itália, tinha a casinha aqui, e onde dormia era separado. E na cozinha o chão era feito de terra. Era tudo separado, a cozinha era aqui e onde dormia era outra casa¹¹⁷”. A sua esposa Norma explica por que:

Eles pegavam um cantinho assim e botavam terra, socava bem aquela terra e fazia fogo lá. E botava uma corrente pra fazer polenta, tinha medo que alguma faísca queimasse. Então dizia assim: ‘se queima, queima só a cozinha, então salvamos o resto’. E depois lá não era fácil comprar uma caixa de fósforo, e sabe o quê se fazia? Pegava uma torra, botava em cima, pegava a cinza do redor e cobria. De manhã, podia ter sido a noite comprida quarenta horas, achava umas brasas que era só botar uma torra em cima, pegava fogo de novo. Eles nunca ocupavam fósforo, o fogo não morria, continuava dia e noite¹¹⁸.*

O modelo de casa citado acima era típico dos imigrantes italianos que se estabeleceram no Rio Grande do Sul, e se constituía portanto num traço cultural de permanência entre os seus descendentes que migraram para Santa Catarina. O mesmo

¹¹⁵ BURKE, Peter. Op. cit. p. 132.

¹¹⁶ COVATTI, Santin. Entrevista citada, p. 02.

¹¹⁷ SANTINON, Abraminho. Entrevista citada, p. 05.

* Tronco de árvore usado como lenha.

¹¹⁸ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 06.

poderia ser visto com o fogão, chamado *fogolaro* pela maioria das famílias. O *fogolaro*, geralmente localizado num dos cantos da cozinha, consistia-se num conjunto de correntes que suspendiam uma panela sobre uma pequena caixa de madeira, pedra ou tijolos, cheia de terra, sobre a qual era acendido e mantido o fogo. Sobre isso conta a senhora Norma Santinon: “naquela época, em redor do *fogolaro* não tinha tinta pra pintar, a parede ficava preta. Então todos os anos, pro final de ano, pegava jornal, papel, forrava tudo. E depois ficava preto o jornal também, no outro ano trocava, a pintura, a limpeza da casa era isso ali¹¹⁹”. “De noite, quando era frio, botava as torras no fogo. [...] Todas as noites nós chorava porque a fumaça ardia nas vistas. A nona dizia: ‘vamos levar dormir, porque a piazzada morre da fumaça’¹²⁰”. O fogo era feito sobre a terra que também existia “debaixo do assoalho. O soalho da cozinha era terra, só que era uma terra coisa mais linda. Era uma terra diferente daqui, era branca. Sabe como fazia? A cinza, em vez de jogar fora, esparramava aqui na cozinha, e depois molhava, saía todo mundo pra poder secar¹²¹”. Essa solução prática para um meio pouco eficiente era seguido por “todas as famílias, não tinha uma cadeira pra sentar, banco. A mesa era uma tábua pregada na parede. Botava duas pernas, o resto pregava. A pia era fora pela janela¹²²”. A senhora Oliva Bicigo lembra que:

Dentro de casa, de móveis só as camas, feitas de madeira. E de louça tinha só o que precisava. Numa latinha botava os talheres, os pratos tudo numa prateleira. As panelas tavam pretas, porque a gente pendurava por cima do fogão, numa corrente. Todas as panelas com cabo, assim, que nem um balde. Frigideira também, era de pendurar na corrente. [...] Fritava batatinha, peixe, carne, assim. Era uma casa fora, fazia a casa pra dormir e a cozinha. Foram gente que queimou a cozinha, daí queimava aquilo e pronto¹²³.

¹¹⁹ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 06.

¹²⁰ SANTINON, Abraminho. Entrevista citada, p. 06.

¹²¹ Idem, *ibidem*.

¹²² SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 06.

¹²³ BICIGO, Oliva. Entrevista citada, p. 07.

Isolados dos grandes centros ou mesmo das pequenas vilas, os colonos buscaram na propriedade uma maneira de garantir a sobrevivência. Com um pouco de carinho e criatividade, era na cozinha que as mães e esposas preparavam os alimentos que, apesar de simples, forneciam a energia para o trabalho, conforme relata a senhora Rosa Ravadelli: “ao meio-dia fazia uma sopa, polenta e queijo, almeirão cozido, passarinho, sempre tinha alguma coisa pra comer, tinha bastante caça de mato, peixe, então a gente matava, fritava, nunca passamos fome¹²⁴”.

Juntamente com o alimento oferecido espontaneamente pela natureza, as migrantes faziam questão de manter uma horta próxima à moradia, na qual cultivavam verduras, legumes, hortaliças, temperos verdes e plantas medicinais. O pomar também se constituiu numa importante fonte de alimento. Laranjeiras, limoeiros, pessegueiros, figueiras, ameixeiras e uma infinidade de outras espécies foram plantadas para serem colhidas muitos anos depois. Enquanto a natureza seguia seu ritmo e preparava as árvores frutíferas, a abundância de frutas silvestres, como cerejas, jaboticabas, pitangas e amoras, entre outras, eram opções bastante apreciadas. Nas roças plantava-se milho, batatas, aipim, feijão, arroz, trigo e pastagens para os animais. O milho foi o produto mais importante, pois além da polenta, era com ele que as galinhas, patos, marrecos e perus eram tratados, bem como engordados os porcos.

Na simplicidade do dia-a-dia, a hora da refeição era sinônimo de união e respeito; um momento sagrado que tinha a pretensão de recordar e talvez imitar a Santa Ceia de Cristo. Sob o olhar atento dos pais, não eram permitidas algazaras ou desavenças, como lembra a senhora Norma Santinon:

¹²⁴ RAVADELLI, Rosa. Entrevista citada, p. 02 – 03.

Nós já grande, só mais novo, fazia sopa de feijão. Botava uma bacia no chão, na terra, davam um colher cada um e ninguém falava, porque quem falava perdia a sopa. Todo mundo em redor, ninguém brigava, quem brigava perdia a sopa. E quando fazia a polenta, botavam em cima de uma tábuia, era dura, ela ficava alta pra não correr, senão sobrava o que? Se tu tinha fome, não podia ir pegar a polenta sem esfriar bem. Eles cortavam com o fio 16, linha, davam no prato, sentada na terra, no chão. Me davam um pedaço de queijo ou salame, esse nunca faltou. Então com uma mão, salame, e a polenta tu pensa que me davam no prato? Deixava esfriar e te dava numa bacia, passava com nós sentados no chão e tinha que pegar, prato nem tinha. E o salame na mão, salame e polenta¹²⁵.

A polenta era feita “na caliera. Eu, recém-casada, tinha ela pendurada; fogo embaixo e fazia a polenta ali. Só que eu não era acostumada, na casa do meu pai tinha o fogão. Deixava mais a caliera fora do que em cima do fogo! Quando cansava, tirava fora¹²⁶”. Ecléa Bosi aponta que “nas lembranças pode aflorar a saudade de um objeto perdido de valor inestimável que, se fosse encontrado, traria de volta alguma qualidade da infância ou da juventude que se perdeu com ele¹²⁷”. Apesar de tais transtornos, a lembrança da utilização da caliera é um indício da importância que esta tinha para os colonos.

Ainda hoje é costume em algumas famílias da área rural fazer a polenta à noite, numa quantidade maior do que aquela consumida pela família. Assim, poupa-se o trabalho do dia seguinte, aproveitando-se as sobras para o café da manhã, quando os pedaços são cortados e sapecados na chapa do fogão.

De acordo com a senhora Norma Santinon, “de um saco de milho dava três partes de farinha. Dava quarenta quilos de farinha, vinha vinte de farelo. Era polenta todos os dias. Mais ou menos, durava vinte dias¹²⁸”.

¹²⁵ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 06.

¹²⁶ “Tea caliera. Mi pena maridada se la tea picada tela cadena, fogo embaixo e fea la polenta lí. Sol que mi, no iéra acostumada, gavea pí a caliera fora involta do que in cima al fogo! Quando que iéra stufa, a trea fora”. In: FIORESE, Maria. Entrevista citada, p. 03.

¹²⁷ BOSI, Ecléa. Op. cit. p. 442.

¹²⁸ SANTINON, Norma. Op. cit. p. 08.

Para conseguir a farinha, “os primeiros anos se ia pra Erechim. Depois o Zanandréa veio do Rio Grande e colocou o moinho lá no Tumelero¹²⁹”. Os moinhos consistiam-se em engrenagens que trituravam os grãos, impulsionadas por rodas movidas pela força da água de riachos e riachos. Sobre as idas ao moinho a senhora Ortenila Trevisan conta que:

Quando eu vim do Rio Grande tinha porco de mato, tigre não muito. Porco de mato às vez se ia no moinho e tinha que esperar. Pra mim nunca aconteceu, porque eu ia quando se reunia as vizinhas, se ia a Passo das Antas. Às vez tinha que parar, uma turma tava à frente e outra atrás, e tinha os passos do animal no atolador de barro em Guararapes. Era puro mato, tinha o atolador e daí tinha que parar uma turma atrás e outra à frente, a turma era de quatro, cinco. Às vezes tinha que esperar que passasse os porco de mato pra depois passar¹³⁰.



Hora de preparar a farinha para a polenta!
Moinho pertencente ao Sr. Remiro Tumelero.(Acervo: Museu Municipal de Xavantina)

¹²⁹ “I primi ani se ndea al molin a Erechim. Dopo Zanandréa lora é venhesto sú del Rio Grande e gá metesto sú il molim lá via onde que é adesso Tumelero. Il molim dopo é sempre stato lá”. In: ZANANDRÉA, Gentile. Entrevista citada, p. 07.

¹³⁰ TREVISAN, Ortenila. Entrevista citada, p. 03.

Nas comunidades de ascendência italiana do Brasil, principalmente no Sul do Brasil, a polenta constituiu-se como um dos pratos principais na mesa dos imigrantes e seus descendentes. Na Itália, o principal sustento dos camponeses mais pobres era a *mosa*, uma polenta mole feita de água, sal e farinha de milho, a qual servia-se sem outras misturas¹³¹. Devido a essa dieta insuficiente por falta de alimentos adequados, um grande número de camponeses sofria de *pelagra*, uma doença provocada pela falta de vitaminas¹³². Diante de uma grande variedade de alimentos, no Brasil o imigrante não descartou a polenta, mas passou a saboreá-la com outras comidas, como queijo, salame ou verduras, já conhecidos na Itália, porém caros demais para serem consumidos. Os descendentes de italianos que migraram para o Oeste de Santa Catarina também buscaram formas alternativas de alimentação: “nos primeiros dias que chegamos, comíamos polenta e *radici* cozido. Íamos plantar trigo, o pai ia antes do sol nascer porque era puro mato, pra ver se achava algum macuco pra matar ou qualquer outro bichinho pra comer. E de manhã, polenta e café preto¹³³”. A senhora Santa Sordi também conta que “nos primeiros tempos que nós tava aqui, tinha tanto frango de mato. Polenta, feijão dava bem¹³⁴”. Seu marido Aurélio ajuda e completa: “arroz, abobrinha, ela plantava, não precisava adubo aqui, a terra era boa. Nem que era morro, era terra boa, então tinha de tudo¹³⁵”. Segundo a senhora Amélia Fasolo, “quando precisava comprar alguma coisa que não tinha aqui, aquela vez não era que nem

¹³¹ DE BONI, Luís, COSTA, Rovílio. **Far la Mérica**. Op. cit. p. 135.

¹³² A *pelagra* consistia-se numa grave avitaminose provocada pelo excesso de amido, único alimento para milhares de camponeses do Norte da Itália no período que antecedeu a Grande Imigração. Em estágio avançado, além das escamações da pele, a doença provocava perturbações psíquicas e conduzia o paciente à morte, inclusive por suicídio.

¹³³ “I primi dí, semo venhesti, se mangiava polenta e *radici* cotti. Se ndea piantar il formento, il pai ndea vánti matina, parqué géra puro mato par ver se catea qualche macuco par copar o qualche bichinho par manhar. E polenta a matina, non se gavea formento, non se gavea niente. Polenta e café negro”. In: FIORESE, Maria. Entrevista citada, p. 02.

¹³⁴ SORDI, Santa. Entrevista citada, p. 05.

¹³⁵ SORDI, Aurélio. Entrevista citada, p. 05.

agora, que tu vai comer bastante coisa. Quando tinha o trigo, o pão, a polenta e queijo e alguma coisa, aquilo era a comida. Não era bolacha, não era cuca, nada. Se tirava do mato também alguma caça¹³⁶”. Mesmo assim, às vezes um produto poderia não ser encontrado ali, então a solução era ir “até Seara de a cavalo, ou ir no moinho a cavalo. Me peguei uma vez em Seara de a pé, não tinha condução, não tinha ônibus, vim a pé trinta quilômetros¹³⁷”.

Percebe-se nos relatos acima que a polenta compunha o café da manhã, o almoço e o jantar. Tanta importância merecia alguns instrumentos especiais com relação ao seu preparo e serventia: a panela de ferro para cozê-la, a tábua redonda em que era servida e cortada com um fio de linha e a *méscola*, espécie de pá de madeira utilizada para melhor mexer a polenta. As memórias, além de espaços e pessoas, são também constituídas por objetos, chamados de objetos biográficos, que trazem consigo muitas vivências. Elementos de uso comum, como a enxada, a máquina de costura, a *méscola*, são também resquícios de histórias de vida, pois “mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade¹³⁸”.

Junto à polenta e seus acompanhantes juntava-se a famosa *minestra*, ou sopa de feijão, igualmente muito apreciada. Em muitas famílias, ao meio-dia “se fazia feijão, massa enxuta, talharim, macarrão! Os pequenos também se criaram comendo feijão!¹³⁹”. Nas famílias que apresentavam dificuldades para adquirir o trigo para o pão, a polenta era o principal alimento. Vejamos:

Não tinha dinheiro pra comprar farinha, por isso se comia o pão na sexta, sábado e domingo, às vezes na segunda. E durante a semana, quando não era duas, era três polentas que se fazia por dia. E radíci còti, queijo e

¹³⁶ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 04.

¹³⁷ BOFF, Honorato. Entrevista citada, p. 02.

¹³⁸ MORIN, Violete. Apud: BOSI, Eclea. Op. cit. p. 441.

¹³⁹ “Fazui, biguli sciuti, taiadeli, macarroni. Anca quelì picinini se gá criá manhando fazui!”. In: BERGAMIN, Primo. Entrevista citada, p. 10.

*salame, coisinhas assim, bastante verdura da roça. De manhã pão e café, quando tinha, e senão café, polenta e queijo. E batatas! Os meus filhos sabem quanta batata e café que comeram! E eram todos sadios!*¹⁴⁰

Com as primeiras colheitas de trigo, o pão se tornou um alimento presente na mesa dos colonos. Era amassado “com as mãos. O primeiro forno que fizemos, tijolo não tinha, fomos na roça procurar pedras queimadas, que assim seguravam o fogo, sem estralar. O pai fez o forno. E visse que pão que vinha no forno, todo feito de pedras!¹⁴¹”. Já na casa do senhor Primo, o consumo do trigo era maior. Vejamos o que ele tem a nos dizer:

*Comia-se mais pão que polenta; meio saco de milho e dois de trigo. O trigo levava lá no Tumelero. Pouca polenta, o pão ia! No forno ficava vinte e três, vinte e quatro pãezinhos. Fazia uma vez por semana, comiam! O forno ficava vermelho! Dava gosto, o trigo dava. De manhã comia queijo, salame, ovos, leite, café se fazia pouco, leite puro*¹⁴².

Dependentes não só do trabalho, mas também das condições climáticas para obterem sucesso nas plantações e garantirem a sobrevivência, as intempéries por vezes acabavam por comprometer a boa alimentação dos colonos. Sobre isso lembra o senhor Ângelo Dal Bosco:

Enfrentei problema com temporais, granizo, ventania, essas coisas. No Rio Grande deu mais vento, granizo de estragar bastante produto nunca. Aqui em Santa Terezinha deu a neve. Por três dias não se via nada, não se enxergava a madeira, de tanta neve que tinha. Foi no ano sessenta e quatro, não me recordo bem [...] Tinha o produto, farinha, arroz, tinha que vim no moinho e não dava porque essa chuva de neve. Então se descascava o arroz em casa. Tinha um pouco de farinha de trigo, arrancar mandioca, batata. Carne, se tinha galinha matava, e depois acho

¹⁴⁰ “Te gue mia soldi par comprar a farina, e lora te manhea pan a vendre, sabo e a domêniga, e forse lúni. E fora par setimana, quando no iéra due polenta iéra tré al dí. E radici cóti, formaio e salame, trapel cossita, verdura da roça. A matina pan e café, e senó café e polenta e formaio. E patate! I miei tozi sá patate e café que i gá manhã! E iéra tutti sani!”. In: FIORESE, Maria. Entrevista citada, p. 06.

¹⁴¹ “Con le man. Il primo forno que guemo fato, tijolo non gue néra mia, semo ndati in cerca pela roça, catá sú sassi marsi, que i tea il fogo, strala mia. Il pai gá fato il forno. E te vedesse que pan que venhea tel forno, tutto fato de sasse!”. In: FIORESE, Maria. Entrevista citada, p. 06.

¹⁴² “Se manhava de pí pan que polenta, medo saco de mílio, due de formento. Col formento se ndea lá del Tumelero. Poca polenta, ma zô pan. Gavea um forno que tenhea vinti tré, vinti quatro panini. Una volta stimana, manhava fora! Venhea rosso il forno! Se agodea manhar, il formento dava. A matina se manhava formaio, salame, uvi, late, café quasi mai, late puro”. In: BERGAMIN, Primo. Entrevista citada, p. 10.

que em quatro dias tinha parado de cair neve, consegui vim no moinho aqui em Palmeira, mas o moinho não trabalhava ainda, tinha dado um raio na rede de luz, tinha estragado. Tava sem farinha, tinha arroz mas tava ruim pra descascar, então o comerciante me respondeu que tava melhor eu que tinha batata e mandioca e o arroz pra descascar, e eles aqui não tinham mais nada. O moinho tava parado, eles se pegaram sem farinha, sem arroz. E o comércio era fraco, nem mercado tinha, ia nas lojas, vendia o arroz, mas pouca coisa¹⁴³.



Novidade em Xavantina, então distrito de Seara: a neve trouxe muitos contratemplos para os colonos, mas também uma experiência única de contato com a natureza. (Acervo: Museu Municipal de Xavantina).

A carne consumida provinha principalmente das caçadas. Na propriedade do senhor Honorato Boff “tinha muita caça. Passarinho, veado, bicho de pêlo, mas não me interessava muito, eu gostava de caçar passarinho. Ia lá no mato, em poucas passadas tinha que voltar, porque não adiantava matar, não tinha onde botar, não vencia, não tinha geladeira. Parece que não é verdade, mas como mudou!¹⁴⁴”. O senhor Euclides Pelizza também lembra que:

Tinha outros bichos mais grandes. Tinha paca, porco do mato, só que nós não tinha espingarda, nós não caçava aquilo. Quem caçava era os Mosconi, os Piovesan, eles tinha a espingarda e os cachorros. Eles iam com os cachorros, achavam um bando de porco de mato, matava três, quatro porcos do mato. E senão, arrumavam no pique onde passa a paca, que de noite elas passam, vão pra toca, tem um trilhosinho, arma a espingarda ali, quando elas passam bum. Vão lá de manhã, a espingarda desarmada, o bichinho morto. Buone de manhar, coisa boa!¹⁴⁵.

¹⁴³ DAL BOSCO, Ângelo. Entrevista citada, p. 05.

¹⁴⁴ BOFF, Honorato. Entrevista citada, p. 03.

¹⁴⁵ PELIZZA, Euclides. Entrevista citada, p. 09.

Já o consumo de animais domésticos não era muito comum, pelo menos nos primeiros momentos da instalação da propriedade. Segundo a senhora Amélia Fasolo, “matava uma galinha no fim de semana, pra comer carne. Pendurava a metade fora pela janela, pro outro dia. Em vez de cozinhar e guardar cozida, talvez que durasse mais, metade cozinhava hoje e metade deixava pra amanhã, num prego, fora pra janela¹⁴⁶”. Por vezes também “eu me lembro que o pai matava um porco e fazia pedacinho. Botava numa panela e salgava que nem temperar um churrasco. Deixava ali uns três dias, depois tirava, atava com um barbante e botava por cima do fogão pra secar, e pingava aquilo em cima do fogão, por dois dias tinha que um só lavar o fogão. Era a chapa, que luta, não era fácil!¹⁴⁷”.

Atentemos também para a prática da família da senhora Norma Santinon:

O que caçava, pescava, fritava logo, não tinha como guardar. E galinha, uma por semana. Então a metade botava na panela, fazia sopa e a carne lessa, guardar pra de noite, passava no ovo, pra fritar e comer com a polenta, um pedaço daquela carne e polenta. E meia galinha botava embaixo do sal, na metade da semana então era festa de novo pra comer a galinha. Tinha que deixar três dias na água e trocar a água pra tirar o sal. Eu lembro que a metade da galinha aprontava logo, e a outra metade pendurava fora pela janela, era outro costume. E aquela que ficava lá fora, como é que ficava, moscas, gatos?. Os gatos não roubavam porque ficava alto na parede. E nos domingos, nada de diferente! Se matava aquela galinha, então era festa. E na metade da semana, a outra metade, então duas festas se fazia por semana. Carne de vaca nós comia quando ia na festa, mas quando? Nós nunca tinha dinheiro¹⁴⁸.*

O fato de não comerem carne todos os dias estava relacionado com as condições financeiras das famílias, pois para muitas esse alimento era considerado caro demais para ser consumido fora dos dias especiais, como finais de semana, festas de padroeiros ou de santos, e ainda festas de casamento. Como nos primeiros tempos no novo habitat animais

¹⁴⁶ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 06.

¹⁴⁷ BOFF, Honorato. Entrevista citada, p. 03.

* Cozida em água e sal.

¹⁴⁸ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 06.

como bois e vacas, ou mesmo carneiros e cabras, serviam principalmente para fornecer leite, lã e força de trabalho, eram poupados do consumo. Uma vez que a economia das pequenas propriedades na fase de instalação era baseada na subsistência, o dinheiro era insuficiente para a obtenção tanto de novos animais como da carne destes. Já as aves domésticas, como galinhas e patos, era úteis por fornecerem ovos e penas, mas por procriarem com mais frequência que os animais maiores, eram mais consumidas. Peixes e animais silvestres encontrados nas matas e campos também eram uma boa opção. Por isso, “uma vez nem se matava boi, porco sim, cozinhava toda, botava dentro de uma lata. Uma parte fazia lingüiça, outra cozinhava dentro de um tacho, depois guardava embaixo da banha, tampava bem¹⁴⁹”.

Como percebido nos relatos acima, a carne era um alimento sinônimo de riqueza e de fartura, elementos essenciais no *paese della cuccagna*. Segundo Hilário Franco Júnior, nesse lugar os elementos que mais se destacavam se referiam à alimentação, dividida em quatro grupos¹⁵⁰. As carnes ocupavam o lugar de destaque, e dentro deste os derivados suínos eram os mais importantes¹⁵¹.

O consumo da carne entre os imigrantes italianos, costume que foi seguido também pelos seus descendentes, era baseado principalmente nos dias especiais do calendário cristão, ou seja, Natal, Páscoa, dia dos santos padroeiros ou de devoção; além da instituição de sacramentos como casamentos e batizados. Nos relatos das pessoas pesquisadas nota-se uma estreita relação entre as festas e o consumo de carne, provavelmente uma herança do período medieval. Na tentativa de cristianizar os cultos e rituais pagãos, sabe-se que a

¹⁴⁹ BOFF, Rosa. Entrevista citada, p. 03.

¹⁵⁰ JÚNIOR, Hilário Franco. Op. cit. p. 57.

¹⁵¹ Idem, p. 65 – 66.

Igreja institucionalizou determinados dias para a realização de festejos populares, sendo o carnaval mais conhecido por ter incorporado vários destes festejos e assim sobrevivido até os nossos dias¹⁵². Conforme a própria palavra, *carnaval* pode ser interpretada como *carne vale*, ou seja, é permitido o consumo desse alimento sem restrições. Na Idade Média, na chamada Terça-Feira Gorda que antecedia a quaresma, além dos festejos era permitido o consumo exagerado desse alimento. Já na véspera de Natal o costume de abater animais de grande porte, como porcos e bois, pode ter sua origem também no mesmo período, quando a Europa se preparava para enfrentar o rigoroso inverno. A necessidade de alimentos calóricos para superar o frio, bem como a falta de espaço e alimento adequado para todos os animais influenciava o abate dos mesmos¹⁵³.

Como grande parte das festas citadas aconteciam uma vez por ano, entre os imigrantes italianos tais dias eram sagrados, daí a escolha e preparação de alimentos que normalmente não eram servidos nas refeições ordinárias. O calendário dos italianos que migraram era, portanto, baseado na religião católica, que acabou por determinar também o ritmo e o estilo de vida dos seus descendentes. As refeições dos dias especiais eram, portanto, símbolos de respeito às datas religiosas, um momento sagrado de confraternização e unidade da família. Dessa forma, se durante a semana o alimento tinha a finalidade de repor as energias gastas com o trabalho, nos dias festivos era um elo com o sobrenatural que servia para unir o material e o sagrado: comia-se e festejava-se em honra aos santos e santas de devoção, esperando-se a proteção destes. Atentemos para o relato do senhor Evaristo Colpo:

¹⁵² Veja-se: BAKHTIN, Mikhail. *Apresentação do problema*. In: **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. [Trad. Yara Frateschi]. São Paulo: HUCITEC; Brasília: UnB, 1993.

¹⁵³ JÚNIOR, Hilário Franco. Op. cit. p. 66.

No Rio Grande, em julho era a Nossa Senhora do Carmo, e em outubro, São Francisco, os dois santos que tinha lá. Então nós comia carne de gado, naquela época o meu pai comprava dois quilos naquela festa pra trazer pra casa e dois quilos na outra festa. Depois, o ano todo, carne de gado nada. Era só lá. Só que peixe era que nem ir num galinheiro, peixe à vontade, sempre tinha. Água limpa, água de rio, peixe criado no rio, ao natural. A gente tinha uma gaiola de ferro, colocava duas espigas de milho lá dentro e tinha um buraco. Jogava o milho debulhado no chão, depois botava aquela espiga lá dentro. O peixe rodeava e entrava lá dentro, só que pra sair ele não achava mais aquele buraquinho. Nós levava com o cesto os cascudos pra casa. Polenta e peixe, e tinha que ter sempre o porco engordando pra ter a banha pra cozinhar, porque azeite não existia. Depois nós tinha uma açude de água e soltava eles lá, vivos. Lá era só pular lá dentro e pegar. Carne de peixe faz muito melhor do que carne de gado. Polenta não podia faltar, a mãe fazia duas polentas por dia, naqueles panelões de ferro. Nos primeiros tempos, o trigo não dava bem, nós morava na costa do rio, cerração até de manhã, às vezes. Depois saía aquele sol quente. Então o trigo quando tava na flor, queimava, enferrujava. Depois começamos a plantar no alto, na terra dos outros, aí sim dava, não faltou mais pão. Nós chegamos de vender cem bolsas de trigo. Tudo plantado a boi, arado e enxada, e tudo colhido à mão, foicinha. Empilhado na roça, nem levava pra dentro do paiol¹⁵⁴.

Nos dias comuns, era a mulher quem preparava a refeição e, ao reunir a família, criava a sacralidade da união ao redor da mesa. Sentar à mesa não implicava apenas no ato de ingerir o alimento, mas no encontro com a família, pois era geralmente o único tempo livre do dia. O respeito mútuo era fundamental, mesmo porque não se toleravam outras atitudes, e a *arte de prolongar a existência* transmitida pelos mais velhos aconselhava dedicar esse tempo à alegria e a um bom copo de vinho para facilitar a digestão.

À noite, sentada à mesa diante da figura paterna, a família se reunia para comer e, após esse momento, discutia-se a divisão de tarefas para o dia seguinte e analisava-se o dia que passara. Após a lavagem da louça feita pela mulher, ou por uma filha mais velha, todos se reuniam em frente a uma imagem sagrada para as orações costumeiras. A mãe se encarregava de chamar a família para rezar o terço “com ladainhas e tudo, não tão

¹⁵⁴ COLPO, Evaristo. Entrevista citada, p. 07.

simples!¹⁵⁵”; momento único que inseria a criança no mundo cristão, no qual aprendia a cultivar a fé católica e a importância de seguir o bom caminho. A senhora Maria Fiorese aprendeu a rezar ainda criança. Vejamos como:

A minha avó, quando eu era criança, em italiano ela me ensinava as orações. Antes de ir dormir pegava as crianças, e a mãe, ou a nona, ensinavam todas as orações, o Ato de Contrição, e terminado de rezar as orações, o Santo Ângelo. ‘Agora se recomendem a alma, porque vocês sabem que vão pra a cama, mas não sabem se vão sair dela vivos’. E então ela me ensinou, eu dizia: ‘Mas nona, como se faz pra se recomendar a alma?’. Ela dizia: ‘Olha, quando que tem um moribundo que vai morrer, que não tem ninguém, digam a ele: Jesus, José, Maria, a Vós recomendo a alma minha. Jesus, José, Maria, assisti-me até a minha última agonia. Jesus, José, Maria, respira em paz com Vós a alma minha! E rezem a ele o Ato de Contrição, e peçam perdão de todos os seus pecados por ele’. E eu, depois que a nona me ensinou assim, não vou para a cama uma noite sem primeiro não dizer aquelas orações¹⁵⁶.

Conforme o relato, a prática da religião era considerada não menos importante que o trabalho, motivo de honra para os migrantes. Daí a preocupação principalmente das mães e avós em ensiná-la aos filhos desde a mais tenra idade.

Geralmente o jantar se consistia na refeição melhor elaborada, quando o alimento poderia ser saboreado com apreço nos momentos que antecediam o merecido descanso. A cozinha, espaço tido como predominantemente feminino, é recordada com detalhes também pelos homens, mais um indício de que a divisão de espaços e papéis de acordo com o sexo existia apenas na esfera social. No referido espaço, fabricavam e consertavam objetos e

¹⁵⁵ ZANANDRÉA, Gentile. Entrevista citada, p. 10.

¹⁵⁶ “I me nona, ancora mi de picinina, ma le italian, èla me insenhea le orassion. Prima de ndar dormir ciapera tutti i tozatéi e a mama, o a nona, gue insenhea tutte le orassion. El il Ato de Contricion, e finio rezar le orassion, el Santo Angelo. ‘Adesso se recomandave l’anima, parchè savii que ndete a letto, ma save mia se venhè sú vivi. E lora ela me gá insenhá. E mi dizia: ‘ma nona, ma come que lé par racomandarse l’anima?’’. Lora a dizia: ‘Varda, quando que gue zê un morimondo que morre, que non gue zê nessuni, dizêve: *Jesù, Giuseppe, Maria, ve racomando l’anima mia. Jesù, Giuseppe, Maria, assistiteme fin l’ultima agonia. Jesù, Giuseppe, Maria, respira em paz con voi l’anima mia.* E rezague il Ato de Contricion, e pedirghe perdon di tutti i peccati par lú’. E mi, dopo que a nona me gá insenhá cossita, no váo te letto una sera senza prima mi non me toca dir quele orassion que a nona me gá insenhá”. In: FIORESE, Maria. Entrevista citada, p. 09.

instrumentos agrícolas, debulhavam espigas de milho, armazenavam o feijão no chão da sala, entre outros, embora encarem essas funções como parte do trabalho da roça. Também eram responsáveis pela caça e pesca, importante fonte de alimento:

*Pescar, naquele rio ali sempre tinha peixe. Nós ia, eu e meu irmão, pescava jundiá, traíra, um rio que tinha peixe era esse ali. Nós fazia bastante era caça, mas não com espingarda porque nós não tinha espingarda, armar arapuca no mato. Anhambú, perdiz, pomba, o que eu e meu irmão cansamos de pegar no mato! Nós fazia o pique assim e ia um quilômetro. E fazia assim, armava sete, oito arapucas, ia de manhã armar elas, de noite ia passar pra visitar, pra ver se tinha algum desarmado com passarinho embaixo. Nesses mato tinha!*¹⁵⁷.

Seja na cozinha ou na roça, no chiqueiro ou no estábulo, era preciso empenho e dedicação nas atividades a serem desenvolvidas. No dizer poético de Alfredo Bosi, estas podem ser assim resumidas:

*A mão arranca da terra a raiz e a erva, colhe da árvore o fruto, descasca-o, leva-o à boca. A mão apanha o objeto, remove-o, achega-o ao corpo, lança-o de si. A mão puxa e empurra, junta e espalha, arrocha e afrouxa, contrai e distende, enrola e desenrola, toca, apalpa, acaricia.[...] Faz levantar a voz, amaina o vozeirio, impõe silêncio. [...] Traz ao mundo a criança, esgana o inimigo. Ensaboia a roupa, esfrega, torce, enxágua, estende-a ao sol, recolhe-a dos varais, desfaz-lhe as pregas, dobra-a, guarda. A mão prepara o alimento. Debulha o grão, depela o legume, desfolha a verdura, corta em quina, mistura, amassa, sova, espalma, enrola, amacia, unta, recobre, enfarinha, entrouxa, enforma, desenforma, polvilha, afeita, serve*¹⁵⁸.

Era na junção de muitas mãos, ou seja, no trabalho em conjunto com a família, que os entrevistados encontravam um espaço de reconhecimento, de pertença. São nesses resquícios da memória que criam um sentimento de identidade – agricultor, ajudante, colono, costureira, cozinheira – e construíram uma imagem sobre eles mesmos que apresentam aos outros e a si mesmos.

¹⁵⁷ PELIZZA, Euclides. Entrevista citada, p. 08.

¹⁵⁸ BOSI, Alfredo. *Os trabalhos de mão*. Retirado de AUED, Bernardete W. **Histórias de profissões em Santa Catarina: ondas largas “civilizadoras”**. Florianópolis: Ed. do Autor, 1999. p. 03.

E os homens vão à cidade

Nas páginas anteriores foram abordadas várias formas de trabalho na colônia. Destacou-se que o trabalho da mulher não se limitava apenas à esfera do lar, na medida que desempenhava importantes funções também nas lidas da lavoura e no cuidado com os animais domésticos. Assim delimitados os papéis da mulher na propriedade rural, faz-se necessário investigar quais eram as atividades masculinas por excelência. Se à mulher cabia o serviço doméstico, qual seria o trabalho dos homens?

Conforme já discutido, nos anos iniciais no Oeste catarinense, a atividade econômica mais desenvolvida pelos colonos foi a agricultura de subsistência, sendo que “um pouco de tudo se plantava¹⁵⁹”, pois os centros comerciais estavam longe e além do mais as estradas ou não existiam ou o eram em precárias condições. Nessa fase, plantar o próprio alimento era uma questão de sobrevivência, e comercializar os produtos ainda era um sonho distante que só o tempo iria permitir.

Após a preparação do solo, eram plantadas as mais variadas culturas, adequadas ao solo e ao espaço. Assim, “plantava milho, mandioca não, feijão não, arroz também não. Porco nem pro gasto, não tinha. Nós criamos depois que eu casei, lá no Rio Grande do Sul não se criava porco, só pro gasto de casa, só pra banha. Pegava quatro, cinco, fazia salame, dividia com a vizinhança, fazia os tonel de banha, ficava ali, vendia¹⁶⁰”.

Tanto o senhor Santin Covatti como o senhor Honorato Boff migraram para Santa Catarina com suas esposas, portanto, o verbo *começar* é utilizado na terceira pessoa do plural porque eram elas que os ajudavam. Da mesma forma, a senhora Amélia também

¹⁵⁹ COVATTI, Alma. Entrevista citada, p. 02.

¹⁶⁰ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 02.

utiliza a terceira pessoa do plural para dizer que criou porco, ou seja, essa não era uma atividade específica do seu marido.

Era comum duas ou mais famílias se juntarem para plantar produtos agrícolas ou criar animais suínos a serem consumidos pelo próprio núcleo familiar. Quando ainda não havia um comércio desenvolvido, “fazia só banha e salame, o resto tudo pro mato. Jogava fora porque não tinha exportação, um monte de carne, não tinha geladeira, não tinha nada naquele tempo, luz não tinha¹⁶¹”. Para evitar tanto desperdício, “se levava pros vizinhos, fazia salame. Ou fazia charque. Botava no sol, salgava bem, bem seca e depois podia guardar, que durava tempo¹⁶²”. Outra opção muito comum para conservar a carne era a de “cozinhar toda que nós podia, dentro de um tacho. Depois botava dentro de uma lata, cobria de banha, só que não ficava boa. Segurava um mês, dois, todo mundo achava boa. Tinha que cozinhar bem senão ela se estragava, se ficava algum pedacinho por cima, mofava¹⁶³”. Numa próxima vez, outra família matava e “devolviam um pedaço cada um. A gente sempre tinha carne fresca. Mas era bom assim, era mais bom aquele tempo que agora. E tinha menos inveja, todo mundo se dava bem, não como agora¹⁶⁴”. O mesmo se dava com frutas e verduras, até porque “nos primeiros anos, trigo, milho ninguém queria comprar. Feijão ninguém plantava porque quase não dava, a roça nova era cheia de toco, de

¹⁶¹ “I gá scumissíá a engordar porqui, si fea solo la banha e salame, resto tutto par mato. Si trea via parque non gue géra esportação... mucha de carne, non géra geladeira, non gue géra niente quel tempo lá, luz non gue géra.” In: ZANANDRÉA, Gentile. Entrevista citada, p. 02.

¹⁶² “Se portea pai vizinhi, si fea salame. Se ti sobreí, lora ti cozinhei tutta, te meti te uma lata scoerta de banha. Te potei assarla uma ano que pi que la stea lá, pi bona era. E senó fazia charque. Botava no sol, insalei bene, bem secada, poi tu podia guardar, que durava tempo”. In: FIORESE, Maria. Entrevista citada, p. 06.

¹⁶³ SANTINON, Abraminho. Entrevista citada, p. 07.

¹⁶⁴ RAVADELLI, Rosa. Entrevista citada, p. 08.

raiz, quem é que vai plantar feijão? Se virava como podia. A maioria, o colono fazia comida em casa¹⁶⁵”.

Com o passar do tempo e com as melhorias do sistema de transporte, os excedentes passaram a ser comercializados. Produtos industrializados como café, sal, erva-mate, entre outros, eram adquiridos pelos comerciantes locais em Erechim, Rio Grande do Sul, ou em Concórdia e Seara. Assim,

Pra comprar tinha que ir a Palmeiras, ou a Xavantina, no Somensi. Se a gente tinha dinheiro, pagava, senão comprava com crédito, quando vendia alguma coisa então pagava, mas o produto também valia pouco. Dava bem se tu plantava, mas não tinha preço. Um ano colhemos bastante feijão, e não conseguia vender, não tinha saída, até que consegui vender aqui em Palmeiras. Mas ainda tocou de puxar com a carroça de lá de baixo até aqui. Tinha os caminhão, mas era difícil, a maioria ocupava os caminhão pra ir até Concórdia, Seara¹⁶⁶.

Arriscar uma atividade que não fosse a agrícola era difícil, segundo os entrevistados, mas da mesma forma não era fácil permanecer na colônia sem poder vender os produtos cultivados. A senhora Rosa Ravadelli lembra que “nós tinha milho, feijão, mas não tinha comércio pra vender. Juntamos, botamos na beira da estrada pra carroça vim carregar aquele milho.[...] Mas o comerciante disse que não ia comprar o nosso produto porque nós não devia pra ele, e ele era obrigado a comprar de quem devia. Então tivemos que deixar apodrecer¹⁶⁷”. Com relação à atividade suinocultora,

Nos primeiros anos não tinha nem condição de ter porco, tinha lá meia dúzia. Se fazia roça, plantava trigo, a terra era difícil de vender. Tinha os comerciantes aqui, mas pra levar o produto tinha que ir a Erechim ou a Joaçaba, de carroça e mulas, não tinha caminhão, era difícil vender o produto que a gente plantava. Mais tarde começamos criar porco, começou a ter alguém que comprava esses porco. Daí a alguns anos, não me lembro quantos, saiu um frigorífico em Concórdia, a Sadia, foi

¹⁶⁵ PELIZZA, Euclides. Entrevista citada, p. 07.

¹⁶⁶ DAL BOSCO, Ângelo. Entrevista citada, p. 03 – 04.

¹⁶⁷ RAVADELLI, Rosa. Entrevista concedida a Karine Simoni. 21.06.1999. p. 02.

melhorando, começou a entrar gente, o pessoal vinha do Rio Grande, tinha mais gente aqui na cidade. Aí construímos uma igreja, porque quando nós viemos a igreja era um barracãozinho, metade era soalho e a outra metade era piso de chão, pra rezar o terço nos domingos. Construímos uma igreja de madeira, daí uns anos construímos outra. Foi construído escola, foi construído o clube, foi levando assim¹⁶⁸.

O ritmo de desenvolvimento obedeceu a uma ordem. Primeiro, um ambiente de isolamento espacial e de limitações financeiras, depois o início da suinocultura com a fundação do frigorífico Sadia, em Concórdia, que parece ter sido o fator decisivo para que as famílias optassem pela criação dos porcos¹⁶⁹. Além disso, por estarem localizadas em terrenos bastante acidentados, característica de toda a região, as propriedades não poderiam contar com a mecanização da lavoura. Tendo a certeza que sua venda era garantida, o colono poderia investir na produção de porcos e assim iniciar uma atividade lucrativa. O senhor Armindo Fasolo oferece uma distinção entre a época em que se produzia para consumo próprio e a instalação do frigorífico:

Começaram a criar porcos com a Sadia, acho que foi em quarenta e oito, cinqüenta. Começaram a pegar porco de raça, diziam, antes criavam porco, só que aquele tempo criava no potreiro, solto, não tinha ração. Tratavam à espiga de milho, abóbora, jogavam lá dentro. Daí começaram vender pra Sadia¹⁷⁰.

A instalação da Sadia, assim como de outros frigoríficos, fruto da industrialização do Brasil, trouxe para a região inovações e mudanças. O homem do campo que não pôde se adequar às novas exigências do mercado viu-se obrigado a migrar para os centros maiores, em busca de outras oportunidades de trabalho e sobrevivência.

¹⁶⁸ PELIZZA, Euclides. Entrevista citada, p. 01 – 02.

¹⁶⁹ O referido frigorífico remonta à 1940, quando “um grupo de comerciantes do Rio Grande do Sul e membros da colonizadora Mosele, Eberle, Ahrons & Cia. iniciaram a construção de um moinho e um frigorífico de suínos na cidade de Concórdia (SC)”. In: ESPÍNDOLA, José Carlos. **As agroindústrias no Brasil: o caso Sadia**. Chapecó: Grifos, 1999. p.27.

¹⁷⁰ FASOLO, Armindo. Entrevista citada, p. 03.

Antes que uma empresa de porte como a Sadia começasse a atender a região, seria possível realizar a transação dos produtos coloniais para evitar o desperdício daquilo que excedia o consumo familiar? Como poderiam negociar os produtos da roça por mercadorias tão necessárias como o sal, erva-mate, café, querosene, tecidos, pás, enxadas, arado? Segundo o senhor João Trevisan, “quando precisava comprar alguma coisa, em Palmeiras o Jacó Brandelero tinha comércio. Ou senão em Xavantina, o Tóni Possan. Ele tinha uma lojinha de roupa, de comércio. Ele dava crédito, pra quem conhecia. Nós não procuramos a fiado porque sempre tinha um dinheiro pra pagar. Comprava se tinha, senão, pronto¹⁷¹”. Algum tempo antes desses pequenos núcleos comerciais, os produtos eram comercializados em Erechim ou em Concórdia. O carreteiro tinha um papel fundamental nesse processo, como conta o senhor Euclides Pelizza:

No primeiro tempo eles levavam de carroça pra Erechim, por exemplo. Iam com cinco mulas, tinha que ser uma carroça grande. Botava o produto em cima e atrás amarrava uns farpinho de alfafa. Quando parava na sanga pra dar de beber pras mulas, desamarrava a alfafa e tratava as mulas. Depois cangava as mulas de novo e vamo embora! Demorava pra ir e voltar de Erechim uma semana. Levar um frete pra lá, vinte, trinta sacos de feijão cada viagem, levava uma semana o carreteiro. Tinha o Barbieri, em Seara, que era carreteiro, e o Nardi. Depois começaram os Paludo a comprar caminhão, caminhãozinho, mas aqui em Xavantina não vinha porque não tinha estrada. Aqui começou os Possam com o caminhãozinho, a gente abria a estrada, ia alargando pra poder passar o caminhão, mas a picão. E as curva que era brabo, porque o caminhão não fazia as curva e tinha que alargar bastante pra poder fazer a volta. E tudo a picareta, picão e baldinho pra jogar fora a terra. Cascalho nada, se chovia, pra uma semana nem falar¹⁷².

O senhor Ângelo Dal Bosco também divide suas experiências e detalha as dificuldades que encontrou para comercializar os seus produtos, especialmente quando iniciou a atividade de suinocultura:

¹⁷¹ TREVISAN, João. Entrevista citada, p. 02.

¹⁷² PELIZZA, Euclides. Entrevista citada, p. 08.

No primeiro tempo que se vendia os porcos tinha sete quilômetros de onde eu morava e aqui, e levava os porcos na carroça. E tinha que fazer quatorze quilômetros, tinha que ir pra Seara, porque aqui não tinha estrada, só o pique. Levava os porcos, vendia, o Possan vinha comprar, tinha que levar. Carroça grande não passava. Uma vez tocamos de a pé, eu e um vizinho. Tinha trinta porcos, tocamos de a pé na estrada, até Xavantina. Não tinha recurso. E ganhar duzentos réis ao quilo. Duzentos réis tu não sabe o que é, é que nem dez, doze centavos agora. Imagina, eu vendi trinta e três porcos, a média de cem quilos, ganhei oitenta mil réis. Hoje tu vende, ganha bem mais¹⁷³.

As péssimas condições das estradas dificultavam o transporte adequado da produção. Mesmo assim, por pouco que fosse, “vendia os produtos da roça, feijão, milho, trigo. Era aquele produto que a gente vendia, e os porcos. O mais era o trigo e o feijão. Aquele tempo até ganhava, mais do que hoje¹⁷⁴”. Além das dificuldades de transporte e comercialização dos produtos, as doenças poderiam ser fatais para o bom desenvolvimento dos animais. Na propriedade do senhor Honorato Boff,

Deu a peste suína e sobrou só um casal de suínos. Antes que chegasse aquela peste eu comprei um casal de leitão mestiço. E faziam poucos dias que eu tinha comprado, não tinha ido pegar ainda [...]. Começou morrer os porcos. Quarenta, cinqüenta por dia, morria. Em dois, três dias, morreu tudo. E eu, com o meu casalzinho que comprei, sabe o quê que resolvi fazer? Tinha um paiol, tinha uma varanda alta uns quatro metros, digo: ‘boto eles lá em cima naquele soalho’. Botei lá e salvei eles. Saber lá se foi daquilo ou o quê¹⁷⁵.

Observando com maior cuidado os relatos acima, percebe-se que, apesar da dificuldade e do baixo preço do produto, a preocupação com a criação de porcos indica que esta atividade oferecia uma maior possibilidade de lucro do que outros produtos, por oferecer algumas vantagens principalmente em relação ao trato dos animais, que dispensavam maiores cuidados. Esse animal não necessita de tanto espaço quanto o gado

¹⁷³ COVATTI, Santin. Entrevista citada, p. 04.

¹⁷³ CAON, Raul. Entrevista citada, p. 04.

¹⁷⁴ TREVISAN, João. Entrevista citada, p. 04.

¹⁷⁵ BOFF, Honorato. Entrevista citada, p. 01 - 02.

bovino, só é útil quando morto, alimenta-se praticamente de tudo, reproduz-se com facilidade, requer poucos cuidados. Uma vez que a comercialização dos produtos agrícolas era difícil, estes serviam como alimento para os suínos.

Nos pequenos núcleos comerciais, para os quais eram transportados e negociados os produtos, “tinha tudo. Remédio, não assim remédio de farmácia, mas se tu tinha dor de costa tu achava; dor de barriga, lá tu achava óleo de rícino, óleo de amêndoa. Lá tinha café, arroz, sal, tecido, de tudo. Eles tinham botado o nome *cooperativa*. Tinha eu acho uns vinte sócios, mais¹⁷⁶”. Com efeito,

Quando precisava comprar alguma coisa, tinha a casa de comércio. Podia comprar a fiado. Nós trabalhava lá, tinha formado uma cooperativa. O costume era o cara ir comprando, depois vendia uma chiquerada de porco, pagava. A maioria até deixava o dinheiro lá no comerciante, não tinha banco aquela época. Depois de um tempo veio o banco em Seara, o banco Inco, hoje Bradesco, uma filialzinha em Seara. Os bancos mais trabalhavam pra cobrar duplicata, naquela época não tinha nem poupança. O pessoal tinha confiança no comerciante, se fosse um ano, ganhava lá cinco, seis por cento ao ano de juro. Se tirasse antes de um ano, não pagavam juro. Não tinha inflação¹⁷⁷.

Após longas caminhadas, viagens de carroça ou a cavalo, o colono aproveitava a parada na casa de comércio para negociar e conversar com outros agricultores. Além de locais de encontros sociais, as vendas eram também pontos de aplicação financeira, nos quais o dinheiro era depositado numa espécie de poupança. Subentende-se assim que o comerciante era também uma espécie de banco. Vejamos:

Se precisava de crédito, não tinha, quando vendia alguma coisa vinha o dinheiro contadinho, talão de cheque não existia. A gente pegava o dinheiro, era o comerciante que fazia. Vendia o milho, o feijão pro comerciante, ou uma banha que carneava, às vezes a gente carneava um porco, porque ninguém comprava. Tinha que levar pra Joaçaba, depois veio o frigorífico em Concórdia, então tá. O comerciante te pagava, e se

¹⁷⁶ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p.10.

¹⁷⁷ FASOLO, Armindo. Entrevista citada, p. 03.

tu não precisasse do dinheiro em casa, deixava lá pra ele guardar o dinheiro. O colono tinha medo de deixar em casa, de repente queimar a casa, ou alguma coisa. O comerciante é garantido, ele ia mexendo o dinheiro, só que juro não existia, não pagavam. Meu pai deixava o dinheiro lá, até que eu casei ele tinha dinheiro lá, não muito, mas uma sobrinha ficava no comerciante, sem juro, sem nada. Mas também, de um ano pro outro não desvalorizava nada, porque naquela época não tinha desvalorização. Assim, quando precisava ia lá, pegava, ou gastava¹⁷⁸.

Segundo o senhor Olimpio Simoni, “quando precisava comprar alguma coisa, nós ia com carga de produto, então onde descarregava o produto fazia a compra de mercado, a bodega [...]. Nós tratava com o colono, vendia a fiado, depois quando que chegava o produto eles pagavam. Pra perder, nós não perdemos nada dos colonos¹⁷⁹”. O comerciante era uma das personalidades mais respeitadas, pois

Ninguém tinha que aceitar ou não aceitar, porque o comerciante era quem resolvia tudo, todo mundo obedecia porque ele era o patrono. Se tinha que fazer um negócio, tinha que ir pedir pro comerciante, porque ele era o sabidão, porque a colonada, coitados, era daquele jeito. Ele era gente muito boa, ele ajudava, vendia fiado, ajudava todo mundo, era gente boa. E se quando nós viemos morar aqui, se não tivesse esse tipo de pessoa ali, eu não sei como a gente ia sair da toca, porque eles foram gente que começaram a incentivar com criação, construir alguma coisa, sempre eram os ponteiros. Tinha muitos colonos que obedeciam ele, outros não obedeciam muito, não queriam vim atrás e tal. Eu me lembro que meu pai sempre aceitou a opinião dele, desse tipo de comerciante. Depois veio um tal de João Carlin, e o meu pai obedeceu e fomos bem, outros achavam que ‘eh, o comerciante rouba, que não sei o que’, e não queria dar muita bola, só que aqueles na verdade ficaram pra trás. Quem foi bem foi quem obedeceu essas pessoas, que eram as cabeças do lugar, porque na época, há cinquenta anos atrás, o povo era bem mais atrasado do que agora¹⁸⁰.

Apesar de *o povo ser mais atrasado*, cada chefe de família tinha a sua conta, donde podemos concluir que essa atividade se constituía numa atividade eminentemente masculina. Ou seja, quem se deslocava até o centro da cidade eram os homens, o que, de

¹⁷⁸ PELIZZA, Euclides. Entrevista citada, p. 07 - 08.

¹⁷⁹ SIMONI, Olímpio. Entrevista citada, p. 06.

¹⁸⁰ PELIZZA, Euclides. Entrevista citada, p. 03 – 04.

certa forma, justificava a divisão dos papéis instituídos. Entretanto, o processo de preparação do porco contava com o trabalho feminino desde o trato dos animais até o abate dos mesmos, atividades estas que não eram vistas.



Aos homens cabia negociar: nos pequenos bares e centros comerciais, a figura masculina era a grande responsável pela compra e venda dos produtos que toda a família produzia. (Acervo: Museu Municipal de Xavantina)

Observando as experiências de vida oferecidas pela memória dos entrevistados, percebe-se que o desenvolvimento econômico das famílias aconteceu gradualmente, e que o dia-a-dia na roça era vivido intensamente, com a maior parte do tempo sendo utilizado para o trabalho. Com a ajuda especialmente da mulher, o homem enquanto chefe da propriedade poderia desenvolver diversas atividades ao mesmo tempo. As mulheres, já que precisavam cuidar dos filhos, permaneciam em casa durante uma parte do dia. Assim mesmo o tempo era aproveitado com atividades como o preparo das refeições, a limpeza da casa, a horta, a costura. Para crescer aprendendo a valorizar o trabalho, as crianças e jovens deveriam ajudar as mães no cuidado com os animais, sendo encarregados de tarefas mais simples, como supervisionar a alimentação dos animais, levá-los para beber água e manter os seus estabelecimentos, como chiqueiros, galinheiros e estábulos sempre limpos.

Tais foram os eixos principais que nortearam o presente capítulo. A memória dos entrevistados pincelou o início da vida no Oeste catarinense como um mundo de trabalho e desafios, lembrados como necessário não só para a conquista de uma situação financeira estável, como também muito importantes para a formação de pessoas de bem, característica fundamental na hora de escolher um(a) companheiro(a) para constituir uma nova família. Este será o assunto do próximo capítulo.

CAPÍTULO III

EM BUSCA DE UM(A) ESPOSO(A) IDEAL

“De tanto in tanto l’ocio de la Gelina se scontrava co coelo de Nanetto e lora ela lo sbassava suito e la vegneva roseta. El toso contava le sô aventure e el pensava: chi sá! ... e el se gá nicorto che la ghe piaveva¹”.

Durante a instalação das colônias italianas na Serra Gaúcha, a importância de se constituir uma família decorreu principalmente da necessidade de um reforço para enfrentar as dificuldades e o trabalho do dia-a-dia. O afeto para com o indivíduo do sexo oposto, os filhos que certamente viriam para dar continuidade à família, bem como a possível conquista da independência também foram fatores importantes para celebrar a união de duas pessoas.

Os casamentos muitas vezes aconteciam em plena adolescência; em outras ocasiões, como conta o senhor Aurélio Sordi, o casamento foi adiado porque “tinha um câncer o pai dela, estava doente. Esperar que estivesse melhor, depois esperar ainda pra casar. Morreram em oito dias um irmão da mulher e o seu pai²”. Já a senhora Amélia Fasolo recorda que namorou “só seis meses. Eu não queria, porque era muito nova, mas eles vinham morar aqui em cima, então era ruim³”. O casamento apressado da entrevistada foi determinado pela necessidade de acompanhar a família do marido ao Oeste catarinense. Nesse local, a sua presença era importante, pois iria desenvolver várias funções no trabalho da roça. Sua sogra, já com a idade avançada, em breve iria precisar de alguém para substituí-la no

¹ “De tanto em tanto os olhos de Gelina se encontravam com os de Nanetto e então ela os baixava depressa e ficava vermelha. O rapaz contava as suas aventuras e pensava: quem sabe!... e percebeu que gostava dela”. [Trad. minha]. Trata-se de uma passagem vivida por Nanetto Pipetta, na qual ele conhece uma família e se apaixona por Gelina, uma das filhas do casal. In: BERNARDI, Aquiles. Op. cit. p. 145.

² “Tinha um câncer o pai dela, stea malá. Aspeta que stia meio, dopo spetà ancora per sposar. Morto em oto dí un fradel da pora mama e sô pare”. In: SORDI, Aurélio. Entrevista citada, p. 04.

³ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 07.

comando da casa. Nesse novo papel, a senhora Amélia teria a oportunidade de pôr em prática tudo aquilo que sua mãe havia lhe ensinado a respeito de como lidar com a casa, o marido e os filhos.

Os exemplos citados ilustram que escolher um(a) companheiro(a) para constituir uma nova família foi um dos acontecimentos mais importantes da vida das pessoas entrevistadas para essa pesquisa, pois a decisão seria definitiva e qualquer vacilo ou erro era considerado irremediável após o *sim* diante do padre. O casamento implicava numa continuidade da cultura dos pais, daí a preocupação dos jovens em encontrar o par ideal e desposar uma pessoa com afinidades não só pessoais e afetivas, mas também sociais e culturais. Por outro lado, os pais também estavam atentos e esperavam que o(a) filho(a) escolhesse um cônjuge que preenchesse os requisitos de bom(a) moço(a). Quais seriam essas características? Como se desenvolviam as estratégias de escolher um(a) namorado(a)? Apesar da preocupação em preencher os requisitos dos pais, buscavam o amor? Qual o significado do casamento? Eis o que pretende discutir esse capítulo.

O dia das núpcias sem dúvida foi um momento muito especial na vida dos jovens, principalmente para a mulher. Os detalhes com que lembram da cerimônia e da festa indicam a importância desse dia, começo de uma nova etapa. Para que essa data fosse o início de uma família feliz, era indispensável escolher bem o(a) companheiro(a). Segundo Cleci Eulália Favaro, nas colônias italianas do Rio Grande do Sul, para ser bem aceito o rapaz deveria honrar o trabalho e gostar de exercê-lo, ter espírito de poupança, ser honesto e praticar o catolicismo⁴. Já as moças “não precisavam estudar, porque elas casam. Porque quando elas sabiam fazer comida e costurar, tava bom. Cuidar da casa, cuidar dos filhos,

⁴ FAVARO, Cleci Eulália. *Amor à italiana. O real e o imaginário nas relações familiares na Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul*. In: DE BONI, Luís A. (org.). Op. cit. p. 183.

pronto. Era o que se pensava da mulher naquela época⁵”. A família era o fundamento da vida e do trabalho, e por isso, mais importante do que uma esposa bonita ou instruída, era poder dividir as responsabilidades com uma mulher séria e bem disposta para as lidas da roça. Segundo um moralista inglês do século XIX, no mundo ocidental “a mulher que não soubesse fazer pão era ‘indigna de confiança’, ‘um peso para a comunidade’⁶”. Para os pais, a melhor maneira de assegurar um bom casamento para as filhas era fazer com que elas se tornassem “destras, hábeis e ativas nas tarefas indispensáveis de uma família⁷”. Entre as de ascendência italiana essa característica prevaleceu por muito tempo, sendo que uma união duradoura não era compreendida fora dos requisitos citados.

Saindo da infância e já com características e responsabilidades de adultos, a vida a dois seguia o caminho da amizade entre pessoas da mesma comunidade, ou de locais não muito distantes. A capela, não enquanto um simples espaço físico, mas sim pleno de significados sociais, era o local no qual surgiam as maiores oportunidades de se encontrar um(a) esposo (a). Com efeito, os entrevistados apontam que o início da relação a dois geralmente aconteciam nos encontros dominicais, festas e cerimônias fúnebres. Os olhares furtivos na capela, nos mutirões para os trabalhos na roça ou em alguma festividade normalmente acabavam em namoro, como conta a senhora Amélia Fasolo:

Nós tinha outra capela, que era Linha Caravaggio, seis quilômetros longe. Ele morava em 2 de Julho e nós em Linha Sant’Ana. Eu já tinha namorado; aquele dia fomos na festa, ele não veio e eu fui. Naquilo, passeando, encontrei com ele, eu vi que me olhou. Daí passamos, veio atrás. Quando se encontramos, começou a conversar, foi me acompanhar quase até em casa. Nós fomos a cavalo, a minha irmã montou no cavalo e nós a pé, até quase na entrada de casa. Ele disse que sabia que eu tinha namorado. Mas eu com o outro não tinha fim de ficar. Ele disse que se eu

⁵ CAON, Raul. Entrevista citada, p. 12.

⁶ PERROT, Michelle. *Outrora, em outro lugar*. In: ARIÈS, Phillippe, DUBY, Georges. (orgs.) **História da vida privada – da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Cia das Letras, 1991. p. 78.

⁷ Idem, ibidem.

*deixasse dele, ele vinha. Eu disse que ele podia vim que eu não queria o outro. No outro domingo, vieram os dois, eu disse pro outro que podia voltar. Ele ficou achando que era brincadeira, até hoje se eu vou pra lá ele não deixa de me cumprimentar, mas não deu certo*⁸.

Educada numa família cristã, a vida social da entrevistada compreendia, além da habitual missa aos domingos, a participação em alguma festa nas localidades próximas. Como tantas outras moças, foi justamente num desses acontecimentos que brotou o sentimento de afeição por um jovem. No seu relato desvenda-se um mundo cheio de mistérios e sutilezas, como por exemplo o fato de moças e rapazes andarem em grupos separados, o que acabava por valorizar os sinais de sedução, como é o caso do olhar que o rapaz lhe dirigiu. Afirmando que *eu vi que me olhou*, a senhora Amélia delegou ao homem a responsabilidade e o comando da conquista, mas talvez não tenha percebido que também fez parte desse delicado jogo de sedução, pois só pôde constatar que ele assim fizera porque ela, da mesma forma, estava observando-o.

Na seqüência da sua história, a entrevistada afirma que *quando se encontramos, começou a conversar*. Como era o costume rapazes e moças andarem separados, essa atitude poderia significar a transmissão de algum recado ou uma declaração de amor. Neste caso, como o jovem foi acompanhá-la *quase até em casa*, as intenções dele eram visíveis, pois se oferecer para seguir a moça revelaram o seu interesse numa possível relação. O fato de aceitar a companhia do rapaz demonstra que ela também estava apostando num futuro namoro. Por outro lado, seguiram juntos até *quase na entrada da casa* porque adentrar no espaço da família seria invadir a sua intimidade, daí a necessidade de se conhecerem bem, antes de qualquer atitude. O namoro era encarado como uma etapa muito importante; um

⁸ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 07.

degrau em direção ao casamento, e qualquer passo em falso poderia prejudicar a subida ao altar, principalmente para a moça.

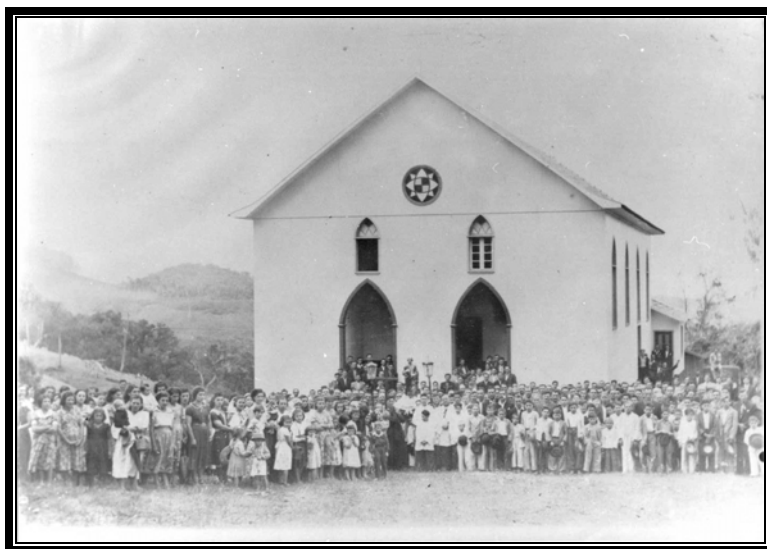
A entrevistada também afirmou que *eu disse que ele podia vim que eu não queria o outro*, ou seja, revelou-nos que a mulher tinha possibilidade de escolha. Ao recordarem dos tempos de namoro, as mulheres se colocaram como sujeitas da própria história, participando da escolha e da conquista do rapaz, mesmo que de forma muito sutil. Isso era possível porque os homens, por sua vez, não queriam mulheres submissas e passivas, mas sim gostariam de uma companheira que os desejassem da mesma forma.

Os dias de festa, além de um pretexto para reunir os fiéis, eram momentos de encontro, de cultivar as amizades e manifestar muita alegria. Depois de passar o dia na capela, os rapazes se ofereciam para acompanhar as moças e, se elas aceitassem, era provável que o relacionamento se consolidasse. Mesmo assim, só se considerava namoro quando os encontros passavam a se realizar em casa, com o consentimento dos pais, como conta a senhora Norma Santinon:

Nós se conhecemos assim: o nono gostava de jogar futebol. Ele jogava pro time de 2 de Julho. E o time dele foi convidado lá em Sant'Ana. Ele veio, terminaram de jogar, perderam. Nós, uma turma de moças, fomos no terço, depois fomos assistir o jogo. E quando saímos do campo, saíram em três, quatro. Mas ele não veio junto comigo, ele foi junto com minha irmã mais velha, a Noeli. [...] No outro domingo ele apareceu de novo em Sant'Ana. Mas eu nem idéia, nada. Terminamos o terço e tudo, saímos pra ir pra casa. Daí eu disse pras minhas duas irmãs: 'você que tem o namoradinho lá atrás, você podem ir atrás, deixa nós ir pra frente'. Chegamos perto da gruta que é bem perto de casa e tinha um coqueiro. Tinha aquelas folhas soltas e eu e minhas amigas se atacamos naquelas folhas, de saia, só que de saia até os pés. E daí naquele coqueiro brincamos, e as outras irmãs lá que esperavam nós, e nós brincamos até cansar. Partimos e fomos. E eu debochava de minha irmã, 'vai devagarinho que ele tá ali atrás'. Tchó, passou de minha irmã e veio junto comigo pra estrada, indo levar pra casa. Eu tinha o vestido igual da minha irmã, mesmo vestido, mesmo modelo. Olhei ele bem, quando me cumprimentou, eu disse: 'tu tá enganando ou virou de chapa?'. 'Não, não tô enganando, não gostei da tua irmã'. Daí começamos a se namorar. Só

que demorei de chamar ele dentro de casa, acho que quase um ano. Todos os domingos me acompanhar até perto de casa, proibido chamar ele dentro de casa, primeiro se conhecer bem. Não era o meu pai, era o costume assim. Antes de chamar o namorado em casa, namorava um eito⁹.

Apesar de destacar que usava o *mesmo vestido* e o *mesmo modelo* da sua irmã, o que indica uma certa simplicidade na vestimenta, a senhora Norma apresenta um aspecto muito importante do momento da conquista. O domingo era um dia especial, e pelo próprio fato de saírem de casa as mulheres se vestiam e se penteavam de maneira diferente, procurando de alguma forma realçar a beleza como estratégia para atrair os olhares masculinos. Quando freqüentavam a capela, principalmente nos dias de festa, não o faziam sem antes se certificarem que estavam bonitas e atraentes, com as melhores roupas e sapatos. Os cabelos e a pele também mereciam cuidados diferenciados, afinal poderiam conhecer um pretendente. Mesmo que afirmaram ter uma só roupa bonita – as chamadas *roupas de domingo* – era com ela que se arrumavam para ir à igreja.



Num clima de diversão e descontração, as festividades apresentavam bons motivos também para os jovens, em especial para aqueles que esperavam encontrar o seu par. (Capela de Linha das Palmeiras. Acervo: Museu Municipal de Xavantina)

⁹ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 11- 12.

Nos domingos comuns, o final da missa ou da reza do terço era esperado com muita ansiedade, pois significava o encontro com os rapazes. A senhora Alma Covatti lembra da sua juventude e divide conosco as suas experiências:

Nós sempre ficamos bem com os vizinhos, lá onde a gente morava nós era tudo amigo. Se ia a trope, se andava na missa, no baile, porque eu gosto de ir no baile. E a pé, porque carro não tinha. Se era de noite, sabe o que a gente fazia? Ia a cavalo, três em cima de um cavalo, quanta risada! E se ia cantando, tinha uns que diziam: ‘aquelas lá sim gostam de cantar’. Preocupações não tem, cantemos! Se era em quatro de minhas irmãs, que eram mais velhas, e depois tinha outras vizinhas, ia tudo junto. E os rapazes iam todos juntos sozinhos, e nós todas juntas a cavalo. Não era que nem hoje, tinha que ir separado. E nem que te enxergasse de dia com um namorado, os dois a pé, que nem agora. Não deixavam ir sozinhos. A falecida mãe dizia: ‘eu me casei e casei bem, ninguém podia falar nada, e também minhas filhas eu não quero’. Não deixava ir no baile de noite, só de dia. Ia no terço primeiro, e depois ia no baile, ficava lá até uma certa hora, quando que era umas cinco, seis horas, tinha as vacas, ia pra casa. Se dançava assim, e se não tinha baile, ia no terço. Ia lá fora e brincava, cantava, tudo junto. Cantava tudo em italiano, eu sei cantar, mas música italiana. Era bonito, meu Deus do céu, ali que se passava bem¹⁰.

No tocante ao casamento dos filhos, as decisões que prevaleciam era a da mulher, que também desempenhava poderes, visando principalmente a educação dos filhos e a direção da casa. Era ela que mais se inquietava quando as meninas-jovens freqüentavam a comunidade para a reza do terço e algum eventual baile à tarde. Também limitava o horário para as filhas estarem de volta, e desrespeitar essa medida poderia ser o mesmo que estar fazendo algo *errado* com os rapazes. As palavras da senhora Alma indicam que o papel da mãe não se limitava aos ensinamentos dos afazeres domésticos, mas cumpria seu poder também no campo moral, dentro do qual transmitia os valores que julgavam importante manter. Daí a preocupação e a proibição imposta sobretudo às filhas, no sentido de não voltarem para casa ao anoitecer, não contestarem a sua autoridade e tampouco desobedecê-la. A mãe da entrevistada tinha uma visível preocupação com a conduta da moça,

¹⁰ COVATTI, Alma. Entrevista citada, p. 07.

mostrando muito cuidado em preservar os bons costumes, porque mulheres faladeiras, festeiras e com muitos amigos não eram indicadas para casar. Os padres exerciam forte controle sobre a população, como conta o senhor Evaristo Colpo:

Naquela época o padre dizia que tinha que se confessar, contar tudo o que fazia, mas e a vergonha? Chegou o dia do meu casamento, a noiva tinha o confessionário de um lado da igreja, e o homem de cá. Ela foi antes e eu depois. Ai o padre perguntou se eu tinha feito alguma coisa durante a minha vida com menina, não podia mentir, tinha que contar a verdade. ‘Sim, padre’. ‘Com a noiva?!’. ‘Não, com a noiva não’. Ele queria saber com quem era. Eu disse: ‘não, eu tô confessando o pecado, mas não o pecador’. Não contei. Era o padre que casou nós, um tal de Mario Gordini, italiano da Europa¹¹.

A preocupação do padre era com relação ao comportamento da jovem. Para o homem era aceitável que tivesse experiências sexuais antes do casamento, mas para a mulher a *impureza* era um pecado irreparável. Tanto que no dia das núpcias, “se uma estivesse grávida não podia botar o véu, o padre tirava, nem casava se a moça ia com o véu na cabeça¹²”. “Só a alma pura é capaz de um amor verdadeiro, constante, profundamente sentido¹³”, afirma energicamente um manual datado de 1938¹⁴. Da mesma forma, “que diferença entre uma jovem casta e outra deshonesta! (*sic*) É a mesma que existe entre o diamante e o carvão, entre a luz e as trevas¹⁵”, pois a jovem pura traz a “fronte erguida; sua mirada tem uma nitidez que encanta; seu rosto, uma serenidade angelical, sua fisionomia um não sei que de aprazível (*sic*) e radiante. Sua alma desfruta uma paz inefável porque a alegria e a pureza nunca estão desunidas. O canto brota espontaneamente, o sorriso que se

¹¹ COLPO, Evaristo. Entrevista citada, p. 08.

¹² “Se una ghe géra grávida non potea mia metere sú il veo, il padre lo tirea via, nhanca no a maridea se a ndea co il veo in testa”. In: ZANANDRÉA, Gentile. Entrevista citada, p. 05.

¹³ BIANCHINI, L. **Sê pura**. São Paulo: Paulinas, 1938. p. 31.

¹⁴ Trata-se de um pequeno manual para jovens, encontrado no Museu Municipal de Xavantina junto a outros livros que pertenceram ao Padre Miguel Shaff. Os objetivos do autor são “aumentar vosso amor à virtude angelical, essa virtude que é o adorno mais brilhante de vossa juventude, pôr-vos em guarda contra quem tenta arrebatar tão precioso tesouro, indicar os meios mais eficazes para sua defesa”. Idem, p. 05 - 06.

¹⁵ Idem, p. 10.

desenha em seus lábios reflete a paz do coração¹⁶”, enquanto “quem poderá descrever o terrível remorso, a vergonha da alma em cuja fronte não brilha já o casto raio luminoso da pureza? Sente-se não ser o que se foi, foge-se do olhar materno, sente-se um medo (*sic*), um tédio, uma desgraça que oprimem e entristecem a existência¹⁷”.

O livreto citado é um exemplo da preocupação dos pais e autoridades religiosas em manter a moral e os bons costumes, reforçando a idéia da pureza virginal como virtude feminina. Chama a atenção por ser direcionado sobretudo às moças, como se as mulheres fossem mais vulneráveis a comportamentos obscenos. O relato da vida de santas e mártires que preferiram a morte a se entregar a um sedutor pretendiam servir como exemplo, pois

Não há falta que inspire tanta vergonha como a impureza. É uma mancha, uma deshonra (sic) que se refugia nas trevas, que degrada o ser humano ao nível dos animais e o torna semelhante ao lodo. [...] Porque sobreveio o dilúvio universal? Por causa do pecado impuro. E não o castiga Deus sobretudo com a miséria, as enfermidades repugnantes e outras mais terríveis calamidades?¹⁸

O Deus presente nas histórias detinha o poder e não poupava a ira e o castigo para quem apresentasse fragilidade e caísse em tentação. Qualquer deslize era severamente punido, e nas comunidades italianas do Rio Grande do Sul a penalidade se manifestava de várias formas, conforme o relato do senhor Raul Caon:

Lá no Rio Grande, se a moça era grávida abria só a metade da porta da igreja, não podia ir de vestido branco, de véu branco. Era uma humilhação muito grande. Era a religião, uma tradição européia, que vinha com aquela imposição. Não porque você acredita ou porque você tem uma fé, não, é uma imposição dos pais, e tu vai seguir [...] Se não desse certo o casamento, a moça não era mais aceita na casa dos pais. Geralmente saía longe, pra ninguém mais ver, pra não ser discriminada. E tentar uma vida nova, mas muito difícil a convivência com a família. Deus me livre se a moça ficasse grávida antes de casar¹⁹.

¹⁶ BIANCHINI, L. Op. cit. p. 34.

¹⁷ Idem, p. 43.

¹⁸ Idem, p. 42.

¹⁹ CAON, Raul. Entrevista citada, p. 13 - 14.



Para poder casar de véu e vestido branco, a noiva deveria ser casta e pura. (Acervo: Ari Simoni)

Se a hipótese de uma gravidez não desejada se confirmasse, a responsabilidade seria da mãe, que falhara na educação e não vigiara suficientemente a filha. Para reparar o *erro* e impedir a condenação pela sociedade, não só da moça mas também de toda a família, esta fazia uma certa pressão sobre o rapaz para que remediasse a ocorrência com o casamento.

Para evitar tal situação, os pais vigiavam constantemente o namoro, principalmente o das filhas. A tarefa de estabelecer a idade para o início do namoro, bem como aprovar ou não o rapaz / a moça escolhido (a) a cabia à mãe:

Quem aconselhava pra namorar ou não era a mãe. ‘Até que vocês não têm vinte e quatro, vinte e cinco anos, nem pense em namorar’. Assim foi na nossa família, era tradição. Começa a ficar mais de idade, e na nossa família, menos de vinte e dois, vinte e três, ninguém casou. Pros rapazes era a mesma coisa, os pais queriam saber quando tu queria namorar, quem era. E era assim: se eu quisesse namorar, tinha que pedir o consentimento dos pais da moça. E pros piás também: ‘eu quero namorar tal moça’. E então ir na casa dela pedir o consentimento dos pais. Era um pré compromisso, por isso que era levado mais a sério. Se fosse uma separação, era o fim do mundo²⁰.

Após a aprovação dos pais, o namoro propriamente dito tinha início. Os jovens poderiam manifestar em público a sua escolha, sendo que o máximo de carinho e proximidade consistia em dar-se as mãos, ainda assim quando não eram vistos. Outras, “ir

²⁰ CAON, Raul. CAON, Raul. Entrevista citada, p. 13 - 14.p.14.

de mãos dadas, ou dar um abraço e tal, ela não deixava. Só depois do casamento²¹”. Namoro a sós não existia: “quando uma moça namorava, a mãe ficava de pé até o namorado sair, não tinha deixar os namorados sozinhos. Pra ter uma idéia, uma prima casou grávida. Até hoje ela não se conforma: ‘como? Sempre fiquei de pé quando que ele vinha namorar, nunca os deixei a sós’. Era a mentalidade, não sei se até hoje a tia não se culpa²²”.

Os entrevistados falam que freqüentavam a casa das suas namoradas, mas não se referem às visitas que elas faziam à sua família. A senhora Gentile Zanandréa afirma que “nesses anos, o namoro era bem diferente de hoje. Se ia namorar só durante o dia, de noite não podia. Os missionários disseram que ‘quem vai de noite, só as corujas’. Namorar só de domingo depois do meio-dia. E distantes dois metros um do outro. Sempre o noivo que ia na casa da noiva, se a noiva ia na casa do noivo, os outros riam por trás²³. Vejamos também foi experiência da senhora Norma Santinon:

Nós se namoramos oito anos, não conhecia ninguém da família do pai. Aconteceu que adoeceu o falecido sogro e eu não conhecia ele, eram seis anos que nós namorava. E ele me mandou dizer: ‘olha Norma, o pai quer te conhecer, ele quer que tu vai visitar’. Mas ia na casa do namorado! Quase morri. Só que eu disse: ‘ir se estão em casa não’. ‘Não, eles estão todos trabalhando longe’. Experimentei ir, cheguei quase morta de vergonha. Quando que a namorada ia na casa do namorado? Não era costume, as velhas te matavam de tantas coisas, de tantas besteiras²⁴.

Apesar das limitações impostas pelos pais, que por sua vez receberam essa cultura dos seus antepassados, os entrevistados afirmam que “o namoro antigamente era bem mais simples do que hoje. Os pais vigiavam mais e os filhos obedeciam mais. Não precisava

²¹ COLPO, Evaristo. Entrevista citada, p. 04.

²² CAON, Raul. Entrevista citada, p. 12.

²³ “Se ndea a moroze, sti ani bem diferente de desso. Ndea a moroze solo al dí, a sera non podea. Zê venhesto i missionari, i gá dito que ‘qui va de note, solo le coruje’. Sol de domeniga dopo mezodí, distante due métri de um e l’altro. Sempre noivo que ndea a casa dela noiva, parqué se a noiva ndea a casa del noivo, lori gui ridea drio”. In: ZANANDRÉA, Gentile. Entrevista citada, p. 04.

²⁴ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 11.

ficar vigiando. A gente caminhava ali!²⁵”, ou seja, “naquela época não podia botar as mãos na namorada, não podia sentar perto. Os namorados ficavam na sala, e a nona, se tu ficava até às duas, três horas da madrugada, em roda do fogão. Se tu mexia uma cadeira lá dentro, ela cof, cof, pra mostrar que ela tava cuidando. Isso te conto porque aconteceu pra mim²⁶”.

Da mesma forma, ver o namorado fora da ocasião estabelecida pelos pais era motivo de vergonha. “A época que o Tóni Fasolo namorava a falecida Cezira eu era piazote, não muito pequenininho, mas eu lembro bem. O Tóni passava na frente da nossa casa pra ir trabalhar, onde que tinha terra. E a Cezira, quando via o Tóni, corria pra se esconder, não queria se mostrar quando ele passava ali²⁷”.

Conforme os relatos, a mãe da moça ou algum familiar estava presente durante a visita do namorado, como um olhar que tudo vê. Pode-se afirmara então que, apesar da educação e dos conselhos direcionados à filha, a mãe não se sentia segura. O senhor Euclides Pelizza brinca, lembrando do seu namoro:

Ah, o namoro esses anos, se eu contasse toda a minha passagem! Eu não tinha tanto medo, tinha os que tinham mais medo. O medo que os rapazes tinham das moças, pra ir perto não era fácil. Eu me lembro que um cara tava namorando um dia e na época não tinha cadeira, não tinha sofá, era uma banca feita de tábuas, com duas pernas. E basta dizer que a banca sobra fora do pé uma ponta de cada lado. Sentava um de cada ponta, ficavam longe mais ou menos um metro e meio. Quando a moça levantava pra fazer o chimarrão, a banca levantava e o cara caía, de sentar tão nas pontas, de medo de ficar perto. E agora pra namorar não precisa nem duas cadeiras, uma só namora. Eu namorei um pouquinho, bastante medo. Quando namorei a minha mulher eu ia buscar ela na casa dela, morava aqui em Xavantina. Descia até lá no campo, via os velhos jogar bola e depois ia levar ela até em casa, mas um de um lado da estrada, outro longe um metro e pouco. Não tinha nada que se pegar nas mãos, se alguém enxergava, até a Porto Alegre ficava sabendo que o cara pegou nos dedos, mesmo que fosse namorado. Antes de casar namorei quatro

²⁵ TREVISAN, João. Entrevista citada, p. 06.

²⁶ COLPO, Evaristo. Entrevista citada, p. 03.

²⁷ SANTINON, Abraminho. Entrevista citada, p. 11.

*anos. Uma época nós saía aqui do campo pra ir pra cima, pegava com o antes de chegar, porque se a velha enxergava da janela!*²⁸.

A vida afetiva estava sob rígida censura familiar e religiosa, razão porque manifestações de beijos, abraços e proximidades físicas só eram permitidas após o casamento. “O falecido nono Simoni dizia: ‘passa nessas estradas que tem taquara e vai raspando o barranco, porque um lá de baixo e o outro de cima’. E ele sempre contava as histórias, ele gostava de judiar das piazzadas, mas era assim mesmo. Depois as pessoas se respeitavam bastante, melhor do que agora²⁹”. Da mesma forma, o senhor Primo Bergamin analisa o seu namoro: “hoje se beijam, se comem os lábios. Mas naquele tempo, um aqui e o outro lá, mais de um metro. E nada de pisar fora porque levava! Nem um gato a amansava, as pernas faziam cada salto! Queria amansá-la, mas não deu!³⁰”. A senhora Rosa Ravadelli também afirma que “o namoro, se fosse que nem hoje, não sei. O namorado era muito diferente, pra namorar a gente tinha mais respeito, se encontrava só no sábado e domingo. Namorada não ia na casa do namorado, ele que vinha. Nem na véspera que tu ia casar, pra arrumar o quarto, era as madrinhas que arrumavam³¹”.

A moça deveria se mostrar reservada com o namorado ou noivo, não cabendo tratá-lo com ternura e paixão, para não despertar dúvidas no rapaz sobre o seu pudor. Ao afirmarem o respeito como âncora do namoro, possivelmente se referiam à conduta sexual. Qualquer impulso deveria ser contido e disfarçado para não comprometer a relação.

A princípio, os jovens deviam utilizar o período do namoro e do noivado para o diálogo e para conhecer melhor o parceiro, mas pode-se afirmar também que a jovem

²⁸ PELIZZA, Euclides. Entrevista citada, p. 06 - 07.

²⁹ TREVISAN, Ortenila. Entrevista citada, p. 06.

³⁰ “Adesso i se bassa, i se chiutcha tutti i labre. Ma quel tempo lá, un senta quá e quel altro lá via! Pí de um metro. E mia tanto pestar fora parque ciapea! Nhanca um gato savea mia mansarla, la gá i gamba que fea salti! Volea amansarla, ma non deo!!” In: BERGAMIN, Primo. Entrevista citada, p. 12.

³¹ RAVADELLI, Rosa. Entrevista concedida a Karine Simoni em 04/01/2000. p. 04 - 5.

deveria manter um cordão de isolamento com relação ao rapaz também para satisfazer a necessidade de idealização do mesmo. As imagens que muitas guardam do período anterior ao casamento são as de uma época de sonhos, dentre os quais tinha grande espaço o dia em que seriam donas da própria casa e seriam felizes com o seu marido. Nessa perspectiva, o casamento não se apresentava também como forma de fugir ao domínio dos pais e de conquistar uma vida independente? Sobre isso fala a personagem fictícia tia Gema, criada por José Clemente Pozenato no romance *O Quatrilho*³²:

*A gente acha que depois de casar tudo fica bom: a casa só nossa, a galinha, a vaca do leite. Sem a mãe pra gritar, sem pai pra bater. Sem ter que trabalhar como escrava para os irmãos. E então a gente costura um lençol, depois borda uma toalha e faz rendas para a saia de baixo. E vai enchendo o casson, até que a tampa não fecha mais direito. E todo o domingo na igreja, nas estrada, de olho, fingindo que não se quer nada para catar el morôs. Que nem precisa ser bonito. Basta que seja um homem, com calças nas pernas. E quando a gente veste o vestido de noiva e entra na igreja, pensa que esta entrando no céu. Mas o céu termina justo ali, isso eu garanto. E ainda tem a festa. E então começa tudo pior que antes. Trabalhar, trabalhar. Trabalhar em casa, antes de nascer o sol, e depois trabalhar na roça. Porque a gente está no começo, não tem nada, precisa ajudar o pobre marido. E de noite, arreventada, tem que abrir as pernas pra ele. Aí a barriga cresce, e se continua trabalhando, como se nada fosse. Nasce uma criança, e outra, e outra, e o trabalho só aumenta. Quando tu pensas que os filhos vão ajudar, chega a vez deles: lá estão de olho na estrada, fingindo que não querem nada. E aí a gente já está um trapo, uma velha, e não teve satisfação nenhuma. Não estou inventando nada. Juro que não estou inventando*³³.

O romantismo que envolvia a escolha do par e o casamento por vezes era separado por um imenso abismo, do qual não se poderia atravessar sem quebrar as regras sociais, o que implicava em discriminação e uma humilhação muito grande, como disse o senhor Raul Caon, e que a memória insiste em transportar para o esquecimento. Nesse sentido, a

³² POZENATO, José Clemente. **O Quatrilho**. 9ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995. Lançado em 1985, trata-se da história de uma troca de casais ambientada na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, em fins do séc. XIX. A trama ficou conhecida pelo público nacional em 1995, quando foi lançado um filme baseado nessa obra que busca retratar sentimentos e atitudes dos imigrantes italianos na referida região.

³³ POZENATO, José Clemente. Op. cit. p. 51 – 52.

literatura pode auxiliar o historiador não como uma fonte a mais, mas sim como um elemento que pode fornecer aquilo que os documentos normalmente não oferecem, pois “a obra literária pode captar a complexidade do acontecimento histórico através das potencialidades da imaginação e da sensibilidade, e dar ainda à realidade histórica uma presença poética por meio de imagens e ações³⁴”.

Na memória das entrevistadas, o tempo de namoro e o dia de núpcias são lembrados como momentos de sonhos e alegria muito significativos para as suas vidas. Daí porque guardam em detalhes tão minuciosos as passagens sobretudo do início da conquista e do dia em que fora possível viver aquilo que tanto haviam esperado.

Para casar, o rapaz que se sentia preparado depois de um tempo de namoro e de um breve noivado, buscava o consentimento dos pais, aos quais cabia pensar nas condições de sobrevivência, que consistiam em casa e terra. Se os pais do noivo aprovassem, deveriam ir à casa da noiva para pedi-la em casamento e acertar os detalhes da cerimônia. O noivado não era relevante, segundo a senhora Norma Santinon, que noivou “o dia que fomos dar os nomes. Ninguém fazia festa, nada. Tu percebia que as tuas amigas noivavam quando tu via a aliança nos dedos, senão ninguém ficava sabendo, todo mundo escondia³⁵”. Mais importante que o noivado era a aceitação do namorado na família, a partir do instante que ele adentrava na casa da moça. Apesar de lembrarem do namoro como um período bastante longo às vezes, os entrevistados não destacam nem enfatizam o noivado em suas memórias.

Para as moças, o noivado significava o tempo que faltava para elaborar o enxoval, que incluía, além das roupas pessoais, a roupa de cama, mesa e banho, que seria utilizada pelo casal e pelos filhos. Essa preparação fazia parte do aprendizado transmitido pelas mães

³⁴ FREITAS, Maria Tereza. *La condition humaine e a ficção histórica: reflexões sobre a relação entre história e literatura*. **Revista de História**. São Paulo, nº. 118. Jan. – jun., 1985. p. 179.

³⁵ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 12.

e avós, que se encarregavam de manter os princípios culturais, ou seja, consistiam-se em guardiãs da sabedoria e exemplos a serem seguidos. Obrigação da noiva, o enxoval também permitia uma aproximação maior entre mãe e filha, uma vez que para esta era uma possibilidade de tomar conhecimento de assuntos íntimos e proibidos para homens e crianças. Nesse sentido, a elaboração do enxoval era um momento de aprendizagem que tinha também a função de dar seguimento ao modelo de família e, conseqüentemente, às normas estabelecidas pela comunidade da qual faziam parte.

O enxoval era preparado nos dias de chuva, domingos e noites de filó. Sob a luz tênue e frágil das velas ou dos *ciareto*, as ágeis e habilidosas mãos faziam surgir os mais diferentes bordados, apliques e outros trabalhos com agulha e costura, dignos de uma obra de arte. À medida que estas iam tomando forma e ganhando admiração, as moças sonhavam com o dia em que finalmente poderiam utilizar, nas suas casas, o fruto do seu trabalho e dedicação. Enquanto sonhavam, deixavam-se transportar para o mundo imaginário do casamento, no qual tudo seria melhor. Talvez muitas tenham sofrido decepções ao se depararem com um mundo distante daquele presente nos seus planos, mas enquanto estavam construindo seus sonhos, a expectativa de um futuro feliz impulsionava suas vidas.

As famílias com maiores condições financeiras presenteavam as filhas com um dote maior, o que conferia a elas um certo *status* social, como conta a senhora Norma Santinon:

Eu ganhei um monte de enxoval do meu pai. Sorte do que eu levei do meu casamento, o meu pai tinha o costume de dar bastante roupa em metro. Quando casei, naquela época não achava zorba, tinha que fazer, aonde que tu achava uma calcinha, um sutiã de uma mulher! Não tinha nada. Era um tecido chamado tricolina, uma coisa tipo malha, mole. Sorte minha, quando casei eu tinha roupa de metro, camisa, calça, tudo que eu fiz não é de acreditar, eles tavam só com duas mudinha de roupa, e de festa uma só. Não é que nem agora, tem que ter o sapato que combina³⁶.

³⁶ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 13.

Por mais simples e limitado que fosse o enxoval, o que não é o caso do relato acima, as moças jamais saíam de casa sem nenhuma peça de roupa, até porque o rapaz trazia apenas as suas roupas pessoais. A maioria das peças era de tecidos rudes, utilizados na colônia, ressaltando que mesmo após o casamento a vida que as esperava não comportava luxo, mas sim, muito trabalho. Entretanto, havia também os tecidos mais delicados, que ganhavam um valor especial depois que eram transformados pelas mãos das jovens em criações muito pessoais. Essas peças únicas eram preparadas especialmente para a noite de núpcias e ou algum outro momentos significativo da vida do casal.

Preparado o enxoval e acertado os detalhes, marcava-se a data para o tão esperado casamento. Ao lembrarem desse momento, homens e mulheres afirmam que realizaram o seu desejo, pois casaram com a pessoa escolhida para formar uma nova família. Desse dia muito especial, destaca-se na memória sobretudo a solenidade da festa, o vestido branco, a procissão de cavalos, a grande quantidade de comida, a alegria e as cantorias dos convidados. A celebração religiosa em si aparece de forma secundária, por vezes nem sequer citada. Entendendo o matrimônio como cerimônia religiosa, a afirmação de Olívio Manfroi pode ajudar a entender o gosto pela festa presente entre os entrevistados:

A religião dos italianos e de seus descendentes no Rio Grande do Sul era essencialmente ritualista. [...] O conteúdo principal da religião consistia na realização e na participação das liturgias e dos ritos. A realização era o sinal único da existência da religião e a participação era o único critério da distinção entre a pessoa de fé e o incrédulo. [...] A religião dos imigrantes era acima de tudo, condicionada pelo auditivo e o visual³⁷.

A festa do enlace matrimonial era preparada pela família do noivo e da noiva, a fim de que nada faltasse num banquete que durava do meio-dia até à noite. Segundo o senhor Olímpio Simoni, “nas festas de casamentos, faziam churrasquinho, jantava caprichado, um

³⁷ MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais**. Porto Alegre: GRAFOSUL, 1975. p. 185.

festejo, convidados. Igreja, civil, iam tudo a cavalo, não era andar de carro que nem agora, ia aquela fileira de cavalo³⁸”. Nessa festa, tudo era criteriosamente organizado: a composição e a ordem da procissão, a veste dos noivos, a hora do sim. A senhora Amélia Fasolo conta o que aconteceu no dia em que subiu ao altar:

Casamento, de Santa Ana a Antônio Prado era vinte quilômetros. Então eu fui com o primeiro carro que tinha, senão a cavalo, noivo, toda aquela turma, era bonito de ver. Era que nem procissão, um atrás do outro. E acompanhava os padrinhos. Tinha que ir casar na matriz, nas capelas nunca. E no meu choveu um dia antes, tinha uma sanguinha antes de chegar na casa onde que eu ia morar. Fiquemos no meio do rio!. Entrou água por tudo, mas depois fomos embora. [...] Era de meio-dia aquele casamento, depois até de noite eles iam com gaita, faziam casamentos grandinhos, casamento bom, porque lá faziam sopa de anholini, bolinho, bastante comida. Quanta comida!³⁹.

A senhora Santa Sordi também passou por um aperto. Ela conta que o seu casamento se realizou “no hotel. Tinha que ir de cavalo, me disparou o cavalo. A noiva, todos a cavalo, padrinhos, quem vinha junto. Era uma fileira comprida, era bonito! Convidava algum parente mais próximo e os padrinhos. Aquela vez não tinha churrasco, fazia tudo comida de mesa, que trabalho!⁴⁰”. Da mesma forma, a senhora Norma Santinon conta que “o cavalo dos noivos iam perto da casa, e os padrinhos deixavam longinho. Nós naquela época costumava ainda andar de cavalo, mas só que eu fui de caminhão, a noiva em cima na carroceria. E quem levava na igreja era o primeiro padrinho. O noivo era atrás de mim, com a primeira madrinha até na igreja⁴¹”.

Apesar de nem todas as personagens centrais da festa se dirigirem à igreja dentro de um automóvel, “a cavalo era bonito. Ia aquela fileira de cavalos, um atrás do outro, vinha

³⁸ SIMONI, Olímpio. Entrevista citada, p. 06.

³⁹ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 06.

⁴⁰ “Toquea ndar a caval, me gá dispará el caval. A noiva, todos a cavalo, padrinhos, quem vinha junto. Era uma fileira comprida. Era bel! Convidava qualque parente mais grosso e i padrinhi. Quela volta non tinha churrasco, era picol il manhar. Fea de tutto, comida de mesa, que laoro!” In: SORDI, Santa. Entrevista citada, p. 04.

⁴¹ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 12.

cantando. Era bonito de ver, gaiteiro, música, cantavam em italiano⁴². Recordam o casamento enfatizando a pompa, os cavalos, símbolo de imponência. Era belo, festivo, alegre, pomposo, fora do ordinário. O senhor Honorato Boff lembra de vários pormenores dos casamentos que participou:

Nos casamentos fazia muito mais festa de agora. Quando casava um, era uma festa de churrasco, bolo, cestas de bolacha! Era o café da manhã, ia o cara pegar a noiva, a esposa, era o tal de café da manhã, serviam pra todo mundo. E ia noite adentro, dança! Era um dia de festa. Agora modificou bastante, não fazem mais café, nada. Mas era uma beleza, dava um festão! Depois todos aqueles velhinhos, todos meio bêbados, depois de meio-dia cantavam que era uma beleza, só ver que coisa linda!⁴³

No casamento do senhor Evaristo Colpo, apesar da simplicidade que não diferia dos padrões da época, ele conta que a grande alegria foi ter ido de carro:

A festa não tinha muita gente, umas cento e cinquenta pessoas. Nós era pobre, fizemos festa na casa da sogra [...]. Fizemos tudo na casa da noiva, fora, o tempo era bom. Embaixo de uma árvore botamos as mesas e fizemos a festa. Churrasco, vinho à vontade, pão feito em casa, tudo de acordo. O meu padrinho me pagou, tinha o fusquinha naquela época que eu casei, então o padrinho me pagou o fusca, ele disse: 'não, vocês de caminhão não'⁴⁴.

Ir até a igreja de carro ao invés do caminhão ou do cavalo implicava num certo *status*, pois nessa época o automóvel não era um bem de acesso fácil. Da mesma forma, o carro que levou o senhor Evaristo e a sua esposa era um forte indício que os costumes estavam se modificando. O fusca indica que a modernidade também estava chegando aos lugares mais distantes dos grandes centros e provocando mudanças significativas na vida dos seus habitantes.

⁴² RAVADELLI, Rosa. Entrevista citada, p. 05.

⁴³ BOFF, Honorato. Entrevista citada, p. 05.

⁴⁴ COLPO, Evaristo. Entrevista citada, p. 07.

Mikhail Bakhtin observou que a grande quantidade de comida era um elemento essencial nas festas do período medieval e na renascença⁴⁵. Nas festas relatadas pelos entrevistados, a abundância também estava presente, de forma que a refeição oferecida estava longe de se parecer com o comer e o beber cotidianos. Assim como Mikhail Bakhtin afirma em relação à obra de François Rabelais, nas comunidades de ascendência italiana do Sul do Brasil o comer coletivo não se constituía num ato biológico, mas sim num acontecimento social. A fartura estava presente nesse ato, mesmo que as festas não fossem “como agora que faz churrasco, era comida de toda qualidade, precisava oito dias pra fazer. Arroz, carne de gado, porco. Agora a gente gasta pouco, faz churrasco e pronto, mas naquele tempo era tudo de casa. Imagina o trabalho, ficava oito dias. A gente comprava o vinho, era o costume, não era só nós, eram todos⁴⁶”. “Era quase melhor, porque fazia a comida de todo tipo⁴⁷”, mas “quanta comida se jogava fora! Tinha a cozinheira de propósito, mas o serviço! Hoje não, mata o gado hoje e amanhã já faz tudo⁴⁸”.

A *cozinheira de propósito* indicava também a condição econômica dos colonos, pois apenas as famílias que convidavam um grande número de pessoas contratavam essa especialista, que detinha o segredo dos temperos e da organização para não esbanjar nem faltar comida. O número de convidados variava de acordo com as condições econômicas dos colonos. Assim,

Quem tinha condição fazia festa grande, casar na igreja, civil. Meu irmão casou só na igreja, o civil fez dali a um ano, dois. Depois obrigaram a fazer o civil junto com o casamento da igreja. Só que antes era só obrigado a casar na igreja, o civil fazia se queria. Eu fiz o civil no dia que eu casei. E fomos fazer a festa lá no pai, churrasco, convidar um monte de amigo, os compadres do meu pai, mas quem convidava era o pai, não era

⁴⁵ BAKHTIN, Mikhail. Op. cit. Ver sobretudo o capítulo IV: *O banquete em Rabelais*.

⁴⁶ COVATTI, Santin. Entrevista citada, p. 09.

⁴⁷ COVATTI, Alma. Entrevista citada, p. 09.

⁴⁸ COVATTI, Santin. Entrevista citada, p. 09.

eu, o noivo. Era o pai do noivo que fazia pros amigos dele, que tinha obrigação. Ia casar o filho, mas não era lá quatrocentas pessoas, sessenta, cem pessoas; convidava os mais vizinhos, compadres, mais de obrigação. E cuca e bolacha e churrasco, e vinho, e pudim⁴⁹.

A preocupação em servir bem os convidados parece ter sido maior até do que a satisfação pessoal do casal, de forma que as festas de casamento são lembradas como um momento muito especial de alegria e festa. Os entrevistados praticamente nada falam a respeito da noite de núpcias, mas recordam com detalhes os casamentos que participaram. O senhor Abraminho também lembra dos bailes, “depois do almoço. Só que era a turma do casamento só, não era vai quem quer, era só os convidados⁵⁰”. Nem sempre a moral e o controle eclesiástico permitiam a realização do evento, conforme a senhora Rosa Ravadelli:

O padre não queria que nós casasse no sábado pra não perder a missa de domingo. E o falecido sogro disse que não, ele se responsabilizaria por nós, que no domingo nós ia pra a missa. Porque se tinha baile, ele não abria a porta da igreja, tinha que entrar pela porta do lado. Mas o sogro disse que não, baile nós tinha, ‘porque tu sabe a juventude’. Depois não sei quanto tempo que eu dava catecismo, o falecido disse pro padre. E ele disse: ‘Eu abro a porta da frente e toco o sino, mas de domingo todo o mundo na missa’. Pra fazer o sermão ele ia no alto e enxergava quem tava, quem não tava na missa. Então ele disse, ‘de manhã eles podem dançar até uma hora, duas horas, depois todo mundo na missa!’⁵¹.

Os bailes eram vistos como um divertimento impuro e perigoso, que deveria ser evitado e combatido. Mesmo os familiares sofriam restrições, e por isso, “se casava no luto, não podia fazer baile no casamento. Se fazia baile, a igreja abria só a metade da porta, o noivo entrava sozinho e a noiva detrás, não passava os dois junto. E se não fazia baile, abria toda a igreja. O padre tinha a lei, eles não podiam ir fora da lei do bispo⁵²”.

⁴⁹ PELIZZA, Euclides. Entrevista citada, p. 07.

⁵⁰ SANTINON, Abraminho. Entrevista citada, p. 12.

⁵¹ RAVADELLI, Rosa. Entrevista citada, p. 05.

⁵² SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 11.

Apesar de o enlace matrimonial ser um dos acontecimentos mais importantes e significativos nas famílias e na comunidade, a *lua-de-mel* não foi comentada pelos entrevistados. Pode-se imaginar que, numa comunidade em que *as velhas te matavam de tantas coisas, de tantas besteiras*, a falta de informações a respeito da vida íntima de um casal aumentava ainda mais as expectativas se “na primeira noite, negativa⁵³”. Diante dessas constatações, fazem-se necessárias algumas questões. Ao se dirigirem para o altar, as jovens dispunham dos conhecimentos que permeiam a reprodução humana? Dialogavam com suas mães a respeito de como se comportar com um homem ou a prática as ensinou? E as dúvidas relacionadas ao sexo, eram explicadas? O silêncio diante desses assuntos revelou que o sexo era considerado um tabu, até porque suas mães e avós certamente também haviam aprendido os mistérios da vida humana de forma não verbalizada.

Atentemos para a personagem Teresa, de *O quatrilho*:

Para dizer a verdade, ela também não sabia muito bem o que sentia um homem e o que fazer quando estivesse sozinha, na mesma cama, com ele. Em casa só tinha irmãs. Mamma Giulieta fazia cara feia só em pressentir certo assunto nas conversas. As irmãs, que quando solteiras dividiam com ela dúvidas e perguntas, faziam-se cheias de mistérios depois de casadas. E com o pai é que ela não teria mesmo coragem de falar nesses assuntos⁵⁴.

Nas comunidades de influência católica, inspiração para o autor de *O Quatrilho*, o sexo era tratado como tabu, pecado e, portanto, qualquer curiosidade a respeito seria considerada uma infâmia. Essa postura, transmitida pelas mães e avós das entrevistadas, ainda não foi rompida, sendo um motivo de timidez e vergonha entre as mesmas. Como já ressaltado, a preocupação de uma boa esposa e mãe deveria ser apenas o trabalho com a casa, o cuidado com o marido e a educação dos filhos.

⁵³ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 13.

⁵⁴ POZENATO, José Clemente. Op. cit. p. 29.

Por fim, em relação ao casamento, os entrevistados lembram que geralmente “só os padrinhos davam presente pros noivos⁵⁵”, porque “a maioria ia na casa dos pais do noivo. Eu aquela vez ganhei pouco dote porque era nova, mas ganhei um pouquinho. Vieram buscar com o cesto⁵⁶”. Conforme o costume, juntamente com o enxoval as famílias que tivessem mais condições ofereciam à filha como dote uma máquina de costura, uma vaca e algumas galinhas, que simbolizavam o começo de uma nova família e a garantia do vestuário. Já o rapaz levava como presente dos pais um lote de terra. Como as famílias eram numerosas e havia muitos filhos para ajudar, os lotes normalmente não eram muito extensos, apenas o suficiente para o casal começar uma nova etapa. Nem sempre era necessário ou possível se mudar para outro lugar, conforme o relato que segue:

Às vez casava e ia morar fora, e às vez casava e ficava junto com o pai, depende as condição. Às vezes o pai dava uma casinha, uma meia colônia de terra, alguma coisa. Então aprontava a casinha antes, depois casava, já no dia do casamento ia morar na casa. E outros não, casava e ficava lá, depois de uns anos, conforme que ia melhorando as coisas, o velho ia dar uma meia colônia de terra pro filho, ia construir a casinha, mas depois de ano que tava casado. E outros não, faziam antes, aos poquinhos. Aquela época não era fácil que nem agora⁵⁷.

É difícil definir o papel do sentimento no casamento do período estudado, mas diante dos caminhos apontados pelos entrevistados, pode-se dizer que a norma social não tomava apenas o amor como condição do casamento nem como critério do seu sucesso. Para se casar, um homem e uma mulher deveriam ter a sensação que poderiam se entender e se estimar, em suma, que poderiam se combinar. O matrimônio despontava então como uma possibilidade de formarem uma nova família, tendo como exemplo os seus pais. O trabalho a ser realizado era uma continuidade do aprendizado recebido na infância e na

⁵⁵ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 06.

⁵⁶ Idem, p. 07.

⁵⁷ PELIZZA, Euclides. Entrevista citada, p. 07.

juventude, sendo que a diferença era que antes conviviam com seus pais e irmãos, agora era com os sogros e cunhados que iriam dividir o mesmo espaço.

O casamento, ao contrário do que muitas jovens haviam sonhado, não aumentava o tempo livre, como bem demonstrou José Clemente Pozzenato. Casada, a mulher deixava de depender do pai, mas era ao marido que ela devia obediência. Logo no dia seguinte ao casamento o casal entrava numa rotina que previa um filho quase todo ano e o trabalho árduo, num ritmo de vida que reproduzia a história vivida pela geração anterior.

Depois do primeiro sapato: da infância à vida adulta

“Os ritos nos revelam as crenças e, mais ainda, os modos de vida⁵⁸”. Tal como disse Michelle Perrot, na memória dos entrevistados a Primeira Comunhão, ou Primeira Eucaristia, reside como um rito de passagem que indicou a saída da infância e a chegada na adolescência, um degrau importante na passagem do menino para rapaz e da menina para moça. Era também a consolidação de um novo papel na comunidade cristã, uma vez que não mais assistiriam à missa de forma passiva, mas fariam parte da celebração comungando a Hóstia Sagrada, ou seja, o Corpo de Jesus. Como parte do grande rebanho de Cristo, formavam uma *unidade dividida*, isto é, nas celebrações religiosas as meninas seguiam suas mães, enquanto os meninos acompanhavam seus pais. Essa divisão no espaço físico era a determinação da Igreja, recebida também como herança dos pais e avós, necessitando ser mantida principalmente para mostrar que a diferença entre os sexos existia.

De acordo com Peter Burke, “*ritual* é um termo de difícil definição, [...] se refere ao uso da ação para expressar significados, em oposição às ações mais utilitárias e também à

⁵⁸ PERROT, Michele. *A vida em família* In: ARIÈS, Phillippe, DUBY, Georges. (orgs.) Op. cit. p. 191.

expressão de significados através de palavras ou imagens⁵⁹. Nesse sentido, a Primeira Comunhão era um ritual tão importante, como o próprio casamento, principalmente para as entrevistadas. Atentemos para as palavras da senhora Amélia Fasolo:

A minha Primeira Comunhão foi lá em Antônio Prado, nós pertencia a Linha Sant'Ana. Não via a hora que chegasse aquele dia, vestido comprido, eu me lembro como se fosse hoje. Nem sei se tinha sandália ou se tinha chinelo, eu tinha as minhas primeiras sandálias quando fui dar os nomes. Eu acho até que tinha uma sandália, mas terminei aquela e antes de dar os nomes que comprei outra. Não é que nem hoje que nasce e já tá com a sandália⁶⁰.

A entrevistada não enfatizou só a religião, como também a primeira sandália, o vestido comprido. O que indica que não só o aprendizado da doutrina era feito com muita expectativa, mas também a preparação da indumentária para o grande dia. Com efeito, os entrevistados lembram da ocasião com elementos muito parecidos do dia do casamento. O próprio vestido, branco e com véu, era feito para deixar marcas, como no relato que segue:

E a Diamantina, quando passou aqui em Reduto, ela passou com um vestido floreadinho, sempre me lembro que o falecido pai foi comprar e não tinha roupa pra comprar uma coisa melhor, tinha que comprar o que tinha. Mas me deu uma tristeza, porque eu tava assim, de vestido comprido, branco, véu, eu passei assim, só que não tenho foto, não tenho nada. E ela não, ela passou de vestidinho floreado, simples, aqui era todas igual, ela passou assim⁶¹.

A tristeza da senhora Ortenila Trevisan foi causada pelo fato de sua irmã não ter passado essa data com um vestido branco. A emoção surgia da ansiedade e da longa preparação para o grande dia, assim como da solenidade das velas, flores e a presença do padre. Para muitos jovens e jovens, a emoção de vestir um par de calçado não era menos intensa que o sacramento. Muitos lembram desse dia não pela sua importância religiosa, mas por terem usado sapatos pela primeira vez. Faz-se necessário acentuar que nas

⁵⁹ BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. Op. cit. p. 204.

⁶⁰ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 03.

⁶¹ TREVISAN, Ortenila. Entrevista citada, p. 06.

comunidades rurais existentes no Oeste de Santa Catarina, ao menos num primeiro momento, o luxo não existia. No Rio Grande do Sul muitas vezes a família também não dispunha de recursos financeiros para a compra de roupas e sapatos para as crianças na ocasião da Primeira Comunhão. Vejamos:

Meu pai me ensinou a doutrina italiana, passei a comunhão em Nova Treviso. Era o padre Dom Giusepe. As primeiras sandálias que botei nos pés, vestido florido e com uma manta. A maioria botava um véu, mas naqueles anos tinha a manta, com as franjas de seda, amarrada atrás. Passei a comunhão assim, tinha dez anos⁶².

Era notável a preocupação dos pais em orientarem os filhos pelos caminhos da Igreja. Além do mais, esse ritual os enchia de orgulho, pois era uma ocasião para mostrar à comunidade as crianças bem instruídas e educadas. Era o resultado de muitas noites de orações para que os pequenos aprendessem a rezar o terço.

O Concílio de Trento, no séc. XVI, estabeleceu a noção de idade do discernimento, ou seja, da distinção entre o bem e o mal, entre o pão da eucaristia e o comum. Foi estabelecido o período entre nove e treze anos, sendo que Pio IX condenou a Primeira Comunhão na idade tardia e de forma uniformizada⁶³. Em seqüência, Pio X ordenou que as crianças comungassem desde que tivessem rudimentos da religião, de maneira que

Se uma criança depois de dois anos de catecismo, parece suficientemente instruída sobre as coisas da religião, é bom que comungue pela primeira vez e, a seguir, seja levada a confessar e comungar com assiduidade: é o melhor meio de fortalecer a sua alma. O sacramento deve servir como barreira contra a tentação e o pecado. Em termos ideais, a comunhão precoce levaria à comunhão diária e à pureza do coração⁶⁴.

⁶² “El pai me gá insenhá a dotrina italiana, gó passá a comunhão a Nova Treviso. E iéra padre Dom Giusepe. I prime sandálie que gó metesto tei piei, vestito florido e co la manta. Maioria metea il véo, ma quei ani lá gue géra la manta, com le franje de seda, ligada da drío. Il dí que gó passá a comunhão gavea diezi ani”. In: FIORESE, Maria. Entrevista citada, p. 08.

⁶³ MARTIN-FUGIER, Anne. *Os ritos da vida privada burguesa*. In: ARIÈS, Phillippe, DUBY, Georges. (orgs.). Op. cit. p. 252.

⁶⁴ MARTIN-FUGIER, Anne. Op. cit. p. 252.

Os entrevistados afirmam que não havia uma data específica para tal sacramento, “quando que sabia bem a oração, tinha oito anos, tinha dez, passava⁶⁵”. Com efeito, as crianças dependiam da visita do padre.

A Primeira Comunhão implicava também num preparo para *fazer bonito* no grande dia. Tudo tinha início no seio da própria família, e segundo a senhora Alma Covatti, a “falecida mãe me ensinava as orações, tudo em italiano, não sabia nem ela o português. Depois se ia no catecismo, lá na outra mulher. Eu passei a Primeira Comunhão tinha onze anos. Vestido comprido, meio cor de rosinha, florido, mas bem comprido, a godê. Bem largo ficou, mas era bonito!⁶⁶”.



Hora de registrar um momento muito especial: na Primeira Comunhão, a ocasião unia as crianças, mas a divisão entre meninos e meninas permanecia. (Acervo: Museu Municipal de Xavantina).

Após aprenderem com os pais, mais especificamente com a mãe, a catequese, que tem lugar de destaque nas suas memórias, era feita “no livrinho e depois ler, mas não tanto

⁶⁵ COVATTI, Santin. Entrevista citada, p. 08.

⁶⁶ COVATTI, Alma. Entrevista citada, p. 08- 09.

como hoje, só as orações cotidianas⁶⁷”. “Não tinha que fazer encontros, só tinha que saber de cor o catecismo, não era que nem agora, escrever bastante coisa. Chegava o dia e tinha que saber pelo menos o Creio, a Salve-Rainha, o Pai Nosso, Ave Maria, o Glória⁶⁸”. O senhor Raul acrescenta que “era um livrinho, até hoje eu teria saudade de ter um daqueles, com 101 perguntas e resposta, as orações principais. Então decorava aquele livrinho de perguntas e respostas e antes de fazer a Primeira Eucaristia o padre vinha e perguntava dentro daquelas ali. Se tu respondia, tudo bem, e se não, estudar mais⁶⁹”.

Nos referidos livrinhos os ensinamentos eram norteados para as batalhas entre o bem e o mal. Anjos e demônios povoavam a imaginação das crianças desde a mais tenra idade, motivo pelo qual era preciso viver segundo os ensinamentos dos pais e catequistas. Já com outros migrantes, “a catequese não tinha o livrinho, era a catequista que dava o catecismo e pronto, no domingo⁷⁰”. A senhora Rosa Ravadelli lembra que “em Nova Roma, eu dava catecismo em italiano: ‘Sito bom cristiano ti?’ ‘Sí, son cristiano com la graça de Dio’. ‘Qui que te gá fato cristiano?’ ‘L’áqua del Santo Batismo*’⁷¹”. Da mesma forma, a senhora Alma Covatti também aprendeu a catequese “tudo em italiano, nem o padre rezava em português, era italiano. Lá onde nós morava tinha o padre, uma turma que passava, porque não é que nem agora que tinha um ou dois por família, lá era dez, doze, cada um⁷²”.

⁶⁷ “Il catecismo si fea in te librinho e dopo leger, ma lora non tutto come adesso, sol orassion cotidiane”. In: ZANADRÉA, Gentile. Entrevista citada, p. 09.

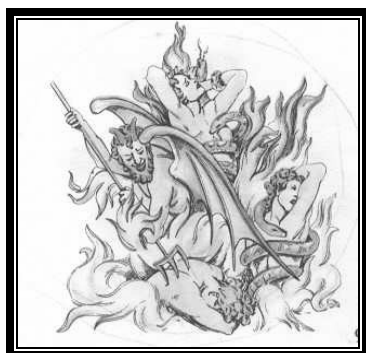
⁶⁸ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 03.

⁶⁹ CAON, Raul. Entrevista citada, p. 06.

⁷⁰ TREVISAN, João. Entrevista citada, p. 06.

⁷¹ * ‘Você é um bom cristão?’ ‘Sim sou cristão com a graça de Deus’. ‘Quem te fez cristão?’ ‘A água do Santo Batismo’. In: RAVADELLI, Rosa. Entrevista citada, p. 04.

⁷² COVATTI, Alma. Entrevista citada, p. 08.



O fim que ninguém queria: contra os perigos e os castigos do inferno, era fundamental comungar e confessar-se para ser um bom cristão. (Livro de catecismo. Acervo: Museu Municipal de Xavantina).

Para ensinar as crianças, “a gente arrumava uma catequista na comunidade, uma moça, uma mulher, às vezes um homem. Nos domingos ia na igreja, antes de rezar o terço eles ensinavam, às vezes de manhã. Quando que tava pra passar a Primeira Eucaristia, a catequista ensinava duas, três vezes por semana, pegava os alunos mais seguidos⁷³”.

Já o sacramento da crisma geralmente era feito nos primeiros meses de vida, “se tinha dois, três dias, batizava e crismava, aproveitava que vinha o bispo. Mesmo com um ou dois dias batizava e crismava, porque depois o bispo demorava pra vim⁷⁴”. “Naquele tempo passava a crisma quando vinha o bispo. Aqui em São Miguel também, foi crismado e batizado, quando vinha o bispo, no mesmo dia⁷⁵”.

Nas histórias, imagens e parábolas usadas para transmitir os ensinamentos, Deus se manifestava com onipotência e severidade diante das fraquezas humanas. Exigia dos pecadores, inclusive das crianças, a observação contínua de procedimentos diários. Um dia a morte chegaria e nessa ocasião Ele, que a tudo vigiava e punia, haveria de fazer a sua prestação de contas. Um triste fim no inferno, com todas as suas chamas ardentes, gemidos e dores eternas era destinado àqueles que morriam em pecado mortal.

⁷³ DAL BOSCO, Ângelo. Entrevista citada, p. 07.

⁷⁴ “Guéra due, tré dí batizava e crismava. Iéra quela, aproveitava que venhea il bispo, se gavea ancô um dí, due, ndea a batizar e anca crismarli, parqué dopo il bispo demorea viene”. In: FIORESE, Maria. Entrevista citada, p. 08.

⁷⁵ COVATTI, Santin. Entrevista citada, p. 09.

O ingresso na adolescência, marcado pela cerimônia religiosa da Primeira Comunhão, era uma ocasião de celebrações familiares que deixou muitas marcas na memória. As recordações da Primeira Comunhão surgem cobertas de significados e sentidos (re) elaborados ao longo do tempo. Separados desse dia por dezenas de anos, lembram dessa data como algo que vai além de um ritual cristão, pois era um marco no qual ganhariam sapatos e roupas novas, conquistariam o direito de comungar e confessar e deixavam de ser crianças aos olhos dos seus pais. A partir de então, poderiam começar a pensar em diversões e vida social na comunidade, até porque “não era que passava a Primeira Eucaristia e não ia mais. Continuava indo, era o único lugar de ir, na igreja, por isso não deixava de ir⁷⁶”. A senhora Maria Fiorese lembra que, no Rio Grande do Sul,

Se fazia sete quilômetros a pé, todos os domingos. Reunia um grupo de moças, cantando na ida e na volta, sapatos na mão, um pano para limpar os pés. Antes de chegar na igreja tinha uma sanga, água. Se ia até lá com os sapatos na mão, senão se estragavam. Naqueles anos não era como hoje, que eles tem quinze, vinte pares pelos cantos! E lá se lavava os pés, botava o calçado, ia na igreja, e não com as mangas curtas, decotadas e sem meia, sem véu na cabeça!⁷⁷.

No Oeste catarinense o hábito de andar até a igreja de pés descalços e só depois colocar os sapatos persistiu por um bom tempo, para não comprometer a durabilidade do calçado nas pedregosas, poeirentas e ou lamacentas estradas. Eram caros, e sempre havia outros objetos mais importantes para priorizar o gasto do dinheiro. Durante a semana, “ir na roça, mesmo com frio, muitas vezes sem nada nos pés, porque a gente não podia comprar⁷⁸”, e mesmo mais tarde, quando adquiriam um par de sapatos, este era para as

⁷⁶ TREVISAN, Ortenila. Entrevista citada, p. 06.

⁷⁷ “Se fea sete quilômetri a pie, tutte le domenegue, reunia sú uma turma de toze, cantando ndar e venher, co lê scarpe in man, il pano par limparsi, lavarsi i pie. Vánti rivar tea ciêza gue gera uma sanga, gue gára água. Lora se ndea lá, co lê scarpe in man, fin lá parque si fruea. Quei ani é mia come adesso, que i gá quindeze, vinte pari par cantoni. E lá se lavea i pie, se metea sú lê scarpe, se ndea in ciêza, e no co lê manegue curte, mia desgotate, senza meie, senza véo na cabeça!”. In: FIORESE, Maria. Entrevista citada, p. 11.

⁷⁸ RAVADELLI, Rosa. Op. cit. p. 05.

ocasiões especiais, como os casamentos e a missa. Geralmente para jovens e crianças comprava-se calçado em número maior que o pé do contemplado. Assim, quando não servisse mais para o primeiro dono, era passado para um irmão menor.

O ócio permitido

Saindo da adolescência e entrando na juventude, podia-se freqüentar as festas e os encontros aos domingos, dia de descanso por excelência. Na história da criação do mundo segundo a Bíblia, “tendo Deus terminado no sétimo dia a obra que tinha feito, descansou do seu trabalho. Ele abençoou o sétimo dia e o consagrou, porque nesse dia repousara de toda obra a obra da criação⁷⁹”. Assim, na maioria das famílias, o domingo era reservado para visitas aos vizinhos e parentes, consistindo-se num momento significativo não apenas pela renovação espiritual comunitária, mas também por se constituir num raros momentos de lazer. Por outro lado, durante a época da colheita, não havia problema se as tardes de domingos, dias santos e feriados fossem dedicados ao trabalho, pois “trigo e feijão, o padre disse que não era pecado, e senão era, então a gente não ia⁸⁰”. O sacerdote era assim respeitado porque possuía “uma imagem aureolada de mitos, de poderes sobrenaturais de abençoar e amaldiçoar⁸¹”. A autoridade outorgada ao poder eclesiástico e legalizada pela comunidade tinha o poder de intervir na educação dos jovens e crianças, instruir e advertir, independente do local onde se encontravam. Foi o espírito religioso dos colonos que conferiu esse papel de destaque ao sacerdote⁸².

⁷⁹ Gênesis, 2, 2 – 4.

⁸⁰ “Formento e fazui, il padre gá dito que non era pecá, e senó era, lora se ndea mia”. In: FIORESE, Maria. Op. cit. p.10.

⁸¹ MERLOTTI, Vânia. **O mito do padre entre descendentes de italianos**. Porto Alegre; Caxias do Sul: EST; UCS, 1979.

⁸² MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais**. Porto Alegre: GRAFOSUL, 1975. p. 181.

O senhor Santin Covatti também lembra que “fora os dias santos, de domingo não trabalhava. Porque o falecido sempre dizia que tem sete dias, e no dia de domingo a gente não trabalha, só se é pra colher trigo; pra colher trigo não se olhava domingo e nem festa. Era o pão, e depois, se dava uma chuvarada, tu perde tudo⁸³”. Esse respeito com os domingos, dia do Senhor, e demais dias santos era também uma forma de *cultus* à terra, ou seja, a boa colheita dependia também da observação das normas instituídas pela Igreja.

Nas tardes de domingo, “ia na igreja, na sociedade, o terço. Depois lá, brincava enquanto era novo, senão nós vinha pra casa e pronto. Jogar baralho a gente não jogava quase⁸⁴”. Após a reza do terço, as mulheres se reuniam à sombra das árvores ou na casa de alguma amiga para atualizar as notícias sobre o trabalho, a família, as doenças, os acontecimentos da semana, a saudade dos parentes, as informações sobre outros migrantes que chegavam, de forma que “não era divertido que nem agora, mas a gente sempre tava junto. Se ia no terço, ia no terço, senão se juntava em duas, três famílias e passava o domingo assim⁸⁵”. Outras mulheres preferiam ficar em casa, pois “se eu tinha criança pequena que chorava, vou aonde? Eu ficava em casa, antes de sofrer, pelo menos⁸⁶”. Por sua vez, os jovens poderiam aproveitar para buscarem um amor.

Uma opção era freqüentar o bar, mais conhecido como *bodega*, espaço exclusivamente masculino e adulto, no qual se discutia o andamento da comunidade; jogava-se baralho e bocha. As diferentes modalidades de baralho e de bocha eram acompanhadas por um bom vinho ou cachaça, muito cobiçadas sobretudo se feitas em casa. Normal para quem passava dos limites, por vezes não havia como evitar uma *ciuqueta*, ou

⁸³ COVATTI, Santin. Entrevista citada, p. 06.

⁸⁴ TREVISAN, João. Entrevista citada, p. 05.

⁸⁵ COVATTI, Santin. Entrevista citada, p. 06.

⁸⁶ COVATTI, Alma. Entrevista citada, p. 06.

embriagamento, sempre lembrado com uma certa gozação. O episódio narrado pelo senhor Primo Bergamin é um bom exemplo:

Era domingo, e vinha gente jogar bocha; veio o Avelino Betiatto, hoje está morto. Eu tinha mel em casa, e ele disse 'leva pra cima aquela cachaça com mel'. Enchi meio litro de mel e meio de cachaça. Mexi bem, ele tomou, em poucas horas caiu. Ficou de pé, estava cheio de urtigas! Quando se deu conta, no meio dos urtigões. E nós o pegando pelas pernas. 'Tá fazendo o quê, Avelino?' 'Mas espinham, os urtigões!'. Pega por um lado, ele vai pro outro, bramt! 'E agora, fazer o quê? Deixá-lo aqui não!'. 'Vamos lá embaixo, tenho os pelegos, boto ele lá no puxado da cozinha'. Pegaram Feliciano e Minico, eu não porque tava com uma caixinha de balas, uma de dinheiro e o garafão de cachaça. Ele veio, deitou, eu disse: 'quer café?' 'No'. 'Quer isso, quer aquilo?' 'No'. 'Bom, se faltar alguma coisa, chama!'. Tira o chapéu, joga lá a carteira. De manhã, uma hora antes de amanhecer, escuto a porta, digo: 'vai pra fora fazer xixi'. Quê, se mandou! Mas o porre não passou, o mel é pior que cerveja. Atravessou a roça de mato, o roçado de milho era alto, ia que se matava. Tropicou, andou de cavalo num tatu! Ia pra casa com a claridade do dia. Dormiu da segunda de manhã até a terça. Parecia que se matava, ainda mais onde que os tatus tinham feito buracos!⁸⁷.

Havia também os domingos especiais, geralmente o dia do padroeiro ou padroeira, nos quais a celebração religiosa era acompanhada por uma festa. “Festas tinha mais ou menos duas cada sociedade. Era mais divertido que hoje⁸⁸”. No início, eram apenas encontros religiosos em honra ao santo de devoção, mesmo que as datas ocorressem durante a semana. Se a comunidade recebesse a visita do padre ou do bispo, eram realizados o Santo Ofício da Missa e a procissão festiva; caso contrário, rezava-se o terço.

⁸⁷ “Era de domêniga, venia gente giucar, o Avelino Betiatto, adesso lé morto. Mi gavea a casa miel, il gá dito, ‘porta sú la cachaça co a miel dolce’. Te um litro gó impiená medo de miele e medo de cachaça. Lo gó sglá bem, lo gá bevesto, poque ore se gá butá. Se é meto in pie, guéra tutti urtiguini! Tchó, quando se gá nicorto, dô par urtigoni. E noantri ciapa le gambe fora. ‘Feto quê, Avelino?’ ‘Ma i beca, i urtigoni, porco dindio!’ Tira sú de una banda, lú va de quel altrabanda, bramt! ‘E adesso, femo que com quel porca madona? Assarlo quá no!’ ‘Demo lá zô, gó i pelegui, trao lá tel puxado, lú stá rento lá’. I ciapa Feliciano, Minico, e zô. Mi no, porque gue navea na casseta de carameli, anca una di soldi, e il garafon de cachaça. Lora, vien dô, se buta dô de lá, digo, ‘vuto café?’ ‘No’. ‘Vuto una cosa o altra?’ ‘No’. ‘Bom se manca qual cosa, chama’. Tira dô il capel, tra lá a cartera. La matina, una ora vánti dí, sento a porta, digo, ‘quel lá vá fora pisar’. Tchó, se gá mandá! La chiuca no gá passá tutta, il miele é pedo que una chiuca de bira. Atravessa a roça de mato, quel altro roçá del mílio, alto, roba que se copa, se gá trupicá, ndá a cavaloto de un tatu! Via que ndea casa col chiaro del dí. Gá dormisto de lúni matina, marte se gá desmissiá. Parea che se copea, inda mais onde que i tatu gavea fato i búzi!’ In: BERGAMIN, Primo. Entrevista citada, p. 17.

⁸⁸ TREVISAN, João. Entrevista citada, p. 05.

“A festa do padroeiro da comunidade era uma festa de missa, procissão, churrasco, bebida, pão⁸⁹”, afirma o senhor Olímpio Simoni. Segundo Luís De Boni e Rovílio Costa, as festas religiosas nas comunidades italianas obedeciam a uma ordem que incluía, num primeiro momento, as celebrações religiosas, em forma de tríduos, novenas e por fim a missa; e em seguida a festa cujas características eram a comida e bebida diferentes do rotineiro; jogos, sorteios, leilões, cantorias e o espírito de alegria e descontração⁹⁰. Dessa forma, após a cerimônia religiosa tinha início o almoço, como relata o senhor Raul Caon:

A gente ia nas festas, comprava o churrasco e um refrigerante. Mas era uma garrafa, não tinha os litros descartável. Com uma todo mundo tomava e ficava satisfeito, era um golinho cada um. Naquela época era assim: pegava um espeto de carne, levava o pão de casa. Lá fora tinha umas árvores, comia lá e depois ia embora. Era uma por ano, quando muito, duas. Era a festa da padroeira Nossa Senhora do Rosário. São Cristóvão nasceu depois, ele é mais novo⁹¹.



Procissão de São Cristóvão na principal rua de Xavantina, por volta de 1960: após a missa, era hora de louvar e pedir proteção ao santo protetor do colono e do motorista. (Acervo: Museu Municipal de Xavantina)

⁸⁹ SIMONI, Olímpio. Entrevista citada, p. 03.

⁹⁰DE BONI, Luís A., COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Op. cit. p. 168.

⁹¹ CAON, Raul. Entrevista citada, p. 07.

O refrigerante, apesar de *um golinho cada um*, era um sinal de que a comunidade estava começando a modificar os seus hábitos. Antes que existisse essa bebida, “tinha vinho, não tinha negócio de refrigerante, cerveja, pegava um quarto de vinho e fazia a festa com esse quarto de vinho. Pinga nem existia quase, mas tinha um pouca⁹²”.

Os entrevistados afirmam que “aqueles anos comia carne de gado talvez uma vez por ano. Só quando fazia a festa [...] Ia na festa, comprava um pedacinho de carne, e levava o pão, levava tudo, porque também não tinha dinheiro, levava de casa. Comprava um pedaço de carne e pronto, não era que nem agora⁹³”. “Tinha que se levar o pão, porque não dava pra comprar lá, não tinha como agora⁹⁴”. Isso porque “o dinheirinho era bem medidinho, a família era grande e a renda era pouca.⁹⁵”. Esses dias eram diferentes para todos, pois além do exercício religioso, era o dia que iriam comer carne bovina. Trazido de casa e partilhado entre amigos e parentes, o churrasco era muito apreciado, provavelmente porque não era um alimento comum do dia-a-dia. Assim,

As festas a maioria fazia churrasco, cerveja era muito pouca, mais era vinho. Quando que tinha uma festa, a primeira coisa eles procuravam o vinho, pegava da comunidade, vinho colonial, pegava em barril. De meio-dia se reunia, tomava vinho, algum tomava uma cerveja, mas cerveja era pouco. Cantava e brincava ali junto; jogo de bola quando tinha jogo se descia no campo. Tinha os sócios, faziam quatro churrasco gratuito. A bebida cada um se comprava, mas a carne eles davam. Tinha homens velhos, mulher, moça, se associavam nesses campos de futebol só pra passar as festas assim, comer todos juntos. Sentava no bosque, no gramado, levava um baralho, era lá na beira de um lajeado o campo onde que nós ia. Assim passava os domingos, e hoje em dia não⁹⁶.

Na medida que as comunidades foram crescendo, a fé na proteção do padroeiro ou padroeira fez com que um maior número de interessados passasse a freqüentar os eventos

⁹² BOFF, Honorato. Entrevista citada, p. 05.

⁹³ COVATTI, Santin. Entrevista citada, p. 07.

⁹⁴ COVATTI, Alma. Entrevista citada, p. 07.

⁹⁵ CAON, Raul. Entrevista citada, p. 07.

⁹⁶ DAL BOSCO, Ângelo. Entrevista citada, p. 04.

em busca de alguma graça especial. Na pequena vila de Anita Garibaldi, um episódio acabou por provocar uma situação delicada, como conta o senhor Euclides Pelizza:

As festas de São Cristóvão foram sempre a maior festa de Xavantina. Começou porque resolveram comprar uma estátua de São Cristóvão e botar ali. Meu pai gastou vinte conto pra construir um capitel de pedra, com cimento e tal. E foi o pai que pagou, depois a igreja devolveu, porque a igreja na época não tinha dinheiro pra construir um capitel assim. E botamos lá São Cristóvão, depois deu uma briga com os padres e levaram embora o santo. Daí o Arcângelo encomendou outro em Caxias, fomos eu e o Armino buscar. Pra encurtar a história, levamos quarenta e quatro hora pra ir de jipe em Caxias buscar o santo, que é aquele que tá aí agora. Foi feito o capitel faz anos. Foi sempre a maior festa de Xavantina, a festa de São Cristóvão, porque do colono e do motorista. Mas o padre queria levar embora pra Seara. Nós não tinha padre na época aqui, e ele era o mandão. Mas então eles disseram 'te compre um lá em Seara'. 'Não porque o bispo não permite, mais perto de sessenta quilômetro não pode'. E tinha um em Chapecó e um em Concórdia, então não podia um em Xavantina e um em Seara, muito perto. Ele queria levar embora esse. O pessoal não deixou, deu uma briga aquela vez, brigaram dois anos por causa do santo. E ele tá ali até hoje. [...] Fui eu e o Armino buscar esse São Cristóvão em Caxias. Fizemos a festa, fomos dois dias antes buscar, era pra vim com a transportadora, a transportadora não vinha, e o santo não chegava, e nós se largamos e fomos buscar, tava lá em Caxias ainda. Chegamos lá não tava nem bem pronta, tivemos que esperar até às cinco horas, tavam pintando. Encaixotamos ele, botamos em cima do jipe. O dia seguinte, meio dia, batemos aqui. E pra ir a Caxias não tinha nem um metro de asfalto, só estrada de chão, e fomos de jipe, outros carros não tinha. E agora tá indo tudo bem, dá as festas bonitas todos os anos, porque se acalmou, os padres parece que não são mais tão briguentos que nem naquela época. Deu uma briga feia com os padres, mas acontece que quando o lugar é pequeno e o padre tem um pouco de estudo, que ele vem de fora, ele quer ser tudo ele que manda, só que não é bem assim. Se tem o comerciante, é tudo o comerciante que manda, se tem o padre, tudo o padre que manda, se vem um que é o professor, talvez, que é o único que tem, então o professor é ele que manda. Em vez agora tem muitos que mandam, o lugar ficou um pouquinho mais grande, e depois agora o povo é bem diferente, não é mais que nem antigamente⁹⁷.

O desentendimento com o padre mereceria um estudo à parte. Embora pareça um fato solado, era visível que o crescimento da vila trouxera novos elementos, novas profissões e novas idéias. O poder, antes concentrado na mão de algumas poucas pessoas

⁹⁷ PELIZZA, Euclides. Entrevista citada, p. 10.

influentes, como o padre, o comerciante e o professor, passou a ser dividido e assim perdeu grande parte da força, até diluir-se quase que completamente.

Os almoços em família também foram um grande motivo para celebrar os encontros. A abundância de bem-te-vis, saracuras, perdizes, sabiás, pombos e uma infinidade de outras espécies estimulou a caça a esses pássaros. Hoje esse hábito é menos praticado devido aos desequilíbrios ecológicos que culminaram com a escassez dessas aves, mas no período tratado nessa pesquisa, era comum se reunir para “uma festinha [...]. Era domingo, um caçava, outro depenava os passarinhos, outro catava pinhões. Lá no Feliciano fizemos uma polentona, passarinho frito, pinhão e vinho, era divertido!⁹⁸”. Esses momentos de descontração eram marcados por histórias e canções da antiga pátria.

Apesar de muitos cantos terem desaparecido com seus intérpretes, é possível identificar expressões de amor e de guerra, nostálgicos e românticos, cômicos e tristes. Os cantos viajaram através dos vales e regiões, de forma que hoje é quase impossível atribuir uma origem segura a textos e melodias. Embora tenham sofrido transformações ao longo do tempo, variando de lugar para lugar, as letras apresentam muitos costumes, moral e valores característicos da cultura dos imigrantes italianos. A senhora Ortenila Trevisan relata que “quê, rádio onde? Mas só que era divertido também, porque as piazadas iam fazer filó numa casa de noite, cantavam e tu sentia, era uma alegria também aquilo. Saíam de noite, iam cantando e a gente não ficava triste por não ter o rádio, não ter essas coisas. A gente vivia feliz o mesmo⁹⁹”.

⁹⁸ “Guemo fato una festina [...]. Sta domêniga, um ndea caçar, quel altro pelava i ozéi, quel altro ndea catar pinhui, e lora semo catai tutti lá a Feliciano. Gavemo piantá la polentona, ozéi rostéi, pinhata de pinhui, e dêle vin, ma divertidi”. In: BERGAMIN, Primo. Entrevista citada, p. 17.

⁹⁹ TREVISAN, Ortenila. Entrevista citada, p. 08.

Em meio às lembranças que guarda, o senhor Primo Bergamin destaca que “cantar pelo amor de Deus! Lá sim se cantava. Todos cantavam, não tinha gaita, nem violão, nada. Te disse, se naquele tempo tivéssemos um gravador, hoje quanta coisa que podiam regravar. Cantavam coisas italianas, saudade da velha terra!¹⁰⁰”. Para tanta diversão não eram necessários muitos recursos: bastava um bom copo de vinho e bons amigos para alegrar a vida com suas canções, como conta a senhora Norma Santinon:

E de noite tinha quatro irmãos: o Abramo, o Laurindo, o Ivo, dois de solteiros, e o Marcelo. Cantavam até às onze, meia-noite, mas cantavam faceiro aquelas canções italianas: El massolin de fiore, Méica, Mérica, mas eles sabiam canções, canções! Pica pica Porticella, meu Deus, ele tinha uma voz de primeira, de segunda! Aqui em redor os De Bona morreram todos, todo mundo saía de dentro de casa pra escutar a voz. De noite ia aquela voz! Cantava na roça, cantava de noite¹⁰¹.

Uma outra forma de encontro que merece destaque foi o filó, que na maioria das vezes acontecia nas noites longas e frias de inverno. Assim como na Itália, as regiões influenciadas pela cultura italiana, principalmente no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, desenvolveram esse costume durante muito tempo. Era, em uma palavra, a distração dos tempos em que não se tinha acesso à televisão. Mas era também algo mais; um espaço de socialização, onde os jovens podiam observar-se em busca de um amor, as mulheres trocarem experiências e segredos, os homens jogarem baralho e falarem de negócios, as crianças brincarem e ouvirem as histórias que os nonos tinham para contar, enquanto as mulheres “costurava chapéu, fazia trança, remendava roupa, porque de dia ia na roça¹⁰²”. Já as moças confeccionavam o seu enxoval. Comiam-se pinhões, fartamente encontrados na época, batata-doce, amendoim, bolachas e grostoli. Não faltavam também

¹⁰⁰ “Cantar pela mor de Dio! Lá si se cantava, del bom. Tutti i cantava, non se gavea gaita, nhanca violão, niente. Te gó dito, quel tempo lá, fosse star um gravador, incô quante cose que i podea regravar. Cantava tutte cose italiane, saudade della terra vécia!”. In: BERGAMIN, Primo. Entrevista citada, p. 12.

¹⁰¹ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 04.

¹⁰² BICIGO, Oliva. Entrevista citada, p. 07.

bons copos de vinho que os anfitriões faziam questão de oferecer, orgulhosos do seu esforço, que certamente levavam ao canto e às vezes, à bebedeira. O casal Santinon lembra que “os filós, se reuniam numa família, fazia brodo. Todas as noites lá no Rio Grande, brodo, batata, pinhão, a gente caminhava pra ir a filó no escuro¹⁰³”, “senão o lampião a gente levava, de quatro lados, tinha os vidros e dentro o ciareto, o estopim¹⁰⁴”. “Era acostumado ali com os vizinhos [...]. Uma vez nós ia, depois eles vinham, e se trocava sempre. Era outra coisa, não é que nem hoje em dia, joga baralho. Se ia lá, tomava um mate e contava causo, tudo assim¹⁰⁵”.

As práticas religiosas também eram um grande motivo para o filó. Mas “hoje a gente esqueceu de fazer filó. Naquela época tinha essa capelinha que vinha de casa em casa, nos primeiros tempos a gente enchia a casa de um e outro. Como dizem, nós somos católicos, nós se criamos assim com essa religião. Mas senão, hoje às vezes vem alguém, o meu vizinho ali, só¹⁰⁶”. Vejamos também o relato do senhor Olímpio Simoni:

Faziam bastante filó ainda mais em junho, aí chegava Santo Antônio, São Luís, São Pedro, São João. Então cada um, por exemplo tinha o tio João Simoni, chegava o dia de São João era festa lá nele. Chegava o dia de Santo Antônio, lá no Antônio Bazzuco. Lá então era cantarola e vinho. Chegava o dia de São Luís era lá em casa, era festa e cantarola. E chegava dia seis de janeiro, então o dia dos Três Reis, a comunidade fazia de cantar os Reis. A fileira na frente cantando, e atrás um com uma carrocinha ajuntavam uma doação, as família sabiam. No outro domingo então se reuniam na comunidade todos juntos. Aqueles que doavam iam lá e comiam [...]. Lá no Rio Grande, sempre fazia bastante vinho, fazia graspa. Eu era fabricante de graspa. [...] E quando chegava a noite de serão, então botava um balde de vinho em cima da mesa, e a turma ao redor a cantar e pegava do balde¹⁰⁷.

¹⁰³ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 14.

¹⁰⁴ SANTINON, Abraminho. Entrevista citada, p. 14.

¹⁰⁵ BOFF, Honorato. Entrevista citada, p. 06.

¹⁰⁶ COLPO, Evaristo. Entrevista citada, p. 06.

¹⁰⁷ SIMONI, Olímpio. Entrevista citada, p. 07.

Os detalhes apresentados pelo entrevistado mostram que guardaram esses momentos de descontração e alegria justamente pela importância atribuída às festas e aos singelos encontros. Depois de uns bons goles de vinho, a alegria extravasava e muitas histórias eram contadas e recriadas, mantendo assim a tradição oral das famílias e do grupo. No relato acima, o sagrado e o profano se misturam, pois o aniversário de um santo aparece como um bom motivo para reunir os amigos e *celebrar* em honra a esse ser divino. Por outro lado, a alegria de uma boa música e a adoração pelo excelente vinho que o entrevistado afirmava saber fazer não indicam um certo resquício das festas ditas profanas em honra a Baco, o deus do vinho da Roma Antiga? Em honra ao vinho ou em celebração aos santos de devoção, as festas são lembradas pela solidariedade e respeito, como um tempo anterior ao rádio e a televisão. De acordo com os entrevistados, estes foram os grandes causadores da mudança de hábitos que culminou com a diminuição das festas familiares e dos filós.

O rádio apareceu “em volta de 1960. Foi comprado um, mas era a bateria, tinha que levar lá no falecido Tumelero pra carregar. Molhava, vazava ácido, estragava a roupa. Era puxado pra conseguir levar a bateria, carregar, pagar. Tinha que pagar¹⁰⁸”. Além disso, não era tão comum porque “cobravam até imposto. O falecido nono pagava imposto pra ter o rádio em casa. Pagava pro governo, pra prefeitura, aquele tempo¹⁰⁹”. Dessa forma, os poucos exemplares eram muito admirados, como conta o senhor Euclides Pelizza:

Quem trouxe o primeiro rádio aqui em Xavantina foi um farmacêutico, um tal de Almiro Moraes. E depois o comerciante, um tal de João Carlin, comprou um rádio também, mas era um caixão. Um dia tinha uma festa da igreja, não é que o cara levou o rádio lá em cima? Trepou numa caneleira e botou o fio pra cima, tinha que ter um fio pra pegar a antena senão não pegava. E ligou aquele caixão em cima de uma mesa e o cara falava! Falava bonito aquilo lá, todo mundo em roda escutando. Daí a pouco alguém comprou outro, nós fomos um dos primeiros que

¹⁰⁸ CAON, Raul. Entrevista citada, p. 09.

¹⁰⁹ TREVISAN, Ortenila. Entrevista citada, p. 08.

compramos ali dos morros, na colônia onde nós morava. E botamos um cata-vento pra carregar as baterias, porque o rádio era à bateria, não tinha pilha e não tinha luz, era tipo bateria de carro. E pra carregar a bateria tinha que ter um pino, um gerador. Então nós compramos um cata-vento, botamos num pau lá em cima, e quando vinha vento aquilo assobiava. E nós carregava a bateria e escutava rádio com aquilo lá¹¹⁰.

Conforme os depoimentos, o rádio, movido a bateria porque a energia elétrica ainda não era fornecida para a região, marcou o início da inclusão de outros elementos, como a televisão. Essa novidade parece ter causado um impacto maior sobre as pessoas, como conta a senhora Amélia Fasolo, ao lembrar da primeira vez que viu um aparelho de televisão: “vi gente dentro e disse: ‘mas nunca que eu pensava ver gente dentro de um rádio’. Parecia, mas era a televisão. Fui pra casa, contei, coisa que nunca vou me esquecer: ‘olha, se vê a gente dentro do rádio hoje’. Eu fiquei admirada. Imagina, faz quase cinquenta e três anos. Mas foi longe ainda pra nós ter um rádio, não era todo mundo que tinha¹¹¹”.

Vejamos também o relato dos senhores Raul Caon e Euclides Pelizza:

Eu sempre me lembro que diziam que ia chegar o dia que a gente ia ver a pessoa. O falecido pai dizia: “mas veja só se é verdade. Como é que nós vamos ver as pessoas?”. E depois ele teve a felicidade de ver a televisão. Televisão chegou em 1970, a primeira vez que eu assisti foi lá no Bortolini, tinha a copa do mundo. Então fomos lá assistir, mas tinha que pagar um cruzeiro naquela época, pra poder assistir. Não pegava bem, era bastante chuvisco e aquela imagem bem apagada, não tinha repetidora, não tinha nada, mas era a grande novidade¹¹².

Aqui veio luz antes de eu casar. Há quarenta e três, quarenta e quatro anos tinha luz. Tinha um moinho no Tumelero, ele tinha um negócio pra moer milho, farinha de polenta. Daí ele botou um pino e dois fios que vinham aqui na cidade, tinha umas quarenta lâmpadas aqui dentro. Depois quando instalamos um outro moinho de comércio [...] tinha um gerador que pesava, parecia um alfa romeo aquele motor. E tinha um gerador e fornecia luz boa, só até às onze horas, depois desligava o motor, pronto. E a CELESC veio depois de eu casado. Eu faz quarenta anos que casei, e ela veio dali uns dois anos que eu tava casado. Trinta e

¹¹⁰ PELIZZA, Euclides. Entrevista citada, p. 06.

¹¹¹ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 05.

¹¹² CAON, Raul. Entrevista citada, p. 09.

oito anos que tem a luz da CELESC aqui em Xavantina. Depois começou a ir pras localidades, ir pro interior, hoje todo mundo tem luz, alguma família não, muito rara. Quando veio luz já veio uma TV aqui em Xavantina. Ai vinha gente lá de Passo das Antas, quando tinha um jogo de futebol, que acontecia uma copa do mundo, veio o pessoal, e o tal de bodegueiro tinha uma televisão. Bah!! Ela fazia um ronco do diabo, e não enxergava nada. Enxergava mal e mal um vulto, porque não tinha antena, não tinha nada, mas dava pra escutar a voz, e todo mundo ali, uma caminhonada de gente na frente daquela televisão¹¹³.

Certamente a chegada da televisão provocou um grande alvoroço que contribuiu de forma relevante para a transformação dos costumes e hábitos culturais dos migrantes. Existe assim um marco entre o *antes* e o *depois* do aparelho, pois novos padrões de comportamento entravam no seio da família, nem sempre de acordo com os princípios culturais que se queria preservar. Os encontros dominicais e os filós foram sendo deixados de lado, contribuindo assim para uma grande mudança no modo de as pessoas se relacionarem e divertirem.

Toque da gaita, dança no salão

Os momentos de lazer são lembrados com muito prazer pelo entrevistados, de tal forma que guardam muitos detalhes a respeito dessas diversões. Com efeito, as festas e bailes eram um grande motivo para se alegrarem; uma possibilidade das moças saírem de casa, sempre lembrando que partiam acompanhadas pelas amigas ou com os irmãos. O contrário poderia ser perigoso principalmente para as mulheres, pois habitavam em locais cujo acesso ainda era pela mata e algum desconhecido poderia tentar contra o seu pudor.

Os bailes, mesmo familiares, não eram uma diversão aprovada, sendo muito criticados principalmente pelos representantes da Igreja. Essas diversões poderiam significar a perversão da alma e a corrupção do espírito, pois “nem todas as jovens

¹¹³ PELIZZA, Euclides. Entrevista citada, p. 06 - 07.

regressam do baile à casa com a inocência no coração, mesmo que tenham assistido ao espetáculo sem má intenção ou arrastadas por almas malvadas¹¹⁴. Dessa forma,

Uma jovem só será verdadeiramente casta quando trata de seu corpo com a modéstia e delicadeza que requer um vaso sagrado, quando não o rebaixa a ser instrumento de corrupção (com um traje imodesto ou impudico (sic), por exemplo), quando sabe envolver seu próprio corpo na fragrância e na luz de uma integridade de costume, de uma contínua vigilância sôbre (sic) seus próprios sentidos¹¹⁵.

As exigências impostas pelos padres não compreendiam a participação das moças *retas* e *castas* nos bailes. Talvez porque, durante a instalação das Colônias Velhas, estes aconteciam em âmbito familiar, sendo por isso mais fácil o controle dos pais em relação às filhas. Com o crescimento das comunidades surgiram os salões de baile, localizados ao lado da capela, e com ele os perigos para a *pureza*, a *moral* e os *bons costumes*.



Os concursos de gaiteiros foram uma grande atração nos bailes da comunidade. (Baile da década de 1970. Acervo: Museu Municipal de Xavantina)

Os entrevistados afirmam que, diante do controle da Igreja, respeitava-se à risca o calendário católico, sendo que durante o tempo da quaresma e do advento os bailes ou mesmo as festas religiosas eram expressamente proibidos. Sair à noite não era permitido, a

¹¹⁴ BIANCHINI, L. Op. cit. p. 83.

¹¹⁵ Idem, p. 94 - 95.

não ser na companhia de algum familiar responsável, pois “os nossos pais, e eu me criei com a nona, eram muito exigentes, não me deixava ir muito em volta. Então se ela ia no baile, eu ia com ela, se ela não ia, tinha que ficar em casa. Não era como hoje, as meninas se reúnem e vão. Lá não, só com os pais e irmãos¹¹⁶”. Já a senhora Amélia Fasolo “de solteira nunca fui num baile, o primeiro foi quando fui dar os nomes pra casar, nunca o pai me deixou ir no baile. Nem com os irmãos, nunca me deixou. O pai era ruim com nós. Hoje em dia é bem mais fácil, hoje em dia as crianças ‘pai eu vou’. Diz que não, mas no fim acaba deixando¹¹⁷”. A senhora Maria Fiorese também afirma que “nada de dançar, porque o pai não me deixava, porque era pecado. Sair só pra missa e rosário¹¹⁸”. Vejamos também a experiência do senhor Raul Caon:

Pra sair, sempre acompanhado, não tinha ‘eu vou no baile’, tu ia se o irmão fosse, e quando ele voltasse, tu junto. Tinha que ter um responsável. E também assim, ‘eu gostaria de ir em tal festa’. ‘Não’, era a ordem dada e ninguém piava. ‘Vedaremo’. ‘Eu gostaria de saber’. ‘Vamos ver, amanhã te dou a resposta’. Os bailes eram em casa particular, uma ou duas vezes por ano. Pagava a entrada, tinha alguma bebida assim, mas a maioria não tomava, ninguém tinha dinheiro. Que era bastante procurado era cinema. Aqui foi uma época que cinema era o máximo que podia acontecer. Era uma curiosidade, aqui em Xavantina teve, veio de Seara. Filmes que lá na cidade grande já tinham passado¹¹⁹.

A capela não significava apenas o local de encontro para a celebração da fé, mas tornou-se também o ponto de referência social, núcleo de reuniões, encontros e bailes, de forma que “se ia dançar esses anos, mais que agora, mas de solteira. Ia a pé, que tropa! Era bonito!¹²⁰”, “mas era poucos bailes, não tinha conversa. Era algum bailinho, também depois

¹¹⁶ RAVADELLI, Rosa. Entrevista citada, p. 10.

¹¹⁷ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 06.

¹¹⁸ “Niente de balar, perché il pai me assea mi, porque iéra pecá. Solo ndar a messa e a rosário”. In: FIORESE, Maria. Entrevista citada, p. 10.

¹¹⁹ CAON, Raul. Entrevista citada, p. 14.

¹²⁰ “Se ndea a balar sti ani, pi de adesso, ma de solteira. Ndea a pie, que trope! Era bel!”. In: SORDI, Santa. Entrevista citada, p. 06.

de meio-dia. Na cidade não se ia, e a cada doze meses tinha um bailinho na comunidade¹²¹”.

A senhora Norma Santinon lembra que:

Nos domingos, depois do terço, voltava, costurava e ia no rio, pescava. Nós pescava todos os domingos no rio. Os dois cunhados solteiros também, porque ir aonde, que dinheiro não tinha? Não sei quantos anos que ele nem nos bailes não ia. Só que os bailes de 40, 43 anos atrás, era só em família, eles cobravam pouco. Faziam na época do pinhão, cozinhavam pinhão os bailes que foi feito [...] ninguém sabe! Baile de pinhão e só de gaita. Quando alguém fazia casa nova, antes de entrar, baile de inauguração, quem era convidado ia, só ia convidado. Será que é vinte anos que tem baile sem convite? É uns vinte e poucos. Mas senão tu ia nos bailes sempre convidado, quantos bailes!¹²²

Nessas ocasiões, “quê cerveja, nada! Água se tu queria tomar, era só dançar. Tinham os que cozinhavam batata no forno, então diziam baile da batata, pinhão. Era divertido, ninguém fazia o porre, ninguém fazia palhaçada¹²³” e “ninguém se namorava fora de noite¹²⁴”. Por isso, como afirma o senhor Olímpio Simoni,

Faziam baile sim. E bem respeitado ainda. Se algum entrava no salão que queria falar meio grosso, alguma coisa, fora! Não ficava lá dentro. Também os rapazes ou as moças que entravam vestidos com uma gola meio nu não entrava, mandava pra casa. Lá era lugar de respeito. Era baile, mas tinha que ser respeitado tanto que nem em casa. Em casa, se vem alguma visita, tem que ser respeitada, e um baile é a mesma coisa¹²⁵.

Os bailes familiares eram também uma ocasião de treinar a dança para fazer bonito nos festejos comunitários. Um bom dançarino certamente iria atrair para si os olhares femininos, e vice-versa. A dança era também parte da conquista e poderia provocar suspiros entre os jovens. Os entrevistados lembraram desses momentos com muito prazer, mas não esqueceram de destacar o respeito como fundamental nessas diversões.

¹²¹ “Ma era poqui baili, não tinha conversa. Era qualque baileto, anca dopo mesdí. A cidade non si ndea, e a cada doze meses tinha um baileto lá”. In: SORDI, Aurélio. Entrevista citada, p. 06.

¹²² SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 14.

¹²³ Idem, ibidem.

¹²⁴ SANTINON, Abraminho. Entrevista citada, p. 14.

¹²⁵ SIMONI, Olímpio. Entrevista citada, p. 03.

Os músicos “eram só de gaita. No Rio Grande a maioria era só gaita¹²⁶”, enquanto “aqui tinha violão, mas tocava mais bem que agora. [...] Que música, só de gaita e violão. Olha que bonito! Agora tem muito instrumento, faz muito barulho, é a música da juventude¹²⁷”. Tão apreciados eram esses momentos que “se ia aos bailes todos os sábados, os primeiros que chegavam começavam o baile. E se ficava lá até que tocava a última música. Ma baile honesto, não fazer fiasco¹²⁸”. O senhor João Trevisan também divide a sua experiência conosco. Sobre os bailes que participou, ele lembra que:

Se era um que tocava violão, a piaçada, todo mundo se divertia. Se era o violão, senão ia só de gaita, e era contente assim. Hoje já as pessoas não se contentam mais só com essas coisas. Os bailes nem comparar. Faziam nas casas, onde tinha uma sala grande e se reunia ali, fazia uma festa de aniversário, e dançava uma noite inteira. Gente, era uma beleza! Ninguém tava cansado no outro dia, ia trabalhar e pronto!. E o Pedro Simoni, era o chefe pra ensinar a turma ali. Era ele, o falecido pai e o Ângelo Gandolfi, os primeiros morador. Porque era bastante polonês, e o polonês tem outro sistema. E daí eles começaram eles a comunidade ali pra imitar o Rio Grande do Sul. Então eles faziam essas danças, porque onde tinha lugar pra dançar, ia, porque não tinha salão, não tinha nada, não tinha lugar. Depois foram construindo¹²⁹.

Bailes e festas eram também ocasiões especiais, que mereciam “tomar banho. Esquentava a água no fogão e se lava no banheiro, no latão fora. Tomava banho com aquilo. Mas não tomava banho todos os dias, mais no sábado. Durante a semana, se lavava que vinha da roça, mas não tomar banho completo. Era costume¹³⁰”. “Às vez ia no rio, às vez quando fizeram o banheiro lá fora se botava um latão de água e tomava banho assim. Esquentava a água numa panela e botava dentro do latão¹³¹”. Além do banho, as melhores roupas e calçados eram reservados para essas ocasiões.

¹²⁶ COVATTI, Santin. Entrevista citada, p. 09.

¹²⁷ COVATTI, Alma. Entrevista citada, p. 09.

¹²⁸ PELIZZA, Euclides. Entrevista citada, p. 13.

¹²⁹ TREVISAN, João. Entrevista citada, p. 05.

¹³⁰ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 06.

¹³¹ RAVADELLI, Rosa. Entrevista citada, p. 07.

Os entrevistados contam que tinham o cuidado de *ficarem bonitos* aos domingos para poder freqüentar o palco principal da comunidade: a igreja, na qual poder-se-ia encontrar um(a) companheiro(a). Daí a preocupação para com o vestuário, um gasto que foi se expandindo à medida que os colonos foram adquirindo melhores condições financeiras e as tendências da moda foram adentrando nas comunidades mais rurais.

Nesse capítulo buscou-se averiguar as condições necessárias para contrair matrimônio e assim poder formar uma família. Para tanto, era preciso um pedaço de terra para plantar e colher o próprio alimento, mas os jovens também ansiavam por um(a) companheiro(a) que lhe despertasse afeto e afeição. A escolha da pessoa ideal normalmente acontecia na capela da comunidade, ou em outros espaços de sociabilidade e lazer, como bailes e festas, sempre lembrados como local de respeito.

A memória é seletiva e as recordações foram reveladas em fragmentos, por isso lembram do namoro como uma relação de respeito; o casamento como um dia de festa com toda a alegria, pompa e fartura de alimentos que essa palavra significa; a Primeira Comunhão como o dia que receberam os primeiros sapatos e, por fim, as festas e bailes também como locais de respeito e satisfação. De forma alguma aparecem em suas lembranças aspectos trágicos, comoventes ou tristes, pois o mais importante a ser transmitido foram os momentos da conquista, dos galanteios, das danças e cantorias.

CAPÍTULO IV

TEMPO DE LEMBRAR

“Longe de ser passiva e inerte, a velhice é sempre atarefada, fervilhante, ocupada em atividades relacionadas com o passado e os gostos de cada um. E certos velhos, em vez de se repetirem, continuam mesmo a estudar coisas novas”.
(Cícero, 44 a.C)

No decorrer dos capítulos anteriores, vários momentos da vida dos entrevistados para essa pesquisa foram percorridos. Na composição das suas experiências de vida, retrataram a primavera, período da infância em que desabrocharam para o verão, tempo de semear. Plantaram árvores que cresceram para os outros. Chegaram finalmente ao outono, destinado a colher os frutos, às vezes doces, às vezes um tanto amargos. Esses frutos “são todas as lembranças do que anteriormente se adquiriu¹”, presentes na memória e constantemente renovadas.

Com efeito, a memória “gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências relembradas²”, ou seja, as memórias que escolhemos para lembrar e narrar (portanto, refazer), e o sentido que aplicamos a elas mudam com o passar do tempo. Ao dialogar com pessoas que vivenciaram a migração da região colonial italiana, no Rio Grande do Sul, para o Oeste de Santa Catarina, pude perceber que elas não construíram a sua narrativa gratuitamente. Pelo contrário, em vários momentos as palavras soaram como ensinamentos, ou seja, procuraram transmitir valores como a fé religiosa, a solidariedade, a união e o respeito, entre outros, que consideraram importantes para serem mantidos e preservados. Procurar perceber como os entrevistados analisam as suas experiências é o objetivo desse capítulo.

¹ CÍCERO, **Saber envelhecer e A amizade**. [Trad. Paulo Neves]. Porto Alegre: L&PM, 2001. p. 55.

² THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e memórias*. In: **Projeto História**. São Paulo, (15), abril 1997. Ética e história oral (Edição comemorativa dos 25 anos do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP). p. 57.

Memória e sofrimento

Vejamos o primeiro exemplo. Analisando o passado, a senhora Norma Santinon comenta que “se tivesse que fazer tudo de novo, não. Agora, pelo respeito sim. A sem-vergonhice que existe entre as pessoas, tu vê, um se discute um pouco, todo mundo quer ter razão, eu voltaria ainda. Mas pelo sofrimento e com o quê a gente começou, eu não voltaria mais, de jeito nenhum³”. Da mesma forma, o senhor Ângelo Dal Bosco reflete que:

Condução, pra ir no médico, alguma parte, hoje é mais fácil. Mas só que naquele tempo não tinha tanta exigência que nem agora. Tanto a religião, parece que agora tem mais exigência e muitos estão abandonando. Negócio de serviço também, tu trabalhava abrir estrada a picareta, e agora qualquer servicinho depende da prefeitura. Tá certo que é mais fácil, tem maquinário e tudo, mas naquele tempo era mais divertido. Não tinha tanta malandragem como agora. Se tinha um baile também, tinha mais controle⁴.

O relato acima revela que as maiores dificuldades eram provocadas pela falta de um sistema de transporte e más condições das estradas, que impediam a comunicação e o acesso rápido ao médico e a outros lugares, como os centros das vilas. Por outro lado, o entrevistado afirma que *naquele tempo era mais divertido porque não tinha tanta malandragem como agora e se tinha um baile também, tinha mais controle*, ou seja, o respeito nessas ocasiões era mais presente, enquanto hoje é mais raro.

Já a senhora Santa Sordi analisa a relação entre o seu passado e o presente de maneira diferente. Ao lembrar das dificuldades que passou, ela conclui que:

Agora é melhor a vida. Não tinha nada aquele tempo, escola, nada. Agora tem de tudo, é mais fácil. [...] Sofri pra vir aqui, bastante. Dois filhos pequenos, frio, no meio do mato, agora sim, é outra vida. Quando era frio, não tinha tanta roupa como agora. Agora tem de monte. Aquele tempo lá não tinha nem dinheiro, nem roupa. Se fazia fogo, debaixo das coberta. Dentro de casa não se tinha nada. O fogão a lenha⁵.

³ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 18.

⁴ DAL BOSCO, Ângelo. Entrevista citada, p. 07.

⁵ SORDI, Santa. Entrevista citada, p. 04 e 06.

A senhora Santa não foi a única a apontar o início da vida no Oeste catarinense como um grande palco de dificuldades, provações e sofrimento. Assim, muitos entrevistados analisaram a sua experiência e concluíram que atualmente a vida é mais fácil, principalmente pela melhoria nos meios de transporte, comunicação, saúde, educação, entre muitos outros. “Agora é melhor; porque aquela vez não tinha divertimento, era só trabalhar e ganhar pouco”⁶, diz a senhora Amélia Fasolo. Se por um lado o trabalho foi um elemento usado para positivar a cultura dos italianos e seus descendentes perante outros grupos, como os caboclos, cuja mentalidade de não se preocupar economicamente com o futuro não era bem vista pelos colonos de ascendência européia, por outro é visto sob a ótica da obrigação e um sacrifício, ou seja, produz no narrador uma espécie de síndrome do sofrimento. Arlene Renk afirma que “o trabalho e a representação do trabalho ocupam um espaço privilegiado no discurso de colonos e de ex-colonos de origem italiana, como marca étnica de ascensão. Quando esta ocorreu o seu papel será sempre o de honra, admiração e respeito, porque o trabalho só é compreensível na lógica do sacrifício e da recompensa”⁷.

Enquanto diferenciador do grupo, o trabalho é visto pelos migrantes também como um grande sacrifício, do qual não se poderia abrir mão ou buscar outra alternativa para se tornar uma pessoa *de bem*. A senhora Norma Santinon continua contando sobre as dificuldades que afirma ter enfrentado:

Sáimos de lá sem nada, três, quatro colchão de palha. Quando cheguei na casa do meu pai ele me deu o fogão, cadeira, eu não tinha nada. Chegamos aqui que eu não quero nem mais lembrar. Cavalo não tinha, quantos anos depois compramos. Comprava um pacote de farinha e um de açúcar quando tinha dinheiro, nossa vida foi sofrida que tu nem imagina. [...] Certas coisas gostaria que voltassem, mas o que a gente sofreu! Sofrimento pra criar os filhos, naquela época tinha que fazer as camisas compridas dos homens pra ir na roça, e ele usava por baixo, não se

⁶ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 04.

⁷ RENK, Arlene. Entrevista citada, p. 158.

gastava. Nós cortava o pedaço da manga quando a camisa terminava, fazia pano pra pôr no meio das perninhas pra criar os filhos. Ou lençol velho, não tinha nada pra comprar, criava com aqueles panos lá⁸.

Poucos móveis que impediam o mínimo de conforto, dificuldades de transporte, falta de dinheiro para comprar mantimentos e roupa para as crianças são alguns empecilhos apontados pela entrevistada, de forma que “se fosse contar agora pra um que não sabe nada, não acredita⁹”. A tendência em olhar para o passado de forma a ressaltar o sofrimento está presente na memória de todos os entrevistados. Subentende-se assim que o relato da senhora Norma encontra eco também na história de outras famílias que viviam a mesma situação. Ao iniciarem uma nova etapa com o casamento, geralmente os que recebiam um pedaço de terra precisavam construir a casa, fazer ou comprar os móveis e mantimentos. Da mesma forma, os que migraram para Santa Catarina levaram consigo poucos ou nenhum móvel, e segundo os relatos dos entrevistados, a grande maioria das famílias também passava pelas mesmas necessidades.

As lembranças se sucedem, e não há uniformidade nos relatos dos entrevistados sobre aquilo que era melhor no passado e o que consideram melhor no presente. A história também é construída a partir de versões do passado, e por isso

Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são, assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais¹⁰.

⁸ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 03 e 14.

⁹ COVATTI, Alma. Entrevista citada, p. 03.

¹⁰ PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral*. In: **Projeto História**. Op. cit. p. 15.

As possibilidades de rever o passado se baseiam na memória e estão longe de serem únicas. Alguns entrevistados afirmaram que o presente é melhor que o passado “em educação, em transporte, em geral em tudo, telefone, asfalto¹¹”. “Naquele tempo não era em todo o lugar que se ganhava a fiado. [...] Ia comprar um quilo de açúcar, se tinha dinheiro comprava, senão não. Era sofrimento, mas agora vamos descansar um pouco. A gente não agüenta mais, imagina, com oitenta anos¹²”. Como a memória é sempre a reconstrução dos fatos, a invocação de uma determinada passagem da vida dá-se através das marcas do presente. Vejamos como o senhor Evaristo Colpo relaciona o seu passado com o tempo presente:

Olha, um dia tava em Xanxerê [...], tinha três velhotes falando: ‘aquela vez era melhor, hoje é brabo’. Deixei eles falarem e disse: ‘olha, eu acho muito o contrário a conversa de vocês ali’. Quantas vezes a gente ia, ajuntava gente pra fazer um trabalho. Hoje tem tudo, hoje não falta nada, hoje é só trabalhar que tem tudo. Na minha época, se a gente ficava doente tinha o caminhão pra fazer uma corrida, se tava em casa e se não chovia. Se não, não tinha carro pequeno pra ir. ‘Nessa rodoviária, eu conheci naquele ano que eu vim morar, naquele cinqüenta e dois, tinha uma estrada que tinha que andar de cavalo. Era um matagal, veja hoje o que tem! Parecia banhado, e veja hoje a diferença, é tudo fácil, só trabalhar, usar um pouquinho a cabeça!’ A gente naquela época tinha uma montuera de filhos, só que naquela época tu plantava um broto de batata, dava cada batata! Era tudo mais fácil pra dar de comer pros filhos. Hoje em dia se tu quer ter um filho, tem, se tu não quer, tem o meio pra não ter. Mas naquela época o padre dizia assim, tinha que se confessar, contar tudo o que fazia, mas e a vergonha? Ir lá, dizer pro padre: ‘olha, eu fui com aquela guria tal dia’¹³.

A memória é dinâmica, é “um processo de diálogo entre o passado e o presente do indivíduo¹⁴”. Dessa forma, ao construir um discurso sobre o seu passado, o entrevistado o faz em função do presente. Do momento vivido à ocasião de lembrar, a sua vida passou por

¹¹ FASOLO, Armindo. Entrevista citada, p. 06.

¹² COVATTI, Santin. Entrevista citada, p. 02.

¹³ COLPO, Evaristo. Entrevista citada, p. 06.

¹⁴ GALLIAN, Dante M. C. *Pedaços de guerra: experiências com história oral de vida de Tobarrenhos*. Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo: FFLCH – USP, 1992.

várias mudanças, e certamente essa sucessão de tempo influenciou a visão do passado e a narrativa do que nele ocorreu. Alguns momentos são trazidos à tona pela memória como situações que não deveriam ter mudado, como o respeito entre as pessoas e a solidariedade, mas naquela época *se tinha uma montuera de filhos* porque os métodos anticonceptivos não existiam ou não eram divulgados entre a população. Além do mais, hoje o padre não exerce tamanha influência, mudança essa que o entrevistado considera como positiva.

Nos relatos acima analisados o passado é apresentado ora como um palco de grandes obstáculos a serem vencidos, ora como um tempo de alegria e respeito. Nesse sentido, quais seriam os elementos, ou as situações vividas e lembradas pelos entrevistados como momentos que não deveriam ter mudado? Atentemos para os relatos a seguir.

Idealização e memória

Das lembranças que (re) fazem do passado, as dificuldades e o sofrimento vivido principalmente no início da instalação no Oeste catarinense ocupam lugar de destaque na memória dos entrevistados, porém tais imagens não são as únicas a comporem as complexas tramas das recordações. Não raras vezes, enfatizaram o passado como um tempo em que o mundo e as pessoas eram melhores. Atentemos para os relatos: “Com o filó a gente ia mais do que agora. Hoje a gente esqueceu de fazer filó. Naquela época tinha essa capelinha que vinha de casa em casa, nos primeiros tempos a gente enchia a casa de um e outro. Como dizem, nós somos católicos, nós se criamos assim com essa religião. Mas senão, hoje às vezes vem alguém, o meu vizinho ali, só¹⁵”. “Não era muita coisa, fazia filó mais acostumado ali com os vizinhos. Uma vez nós ia, depois eles vinham, e se trocava sempre. Era outra coisa, não é que nem hoje em dia que joga baralho. Se ia lá, tomava um

¹⁵ COLPO, Evaristo. Entrevista citada, p. 06.

mate e contava causo, tudo assim¹⁶”. “Os filó tinha amendoim, chimarrão não costumava. Ou guarapa, no tempo de guarapa. Agora se passa assim, a gente se visita bem menos que uma vez¹⁷”. “Eu acho que a visita da gente podia continuar. Não é porque se encontra sempre, mas visita eu acho que é muito bom. Depois até que tu tá junto, esquece todas as outras coisas. Um conta uma notícia, outro conta outra, passar um meio-dia diferente¹⁸”, de tal forma que:

O melhor divertimento é se dar com os vizinhos, com o mundo inteiro, amizade. Eu gosto de ter amizade com todo mundo. Eu não posso dizer meia palavra pra um vizinho, me dou com todo mundo. Por exemplo, na hora que precisa eu vou bater no vizinho, não vou atrás do parente, que mora longe. O primeiro parente é o primeiro vizinho. Tem que ficar de bem com os vizinhos e com toda a gente. Pelo menos se vou na bodega, ou numa festa, ‘tá chegando o homem lá’, e pronto, isso que é bom¹⁹.

A senhora Oliva Bicigo também analisa que o ideal “seria mais unido, e menos fulia, mais união do pessoal, seria bom. As coisas ficam mais fáceis, parece que a gente não precisa mais dos outros. Parece, mas quando menos espera a gente precisa de todo o mundo, principalmente dos vizinhos. Os vizinhos é o primeiro parente²⁰”. As memórias estão repletas de bons vizinhos, mas por outro lado a sacralidade dos momentos de lazer e solidariedade coexiste com várias mudanças. A televisão foi talvez a mais violenta, porque subtraiu o espaço reservado à família e aos amigos, pois o lugar dos encontros e das orações foi tomado pelas novelas. O filó e a reza do terço, ocasiões que mantinham a família e os amigos unidos, existem na memória dos entrevistados como exemplos de um passado ordenado e feliz, contrapondo-se às desordens do presente, trazidas pela televisão. Vejamos o que tem a nos dizer a senhora Amélia Fasolo:

¹⁶ BOFF, Honorato. Entrevista citada, p. 06.

¹⁷ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 05.

¹⁸ Idem, p. 08.

¹⁹ COVATTI, Santin. Entrevista citada, p. 08.

²⁰ BICIGO, Oliva. Entrevista citada, p. 06.

Mas nunca se diz hoje: ‘vamos rezar um terço’. Agora pena que nós viemos aqui, quando vinha a capelinha, nós fazia toda a roda, quanta família aqui perto nós acompanhava a santinha, com as piazzadas pequenas. Nós se arrumava e quando vinha a santinha nós arrumava aquele altazinho de flor, esperando a Nossa Senhora. Só pra ver como mudou desses anos pra agora. A gente acaba vendo a televisão, a novela, é tudo isso ali, porque aquela vez não tinha. A televisão é um mal pra essas coisas²¹.

As festas religiosas também são lembradas como uma forma para manter os valores e da cultura da comunidade. Se a reza do terço e o filó eram realizados entre familiares e amigos, as reuniões que envolviam a comunidade eram muito importantes para a manutenção da mesma, sendo que as festividades religiosas eram a forma mais comum de concretizar esses encontros. Para atingir o objetivo de manter a unidade, geralmente eram promovidas “mais ou menos duas festas cada sociedade. Era mais divertido que hoje²²”. “Para cada santo se fazia uma festa, não se trabalhava, passava o dia na igreja. Por isso que eu acho que se ia pra frente; pessoas mais unidas, mais católicas. Era festa de Santa Ana, São Pedro, São Paulo; se festejava, não trabalhava. Se não o dia todo, pelo menos na missa. Se era tempo do trigo se ia à missa, culto ou terço, depois então se ia atrás do trigo²³”.

Conforme os depoimentos, *antigamente* era fundamental obedecer ao calendário católico para obter o sucesso na hora da colheita. Já hoje “a igreja tá virando chiqueiro de porco, não sobra mais tempo nem pra ir na igreja, porque de manhã levanta, trata, quando é meio-dia tem que ir ver de novo, de tardezinha tem que tratar²⁴”. O senhor Santin Covatti também afirma que:

²¹ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 08.

²² TREVISAN, João. Entrevista citada, p. 05.

²³ “A cada santo si fea una festa, non si laurea, stá el dí in ciêza. Par quel que mi guidea que se ndea pi a vánti, gente pi unida, pi católique. Era festa Sant’Ana, San Piero, San Paolo; cada festa se festejava, não trabalhava. Se no ndea tutto il dí, ma meno a missa. Dopo de iéra il tempo Del formento si, lora i ndea a messa, seno al culto, terço, dopo lora se ndea drio al formento”. In: FIORESE, Maria. Entrevista citada, p. 08.

²⁴ DAL BOSCO, Ângelo. Entrevista citada, p. 04.

Os domingos não era divertido que nem agora, mas a gente sempre tava junto. Ia no terço, senão se juntava em duas, três famílias e passava o domingo assim. [...] Fazia festa sim, só que era diferente de agora. Cada santo a gente fazia festa, aquele dia a gente não trabalhava. Dia de São Roque, São Pedro, qualquer santo, a gente fazia festa aquele dia. E agora não, faz festa só no dia de Nossa Senhora, a padroeira. Esses anos as pessoas tinham mais tempo pra conversar. Agora, na maioria das vezes se procura só ter capital e dinheiro. Aquele tempo não, aquele tempo a gente queria rezar. Era mais católico que agora, agora a maioria não vai na igreja porque tem a criação pra cuidar, tem os porco. Se é pra ir no baile, enche o barracão, e no domingo, tem sete, oito na igreja²⁵.

Os relatos apresentam a diferença entre o ontem e o hoje sobretudo em relação à proclamação da fé católica e à participação na comunidade. As mudanças que a aparição de novas experiências, trazidas principalmente com a inserção dos meios de comunicação, como o rádio e a televisão, levaram também à adaptação de outros comportamentos, que antes não eram aceitos, como a moda, e acabaram por comprometer a continuidade dos costumes alimentados ao longo dos anos. As marcas deixadas por essas modificações são lembradas não sem uma certa tristeza, como no relato do senhor Primo Bergamin:

A mulher fazia o jantar, a gente rezava o rosário, todas as noites, até esquentar a chapa. Ou lá na estrada. Não tinha nada, então botamos o capitel na encruzilhada e se rezava lá. Mas todas as noites a gente rezava, e depois, dia de Santo Antônio fazia festa, São Pedro, fazia festa. Respeitava-se todos os santos. E a gente fazia mais que hoje, que continuam a trabalhar. E tudo pra quê? Pra quê trabalhar tanto? Esse trabalho vem tudo por vingança! Viver antigamente era melhor. As pessoas eram mais reunidas, tinha mais devoção, hoje sim! Agora é muito luxo, muita inimizade um com o outro!²⁶.

O saudosismo do passado, ou seja, a sensação que o passado era melhor foi detectada em vários momentos das entrevistas. De acordo com Simone de Beauvoir,

²⁵ COVATTI, Santin. Entrevista citada, p. 06.

²⁶ “La femena fea i manhar, se rezava rosário, tutte i sere par scaldar chapa. Pelo meno se rezava quá sú in tea strada... no era mia, metemo via capitel tea encruzilhada. Lora se ndea a rezar lá. Ma tutte le sere se rezava, e dopo, dia de Santo Antônio si fea festa, iéra San Piero fea festa. E iéra i santo, se respeitava tutti. E se fea de pí que ancô, que seita laorare... e tutto par que? Que tener laoro? Quel laoro lá vien tutto par vingança, cari de Dio. Tutta vingança, parqué... Come que noantri se vive sempre de sopra? E mai dito. Ma sti ani iéra méio que adesso. La gente pí riunida, pí devoção, desso sí! Va massa luxo, massa inimizade un col altro!” In: BERGAMIN, Primo. Entrevista citada, p. 08.

O tempo que o homem considera como seu é aquele onde ele concebe e executa suas empresas. A época pertence aos homens mais jovens que nela se realizam por suas atividades, que animam com seus projetos. Improdutivo, ineficaz, o homem idoso aparece a si mesmo como um sobrevivente. É por essa razão que ele se volta tão prazerosamente para o passado: é o tempo que pertenceu a ele, onde ele se considerava um indivíduo inteiro, um vivo²⁷.

Assim, a lembrança não é uma simples repetição do passado, mas uma reparaçãõ, pois vem carregada de sentimento e é trabalhada pela reflexãõ, através da qual o indivíduo procura entender o presente. O relato do senhor Primo Bergamin, cujas idéias coincidem em vários aspectos com a de outros migrantes, mantém em sua intimidade uma concepçãõ de mundo historicamente vivenciada no dia a dia de um passado muito diferente da atualidade.

O hábito de identificar o passado como os “bons e velhos tempos de antigamente” seria um motivo para criticar o presente? Conforme a reflexãõ de Simone de Beauvoir, as pessoas idosas se sentiam melhores no passado porque foram mais ativas. Pode-se argumentar, porém, que a nostalgia é um fenômeno universal e permanente em todas as idades. Mas esse recuo em direçãõ ao passado revela situações que assumem significados diferentes em épocas diferentes. É necessário portanto tentar compreender quais são os elementos e em que medida eles aparecem como idealizados. Um historiador do tempo presente, utilizando o método de entrevistas com testemunhas vivas da história, tem diante de si não documentos mortos, mas fontes plenas de sentimentos. Qual a posiçãõ a ser tomada quando ouvimos as reclamações dos migrantes diante de um mundo que sofreu transformações e deixou profundas marcas nas pessoas que vivenciaram essas mudançãs?

Certamente não devemos ignorar o sofrimento dos colonos e suas famílias, mas não teremos uma boa postura para com eles se aceitarmos que eram pessoas vencidas e

²⁷ BEAUVOIR, Simone. Apud BOSI, Ecléa. Op. cit. p. 342.

ignorantes. Não raras vezes, ouvindo homens aparentemente fortes falando, vi com surpresa serem tomados repentinamente pela emoção e chorar. Talvez porque “o pessoal se divertia, vivia feliz, não conhecia muitas coisas. Então as pessoas, quanto menos conhecem, mais feliz elas vivem. Quanto mais coisa ela conhece, ela não vive mais feliz como quando a pessoa não conhece nada²⁸”. Nesse mundo de simplicidade, as formas de diversão também se diferenciavam do presente, pois

Se era um que tocava violão, a piaçada, todo mundo se divertia. Se era o violão, senão ia só de gaita, e era contente assim. Hoje as pessoas não se contentam mais só com essas coisas. Os bailes nem comparar. Faziam nas casas, onde tinha uma sala grande e se reunia ali, fazia uma festa de aniversário, dançava uma noite inteira. Gente, era uma beleza! Ninguém tava cansado no outro dia, ia trabalhar e pronto!. [...] Começaram a comunidade ali pra imitar o Rio Grande do Sul. Então eles faziam essas danças, porque onde tinha lugar pra dançar, ia, porque não tinha salão, não tinha nada, não tinha lugar. Depois foram construindo²⁹.

Hoje já as pessoas não se contentam mais só com essas coisas porque “vamos supor, se você vê uma coisa e não consegue, você não vive feliz³⁰”. Bem ao contrário de antigamente, afirmam os entrevistados, quando “era mais ou menos uma igualdade, então não se preocupava com nada³¹”. “Depois se respeitava um com o outro, bem mais³²”. “Se fosse pensar, nem dá, a gente morre antes. É muita ganância dias de hoje, não dá³³”. “Mas naquele tempo não era assim. Hi, mudou!³⁴”. “Eu pro meu gosto, acho que era melhor a vida de antigamente. Era mais amizade, as pessoas se aceitavam mais, você não ofendia ninguém. Eu nunca encenquei com ninguém³⁵”. As dificuldades geravam a simplicidade, que por sua vez não gerava a inveja, conforme a senhora Oliva Bicigo relata: “Lá te olhava

²⁸ TREVISAN, Ortenila. Entrevista citada, p. 05.

²⁹ Idem, ibidem.

³⁰ TREVISAN, João. Entrevista citada, p. 05.

³¹ TREVISAN, Ortenila. Entrevista citada, p. 05.

³² TREVISAN, João. Entrevista citada, p. 05.

³³ BOFF, Rosa. Entrevista citada, p. 06.

³⁴ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 04.

³⁵ TREVISAN, João. Entrevista citada, p. 11.

que roupa que tinha, nada. Tudo igual. Era bom, não tinha inveja, ninguém falava do outro [...] Era tudo igual, ninguém olhava pra ninguém, nas casas também. Era bom, porque ninguém falava do outro³⁶”.

Conforme os depoimentos acima, apenas determinados acontecimentos do passado são idealizados: trata-se das ocasiões de lazer e união. Em nenhum momento demonstraram saudade de trabalhar de sol a sol sem descanso, ou de terem sofrido a perda de algum parente ou amigo por falta de recursos médicos. Pelo contrário, o passado é visto como um modelo ideal quando inclui solidariedade e respeito para com o próximo, de maneira que “quando tinha alguém doente, se ajudava, sempre se ajudava, aqui tinha os vizinhos³⁷”. Da mesma forma, “quando chegava um migrante do Rio Grande, o pessoal era sempre disposto a ajudar, sempre, sempre. Recebia como um filho, como um irmão. Levava as coisas, quando chegavam aqui se perguntava o que precisavam: ‘bom, pára aqui’. Mas eles querem ir para o seu lugar. ‘Bom, agora é tarde, durma aqui, amanhã você vai, e pronto’³⁸”. A solidariedade entre o grupo era incentivada, por exemplo, na doença de algum ente querido da comunidade, que “vinha fazer a roça, plantar, todo mundo ajudava, um dava meio dia, um dia³⁹”. A conservação das estradas, realizada em mutirão, só era possível com a cooperação de todos; as novas famílias que chegavam recebiam o apoio das demais. Vejamos também outra passagem da vida da senhora Norma Santinon:

Depois que chegamos aqui, nem bem dez meses, nasceu o Valter e a cunhada teve a Elsa. Eu tinha o leite, e ela nem leite de vaca, comprar com que dinheiro? Eu dei de mamar seis mês os dois, o Valter e a Elsa. Me deu uma fraqueza, quase morri, eu não pesava nem quarenta quilos.

³⁶ BICIGO, Oliva. Entrevista citada, p. 06 - 07.

³⁷ FASOLO, Amélia. Entrevista citada, p. 05.

³⁸ “E quando que venia um migrante del Rio Grande, il pessoal era sempre disposto a aiutar, sempre, sempre. Recebia tanto come um tozo, come um fradel. I portava tralhe, quando venia quá se domendea cosa que i volea: ‘bom, pára quá’. Magari il vol ndar a tel posto. ‘Bom, romai zê tarde, posa quá, domani te vai lá via, e pronto”. In: BERGAMIN, Primo. Entrevista citada, p. 15.

³⁹ RAVADELLI, Rosa. Entrevista citada, p. 08.

Se alimentar mal porque não tinha o que comer e amamentar dois. O falecido João Fiorese ficou sabendo dessa história, chegou aqui e disse: ‘olha, Santinon, eu não conheço vocês, sei que vocês vieram da minha terra natal. O pai era vizinho, eu morava mais longe, em Santa Ana, o pai morava na linha 2 de Julho, perto dos parentes de vocês, lá de Nova Treviso. Venham lá que eu dou uma vaca pra vocês’. E aquele nono lá me deixou a vaca aqui, e começamos a dar o leite. Eu dei de mamar pro meu, e pra menina demos leite de vaca. Só que começou a fazer mal, vomitava, me tocou de desmamar o meu e dar leite de vaca pra ele. Ela nasceu não era no tempo, era sete mês. E o pai ficou sabendo, me mandou dez mil reais aquela época. Compramos uma junta de bois e vaca. Daí falamos com o Fiorese: ‘nono, conseguimos comprar uma vaca, quer que devolvemos, quer deixar no potreiro?’. ‘Sabe o quê eu quero? Que vocês engordem aquela vaca depois carneamos, metade da carne e a terneira é de vocês’. E ele quis só dois, três quilos de carne. Vendemos pro açougueiro e demos porque guardava onde a carne? Depois ele me dava, quando nós queria, daí que começamos a comer carne de vaca⁴⁰.

Nas imagens que evocam do passado, aspiram no presente a mesma solidariedade que encontravam nos vizinhos num momento de dificuldade financeira, na época da colheita, na matança de algum animal de grande porte ou na ocasião de alguma doença. A senhora Norma Santinon continua a sua trajetória de lembrar:

Aquela vez pagamos cento e dois cruzeiros aqui, mas tudo em prestação, chegava a prestação, cadê o dinheiro? Então uma prestação pagava o Arcângelo, e uma pagava o Tóni Fasolo. E depois quando conseguimos dar o giro, devolvemos o dinheiro e eles não cobraram um tostão de juro. Por isso que gostei do tio Tóni e do Arcângelo que nem fosse um pai. Aquela época se ajudava mais, parecia que a gente tinha o coração diferente do que agora⁴¹.

É justamente a lembrança de um *coração diferente do que agora* que serve para encobrir e evitar as duras contradições do presente. Talvez o antigamente fosse melhor porque, num meio de muitas necessidades, havia mais solidariedade. Assim, “fazia mais do que hoje. O pessoal se visitava mais. Quando alguém tava doente, eles sempre tiveram aquele costume de se visitar bastante. O pessoal ajudava, se precisasse até ia fazer roça,

⁴⁰ SANTINON, Norma. Entrevista citada, p. 08-09.

⁴¹ Idem, p. 03.

trabalhar na roça⁴²”. “Mas hoje em dia, que coisa que virou!⁴³”. A senhora Ortenila Trevisan assim analisa essa mudança:

É muito depressa hoje, as coisas. Muito rápido. Uma vez as pessoas pareciam que sentavam e pensavam, invés, hoje se senta pra pensar, passa fome, tem que se mexer. Se fosse contar as histórias que eu penso de noite, quando não consigo dormir, de quando que viemos do Rio Grande, o que a gente passou e sofreu, eu digo que pra trabalhar e sofrer, ninguém morre, porque foi sofrido. Se tivesse que passar por tudo de novo, acho que não, prefiro hoje ainda, porque foi sofrido. A gente tem história pra contar, e hoje em dia as pessoas reclamam, mas não sofreram na vida⁴⁴.

As imagens do passado são lembradas num palco de inúmeros desafios, e as reminiscências das dificuldades são constantemente utilizadas para a afirmação da própria imagem como vencedores graças à disposição para o trabalho. Daí a relevância dos entrevistados em destacar também a contribuição individual para o desenvolvimento econômico da família. É a consciência de ter vivido e suportado sabiamente tantas dores e dificuldades que por vezes atua como um bálsamo e traz em si a agradável sensação de não ter existido em vão.

Na tarefa de ouvir as pessoas para esta pesquisa, percebi lembranças articuladas de maneiras diferentes, cuja entonação não passou despercebida. Palavras como fé e trabalho ecoam como música, num compasso equilibrado entre o (re) lembrar e o desempenhar as atividades do dia-a-dia. São essas as palavras que, apoiadas no contexto da migração do Rio Grande do Sul para Santa Catarina nas primeiras décadas do séc. XX possibilitaram que as pessoas entrevistadas falassem a respeito de uma época muito peculiar, ou seja, o seu tempo, a infância, o trabalho na colônia, as diversões dos finais de semana, as orações

⁴² FASOLO, Armindo. Entrevista citada, p. 06.

⁴³ COLPO, Evaristo. Entrevista citada, p. 03.

⁴⁴ TREVISAN, Ortenila. Entrevista citada, p. 11.

de todas as noites. Ao narrarem o trabalho realizado na colônia, se apresentaram como sujeitos atuantes em suas histórias.

No tempo em que se sentiam atuantes e em pleno vigor físico, o trabalho braçal e contínuo para bem desempenhar as atividades na colônia se transforma em um elemento que diferencia o passado do presente, tempo esse tomado pelas máquinas, que se encarregaram das atividades então feitas de forma manual. Somente quem pôde vivenciar aquele tempo é capaz de estabelecer uma diferenciação que permita afirmar que “aquele era o meu tempo”. Uma vez que é seletivo, o trabalho de recordar não comporta a linearidade e transita entre o ontem e o hoje. A memória assume uma dimensão dinâmica, estabelecendo uma relação com o presente que acaba por reformular o passado. Aquilo que se viveu e experimentou no passado é recriado no presente. A presença desse passado era apenas vagas imagens, e através das entrevistas, passaram a ser história. História dos imigrantes italianos e seus descendentes que escolheram o Oeste catarinense para se estabelecerem e formarem a sua nova pátria. Nesse local, depois de terem vivido uma vida de trabalho, é hora de descansar e fazer do passado um canteiro de belas flores. O senhor Santin Covatti tem muito para se orgulhar, porque como muitos, já sabe o que fazer:

Eu ia na roça de manhã até meio-dia. Mas agora se me dizem: ‘te dou uma colônia de terra, vai trabalhar na roça, não agüento mais’. O sol é muito forte, a gente fica mais fraco, a idade não ajuda mais. Mas dá graças a Deus, deu sorte, eu tristeza não tenho. Pode ir mal, pode ir bem, tristeza eu não quero saber. A tristeza mata a gente. Um que começa a pensar uma coisa ou outra, tá sempre aborrecido. Eu não, vai bem, vai mal, não interessa⁴⁵.

Olhando para o passado e lembrando daquilo que viveu, o senhor Santin analisa que “não adianta sofrer, todo mundo sofreu. Se a gente queria fazer um paiolzinho assim, tinha que levar todos os postes nas costas, de arrasto, se fazia de boi. A gente não tinha nem boi.

⁴⁵ COVATTI, Santin. Entrevista citada, p. 06 – 07.

Era sofrimento, eu nem me lembrava, mas afinal, até aqui deu. A gente tem que esquecer o que passou, viver sem pensar⁴⁶”.

No decorrer dessa pesquisa, o passado apresentou-se na memória dos entrevistados, *grosso modo*, em duas tendências. A primeira idealizou as experiências vividas nas festas, encontros familiares, fé nos preceitos cristãos, solidariedade e respeito entre os membros da comunidade. Tais recordações fluíram de maneira emotiva, quase como uma melodia que envolve e fascina por seu encanto e suavidade. A segunda tendência é a de ressaltar o sofrimento do passado bem como a intenção de esquecer o doloroso, os fracassos, as humilhações, enfim, as derrotas do migrante que, mesmo *além da enxada e da utopia*, não conseguiu construir a sua cocanha.

Diante dessas constatações, fazem-se necessário algumas questões. A difícil situação que os antepassados dos migrantes haviam sofrido na Itália, a travessia do Oceano que deixou centenas em meio do caminho, as dificuldades de adaptação na nova terra e por fim a necessidade de uma nova migração não teriam provocado, mesmo que inconscientemente, uma certa tendência em destacar o sofrimento e olhar para o passado com pessimismo? Certamente essa questão não poderá ser esclarecida sem um estudo aprofundado que passe pelos caminhos da Psicologia e da Psicanálise. Por quê valorizam o sofrimento, se para a época, segundo os entrevistados, era uma situação enfrentada pela grande maioria das famílias com quem conviviam?

Talvez o passado seja encarado sob o prisma do sofrimento porque a vida dos descendentes desses migrantes – filhos, netos e bisnetos – é vista como um processo contínuo de melhoramentos, como energia elétrica, telefone, internet, entre inúmeras outras. A pessoa idosa, diante de tais melhorias, olha e compara com o tempo em que era

⁴⁶ COVATTI, Santin. Entrevista citada, p. 02.

mais jovem e nada disso existia. Talvez se sinta em desvantagem e assim afirme que *hoje tudo é mais fácil*, mas ao mesmo tempo esse mundo em transformação é responsável pela continuidade da família e da sua cultura. Antes trabalharam para garantir um futuro para os filhos, agora admiram o resultado do seu esforço, a realização da sua utopia, na figura dos netos e bisnetos. Afinal, quiçá se no mais íntimo do seu ser também acreditem que o simples retorno ao mundo passado – além de ser impossível – poderia significar a morte da História, e conseqüentemente da própria vida e memória que tão bem mostraram nessas páginas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender os desejos, anseios e preocupações que permeiam a visão de mundo de homens e mulheres que migraram do Rio Grande do Sul para o Oeste catarinense nas primeiras décadas do século XX, tentando perceber como o passado é construído nas suas memórias, foi o principal objetivo dessa pesquisa.

Fez-se uma tarefa apaixonante o mergulho no imaginário individual e social dos migrantes para entender o gesto de partir. A submersão nesse passado não foi apenas uma busca de fatos inertes, mortos e superados, uma vez que “a única coisa em que ela (*a História*) é realmente boa é em encontros¹”. Assim, a principal missão do historiador – e caso contrário poderia assim ser chamado? – consiste em ir ao encontro do passado, não como um momento estático, mas como uma vivência preñe de significados e mudanças que sustentam a vida presente. Nesse sentido aventurei-me a tecer redes de significados para entender as atitudes, comportamentos e projetos na vida das pessoas que se dispuseram a contribuir para esse estudo.

Na construção da narrativa caminhei por estradas cujas margens por vezes se mostraram incertas, às vezes vagando pelos abismos da impossibilidade e dúvida. Com efeito, escrever a história dos vivos implica em apresentar uma narrativa por vezes bastante diferente daquela que comumente se apresenta nos livros e documentos oficiais. Porém, entendo que o objetivo do historiador não é desenvolver pareceres únicos sobre um determinado assunto, mas sim apresentar versões do passado, que discutidas entre si permitem a melhor compreensão do mesmo. Nesse sentido, a História Oral foi capaz de

¹ SCHORSKE, Carl E. *A história e o estudo da cultura*. In: **Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2000. p. 242.

levantar, e não solucionar perguntas, demonstrando práticas, estratégias, discursos e relações feitas e desfeitas no cotidiano de homens e mulheres. Essa pesquisa não pretendeu encontrar verdades; da mesma forma, utilizar esse espaço para apresentar conclusões seria deveras audacioso. Entretanto, gostaria de apresentar brevemente algumas questões que permearam o presente estudo.

No primeiro capítulo, *Oeste catarinense: a bússola do sonho*, foram mostradas e contextualizadas as motivações que fizeram com que os italianos e seus descendentes que se estabeleceram no Rio Grande do Sul a partir de 1875 optassem por migrar para o Oeste de Santa Catarina nas primeiras décadas do século XX. Observou-se que o Governo catarinense e as companhias de colonização, bem como os próprios colonos, realizaram intensa propaganda para atrair o maior número possível de pessoas de origens européia para a região. Os colonos, motivados pela representação do Oeste catarinense como um local de fartura – de terra, água, madeira, caça e pesca –, puseram-se a caminho, sempre que possível averiguando e preparando o espaço para apenas depois expor a família. Por outro lado, a propaganda e a valorização de aspectos positivos encobriu graves problemas como a falta de estrada, de hospitais, de escolas e de comércio. Um texto não pode traduzir uma lágrima, um gesto, um sorriso, as pausas e a mudança no tom de voz, mas ao lembrarem dessa fase, poucos foram os entrevistados que contiveram as lágrimas.

Com base no segundo capítulo, *O caminho da roça*, pode-se afirmar que as instalações no novo espaço foram baseadas nos elementos trazidos dos locais de origem. Entretanto, diante de um ambiente bem diferente, os colonos precisaram se adaptar à nova realidade. O trabalho intenso e não mecanizado é ressaltado pelas suas memórias, remetendo-o a dificuldades e privações ao mesmo tempo em que é visto como diferenciador perante outros grupos, como os caboclos. Momentos tristes e desanimadores

convivem também com outros espaços em suas memórias, ocupados pela solidariedade e ânimo na luta comum e fé na certeza de dias melhores. As dificuldades surgiram desde a compra do lote até o seu estabelecimento enquanto unidade produtiva, mas foi na pequena propriedade, trabalhando em grupo, que conseguiram garantir a sua sobrevivência. Anos se passaram, mas a fé, a vontade de trabalhar, o compromisso com a família e sobretudo a sabedoria de encontrar a cada dia uma razão para fazer da vida uma bonita lembrança são elementos ainda muito presentes nas suas memórias e encorajadores do presente.

O terceiro capítulo, *Em busca de um(a) esposo(a) ideal*, identificou aspectos do namoro e do casamento entre os migrantes, procurando ressaltar as preocupações quando chegava a hora de encontrar um(a) companheiro(a), bem como o significado desse momento. A Primeira Comunhão, a permissão para freqüentar festas e bailes, o início do namoro, a festa de casamento são os marcos de sua história, ritos de passagem que foram destacados pela memória como momentos de alegria, respeito e amizade.

Entre os colonos de ascendência italiana presentes no Oeste catarinense, é constante a visão do passado ora como um palco de sonho e fantasia, ora como um ambiente de inúmeros desafios e dificuldades. A espera do papai Noel, a procura por um par ideal, a confecção do enxoval, a decisão de migrar, os momentos de lazer foram identificados na memória dos entrevistados como sinônimos de bem-estar e esperança, respeito e solidariedade. No outro oposto estão imagens de um passado cuja lembrança traz dor, como o pouco tempo para as brincadeiras na infância, o trabalho não raras vezes penoso, a falta de recursos e a impotência diante das doenças e das mortes prematuras. Esse foi o assunto do quarto e último capítulo, *Tempo de lembrar*.

Para narrar um fato apenas, às vezes necessitaram de longos minutos, nos quais podia-se visualizar perfeitamente o cenário. As narrativas foram oferecidas com muita

alegria; outras surgiram não sem uma certa dose de sofrimento e dor ao refazerem a trajetória de suas vidas. Ao contarem suas experiências, testemunhas vidas de tempos passados, mostraram em cada palavra imagens e horizontes pelos quais jamais se andou sem a companhia de familiares e amigos da comunidade. Com efeito, os entrevistados não falaram apenas por eles mesmos, do contrário: cada voz trouxe escondidas muitas outras vozes. Narraram suas histórias em nome de seus conterrâneos de tempo e espaço, como participantes de uma vida em comum. Quando essas vozes se calam, somos nós quem perdemos, pois se cumpriram as suas obrigações para si e para sua família, fizeram da mesma forma para os que virão. Responderam também pelos que já se ausentaram, e que ainda estão presentes em nossas vidas, seja pelos laços família, seja no nosso jeito de andar, na maneira de olhar e sorrir.

Analisando a sua história, concordaram que a melhoria nas vias de comunicação e transportes possibilitou uma maior facilidade na obtenção de produtos e serviços, mas a integração com outras realidades trouxe também muitas novidades que entraram em conflito com os costumes antigos. A capela foi trocada pelo salão de baile. A paisagem modificou-se e trouxe consigo problemas ambientais. A substituição do lampião pela prática e higiênica luz elétrica trouxe consigo a novela, que acabou por tomar o lugar do terço e do filó. A mulher conquistou outros espaços profissionais, mas a busca da realização pessoal é substituída muitas vezes pela necessidade econômica. A facilidade da locomoção acabou descaracterizando as comunidades locais, fazendo com que os antigos hábitos fossem suprimidos e excluindo os que não conseguiram acompanhar esse processo. Este conflito continua sendo consciente e ativo, na medida que as diferentes gerações resistem aos padrões estranhos aos valores de sua época e acabam por discriminar os que insistem em manter os seus hábitos culturais. Os passos ficaram mais lentos, os cabelos

embranqueceram e o corpo tornou-se mais frágil, mas possuem a sabedoria de quem soube deixar um legado de sua existência. Alguns elementos como o amor à terra, o dialeto, a culinária, as canções e a positividade do trabalho permanecem até hoje. Essa herança é observada principalmente no meio rural, no qual as mudanças ocorrem sem a pressa da vida urbana e tem-se a impressão de que o modo de vida é o mesmo do tempo do qual falam.

Nas suas narrativas, enfatizaram principalmente o trabalho, aliado à família, como o motivo que permitiu que continuassem lutando. Assim construíram histórias feitas de grandes sacrifícios e de pequenas jóias; pequenas ou grandes, não importa. As experiências narradas são como peças de um mosaico, onde cada uma delas acentua um particular, que juntos formam um quadro mais amplo e completo. Reconstruir essas vivências foi uma tentativa de transmitir os seus costumes e inspirar os sucessores a fazer o mesmo. Democratizam o saber, ou seja, mostraram que qualquer grupo ou pessoas, assim como fizeram a história, podem também narrar a seu modo tudo aquilo que protagonizaram. A história das pessoas aqui presentes é constituída de tantos outros caminhos, pequenos talvez pela dimensão, mas intensos e participativos pelos seus protagonistas.

Hoje, olhando para o passado, acreditam que valeu a pena ter vivido. Da juventude recordaram principalmente dos sonhos e esperanças, hoje transformados em alegrias e orgulho, principalmente por terem garantido um futuro para os filhos e contribuído para melhorar as condições financeiras da família. Se na *sua época* se sentiam em pleno vigor físico, atuantes, hoje não sentem inveja daqueles tempos que já não voltam. Talvez a palavra mais apropriada seja *saudade*, de um tempo que hoje se mostra através de marcos, e que é, agora, lembranças de vida, pedaços de história.

Por fim, gostaria de salientar que os estudos sobre a história do Oeste catarinense estão longe de ser esgotados e certamente novas questões e motivações irão surgir e

oferecer novas perspectivas de entendimento. As transformações provocadas pela urbanização, a incorporação de modernidades, a presença na política, a influência da religião, entre inúmeros outros temas, que não poderão receber respostas satisfatórias antes que se empreenda um maior número de pesquisas regionais. Entrar em contato com as esperanças e dificuldades de quem vivenciou a história pode, mais que compreender o passado, trazer para nós outras percepções das possibilidades de relacionamento humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIGHIERI, Dante. **Divina Commedia**. Verso 100, canto VII (Inferno). Milano: Cartiera di Anjala, 1997.

AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. [Trad. Dora Flaksman]. 2ª ed. Rio de Janeiro, LTC, 1981.

_____, DUBY, Georges. (orgs.) **História da vida privada – da Primeira Guerra aos nossos dias**. [trad. Denise Bottman]. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

_____. **História da vida privada – da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

AUED, Bernardete W. **Histórias de profissões em Santa Catarina: ondas largas “civilizadoras”**. Florianópolis: Ed. do Autor, 1999.

AZEVEDO, Tales de. **Italianos e Gaúchos - os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Cátedra, 1982.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. [Trad. Yara Fratescchi]. São Paulo: HUCITEC; Brasília: UnB, 1993.

BATTISTEL, Arlindo; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos: religião, música, trabalho e lazer**. Porto Alegre: EST, Caxias do Sul, EDUCS, 1883.

BATTISTEL, Arlindo Itacir. **Colônia Italiana: religião e costumes**. Porto Alegre: EDUCS, 1980.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNARDI, Aquiles. **Nanetto Pipetta. Nassuo in Italia e vegnudo in Mèrica per catare la cuccagna**. 9ª ed. Porto Alegre, Caxias do Sul: EST, CR, UCS, 1990.

BERTOLUZZA, Aldo. **Dizionario dell’antico dialetto trentino**. Trento: SIE, 1996.

BIANCHINI, L. **Sê pura**. São Paulo: Paulinas, 1938.

BOITEUX, José Antônio. **Oeste Catharinense: de Florianópolis a Dionísio Cerqueira**. Florianópolis: Alberto Entres, 1931.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 7ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**. [Trad. David Jardim Júnior]. 26ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. **Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500 – 1800**. 2ª ed. [Trad. Denise Bottmann]. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

Cadernos do CEOM. Para uma história do oeste catarinense: 10 anos de CEOM. Chapecó: UNOESC, 1995.

Canti e raconti – espressioni popolari del Trentino. Provincia Autonoma do Trento. Assessorato all'Emigrazione. Collana di monografie La Pátria d' Origine, 6. Trento: Panorama, 1992.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. [Trad. Maria Manuela Galhardo] Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CORTELAZZO, Manlio, ZOLLI, Paolo. **Dizionario etimologico della lingua italiana**. Vol. I: A – C. Bologna: Zanichelli, 1979.

COSTA, Rovílio. *Apresentação*. In: PARENTI, Pedro. **El ritorno de Nanetto Pipetta**. Porto Alegre, EST, 2000.

DE BONI, Luís A. (org.). **A presença Italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. Vol. II.

_____. **A presença Italiana no Brasil**. Porto Alegre; EST, Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996. Vol. III.

_____. COSTA, Rovílio. **Far la Mérica**. Porto Alegre: RIOCELL, 1991.

FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências - Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul – 1875 – 1950**. Porto Alegre, 1994. Tese de Doutorado. PUC.

FERREIRA, A. Geraldo Zanetti. **Concórdia: o rastro de sua história**. Concórdia: Fundação Municipal de Cultura, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

FINESSI, Fulvio (a cura). **Co'la valisa in man: unità didattica di storia dell'emigrazione**. Trento: Giunta della Provincia Autonoma di Trento, 1998.

FREITAS, Maria Tereza. *La condition humaine e a ficção histórica: reflexões sobre a relação entre história e literatura*. **Revista de História**. São Paulo, n.º.118. Jan.–jun., 1985.

FROSI, Vitalina Maria e MIORANZA, Ciro. **Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul – processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira**. Porto Alegre: Movimento: 1975.

GARDELIN, Mário. **Imigração italiana no Rio Grande do Sul: fontes literárias**. Porto Alegre, Caxias do Sul: EST, UCS, 1988.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. [Trad. Maria Betânia Amoroso]. 2ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

_____. **A microhistória e outros ensaios**. [Trad. António Narino] Lisboa: DIFEL, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

_____. **Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e História**. [Trad. Frederico Carotti]. 2ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GODELIER, Maurice. **Antropologia: ciência das sociedades primitivas?** Lisboa: Edições 70, 1971.

GRANDI, Casimira, TOMMASI, Renzo. **Emigrazione dalla Valsugana**. Associazione Amici della Storia: Pergine, 1990.

GROSSELLI, Renzo M. *Tappe e paesi del esodo dal Trentino*. In: **Emigranti: quaderno di storia dell' emigrazione per la scuola inferiore**. Provincia Autonoma di Trento: Servizio Relazioni Pubbliche Ufficio Emigrazione SD, 1996.

_____. **Vincere o morire**. Florianópolis: UFSC, 1987.

GUBERT, Renzo. (a cura). **Per poco, per sempre. Votli, storie e ricordi dell' emigrazione primieratta**. Trento: Compresorio di Primiero, 1992.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso: os motivos edênicos do descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Brasiliense: Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

HOMERO. **A Odisséia** (em forma de narrativa). 16ª ed. [Trad. e adap. Fernando de Araújo Gomes]. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

IANNI, Constantino. **Homens sem paz: os conflitos e os bastidores da emigração italiana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

JÚNIOR, Hilário Franco. **As utopias medievais**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

_____. **Cocanha: a história de um país imaginário**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. [Trad. Bernardo Leitão et al.] 2ª ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

LERDA, Victorio. **Cancioneiro do imigrante italiano**. 2ª ed. Blumenau: FURB, 1989.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **A política de colonização do império**. Porto Alegre: UFRGS, 1999. (Síntese rio-grandense, 24 – 25)

MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.

MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais**. Porto Alegre: GRAFOSUL, 1975.

MARCO TÚLIO, Cícero. **Saber envelhecer e A amizade**. [Trad. Paulo Neves]. Porto Alegre: L&PM, 2001.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). **(Re) introduzindo a História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, USP, 1996.

MELIÀ, Bartomeu. *El “modo de ser” Guarani en la primera documentacion jesuitica (1594 – 1639)*. In: **El guaraní conquistado e reducido – ensaios de etnohistoria**. 2ª ed. Asunción: Litocolor, 1998..

MERLOTTI, Vania. **O mito do padre entre descendentes de italianos**. 2ª ed. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1979.

NODARI, Eunice S. **A renegociação da etnicidade no Oeste de Santa Catarina (1917 – 1954)**. Porto Alegre: PUC, 1999. p. 68 (Tese de Doutorado – História).

_____. *Contatos formais e informais entre argentinos e habitantes do Oeste de Santa Catarina (1895 – 1954)*. In: **Anais do III Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999 (cd-room).

ORLANDI, Adriana. **Nanetto Pipetta: representação histórica, memória coletiva e identidade nas Comunidades Coloniais Italianas do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRS, 2000. (Dissertação – Mestrado em História).

OVÍDIO. *Metamorfoses - liv.I, v. 1 a 411*. In: **Poetas e pensadores latinos: idéias da Antigüidade**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

PATLAGEAN, Evelyne. *A história do imaginário*. In: LE GOFF, Jacques. **A história nova**. [Trad. Eduardo Brandão]. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

- POZENATO, José Clemente. **O Quatrilho**. 9ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.
- Projeto História**. São Paulo, (15), abril 1997. *Ética e história oral* (Edição comemorativa dos 25 anos do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP).
- RADIM, José Carlos. **Ítalo-brasileiros em Joaçaba**. Florianópolis: UFSC, 1995. (Dissertação de Mestrado – História).
- RÉCHIA, Karen Chistina. **Lembranças íntimas de minha avó. Um estudo sobre parteiras em Três de Maio – SC**. Florianópolis: UFSC, 1998. Dissertação (Mestrado – História).
- RENK, Arlene. **A luta da erva – um ofício étnico do oeste catarinense**. Chapecó: Grifos, 1997.
- RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. *A construção da identidade na cultura da imigração italiana no Rio Grande do Sul*. In: **Imigração e fundações**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** (Tomo I). [Trad. Constança Marcondes César]. Campinas: Papyrus, 1994.
- SANTOS, Roselys Izabel Correa dos. **A terra prometida – emigração italiana: mito e realidade**. 2ª ed. Itajaí: UNIVALI, 1999.
- SANTOS, Sílvio Coelho. **Nova história de Santa Catarina**. Florianópolis; Lunardelli, 1974.
- SCHORSKE, Carl E. *A história e o estudo da cultura*. In: **Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo**. São Paulo: Cia das letras, 2000.
- SEYFERTH, Giralda. *Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil*. In: ZARUR, George de Cerqueira Leite. **Região e nação na América latina**. Brasília: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.
- _____. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília:UnB, 1990.
- SILVA, José W. **O Oeste catarinense: memórias de um pioneiro**. Florianópolis: Ed. do autor, 1987.
- SIMONI, Karine. **Sonhar, viver, recordar: memórias dos nonos de Xavantina (1920 – 1950)**. Florianópolis: Insular, 2002.
- SZACKI, Jerzi. **As utopias ou a felicidade imaginada**. [Trad. Rubem César Fernandes]. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.
- THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**. [Trad. Rosaura Eichenberg]. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____. **Tradición, revuelta y conciencia de clase. Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial.** Barcelona: Critica, 1984.

WERLE, André Carlos. **O reino jesuítico-germânico nas margens do Rio Uruguai: aspectos da formação da Colônia Porto Novo (Itapiranga).** Florianópolis: UFSC, 2001. Dissertação (Mestrado em História).

VALENTINI, Delmir J. **Da Cidade Santa à Corte Celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado.** Florianópolis: Insular, 1998.

VERNACCINI, Silvia. (a cura). **La religiosità nella storia del Trentino.** Provincia Autonoma di Trento: Museo Tridentino de Scienza Naturale. Case Rurale Trentine, 1995.

VIRGÍLIO. **Bucólicas.** [Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos]. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: UnB, 1982.

FONTES

Dados estatísticos do município de Concórdia. Prefeitura Municipal de Concórdia. Assessoria de Planejamento e Qualidade: Sessão de Orçamento, Programa e Estatística, 1997.

Relatório da Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons e Cia – sede administrativa da Colônia Concórdia, município de Cruzeiro. Trad. Reinoldo Walter Voss. Original em alemão: Tipografia Gundlach. 1933.

Registros de Imóveis números 214 a 2442 - 1935 a 1938. Concórdia: Cartório Primeiro Ofício.

Emigrante com os emigrantes (Da emigranti cogli emigranti), publicado no Correio Riograndense em 19/07/2000. (Caxias do Sul, p. 23 a 27).
ESPECIAL – *Xavantina 35 anos de desenvolvimento.* In: **O Jornal.** Edição 1148. Concórdia, 29/01/1999.

ENTREVISTAS

BERGAMIN, Primo. 74 anos. Entrevista concedida a Karine Simoni. Linha Guararapes – Xavantina: 09/01/2000.

BICIGO, Oliva. 65 anos. Entrevista concedida a Karine Simoni. Xavantina: 14/05/2002.

BOFF, Honorato. 73 anos. Entrevista concedida a Karine Simoni. Linha São Miguel – Xavantina: 27/01/2001.

BOFF, Rosa. Entrevista concedida a Karine Simoni. Linha São Miguel – Xavantina: 27/01/2001.

CAON, Raul. 55 anos. Entrevista concedida a Karine Simoni. Xavantina: 05/02/2001.

COLPO, Evaristo. 74 anos. Entrevista concedida a Karine Simoni. Linha das Palmeiras – Xavantina: 17/10/2001.

COVATTI, Alma. 81 anos. Entrevista concedida a Karine Simoni. Xavantina: 18/10/2001.

COVATTI, Santin. 79 anos. Entrevista concedida a Karine Simoni. Xavantina: 18/10/2001.

DAL BOSCO, Ângelo. 72 anos. Entrevista concedida a Karine Simoni. Linha das Palmeiras – Xavantina: 17/10/2001.

FASOLO, Amélia. 67 anos. Entrevista concedida a Karine Simoni. Xavantina: 30/01/2001.

FASOLO, Armindo. 64 anos. Entrevista concedida a Karine Simoni. Xavantina: 31/01/2001.

FIGLIARESE, Maria. 74 anos. Entrevista concedida a Karine Simoni. Linha das Palmeiras – Xavantina: 28/01/2000.

MASSOLINI, Fioravante. 91 anos. Entrevista concedida a Karine Simoni. Concórdia: 06/01/2000.

PELIZZA, Euclides. 65 anos. Entrevista concedida a Karine Simoni. Xavantina: 25/01/2001.

RAVADELLI, Rosa. 79 anos. Entrevista concedida a Karine Simoni. Xavantina: 21/07/1999.

RAVADELLI, Rosa. 79 anos. Entrevista concedida a Karine Simoni. Xavantina: 04/01/2000.

SANTINON, Abraminho. 70 anos. Entrevista concedida a Karine Simoni. Linha Quatro Irmãos – Xavantina: 06/02/2001.

SANTINON, Norma. 65 anos. Entrevista concedida a Karine Simoni. Linha Quatro Irmãos – Xavantina: 06/02/2001.

SIMONI, Olímpio. 70 anos. Entrevista concedida a Karine Simoni. Nova Erechim: 24/06/2001.

SORDI, Aurélio. 89 anos. Entrevista concedida a Karine Simoni. Linha Santa Lúcia – Seara: 13/02/2001.

SORDI, Santa. 85 anos. Entrevista concedida a Karine Simoni. Linha Santa Lúcia – Seara: 13/02/2001.

TREVISAN, João. 68 anos. Entrevista concedida a Karine Simoni. Linha Trevisan – Xavantina: 09/02/2001.

TREVISAN, Ortenila. 65 anos. Entrevista concedida a Karine Simoni: Linha Trevisan – Xavantina: 09/02/2001.

ZANANDRÉA, Aurélia. Entrevista concedida a Karine Simoni. Xavantina: 29/07/2000.

ZANANDRÉA, Gentile. 76 anos. Entrevista concedida a Karine Simoni. Linha Giusti – Xavantina: 07/01/2000.